

# BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA  
SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

## VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — BATISTA PEREIRA: **Figuras do Imperio e outros ensaios** — 2.ª Edição.
- 2 — PANDIÁ CALOGERAS: **O Marquês de Barbacena** (2.ª edição)
- 3 — ALCIDES GENTIL: **As idéas de Alberto Torres** (synthese com indice remissivo)
- 4 — OLIVEIRA VIANA: **Raça e Assimilação** (3.ª edição aumentada).
- 5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822)** — Tradução e prefacio de Afonso de E. Taunay.
- 6 — BATISTA PEREIRA: **Vultos e episodios do Brasil.**
- 7 — BATISTA PEREIRA: **Diretrizes de Rui Barbosa** (segundo textos escolhidos).
- 8 — OLIVEIRA VIANA: **Populações Meridionais do Brasil** (3.ª edição).
- 9 — NINA RODRIGUES: **Os Africanos no Brasil** (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado - 2.ª ed.
- 10 — OLIVEIRA VIANA: **Evolução do Povo Brasileiro** (2.ª edição illustrada).
- 11 — LUIZ DA CAMARA CASCUDO: **O Conde D'Eu** (volume illustrado).
- 12 — WANDERLEY PINHO: **Cartas do Imperador Pedro II no Banho de Cotegipe** (volume illustrado).
- 13 — VICENTE LICINIO CARDOSO: **A margem da Historia do Brasil.**
- 14 — PEDRO CALMON: **Historia da Civilização Brasileira** (3.ª edição).
- 15 — PANDIÁ CALOGERAS: **Da Regencia á queda de Rosas.** (3.º volume da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — ALBERTO TORRES: **A Organização Nacional.**
- 17 — ALBERTO TORRES: **O Problema Nacional Brasileiro.**
- 18 — VISC. DE TAUNAY: **Pedro II.**
- 19 — AFONSO DE E. TAUNAY: **Visitantes do Brasil Colonial** (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — ALBERTO DE FARIA: **Mauá** (com tres illustrações fórra do texto).
- 21 — BATISTA PEREIRA: **Pelo Brasil Maior.**
- 22 — E. ROQUETE-PINTO: **Ensaio de Antropologia Brasileira.**
- 23 — EVARISTO DE MORAIS: **A escravidão africana no Brasil.**
- 24 — PANDIÁ CALOGERAS: **Problemas de Administração.**
- 25 — MARIO MARROQUIM: **A lingua do Nordeste.**
- 26 — ALBERTO RANGEL: **Rumos e Perspectivas.**
- 27 — ALFREDO ELIS JÚNIOR: **Populações Paulistas.**
- 28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: **Viagem ao Araguaia** (3.ª edição).
- 29 — JOSUÉ DE CASTRO: **O problema da alimentação no Brasil** — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: **Pelo Brasil Central** (ed. illustrada).
- 31 — AZEVEDO AMARAL: **O Brasil na crise atual.**
- 32 — C. DE MELO-LEITÃO: **Visitantes do Primeiro Imperio** (edição illustrada com 19 figuras).
- 33 — J. DE SAMPAIO FERREIRA: **Meteorologia Brasileira.**

34 — **ANGYONE COSTA**: **Introdução á Arqueologia Brasileira** (edição ilustrada).  
35 — **A. J. SAMPAIO**: **Fito-geografia do Brasil** (edição ilustrada).  
36 — **ALFREDO ELIS JUNIOR**: **O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano** (2.<sup>a</sup> edição).  
37 — **J. F. DE ALMEIDA PRADO**: **Primeiros Povoadores do Brasil** (edição ilustrada).  
38 — **RUI BARBOSA**: **Mocidade e Exílio** (Cartas ineditas. Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe). - Edição ilustrada.  
39 — **E. ROQUETE-PINTO**: **Rondonia** (3.<sup>a</sup> edição aumentada e ilustrada).  
40 — **PEDRO CALMON**: **Historia Social do Brasil - 1.<sup>o</sup> Tomo. — Espírito da Sociedade Colonial** (edição ilustrada com 13 gravuras. 2.<sup>a</sup> edição).  
41 — **JOSE' - MARIA BELO**: **A intelligencia do Brasil**.  
42 — **PANDIA' CALOGERAS**: **Formação Historica do Brasil** (2.<sup>a</sup> edição com 3 mapas fóra do texto).  
43 — **A SABOIA LIMA**: **Atherto Torres e sua obra**.  
44 — **ESTEVAO PINTO**: **Os indigenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mapas) — 1.<sup>o</sup> volume.  
45 — **BASILIO DE MAGALHÃES**: **Expansão Geografica do Brasil Colonial**.  
46 — **RENATO MENDONÇA**: **A influencia africana no portuguez do Brasil** (edição ilustrada).  
47 — **MANOEL BONFIM**: **O Brasil** — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.  
48 — **URBINO VIANA**: **Bandeiras e sertanistas batanos**.  
49 — **GUSTAVO BARROSO**: **Historia Militar do Brasil** (edição ilustrada com 50 gravuras e mapas).  
50 — **MARIO TRAVASSOS**: **Projeção Continental do Brasil** — Prefacio de Pandiá Calogeras (2.<sup>a</sup> edição ampliada).  
51 — **OTAVIO DE FREITAS**: **Doenças africanas no Brasil**.

52 — **GENERAL COUTO DE MAGALHÃES**: **O selvagem** — 3.<sup>a</sup> edição completa com parte original tupi-guarani.  
53 — **A. J. DE SAMPAIO**: **Biogeografia dinamica**.  
54 — **ANTONIO GONTIJO DE CARVALHO**: **Calogeras**.  
55 — **HILDEBRANDO ACIOLY**: **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America**.  
56 — **CHARLES EXPILLY**: **Mulheres e Costumes do Brasil** (tradução, prefacio e notas de Gastão Penalva).  
57 — **FLAUSINO RODRIGUES VALE**: **Elementos do Folklore musical Brasileiro**.  
58 — **AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE**: **Viagem á Provincia de Santa Catarina** (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.  
59 — **ALFREDO ELLIS JUNIOR**: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano**.  
60 — **EMILIO RIVASSEAU**: **A Vida dos Indios Guaicurus** — Edição ilustrada.  
61 — **CONDE D'EU**: **Viagem Militar no Rio Grande do Sul** (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.  
62 — **AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA**: **O Rio São Francisco** — Edição ilustrada.  
63 — **RAIMUNDO MORAIS**: **Na Planície Amazonica** — 4.<sup>a</sup> edição.  
64 — **GILBERTO FREYRE**: **Sobrados e Mucambos** — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Edição ilustrada.  
65 — **JOAO DORNAS FILHO**: **Silva Jardim**.  
66 — **PRIMITIVO MOACYR**: **A Instrução e o Imperio** (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.<sup>o</sup> volume.  
67 — **PANDIA' CALOGERAS**: **Problemas de Governo** — 2.<sup>a</sup> edição.  
68 — **AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE**: **Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pe-**

In Província de Goiaz — 1.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro Lessa.

69 — PRADO MAIA: Através da História Naval Brasileira.

70 — AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: Conceito de Civilização Brasileira.

71 — F. C. HOEHNE: Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI — (Pesquisas e contribuições).

72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Tradução de Carlos Madeira.

73 — LUCIA MIGUEL-PEREIRA: Machado de Assis (Estudo Crítico-Bibliográfico) — Edição ilustrada.

74 — PANDIA' CALOGERAS: Estudos Históricos e Políticos (Res Nostra...) — 2.ª edição.

75 — AFONSO A. DE FREITAS: Vocabulário Nhêngatú (Vernaculizado pelo português falado em S. Paulo). Língua tupi-guaraní. — Com tres ilustrações fóra do texto.

76 — GUSTAVO BARROSO: História Secreta do Brasil - 1.ª parte: "Do descobrimento á abdição de Pedro I" - 2.ª Edição.

77 — C. DE MELO-LEITÃO: Zoologia do Brasil — Edição ilustrada.

78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagens ás nascentes do Rio S. Francisco e pela província de Goiaz — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro Lessa.

79 — CRAVEIRO COSTA: O Visconde de Sinimbf - Sua Vida e sua Atuação na Política Nacional (1840-1889).

80 — OSVALDO R. CABRAL: Santa Catarina - Edição ilustrada.

81 — LEMOS BRITO: A Gloriosa Sotinha do Primeiro Império (Frel Caneca) - Edição ilustrada.

82 — C. DE MELO-LEITÃO: O Brasil visto pelos Ingleses.

83 — PEDRO CALMON: História social do Brasil, 2.º Tomo: Espírito da Sociedade Imperial.

84 — ORLANDO M. CARVALHO: Problemas fundamentais do Município, - Edição ilustrada.

85 — WANDERLEY PINHO: Cotegipe e seu tempo. - Edição ilustrada.

86 — AURELIO PINHEIRO: A Margem do Amazonas. - Edição ilustrada.

87 — PRIMITIVO MOACIR: A Instrução e o Imperio — (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Refórmias do ensino -- 1854-1888.

88 — HELIO LOBO: Um Varão da República: Fernando Lobo.

89 — Coronel A. LOURIVAL DE MOURA: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.

90 — ALFREDO ELIS JUNIOR: A Evolução Económia Paulista e suas Causas — Edição ilustrada.

91 — ORLANDO M. CARVALHO: O Rio da Unidade Nacional; O São Francisco.

92 — Almirante ANTONIO ALVES CAMARA: Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil — 2.ª edição ilustrada.

93 — SERAFIM LEITE: Páginas de História do Brasil.

94 — SALOMÃO DE VASCONCELOS: O Fico — Minas e os Minas da Independência — Edição ilustrada.

95 — LUIZ AGASSIZ e ELIZABETH CARY AGASSIZ: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgard Süssekind de Mendonça.

96 — OSORIO DA ROCHA DINIZ: A Política que Convém ao Brasil.

97 — LIMA FIGUEIREDO: Oésto Parannense — Edição ilustrada.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões 118/140 — São Paulo



A POLITICA QUE  
CONVEM AO BRASIL



Serie 5.<sup>a</sup> BRASILIANA Vol. 96  
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

---

OSORIO DA ROCHA DINIZ

# A POLITICA QUE CONVEM AO BRASIL



1987

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

— SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - RECIFE —





## INDICE

Causas, contrastes e confrontos entre a evolução e progredir do Brasil e dos Estados Unidos da America . . . . .	11
Causas do progredir lento do Brasil . . . . .	94
Fatores atrofiantes do progredir industrial do Brasil	151
A' margem de nossa dependencia economica do estrangeiro . . . . .	188
Esboço da evolução da politica de proteccionismo industrial no Brasil . . . . .	214
Porque podemos e precisamos ser um país industrial . . . . .	230
Os tres principaes problemas brasileiros . . . . .	253
Industrialismo e armamentismo . . . . .	284
A situação do Brasil em face da restrição e do consumo dos principais mercados . . . . .	323
O Brasil e a necessidade de sua expansão comercial diante de sua infima posição na economia mundial . . . . .	346
Os dois povos de atividade industrial mais intensa dominam os povos agricolas e dirigem o mundo!... . . . .	365
"A luta pela posse das jazidas minerais do mundo"	376
A politica que hoje convem ao Brasil . . . . .	389



# CAUSAS, CONTRASTES E CONFRONTOS ENTRE A EVOLUÇÃO E PROGREDIR DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA

“O desenvolvimento económico das Treze Colónias inglesas da América explica a harmonia e o equilibrio da independencia economica dos Estados Unidos em contraste flagrante, com o desequilibrio geral relativo a todas as independencias dos demais povos americanos tão de continuo abalados por verdadeiras turbulencias politicas denotando, — por isso mesmo, — quando devidamente examinadas, — uma insuficiencia flagrante de condições de vitalidade economica”.

*Vicente Licínio Cardoso.*

Data de 1492 e de 1500 o inicio da civilização occidental na grande nação norte americana e em nosso país.

Interessante é, portanto, examinarmos, -- ainda que em linhas gerais, confrontando o progresso realizado desde os primordios do povoamento do Brasil até hoje, — com o da pátria de Washington; — da chegada dos seus primeiros povoadores até os dias atuais.

Não precisaremos aprofundar em comparações para concluirmos que, materialmente, — pelo menos, — estamos muito mais atrasados do que a América do Norte e, dentre outras razões, — isto porque os Estados Unidos da América tiveram sobre nós imensas vantagens.

Foram colonizados por uma nação que, estando, na época do descobrimento da América em pleno estágio de vigor, continuou a marcha progressiva do seu extraordinario desenvolvimento, durante todo o tempo da formação das colónias da Nova Inglaterra; — possuem um território de clima frio ou temperado semelhante ao do país de seus colonizadores, imediatamente adaptavel, — sem estudos especiais, — nem devotados cuidados, ás culturas que elles faziam na metropole, de onde podiam receber lições e educação, sem maior aprendizagem sobre o terreno e a adaptação, sobre as plantas, e o cultivo;—não sofreram, como nós, com a viuda da casa de Bragança,—nenhuma sincope de evolução politica e nem as crises que até hoje nos solapam, em maioria herdadas da Mãe Patria, já decadente, — na época em que fomos colonizados: crise economica permanente nunca nos permitindo independencia economica e que nos fez viver muitos anos sem podermos contrariar os interesses de nações imperialistas, — sempre contrarios aos nossos, — para não perdermos de todo a nossa soberania; — crise de estabilidade de governo e de continuidade de ação: — crise na organização do trabalho e do ensino; — crise de cultura, que não podia existir em nossos colonizadores audazes; teozes e ambiciosos, mas ignorantes; — crise de

assimilação das raças que nos habitam e, — sobretudo, não tivemos para suavisar e ativar o nosso progresso moral, o elemento religioso, a resistencia puritana da Nova Inglaterra a hierarquía social dos velhos colonos americanos, o instinto colaborador efetivo dos pioneiros da “May Flower”.

Nós fomos colonizados por uma pequena nação, quasi sem terra para a sua conservação, que tendo realisado no mar as maiores emprezas de descobrimento e de occupação, cedêu á força do poder económico, — bélico e da desvantagem territorial, no Continente, dobrando-se, — ao mesmo tempo perante a concorrência marítima da Inglaterra, — que foi uma estufa humana protegida pelo oceano, desde que o oceano passou a ser teatro das grandes lutas da concorrência dos povos descobridores e colonizadores mais ativos que o mundo possuiu, — no periodo das grandes iniciativas, no século XIX.

Conquistado pela Espanha, — Portugal, — não se remancipou, sinão para viver a mais crítica das existencias numa inútil reação contra a pressão das lutas continentais, — colimadas com a fuga de D. João VI, e contra a expansão marítima da Inglaterra, ultimada com a definitiva subordinação politica á poderosa aliada do norte.

Já antes de se subordinar á Inglaterra, para se manter independente, quando em 1648, em virtude da paz de Westphalia a Espanha e a Holanda se congraçaram, houve Portugal de tolerar o condominio do Brasil com a Holanda, — reconhecendo as conquistas holandêsas feitas no Brasil até o tratado de 12 de junho.

E mais, fraco depois de inumeras lutas para se fazer independente, fez-se tributário da França, pelo odio que tinha a Castela.

Razões varias explicam e demonstram a disparidade do caminhar brasileiro em confronto com o dos Estados Unidos da América e , o que disse Alberto Torres, referindo-se á Portugal, para nosso consolo, podemos tambem repetir ao referirmos ao Brasil: —

*“...A capacidade e o valor abstrato de um povo, como os de um individuo, não se aquilatam em absoluto, pelo que pode realisar, mas pelo confronto do que realisou com os obstaculos e as possibilidades encontradas.”*

Sob esse critério, a pátria de Camões e de Vasco da Gama apura, com honra, — o quiláte de seu carater, — e, com honra tambem apuramos o quilate do carater nacional, em confronto do progresso norte americano, — dadas as condições e os empecilhos que encontramos para a formação da nacionalidade brasileira.

A colonisação do Brasil realisou-se, justamente, durante o periodo de declinio de Portugal e, uma outra d'ficuldade, — e ainda mais consideravel que superamos, — é que aos povos europeus que aqui vieram coube uma região inteiramente ignorada, cujas terras, equatoriais e sub tropicais, opunham obstaculos ás culturas — imprestaveis que eram, para quasi todas as lavouras conhecidas dos colonos, de caracteres climatéricos e metereológicos de todo extranhos, alguns de influencia immediata e diréta sobre a vida do colóno e sobre seus

trabalhos, outros de efeito mais remotos, que pouco apenas notados.

Enquanto tudo favorecera aos Estados Unidos progredirem a passos de gigante, tudo tivemos contra nós impedindo civilisarmos este país tropical.

Da nossa propria evolução histórica ao nosso ambiente geográfico, mesológico, ao fator terra, ao fator homem, ao fator climático, ao fator administrativo, — tudo contribuiu para o nosso progredir lento — comparativo com o da grande república norte americana.

Si bem que todos esses fatores influem poderosamente no evoluir de um povo, — e mesmo que muitos deles pésem ainda no atrofiar a evolução brasileira, — ponderáveis como o são, — entretanto, não são insuperáveis.

Para melhor apreciarmos as vantagens que os norte americanos tiveram sobre nós, facilitando-lhes progredir assombrosamente, — no seu passado e no seu presente, — transcrevemos as seguintes palavras de seu grande historiador: — Karathan Coman: —

*“Geographic conditions favoured the formation of compact communities. The land available for settlements were in a narrow strip of territory rising from the sea to the foot hill of the Appalachian range.*

*Settlers did not penetrate this “back country” till the supply of fertile low land was exhausted.”*

Mas, pondo ainda em relevo a diversidade de cenário que encontraram os ingleses e os portugueses na América, — para neles implantarem uma nova civilização, ouçamos o que disse Bryce:

— “A parte temperada da América do Norte, estendendo-se em largos espaços, oferecia as melhores condições para tornar-se a patria de uma raça procedente das regiões septentrionais da Europa.

Estes territorios não eram por assim dizer habitados, e as tribus aborigenes, apesar de bravas e belicosas, mas em numero pequeno, não constituíam um obstaculo sério á colonisação.

Havia por toda a parte terra apropriada á cultura, quasi até os Montes Rochosos. Só tres seculos depois da installação dos primeiros colonos ingleses na Virginia, — século e meio após a declaração da independencia, — é que as terras aráveis disponiveis se vão tornando raras!

Em inumeras superficies de sólo fertil, existiam soberbas florestas e riquezas minerais, — que séculos de exploração ainda não puderam exgotar.”

O contrario se passou e se passa conôco.

A terra brasileira, cêdo desvirginada pelo aventureiro luso era mais montanhosa, menos fertil, menos apta ás culturas europeas, de acêso mais difficil, povoada de aborigenes mais numerosos e mais bravios, de reptis mais venenosos, de clima pior para o europêu, sujeita ás fêbres e molestias dos climas tropicais, enfim, — inteiramente de condições diversos á terra que servia de cenario á atividade dos ingleses no Novo Mundo!

Jamais tivemos condições fisicas, geológicas, topográficas e climatéricas propicias ao desenvolvimento do trabalho humano como as que cêdo os anglo saxões encontraram na América do Norte.

Os colonos peninsulares, e suas “maquinas de trabalho”, — os escravos nêgros, — aqui foram



obrigados a permanecer premidos numa faixa estreitissima, insalubre, arida, inhospita, — no litoral amplissimo, e quedaram-se diante da serra circundada de caatingas. Somente depois que penetraram os sertões, seguiram e desceram os cursos dos grandes rios que vão pelo interior a dentro, foram ampliar a nossa base física e povoar o interior do país, — iniciando o ciclo das bandeiras que tivemos no alvorecer de nossa Patria, — ciclo esse cujo movel principal foi a ambição de riquezas supostas existentes no interior do país.

Então, dilata-se a area do Brasil, até á sua quasi amplitude atual e a população nacional dispersa-se e vai ficar disseminada em pequenos nodulos espalhados numa aréa amplissima, que serve de cenario á nacionalidade de que tanto nos orgulhamos hoje.

Em vez de dilatarmos a nossa area centralizados, — como os colonos inglêses da Nova Inglaterra, — dispersamos-nos numa base física enorme e, nessa dispersão nossos esforços deixaram de ser harmonicos.

Eis porque enquanto a América do Norte se civilisava, trabalhava e constituia o seu futuro poderio industrial, nossos avós preavam indios, para escravisar, — faziam tropelias nos sertões; — exploravam o braço escravo, ou levavam uma vida improduttiva, luxuosa e desregrada nos harens tropicais! . . .

E' por isso que, apesar de termos tido população muito maior do que a dos Estados Unidos da América, — em 1831, — no inicio de sua colonisação; — dispersos nos sertões, isolados nos latifundios, ou ociosamente vegetando nas cidades, não

progredimos tão rapidamente quanto os nucleos de populações inglêsas concentradas na Nova Inglaterra que, — em principios do século XVIII, de 3.000.000 de individuos que eram, em 1800 chegara a 5.300.000 e, em 1830, atingiam a 12.870.000.

Enquanto em 1750, os Estados Unidos tinham apenas 1.200.000 almas e em 1790, — quando se fez o primeiro recenseamento da colônia independente, — a sua população foi calculada em ... 3.929.000 almas, — o mesmo territorio do Vice Reinado de Portugal tinha pouca gente: — menos de dois e meio milhões contava o Brasil no meio do século XVIII e, em 1800, a sua população mal chegava a 3.000.000, — de que metade eram escravos africanos.

Ainda que a diferença de população de várias zonas da terra nos autorizasse a attribuir-lhes maior ou menor progresso, nem por isso se nos passa desaperebido que nos individuos é a qualidade e não a quantidade que se deve almejar, para a felicidade humana, seu bem estar, progresso e poderio nacional.

Que individuos bem instruidos valem mais para uma nação do que homens ignorantes atestamos a China e a India, — confrontadas com a Suíça e aos Estados Unidos da América que, — como modelos, exprimem a melhor parte do mundo.

Mas, ainda que pudessemos dizer orgulhosamente: — “que a espécie de povo que somos vale muito mais do que o tipo da terra em que v'vemos”, — não podemos esquecer de que “as antigas civilizações só se puderam formar em regiões, aonde o trabalho da terra rendia muito.”

Outras vantagens que os norte americanos tiveram sobre nós foram. — A maior visinhança da

Europa, a semelhança do clima frio, as condições naturais do mesmo hemisferio de terras proprias ao cultivo de cereais europeus.

Assim, o vale do Mississippi, isto é, toda a bacia interior do país é uma das regiões mais produtivas do mundo. E' duvidoso que se possa encontrar em qualquer parte do Globo uma região tão extensa, com tanta abundancia, tão variadas riquezas naturais, não só na sua superficie como no seu sub-solo.

“Elementary Economics, — Thomas Nixon Carver.”

Portanto, numa area vastissima, de fertilidade uniforme, de clima constante e favoravel, de superficie plana, sem mudanças sensiveis, — tornando faceis e baratos os trabalhos da agricultura, — não é de se extranhar que pudessem os norte americanos progredir mais do que nós num ambiente que é antitese do ambiente norte americano.

Com referencia ás riquezas minerais e a facilidade de transportes do grande vale situado no coração dos Estados Unidos, nos ensina o professor Carver:

“No sub solo desta região ha grandes riquezas minerais. Em grande parte dele, — da Pennsylvania ao Wyoming, encontra-se carvão betuminoso.

Abundam na mesma região o petroleo e o gaz natural. Para o sul, em direção ao golfo, estendem-se lençóis de oleo.

No Michigan septentrional e no Minnesota ha jazidas de ferro, das mais ricas e extensas do mundo.

Em toda a região o transporte é facil.

Os grandes lagos, e, em menor escala, o Mississippi e os seus maiores tributarios fornecem transporte baratissimo.

Mas, a maior vantagem da grande zona quanto a este assunto, está na vasta planura da sua superficie, o que torna facil construir e manter estradas de ferro.”

Evidentemente, nós não temos no Brasil, na sua area já ocupada e explorada, nada que se pareça com esse “abençoado torrão”; — ainda que contrariemos com esta afirmação, os Gandavos, os Rocha Pita, os frei Vicente do Salvador, os Pereira da Silva e outros,—émulos de Sir Walter Raleigh, creadores de fantasias e afamados declamadores das grandezas e opulencias de nossa terra, e creadores de “serras resplandcentes”, de inexistentes “El-Dorados” e descobridores das esmeraldas...

Outra cousa sinão a aridez da nossa terra, o seu empobrecimento rápido, a inclemencia de nosso clima para o europêu não aclimatado, a existencia dos parasitas cuja vida o nosso clima favorece, a superficie irregular e montanhosa, a dificuldade de existencia num ambiente pobre e safaro, que justifica ainda permanecermos quasi no litoral, como que ainda extasiados ante os empecilhos que se nos deparam nos espigões, chapadões e florestas, — sem penetrar o amago da Terra Brasileira.

Ainda, tudo mais contribuia para que, além dos inglêses, outros povos da Europa auxiliassem a colonisação da América do Norte.

Logo no seu inicio os holandêses procuravam o vale do Hudson, os alemães foram para a Pennsylvania, os succos rumaram para as margens do

Delaware; latinos e francêses dirigiam-se para as planicies da Geórgia.

“As imensas florestas de pinho e de carvalho, visinhas do mar, nascidas em clima propicio; a abundancia de peixe, — e bacalhau especialmente, favoreciam á exploração da terra; e, como observara Karathan Coman, *“Soil and climat were suited te the growing of familiar European cereals, and new products, such as maize, potatoes and tobacco, were destined to become a prolife source of wealth.”* Na obra de exploração da terra para o seu enriquecimento, as vantagens naturais das colonias inglêsas da América explicam o progresso norte americano imensamente maior que o do Brasil.

Para o nosso progredir lento, muito contribuiu além de nosso atrazo a escãssa bagagem scientifica de nossos colonos, a atividade que a economia universal nos obrigara, — como ainda nos obriga, — a dedicar, — toda éla tendo como base exclusivamente a exploração da Terra, *sem o auxilio das máquinas, de cerebro culto ou das ciencias.*

Ao contrario do que fizeram os inglêses na América, nunca nos dedicámos á industria fabril e manufactureira. “E’ na terra, e foi sempre na terra que exclusivamente, quasi, se abre e se abriu a arena do labutar brasileiro pela vida.” A começar pela extração das madeiras, primeiro presente déla ao aventureiro europêu, seguindo-se a extração de resinas e gomas e mais tarde a lavoura do cacau, tabaco, cana de açúcar, mandioca, arroz, milho ou a industria de extração de borracha ou da mineração ou mesmo a plantação de café, — ainda que bem recente, — sempre temos sido um povo que explora a natureza de seu país sem conhe-

cimentos científicos, apenas utilizando-se do produto do sólo nativo, sem muito esforço, sem técnica, ao contrario do que tem feito em toda a sua história os habitantes dos Estados Unidos da America.

A cultura da mandioca, do tabaco, da cana, do arroz, do feijão, do milho, da batata, do côco, — indústrias a que em todo o nosso passado temos nos dedicado, — são indústrias simples, quasi primitivas, presentes imediatos do me.o! “E’ explorando e explorando essa industria, é exercendo quasi que exclusivamente esforço muscular, sem orientação racional e positiva, sem guiar o nosso esforço, sem o cerebro esclarecido e espirito científico, que temos evoluído e aplicamos a nossa atividade durante quasi todo o periodo de nosso desenvolvimento.

Além das fases representativas de nossa formação histórica, já citadas, tivemos outras, como a do “Pastoreiro”, também pouco propicia para incrementar o nosso desenvolvimento geral e, particularmente o nosso desenvolvimento maquinofatureiro, ou para fazer despertar a nossa atividade para a industria técnica, para a industria fabril em geral.

Tivemos ainda, a fase da mineração e o periodo do ouro e do diamante, mas, mesmo esta atividade só durou enquanto podia ter vida usando dos meios rudimentares e, no dizer de Silvio Romero; . . . . . *Enquanto a industria foi cousa expositanea, fácil, natural, simples presente, méra dadiva do meio, o Brasil foi a terra do ouro e dos brilhantes.*

*Quando se fizeram indispensaveis as grandes e dispendiosas obras de arte, a moda passou."*

Enquanto evolimos só extraindo produtos naturais, matérias primas e produtos tropicais para alimentação, os Estados Unidos da América, a Alemanha, a Inglaterra, a Belgica, o Japão, a França, e a Italia, evoluíram industrialmente.

Possuidores de regiões opulentas de jazidas de hulha, comparaveis á melhor da Inglaterra, puderam, os Estados Unidos e a Alemanha formar com a revolução económica da maquina a vapôr, a base natural de dois centros gigantescos, que se tornaram rivais da Grã-Bretanha ha menos de cinquenta anos e avoluma a sua concorrência dia a dia; com as hulheiras do vale do Rêno e do sul dos Grandes Lagos norte americanos.

— Observaremos si confrontarmos várias nações em sua riqueza, poderio, prosperidade, progresso, cultura e civilisação, — moral ou material, — que é um dos carateristicos dos países agricolas serem de habitantes de caráter pouco inventivo.

Isto é uma consequencia do meio e da falta de ambiente propicio para se desenvolver nas regiões de regimen agrário e organisador, o comerciante, o técnico e o industrial.

A um espirito lucido e crítico, como o de Silvio Roméro, não escapou a observação da pequena capacidade inventiva de nosso povo e, assim é que se expressou sobre a nossa evolução puramente agricola: . . . *"A lição que brota do fato de dedicarmos quasi que exclusivamente ás industrias extrativas é a do caráter pouco inventivo de nossas creações industriais, sempre dominadas, sinão produzidas e até dirétamente pelo simples influxo do meio.*

Este é que nos tem dado de graça as madeiras, a borracha, a herva mate, a castanha, a salsa parilha; — quasi de graça o ouro, as pedras preciosas, as manadas de gado; e por módico esforço o cacau, o tabaco, o açúcar e o café.”

A verdade histórica sobre o nosso evoluir é que, com exceção da industria cafeeira muito recente, a nossa agricultura tem sido, óntem e hoje rudimentar.

A economia nacional, desde os tempos da conquista e colonisação da terra tem sido orientada por critérios empiricos submetidos, como consideração inicial e predominante, ao interesse dos individuos e da hora fluente.

“Não está aí mais uma pécha que se queira atirar ao carácter nacional já tão incriminado e sobrecarregado de acusações fêias.

O empirismo individualista, com o consequente regimen de desperdicio e devastação, é a diretriz dominante da economia de todos os países coloniais, de todos os países novos, — ou de regimen agrário ou de feitio de colónias de exploração internacional que, com populações rarefeitas na amplitude de uma terra virgem, tem diante de si oferecidas as potencialidades afortunadas de uma região opulenta.

Empirica, foi a exploração das jazidas mineiras nos tempos do Brasil colónia; empirica tem sido a evolução de nossa riqueza agricola e pecuaria; empirico o desenvolvimento das industrias fabris e extrativas nacionais.

A marcha dos fenomenos económicos, o regimen da intensificação da produção; as necessidades creadas pela nova orientação das industrias manufactureiras; as necessidades de novos aspétos



da vida que o progresso da técnica tem feito surgir; todos esses elementos se integram impondo adoção de novos metodos de trabalho, e para condenar e eliminar da concorrência mundial os indivíduos ou os povos que persistem em se conservar adstritos á rotina de desperdício do passado sem querer ver que o mundo hoje exige, e cada vez mais, o máximo de eficiencia do labor humano, á qual só uma nação industrial póde alcançar.

E' por não termos nos dedicado á industria fabril e ás fontes de vida produtoras, como os povos máximos da terra, — que muito longe estamos de poder afirmar ao mundo, consciences do nosso poderío, como o presidente Coolidge, em um de seus discursos, em 1925, falando pelos milhões de seus compatriotas:

“Aproximamos a comemorar um século e meio desde que a conciencia nacional se afirmou, pela primeira vez, em ação decisiva, numa arrancada de força.

Então o velho sentimento de Colónias desunidas e tuteladas desapareceu para dar lugar ao novo sentimento de uma Pátria unida e Independente.

Os individuos desprezando as posturas municipais ou regionais, crearam oportunidades e códigos mais amplos, sintetizando-os numa constituição nacional. Sob o eterno desejo de liberdade nós nos tornamos uma Nação independente. Depois, em menos de cincoenta anos, esta liberdade e independência era reafirmada, — na face do mundo, — e guardada, apoiada e garantida pela “Doutrina de Monroe.”

As pequenas colónias bordejando o Atlantico extenderam suas fronteiras através montanhas e

planícies de um vasto continente até descerem as encostas douradas do oceano Pacifico.

Fizemos da liberdade, um direito de nascimento, extendemos nossos domínios sobre ilhas distantes afim de salvaguardar nossos interesses, e aceitamos as obrigações consequentes de dispensar justiça sobre povos menos favorecidos.

Na defesa de nosso proprio ideal e, em causa geral da liberdade, entramos na Grande guerra Européa. Quando a vitória era real e insofismavel, retiramos para as nossas praias, sem recompensa, excéto, a da consciencia de termos cumprido o nosso dever.

Através todas essas experiencias, dilatamos nossa liberdade e reforçamos nossa independencia.

Temos sido, queremos continuar a ser, cada vez mais americanos.

Cremos, melhor servir nossa Pátria e, mais cabalmente desempenharmos nossa obrigação para com a Humanidade, continuando a ser francamente, inteira e escrupulosamente, americanos.

Si temos alguma herança a guardar, eil-a! Si temos algum destino, nós o encontraremos nessa direção."

Cientes das razões que nos teem impedido marchar na vanguarda dos povos civilizados, como os Estados Unidos da América, precisamos seguir uma politica objetiva, com o auxilio científico e nacionalista em beneficio do fator humano no Brasil e, que nos habilite alcançar o progredir dos norte americanos, pelo menos em seu progresso material: a emparelhar, sinão superar a vanguarda de progresso mundial, — o que não será difícil si estudarmos minuciosamente o evoluir dos povos

líderes e adaptarmos á nossa Terra a maneira de conseguirmos ampliar o ritmo do progresso nacional.

De uma vez por todas convençamo-nos da necessidade de tornarmo-nos um país industrial, sem perda de tempo, afim de progredirmos paralelamente aos países de maior civilização e poderio.

Si bem que fossemos 3.000.000 de individuos, em principios do seculo XVIII, e hoje sômos mais de 45.000.000, com um crescimento anual médio de 1.000.000 de almas, com probabilidades para sermos 65.000.000 de brasileiros em 1950, entretanto, não acompanhamos, — nem mesmo quanto ao crescimento demográfico, o progredir dos Estados Unidos da América.

Pouco antes da independencia norte americana, ao fim da guerra dos sete anos, os norte americanos eram menos de 2.000.000 de almas, população inferior á do Brasil, — terra do açúcar e do ouro, — e, si bem que os Estados Unidos contassem apenas 3.929.000 de individuos, pelo censo de 1790, atingiram 106.000.000 em 1920 e aproximam-se de 125.000.000.

Si, em crescimento de população os anglo americanos nos superam, muito maior é a intensidade de seu progresso material sobre o nosso.

Nem poderíamos representar, em grafico, o confronto do crescimento da riqueza, do trabalho, da prosperidade e da cultura nacional, com o dos Estados Unidos.

Aí, a nossa posição seria quasi invisivel.

Pôr não sermos um povo industrial o nosso progredir tem sido muito lento e, podemos hoje re-

petir a frase de Frei Vicente do Salvador: — “Ainda andamos arranhando na costa como carangueijos.”

De fato, ainda não penetramos no âmago de nossa Terra, ainda não temos comunicações fáceis com o nosso “hinterland” e, nem mesmo entre o norte e o sul do país, — fora do litoral, para não mencionarmos a inexistencia de uma possivel rede organizada de comunicações mixtas: — fluviaes, ferroviárias, rodoviárias, maritimas e aereas, que podiam já existir cruzando todo o interior do Brasil, — desde o vale do Amazonas ao Prata.

“A evolução do Brasil foi radicalmente diferente da evolução norte americana. A população logo se esparramou pela vastidão de uma area enorme, isolando-se em pequenos nucleos, que sem comunicações se foram diferenciando.

Enquanto os norte americanos em suas 13 colónias formavam uma massa compacta e homogênea em uma area restrita de menos de 1.000.000 de quilómetros quadrados, a população brasileira já se esparramava por uma area oito vezes maior em nucleos de isolamento que tendiam para os ir diferenciando, sempre aumentativamente. O Brasil então, já tinha a mineração em Cuiabá, já penetrava no Amazonas, já povoara fortemente o Nordeste, como já minerava em Goiás, em Minas, como já mantinha a criação no Piauí; na Baía e no Rio Grande já o povoamento iniciado pelos paulistas ia crescendo.

No seculo XIX que foi testemunha da formidavel expansão norte americana o Brasil, já se emparelhava com os Andes em suas fronteiras atuais, havia meio século.”

Demais, enquanto a população norte americana crescia por desdobramentos e tresdobramentos, a nossa crescia cheia de acidentes no norte, no nor-déste, no centro e no sul, distanciando-se em nó-dulos, com inumeros desertos, entremeando os parcos nucleos de população que possui e que ainda hoje formam os 3 blocos nacionais separados das ferrovias, no país, os quais ainda não se ligam: o do Nordeste, o do Centro, o do Sul, assim não formando um todo, um mercado amplo, capaz de alimentar um organismo nacional forte”.

Atribua-se ao que se quiser a causa primordial do contraste entre o progresso norte americano e brasileiro mas, si não derem especial relevo ao fato de ter a América do Norte cêdo cuidado de seu aparelhamento económico e manufatureiro; *de ter comprehendido que só o ferro, a força mecânica, as fabricas e altos fornos* trazem prosperidade, riqueza, saude, instrução, felicidade e poderio nacional, enquanto o Brasil aprendia francês, ouvia operas em italiano, mantinha uma côrte á inglesa, importava mesmo produtos alimenticios, só fabricava e utilisava cousas superfluas e luxuriosas, e explorava o braço escravo, — unico sustentaculo da riqueza e do trono do Brasil; enquanto a grande nação americana se emancipava economicamente, para depois se tornar politicamente livre, discordaremos, porque estamos com a afirmação da História e baseando em seu relato.

Rocha Pombo historiando o nosso desenvolvimento comparativamente com o que faziam os anglo-americanos na América, assim se refere, “sobre a situação do Brasil em 1580”:

“Enquanto em um curto lapso de 20 anos os ingleses da Virginia já se sentem prosperos e fortes

para celebrar a sua primeira assembleia política e promover por si mesmos ás necessidades de sua administração, — na América Latina, populações d.spersas em vastos territórios, sem coesão social, e sem outros intuitos, a não ser a ambição de fortuna, EM OITENTA ANOS nada haviam feito que revelasse o propósito de assentar logo os fundamentos do estado futuro.

Mesmo o progresso material era insignificante comparado com o que se fazia na Virgínia e em quasi toda a costa ocidental da América do Norte, alguns anos depois da entrada de alguns colonos”.

Contrastando com o evoluir dos Estados Unidos, em 1730, erámos uma população escassa e inculta; prohibidos de abrir estradas; com os rios que são as estradas naturais, — trancados por lei; impossibilitados por alvarás a viver da industria extrativa; prohibidos de plantar cana de açúcar e levantar engenhos para beneficial-a, só podendo dedicar-nos á rudimentar industria da extração do ouro e, tão dependentes éramos de Portugal que um simples tocadôr de fôle da Casa de Fundição de Vila Rica, tinha de vir nomeado de Lisboa...

Para termos úa idéa do desenvolvimento das regiões cedo exploradas na América do Norte, cuja área era limitadissima, quasi que se cingindo ás treze colonias bordejando o Atlantico, basta dizer que em 1840, a produção de ferro, — ainda que se utilizando então o carvão vegetal nos altos fornos, já fôra de 287.000 toneladas anuais, quando nós *em* 1933, a'nda não produzimos em todo o Brasil 80.000 toneladas anuais!...

A produção do carvão fossil fôra de 864.009 toneladas, quando a nossa produção total em 1933 não atingiu a 280.000 toneladas!...

Na mesma época, também já os americanos do norte produziam:

27.600.000	alqueires	de carvão betuminoso.
84.823.000	"	de trigo.
337.500.000	"	de milho.
219.100.000	libras	de fumo.
790.500.000	"	de algodão.

O valôr total só da produção manufatureira era avaliada em \$570.450.000.

Vê-se, portanto, quanto nós, ainda em 1933, nos achamos distanciados do que eram os anglo-americanos, em 1740, notando-se que nesse ano a população dos Estados Unidos da América era apenas de 17.000.000 de almas contra os nossos . . . . . 40.000.000 atuais.

De como os Estados Unidos da América cêdo se emanciparam política e económicamente, — o que ainda não conseguimos, podendo expandir-se assombrosamente — dizem-nos os seguintes fatos:

A sua população que era de 5.300.000 em . . . 1800, passou a 12.870.000, em 1830, ainda mesmo sem as estradas de ferro que foram fatôr decisivo da estonteante conquista do oeste norte americano e da unidade política dessa grande nação.

Póde-se julgar da importancia das regiões exploradas, contrastando com o que se passava no Brasil, pelo estado da Pennsylvan'ia, que com . . . 117.000 quilometros quadrados, tinha 1.350.000 habitantes, com 4.000 quilometros de boas estradas de rodagem e 900 quilómetros de rios navegaveis, quasi tudo cana'is.

Ainda para nos certificarmos como os Estados Unidos cêdo tiveram ambiente favoravel á sua industrialisação, — base de todo o seu estupendo progresso, com especial atenção citaremos o que

nos diz K. Coman, professor norte americano de economia politica: — “Então, (século XVIII) sucedia que na Inglaterra a industria de ferro andava tolhida pela falta de matérias primas.

O minério do Sussex e o suprimento do carvão de madeira do Weald estavam quasi exhaustos e os recursos do carvão de pedra ainda eram desconhecidos.

Nada menos de metade do ferro guza consumido nos fornos de refino de Sheffield era importado da Suécia e da Russia. Os industriais do ferro, pensaram poder conseguir metal mais barato nas colónias e pediram ao Parlamento uma legislação conveniente. Esperava-se que as vinte mil toneladas de ferro necessárias para o andamento dos fornos de aço da Metropole pudessem ir da América, onde o carvão de madeira e as quedas d'agua eram abundantes e por isso mais baixo o preço da produção.

Ademais, o ferro guza importado das colónias poderia ser pago em manufacturas, e assim um outro interesse de negocio poderia ser vantajoso.

Uma lei de 1750 permitia que o ferro guza importado da América inglêsa não pagasse direitos em qualquer porto da Metropole; as barras de ferro, porem, só teriam isenção de direitos si importadas pela praça de Londres.

Sendo as importações de outros países sujeitas a pesadas taxas, aquêlê ato de lei trouxe grande progresso aos fornos de ferro coloniais e as exportações norte americanas cresceram muito.

Mas, ainda em 1750, os interesses dos industriais inglêses foram protegidos pela seguinte disposição de lei:



“Nenhuma usina ou qualquer engenho para cortar ou laminar ferro, nenhuma forja em que trabalhe o martelo de chapear e nenhum forno de refinar o aço poderá ser erigido em nenhuma das colónias de sua Majestade Britânica na América.” O efeito dessa legislação foi um sério obstaculo ao progresso da industria siderurgica nas colónias ing-lêsas do Novo Continente.

O esforço das colónias anglo americanas para o desenvolvimento da sua industria siderurgica, no meio do seculo XVIII, — si de um lado era protegido pelas condições naturais do pais, no qual as jazidas de ferro, visinhas do mar, eram de boa qualidade, de outro lado encontrava a legislação hóstil da Metropole.

*Mas, as condições naturais de tal maneira eram favoraveis ao surto da industria do ferro nas colónias anglo-americanas, que éla começou pela exportação do minério e pela exportação do ferro guza, antes de ser uma industria de carácter nacional, para abastecimento exclusivo do mercado interno.*

Nesse relato histórico do desenvolvimento industrial dos Estados Unidos da América, vemos como a ação politica, secundando a ação natural do homem, poude impedir no inicio e depois ampliar o surto industrial dos Estados Unidos de hoje. Ao contrario nós nem mesmo produzimos ferro guza quando os minérios que possuíamos em abundancia eram desoxidados, tendo a lenha como combustivel.

Assim, por falta de iniciativas governamentais, e num ambiente hóstil a qualquér grande empreendimento industrial, não podíamos ter progredido tanto, depois de declarada a nossa aparente independencia politica, como os Estados Unidos.

Tambem concorrendo para o desenvolvimento prodigioso, que se operava na América do Norte, era a sua concentração demografica, — consequencia de fatores naturais, climáticos, geologicos, geograficos e sociais, — fato que só muito mais tarde se veio efetivar no Brasil.

Já em 1830, Nova York tinha nada menos de 203.000 habitantes; Philadelphia 167.000, Boston, 61.400 e Cincinnati 25.000, constituindo populações atívisimas e tenazes no trabalho, espalhadas numa extensão territorial de menos de 1/5 da União.

Após a libertação dos escravos dirigiram-se para os Estados Unidos, em atividade intensa, fortes correntes de imigração e, durante o periodo de 35 anos, — de 1865 a 1900, — mais de treze milhões de europeus lá chegaram.

Como nos periodos anteriores, esses imigrantes se estabeleceram nas regiões do Norte e do Oeste, nas proximidades do Atlantico, ás margens dos Grandes Lagos, no vale do Ohio, na Planicie Superior e Media do Mississippi e se concentraram nos grandes centros urbanos, avolumando-os.

Cidades antigas como Nova York tornaram-se com 4 milhões de habitantes e, era a cidade do mundo mais populosa depois de Londres; Philadelphia, Boston, Baltimore e São Luiz, cidades novas cresceram com tal rapidez que os americanos as denominaram de *ciudades campeãs*.

Chicago, por exemplo, que contava 30.000 habitantes em 1850, mais de 300.000 em 1870; mais de 1.000.000 depois de vinte anos a partir de 1870, e, 1.770.000 no fim do seculo XX, atingira ..... 4.000.000 em 1920.

Minneapolis passou em vinte anos, de 1870 a 1890, de 33.000 habitantes a mais de 300.000; e

assim succedeu com São Francisco da California e outras cidades. Com esse crescer em população, fervorosamente também os anglo americanos utilisaram e valorisaram o solo pátrio. Fizeram a exploração das grandes planicies, cultivaram terrenos de trigo 4 vezes a area da França e, em planicies imensas, pastoriavam dezenas de milhares de bois, carneiros e cavalos. Fizeram também a exploração das riquezas mineraes; do ouro na California, ferro, cobre, carvão, petroleo do Ohio, dos Aleglians, do Sul dos Grandes Lagos.

Tal a vitalidade económica e o progresso intenso que se opera cêdo no Estados Unidos da America que, mesmo durante a guerra da Secessão desenvolviam a construção das primeiras estradas de ferro transcontinentais e, a *Central Pacific*, ligando Nova York a São Francisco, iniciada em 1862, fôra terminada em 1869. Em 30 anos possuíam 250.000 quilometros de linhas ferreas ou, *aproximadamente, dois quintos das estradas de ferro do mundo.*

Esse crescer das vias de comunicações, sintese do progresso geral, — pois a estrada de ferro nunca foi um instrumento creadôr, um meio geradôr propriamente dito, de produção, ela foi sempre o instrumento parasitario da circulação, um instrumento de intercambio, — demonstra o progredir geral dos Estados Unidos e o nosso lento progredir, si lembrarmos que, — ainda em 1932, a rede ferroviária brasileira não chega a 40.000 quilómetros, desarticulada e sem trafego mutuo visivel, para uma area maior que a dos Estados Unidos.

Provando ainda, como atualmente nos temos distanciado demais de outros povos, no seu progredir material, teríamos, — si o quiséssemos, as çí-

fras comparativas do progredir vertiginoso da republica Argentina, em confronto com o nosso lento progredir, — pelas quais veriamos a grande dianteira que nos vai levando a republica irmã.

Apreciando a realização da independencia norte americana, já Vicente Licínio Cardoso devisara circunstancias e condições que, devidamente apreciadas, explicam a realização daquela independencia politica com clareza acentuadamente penetrante.

Referia-se ás condições económicas das colónias Anglo-Americanas antes da independencia, condições estas que nunca tivemos, — em época alguma, — que se lhes pudesse assemelhar.

E' expressiva a conclusão a que chegara: "Quero crêr em verdade, que a possibilidade pratica da independencia politica norte americana não foi sinão a consequencia económica em que se encontravam as Treze Colónias Americanas de então em relação á propria Inglaterra."

Realmente, computando-se as estatisticas de produção de ferro e aço, — os agentes de todo o progresso mundial no periodo em que os anglo-americanos presenciavam a sua emancipação politica, — vemos que já naquêla época os Estados Unidos produziam mais ferro e aço do que a propria Mãe Patria; — exportando-se mesmo para éla, para a Alemanha e para a Russia.

Para confrontarmos a evolução que se operou nos principais países, na produção de ferro e avaliarmos a sua importancia como fator de riqueza, prestigio e poderio, são expressivos os seguintes dados:

PRODUÇÃO DE FERRO NOS SEGUINTE  
PAISES — EM TONELADAS.

<i>Ano</i>	<i>Est. Unids.</i>	<i>Inglaterra</i>	<i>Alemanha</i>	<i>França</i>
1740	.....	17.350	.....	.....
1788	. . . . .	68.300	.....	.....
1796	.....	125.079	.....	.....
1800	.....	150.000	.....	.....
1806	.....	243.851	.....	.....
1820	20.000	400.000	.....	111.000
1830	165.000	677.417	.....	226.000
1834	.....	.....	110.000	.....
1840	260.913	1.396.400	.....	347.000
1844	.....	.....	141.000	.....
1850	.....	.....	369.000	.....
1854	736.218	3.069.000	.....	405.000
1860	919.770	3.826.752	.....	.....
1860	1.016.641	5.445.757	1.413.029	.....
1870	.....	.....	.....	808.000
1880	4.295.414	7.749.233	2.729.000	1.725.000
1890	10.307.028	7.800.000	4.650.000	1.900.000
1900	14.100.000	8.900.000	8.500.000	2.600.000

Dados Extraídos do “O Combustível na Economia Universal” - Pires do Rio.

Vemos que os Estados Unidos da América já em 1854 produziam mais ferro do que a Alemanha ou a França, e que, em 1890, a sua produção siderúrgica já superava mesmo a da própria Inglaterra.

Estas cifras auxiliam-nos a explicar e a compreender o progresso e desenvolvimento económico assombroso que tiveram os anglo-americanos.

Da independencia económica que cedo os Estados Unidos puderam usufruir, graças ao seu desenvolvimento industrial, podemos explicar toda a gênese do complexo processo politico então operado e temos toda a grande lição a tirar dos fatos históricos relativos á sua emancipação politica.

“E ainda mais, o desenvolvimento economico das Treze Colónias inglêsas da América explica a harmonia e o equilibrio da independencia dos Estados Unidos em contraste flagrante *com o desequilibrio geral relativo a todas as independencias dos demais povos americanos, tão assinalados* de continuo por verdadeiras turbulencias politicas, denotando, por isso mesmo, quando devidamente examinadas, uma insuficiencia flagrante de condições de vitalidade económica.

Dos demais povos americanos o único que manteve um governo estavel e continuado, apesar de uma serie de movimentos revolucionários abafados, depois da emancipação politica foi o Brasil. Mas mesmo o nosso país não estava economicamente evoluído para poder gosar de uma perfeita independencia politica; — essa a verdade, provada pelo fáto interessantissimo de havermos deixado de ser uma colónia politica e económica de Portugal, para ser, como o fomos por longo tempo, colónia, — “economicamente falando”, da Inglaterra.

Realmente, antes de emanciparmos de Portugal, -- como ele, tambem, já nos tinhamos escravidado á Inglaterra.

Assim, enquanto os ingleses ajudavam os portuguezes em Torres Vedras, a se descartar dos franceses de Junot, obrigavam D. João VI a descre-

tar a abertura dos pórtos do Brasil ao commercio internacional. Essa medida foi recebida com a maior alegria pelos brasileiros, pois trazia consigo todas as probabilidades de uma independencia. Era, entretanto, o primeiro passo para a nossa es-cavidão económica.

Que a conseguiram registra o tratado de 1810, pelo qual as mercadorias inglésas eram taxadas nos portos do Brasil direitos *ad valorem* menores ás que procediam da propria Metropole.

E nem se argumente que esse tratado não fôra lesivo a Portugal.

Contra qualquer razão que se quizesse invo-car para justificar-o, — como teem feito, — dizem-nos os fátos que: “o tratado de commercio de 1810 com a Grã-Bretanha afetou profundamente as re-lações mercantis entre o Brasil e Portugal, pois o nosso intercambio comercial com a Metropole, (importação e exportação), que era de ..... 22.571:300\$000, em 1806, em 1812 *apenas* atingiu a 6.451.649\$000.”

★

★ ★

Os nossos banqueiros, os nossos vendedôres, os nossos maiores compradores depois de 1822 fo-ram os ingléses, como era inglês o maior numero de navios que comerciavam nos nossos portos, de- pois da propria emancipação politica. Nos Esta-dos Unidos da América, ao contrário, o grau adiantado de evolução e independencia econômi-ca, permitiu equilibrio, ordem e harmonia á Re-publica incipiente, depois de desorganização con-

sequente ao fato de haver sido pelejada, — duramente pelejada pelas armas, a sua propria emancipação politica arquetetada.

Filiando-se a emancipação politica dos Estados Unidos ao processo de sua propria emancipação económica, ficam estabelecidos com singularidade notavel todos os fatos referentes ao progresso vertiginoso que esse país depois alcançara. As bases sobre que assentou a emancipação politica das colónias norte americanas foram pois, essencialmente económicas.

Nós, entretanto, declarando a nossa independencia da Mãe Patria, conseguimos-la no terreno politico para irmos nos escravisar ao estrangeiro, — Politica e Económicamente, — afim de termos uma aparente independencia politica sob a tutela dos inglêses. Toda a história diplomatica do II Império não é sinão uma afirmação de nossas insuficiencias económicas, — sintetizadas na importancia económica que o elemento escravo tinha para o Brasil e na maneira com que fômos humilhados e obrigados a obedecer ás razões dos interesses e do Imperialismo Ingles, exigindo a abolição do trafico escravo no Brasil, sem consideração aos nossos interesses, — fossem eles quais fossem.

★

★ ★

A politica industrial da Inglaterra, em todo o seu passado, foi sempre restritiva, — mesmo para com as suas melhores colónias.

Em um capitulo do livro de K. Coman, sob o titulo: "Restrictive Legislation", essa politica é assim esclarecida.



“A politica colonial da Inglaterra, durante os seculos XVII e XVIII era imposta pela doutrina de que as colónias eram territórios de exploração agricola cujas industrias tinham por fim servir aos interesses Britanicos.

O fumo, por exemplo, pela legislação de 1621, — *só podia ser exportado em navios ingleses e para portos inglêses.*

Aos plantadores de fumo era negado accesso direto ao continente europeu, onde os preços eram mais altos.

Os industriais inglêses podiam assim obter barato a matéria prima de que necessitavam e vender as suas manufacturas a bom preço, devido ao monopólio do mercado colonial.”



As condições naturais dos Estados Unidos, porem, permitiam que os colonos vencessem todas as dificuldades creadas pela Metropole.

Enquanto a Inglaterra não soubera ainda socorrer-se do seu carvão de pedra, a colónia da América lhe fornecia ferro guza e barras de ferro doce, porque nos Estados Unidos não faltava então, — como não falta mesmo hoje, — nem o bom minério á beira mar e de transportes faceis e nem as florestas virgens abundantes.

Mais tarde, no fim do seculo XVIII, quando a Inglaterra já empregava o seu magnifico carvão de pedra, sob a forma de “coque”, no alto forno,

o povo norte americano tambem encontrava um cômbustivel mineral que permitia a sua industria fabril produzir barato.

“A indústria carbonifera, nos Estados Unidos da América, — assim como a siderurgia, — esta depende daquela, — tiveram o seu surto ligado, exclusivamente, — ás condições naturais do país.

O fato geológico de haver as maiores formações de camadas hulheiras ao lado de grandes depósitos de hom minério de ferro, explica, só por si, o progresso industrial norte americano”.

\*  
\* \* \*

Muito diversas foram e são as condições naturais do Brasil.

Quando não bastassem os fatores naturais e económicos a impedir aos brasileiros no periodo colónial de se tornar um povo de indústrias manufatureiras florescentes, vinha-lhe dificultar esse desenvolvimento a legislação restritiva da metropole portuguesa.

Esta, em beneficio metropolitano agia e legislava para o Brasil colónial e intervinha nas suas atividades de maneira assás brutal, — e de acôrdo com as idéas reinantes da época.

Assim, prohibiu e mandou fechar as oficinas de ourives, as tipografias, os teares e tantas outras atividades económicas, com o intuito de manter mais firme o jugo sobre a colónia que começava a demonstrar “suas veleidades de progresso,” sendo esta circunstancia, ou o resultado desse proceder, a explicação do nosso *imenso atrazo industrial* e profissional em confronto com outros países.”



Si bem que o regimem imperial como o republicano deram plena liberdade de ação commercial e industrial a todo o mundo, traços indelêveis desses atos BRUTAIS da metropole portugûesa ficaram no caráter nacional.

Mas, rememoremos de passagem o que fôra essa pressão metropolitana sobre a indústria fabril do Brasil colonial.

A' proporção que a indústria mineira declinava, recorreu-se á indústria fabril e fundaram-se fábricas de fiação e tecelagem. Mas, o alvará de 5 de janeiro de 1785, sob penas rigorosissimas, mandou destruir todas as fabricas, manufaturas, teares e fuzos que existiam em todo o Brasil!...

Destruindo, — como o fizeram, — a nascente e promissora indústria brasileira, que na Capitania de Minas Gerais já se desenvolvia lisongeiaramente, em muitos ramos fabris, o governo Português visava reerguer a indústria de mineração que tão fartos recursos lhe proporcionava e fazer com o Brasil o mais odioso monopólio mercantil e industrial, obrigando-o a recorrer exclusivamente á Metropole para o suprimento de inumeros generos que já produzia em quantidade e qualidade superior aos importados de Lisboa.

Só em 1808 foi revogado esse alvará que tantas desgraças trouxe á terra brasileira, “permitindo-se desde então em diante toda e qualqûer indústria ou fabrica no Brasil.”

Durante o Brasil Colônia, as ordens régias, importavam em dispersar e impossibilitar por toda a maneira o trabalho produtivo da nação.

Para que pudesse alguém estabelecer-se com fabricas, armações de pesca, alambiques e engenhos de açúcar, exigiam-se tamanhos requisitos e formalidades tão dispendiosas que tais iniciativas muita vez feneciam antes de serem postas em pratica.

Os lavradores não encontravam a menor facilidade de credito para financiar as colheitas, pois havia uma tabela official fixando um juro para os emprestimos de dinheiro; e este ultimo custava mais caro que o juro official estipulava, de modo que ninguem iria outorgar tais emprestimos por instrumento publico, tanto mais quanto nem sequer havia registo de hipotecas, para garantil-os.

Todas as altas entidades governamentais poderiam requisitar as casas que entendessem, atribuição que foi extendida por delegação aos governos e capitães mores e que muito favoreceu a certos monopolistas, com enorme dano para os proprietarios e comerciantes.

O commercio era manietado por mil dificuldades.

Basta dizer que determinados litigios commerciaes só podiam ser resolvidos em São Tomé, conforme dispunha uma lei de 1773.

Proibia-se a navegação em certos rios, porque as areias destes poderiam conter jazidas de ouro e diamantes.

Não havia o direito de vender livremente o produto onde se entendesse, mas sim onde o fisco determinasse.

Não era permitido vender produtos aos chamados *comissarios volantes* ou viajantes do commercio, medida que visava proteger unicamente o commercio estabelecido nos principais portos mariti-

mos de então, embora isso viesse despójar do melhor dos lucros legítimos do seu trabalho a maior parte dos agricultores do Interior, condenados assim a aceitar os preços que lhes fossem oferecidos pelos magnatas do intercambio litoreano, após o exaustivo transporte dos seus produtos, dos sertões para a orla marítima. (V. Historico da Formação Económica do Brasil, por Victor Viana, Rio de Janeiro, pg. 166-167).

Oneradas dolorosamente por esses encargos, apertadas por essa forma num estreito circulo de dificuldades, custa a crer como puderam as forças produtivas do Brasil iniciar as suas primeiras afirmações de vida organizada, quando se iniciou a fase da independência politica, sob o signo de um príncipe da casa reinante de Portugal.

O desapego pela produção e pela circulação da riqueza brasileira não havia cessado, antes conservava ainda alguns significativos aspectos que bem o assinalavam.

A exploração do trabalho brasileiro em proveito de elementos alienígenas, a monopolização disfarçada das resultantes economicas desse trabalho em favor de algumas poucas nações, o regimen de quasi absoluto exclusivismo comercial, que alguns desse povos melhormente aparelhados (como, por exemplo, a Inglaterra) vinham desfrutando — tudo isso á sombra dos odiosos tratados de *amizadè e commercio*, a que atrás nos referimos — eram mais que bastantes para oprimir e prejudicar fundamentalmente o alvorecer promissor da nossa riqueza agricola.

A exportação dos nossos productos não merecera nenhum cuidado na feitura dos aludidos tratados.

Nem mesmo neles ficou inscrita alguma clausula que assegurasse a possibilidade de importação livre, ou ao menos com menores taxas aduaneiras; dos nossos principais produtos, naqueles países.

A curiosa reciprocidade, que se inscreveu nesses tratados e que foi ingenuamente aceita pelo Brasil "independente", foi apenas a de que os nossos generos exportaveis não seriam taxados, nos portos daqueles países, com outros ou maiores impostos além dos que já eram então cobrados, na entrada de iguais generos vindos de qualquer outro país estrangeiro.

E como a esse tempo existissem, naqueles países, taxas quasi proibitivas sobre o café e o açúcar de procedencia estrangeira, claro é que ficaram elas mantidas, com manifesto dano para a exportação do Brasil, isso apezar dos enormes favores que os mencionados tratados concediam ás importações provindas daquelas mesmas nações, que assim tão desprezivelmente encaravam os mais elementares interesses da nossa patria.

A extraordinaria politica mercantilista do Brasil registava por essa forma, logo ao começar a nossa vida de povo livre, um dos seus primeiros grandes paradoxos, capaz por si só de inutilisar a obtenção dos almejados saldos positivos da balança comercial, que deveriam const'ituir uma das partes essenciais de uma politica comercial inspirada no Mercantilismo.

Como si esse forte erro não bastara, teriamos ainda a contraproducente réde tributaria de impostos anti-economicos, entre os quais avultava uma *taxa de transito* dos produtos entre as Provincias.

Essa taxa, que variava conforme a região do país em que fosse cobrada, era de 15% quando o transito do produto fosse feito por via marítima.

Juntem-se a isso os *impostos de exportação*, que muito cedo começaram a gravar os frutos do trabalho nacional, quando eles demandavam os mercados externos, e teremos, em linhas gerais, o quadro desolador do estranho sistema mercantilista que presidia um dos mais interessantes períodos da nossa existencia de nacionalidade.

Ele era, na realidade prática, a propria negação das realisações e finalidades de um tal plano economico!" — Vide Waldemar Falcão — "O Paradoxal Mercantilismo Brasileiro."

\*  
\*   \*

Outra fosse a nossa orientação mercantilista e a situação economica do Brasil Colonia quando a Mãe Patria "destruiu" a *obra aprec'avel do desenvolvimento* industrial da Colonia, proporcionada pela mineração, — sem mesmo termos esperado a vinda do Rei corrido pelos franceses e a iniciativa da recolonização para reagirmos com o não alcançado pelas armas, — 1882, — e outra seria a nossa situação como povo, si tanto tivéssemos chegado "unos e indivisiveis", sob a mesma bandeira, — como acontecera aos Estados Unidos da America.

De fato, chegando ao conhecimento da Inglaterra das jazidas de ferro de suas colonias da América, ela quis, primeiramente, impedir a organização industrial das fundições dessas colônias, — cedendo depois nesse terreno, por haver verificado

que lá não se podia fazer como na China ou no México e, que era praticamente impossível separar o homem ativo, culto, pratico, de iniciativa, economicamente independente, vivendo em um meio propicio ao desenvolvimento industrial e, que possue o carvão redutor, — de lenha no inicio, — como nós o possuímos ontem e, hoje o possuímos com a electricidade, — do homem que estrai o minério para o reduzir em seguida, industrialmente, na confeção de todos os instrumentos de que carece uma sociedade de cultura e civilização na idade do ferro, — no seculo do carvão, do petroleo, da electricidade e de atividade toda baseada na mecanofatura.

Havendo sido iniciada de outro lado a construção de navios em estaleiros americanos dos portos do Atlantico, a concorrência comercial das Colonias, (que queriam comerciar por conta propria), tornara-se tão grande, que os armadores de Londres e outros portos ingleses, alarmados e aterrorizados, *chegaram até mesmo a requerer proteção ao Parlamento ingles, para que os favorecesse com regalias e vantagens não concedidas aos armadores coloniais.*

“Esses fatos são em verdade categoricos; — eles resumem, sem maior comentario, a vitalidade economica daquelas colonias inglesas antes mesmo da sua emancipação politica.

Todavia, como si não fossem eles sufficientemente elucidativos outros mais ainda corroboram a tese aqui sustentada.

O contraste entre os interesses da Inglaterra e os da sua Colonia era amplo e decisivo. Onerada com os gastos que fizera com a expulsão dos franceses da América, em guerra recentemente termi-



nada, insistia a Mãe Patria em aumentar os impostos e as taxações pagas pelos colonos.

Estes, de seu lado, aliviados com o perigo dissipado em consequencia da expulsão dos francezes do Canadá, entendiam dever aproveitar o desafogo de que então gozavam para aumentar e desenvolver o seu commercio, pretendendo, dessa sorte, commerciar directamente com a França e com a Espanha, sem o intermedio da Inglaterra. Era, enfim, a luta aberta contra o desejo do *Comercio colonial livre* e a insistencia do *monopolio comercial* almejado em ser conservado pela Mãe Patria. Deante do perigo iminente daquella *liberdade de commercio*, reagia a Inglaterra, com o Ato da Navegação, em 1764, pelo qual todo commercio das colonias com outros portos que não os ingleses seria punido com a destruição dos proprios navios apreçados.

E por seu lado, respondiam as Colonias então pela primeira vez coligadas para a defesa de seus direitos comuns com uma deliberação ousadissima, qual aquella de *nada mais* comprar á metropole, o que prova o estado alcançado de evolução economica daquellas colonias. Sentindo-se prejudicada em seus interesses, diminuida como fôra a renda dos impostos com aquella resolução dos homens das colonias anglo-americanas, pensava a Inglaterra no recurso do "Stamp Act" (1765) em virtude do qual todos os atos passados nas treze colonias pagariam uma taxa de selo especial. A reacção colonial tornou-se então mais forte e as colonias uma após outras, declararam que falecia ao Parlamento ingles capacidade para promulgar aquella nova taxação de imposto, no que não lhes faltava razão, por isso que atendendo aos princi-

pios de liberdade de que gosavam os homens ingleses tanto na Inglaterra como das Colonias era norma antiga sempre seguida e respeitada, aquella que preceituava só serem pagos aqueles impostos que fossem propostos pelas proprias assembleas representativas dos respectivos contribuintes do erario Publico.

Percebendo, então, o mau passo dado com a violencia do "Stamp Act", cede a Metropole logo depois, sem que possa mais evitar, no entanto, a emancipação politica de suas colonias americanas, emancipação desejada com veemencia quando compreenderam os homens dessas colonias a fragueza da propria Metropole, em tornar sem vigor o referido "Stamp Act".

A expulsão dos franceses do Canadá e da região dos Grandes Lagos havia feito, paradoxalmente, o colono americano depender menos do reino ingles, por isso que fôra dissipado o temor de uma invasão francesa até então possivel.

Os atos de represalia economica lançados depois pela Metropole permitiram por sua vez aquilo que não fôra nunca possivel apesar dos esforços anteriores do grande Franklin: um entendimento mutuo, uma confederação, uma "União", em suma, entre aquellas treze colonias que haviam evoluído e crescido independentemente uma das outras, bem diverso como fôra o processo de colonisação particular dos ingleses comparado á colonisação official, sempre seguida pelos espanhóis e portugueses em suas colonias na America.

Naquelas colonias norte americanas havia sido atingido um *tal estado de emancipação economica, que a emancipação politica* poude logo depois ser obtida, embora custasse uma campanha

guerreira de varios anos, garantida como estava pela *propria independencia economica de que gozavam as colonias em face da Inglaterra*.

Nada pode haver de mais sintomatico nesse sentido do que os detalhes que passaram á historia relativos a "boicotage" exercida nos portos norte americanos sobre os navios ingleses: a carga mais importante recusada de ser comprada pelos colonos era o chá, produto esse importado do Oriente e sobre cuja venda auferia a Metropole um alto imposto.

*Dependessem aquelas colonias norte americanas não do Chá, como foi o caso, mas do carvão, do trigo, da carne ou do ferro como depende o Brasil... , ou fosse o seu comercio importador e de retralho constituído por estrangeiros, como é o comercio do Brasil, e, então, não seria possivel a realização daquela "boicotage" comercial decisiva contra os produtos da Metropole...*

Esses fatos explicam, concretamente, e sem nenhuma fantasia, — a razão de ser da harmonia e do equilibrio com que foi possivel manter, fixar e ampliar a emancipação politica norte americana, logo depois de haver sido pelejada a independencia durante a campanha larga e ardua dirigida pelo genio eminente de Washington. Harmonia e equilibrio que faltaram á evolução historica de todos os demais povos americanos depois de obtida por eles mesmos a sua independencia politica, mas cuja ausencia de ordem *dependeu muito mais das insuficiencias do desenvolvimento economico desses mesmos povos do que de suas qualidades etnicas de povos mestiços como tem sido erronea, ingenua e insistentemente repetido por historiadores de patrias varias*".

Ao contrário do que se operou no Brasil a independência norte americana foi essencialmente republicana, por haver partido de colônias habitadas por homens que se queriam declarar livres, independentes economicamente que já se haviam tornado da Metrópole por seu proprio trabalho.

Lá, não havia organização social alguma que lembrasse o regimem do feudo aclimado ainda, hereditariamente, naquelas nações da Europa por aquele tempo, como se dá com a Nação que nos colonizou e que nos transmitiu todos os defeitos do Continente...

E demais, nas provincias do Norte, — dentre as coligadas, — não havia nem mesmo escravidão organizada, o que auxiliava sobremodo o desejo do estabelecimento amplo de liberdades politicas, desejo corporificado num estatuto social do tipo até então desconhecido. “V. L. Cardoso, Afirmções e Comentários.”

Diversamente do evoluir do Brasil, que se libertou da Mãe Patria para se tornar uma Colônia econômica internacional, cujo primeiro passo foi a sua escravidão econômica em 1808 — os Estados Unidos cresceram e emanciparam-se em 1776 e cresceram já economicamente livres do estrangeiro.

Puderam, por isso, guiar toda a sua expansão sob motivos de seu interesse puramente econômico, social e nacionalista.

Não havendo nação alguma que estivesse a tutelar-lhes as finanças e a ditar-lhes leis contrárias aos seus interesses, — como tivemos nós, — uma vez declarados livres, cedo puderam os an-

glo-americanos tornar-se um grande povo industrial e orientar a sua politica no sentido de se tornarem uma potencia militar e de bastarem-se a si mesmos, o que até hoje ainda não conseguimos, nem mesmo em parte.

A evolução, independencia e expansão dos Estados Unidos da América, baseada sob motivos puramente económicos, é um contraste flagrante do evoluir brasileiro.

Póde-se julgar quão precária foi no passado a nossa situação económica e financeira, — si não quisermos esmiuçar orçamentos, estatisticas e dados sobre a nossa mesquinha importação e exportação, pela enorme dificuldade que encontraram os empreendedores que tentaram atrair capitais em Londres, destinados ás construções de estradas de ferro, para o Brasil, industria esta surgida auspiciosamente no mundo. Depois de quasi 20 anos de negociações continuadas na “City”, perante os seus opulentos capitalistas, muito pouco tinham conseguido os emissarios brasileiros e, isso mesmo, com as mais solenes e multiplas garantias do nosso Governo Imperial.

Por mais que se fale no nosso “ilimitado” crédito no estrangeiro, e, principalmente, em Londres, segundo era praxe afirmar-se, o que era um nefasto incentivo para o levantamento de emprestimos, destinados a um mal compreendido armamentismo e a um “fausto” e luxuosidade em desacordo com as condições reais da vida brasileira, — do meio e da gente que o habitava, — é claro que mal pudemos tornar aceitaveis os compromissos que tomara o Governo Imperial. Demais, crédito

no significado exáto do termo nunca o tivemos e todos os empréstimos contraídos pelo Brasil no exterior só o foram realizados mediante hipotéca ou penhóra das rendas totais ou parciais dos municípios, dos Estados e da União Brasileira.

E' longa a lista dos impostos, rendas e utilidades hipotecadas pelo Brasil aos seus credores externos e, para nos referirmos só á União, esta já hipotecou aos seus credores estrangeiros as seguintes fontes de receita:

Rendas das Alfandegas,  
Imposto sobre a Renda,  
Imposto do Consumo,  
Imposto das Duplicatas Comerciais,  
Imposto das Contas Assinadas,  
Imposto de Importação,  
Imposto de exportação.

Quanto aos Estados, alguns como o Amazonas e Santa Catarina chegaram a hipotecar "todas as rendas e impostos estadoais!..."

\*

\* \*

A diferença dessa situação para com a dos Estados Unidos da América do Norte não se pode medir.

Desde a quarta década do século XVIII os anglo-americanos contraíam empréstimos no exterior sem o auxílio do crédito público.

Para a empresa do "Camden and Amboy" levantaram 3.000.000 de dolars, ainda em 1853. Mais tarde, apesar de imperar o regimem do es-

banjamento de capitais e da livre concorrência desenfreada pelos aventureiros, em matéria de construções e empreendimentos ferroviários na América do Norte, foi enorme a soma de capitais ingleses, holandêses e alemães, — sem falar em outros, — que afluíram para a grande República e lá desapareceram na voragem das falências.

A nós brasileiros, porém, subjugados por uma política de desunião, regionalista, inferior, sem objetivos, empírica e, sob o mais ferrenho, e até ha pouco tempo barbaro, — regimem económico, com as iniciativas comprimidas quér pelas constantes aventuras guerreiras, quér pelo abastardamento individual resultante da falta de cultura científica, técnica, social e moral: — foram precisos ingentes esforços para nos emprestarem até 1856 o total de 6.000.000 de libras esterlinas para a construção de nossas primeiras vias ferreas...

Enquanto os nórte-americanos uma vez economicamente independentes se tornaram o primeiro povo do mundo, — graças ao estupendo desenvolvimento que souberam dar á sua indústria mecânica e manufatureira, — fator primordial na exploração de seu sólo e sub sólo riquissimo, e elemento basilar de sua civilização aprimorada e poderio bélico, — nós ainda somos um país semi-colónial!...

Corroborando a nossa opinião sobre o progredir lento do Brasil, devido á insuficiência de seu desenvolvimento económico, e que o desenvolvimento industrial teria promovido, — eis o que nos diz Paulo Prado:

“Cem anos depois de descoberto o Brasil só uma sociedade informe e tumultuária povôa o seu

territorio. Por toda a parte a miséria mais relaxada e andrajosa ao lado de cavalladas vistósas com vestuários de veludos e sedas.

Pequenos nucleos de devassidão, indisciplina e viver desregrado desenvolvendo em plena anarquia moral e social os germens de desmoralisação e depravação de costumes trazidos pela Metropole decadente.”

Estudando-se as condições de existencia da Métropole e os elementos que constituíam o Brasil de outróra, vê-se claramente porque em nossa evolução temos seguido o caminho que nos conduziu á realidade de hoje.

Todo o desenvolvimento do Brasil até muito depois de 1822, ou mesmo até ha pouco foi e é, ainda que indiretamente, um reflexo da cultura, das condições de existencia, da tradição e, das mil e uma subtilzas, vícios e característicos, bons e maus, que herdamos da Mãe Patria, já decadente no periodo em que iniciava a colonisação do nosso país.

Descobertos por um pòvo de qualidades fórtes por natureza, mas fraquissimo pela estreiteza de seu território, que, comprimido entre as migrações e as guerras do continente europeu e a concorrência e as lutas do oceano, entrou em decadencia justamente no periodo em que colonisava o Brasil, ficou estigmatizado no caráter nacional muito da melancolia, da falta de iniciativa e da ausencia de capacidade industrial, inventiva e emprehendedora do pòvo portugûês — nesse periodo de estagnação, — o que justifica termos sido neste Continente uma exceção, — o último país dentre



os principais a abolir a escravidão negra, — fato só consumado em 1888, 62 anos após a sua abolição na Bolívia, 61 anos no Perú, 60 anos no México, 94 anos após o seu término final na França e suas colónias; 55 anos depois de sua abolição na Inglaterra e suas colónias, 23 anos depois de sua abolição nos Estados Unidos da América.

Si mencionamos o fato de termos sido o último povo no Continente Americano a banir de seu territorio a mancha da escravidão humana, observaremos, entretanto, que essa demora foi necessaria e benéfica, pois o processo seguido foi certamente o melhor que se adaptava ás nossas condições sociais, — si não bastasse o evidente carater de ter sido o mais racional e humano, o mais útil ao país e ao elemento liberto, tanto assim, ao contrário do que ainda perdura em outras nações que legalmente aboliram o cativo mais cedo, o Brasil não herdou o velho regimem colonial do trabalho, nem o feroz preconceito de raças dos Estados Unidos da América, nem o sistema de castas que ainda hoje, em grande parte, aflige a vida ispano-americana.

E' que ao Brasil não foi possivel imitar as nações do Continente, que fizeram da abolição, uma subsequencia, mais ou menos imediata da independencia politica e nem mesmo nos seria possivel, dadas as condições economicas mundiais e as nossas condições sociais e politicas, conseguir a emancipação anterior, ou mesmo contemporânea dos Estados Unidos.

★

★ ★

“Em relação ao grave e doloroso problema da escravidão os povos do Novo Mundo, ao se separarem das Metrópoles respectivas, viram-se, pela própria força das suas condições sociais e económicas, colocadas em dois campos distintos e bem caracterizados.

De um lado estavam os países como a Colômbia, a Venezuela, o Perú ou as Províncias Argentinas, que, sem trabalho agrícola sólidamente organizado e ainda incipiente no seu aspeto económico não encontraram dificuldades em libertar o numero de escravos relativamente reduzido que possuíam.

Não havia grandes e profundos interesses materiais a se oporem a essa obra de dignificação nacional, de maneira que a abolição do cativo pôde, nesses países, decorrer da própria noção da liberdade civil, obtida com a independencia do território.

De outro lado, porém, estavam as nações que, sobre a base de uma numerosa mão de obra escrava, já haviam na independencia atingido um consideravel desenvolvimento económico e commercial baseado nas indústrias extrativas, na mineração e na agricultura rudimentar, como era o caso norte americano e do Brasil.

Assim, a calamidade da escravidão, tivemos-la conjuntamente com os Estados Unidos e, dessa não escapariamos, como não escapara a grande república irmã, fôsse qual fôsse, na quadra colónial, o tipo de atividade económica que adotasse.

E, si é verdade que o Brasil como os Estados Unidos da América retardaram em relação aos

outros países na emancipação dos seus elementos escravos, — é que as condições demograficas, climáticas, económicas e sociais brasileiras e norte americanas assim o determinaram.



E' facil de se compreender que os mesmos motivos de ordem economica que facilitaram a abolição nos países do primeiro grupo, dela fizeram, nos outros, uma questão espinhosa e irritante. Ai, a extinção imediata do cativo ameaçava de frente os interesses locais mais poderosos e bem organizados.

Portugal, não possuindo gente para colonisar o Brasil pelo sistema de occupação directa e efectiva seguido pelos ingleses e espanhois, pois contava apenas um milhão e meio de habitantes no tempo das descobertas, e dadas as culturas a que o nosso país era propicio e, ás quais mais interessavam aos povos da Europa: — cana de açúcar primeiramente, — depois algodão, — culturas estas exigindo grande mão de obra, só teria conseguido colonisar o Brasil, — occupar essa desmedida e ampla área territorial nos trópicos, e faze-la produzir, lançando mão do elemento servil, como efectivamente fizera.

Outra tambem não fôra a situação em que se encontravam as treze colónias norte americanas. Entretanto, nestas, encontraram-se certas condições de natureza geográfica e, principalmente, geológica, que não só foram desde o inicio colocando

a questão da abolição em termos mais vantajosos, como depois lhe trouxeram uma rápida e violenta solução definitiva.” (\*)

Ao se declararem livres da Metrópole, a escravidão existia em todo o território da União Americana mas, dada a diversidade de clima e de atividades económicas nos estados do norte, nesses o numero de escravos era quasi insignificante.

Em 1790, quando se fez o primeiro censo, de 700.000 escravos recenseados, existiam menos de 40.000 nos estados do norte, sendo que nos cinco estados do sul: — Maryland, Virginia, as duas Carolinas e na Georgia, êles se contavam, entretanto, por 660.000.

Predominando nos estados do norte os colónos de raça branca e sendo as atividades industriais, fabris e comerciais nêles predominantes, e mais importantes que a agricultura, era inevitavel o embate de seus interesses.

Ao contrário, era indispensavel o trabalho dos negros importados d’Africa, nos estados sulistas, onde a população branca era diminuta, — a agricultura era a única fonte de riqueza, onde as condições climáticas favoreciam á cultura de produtos tropicais: a cultura da cana de açúcar e, mais tarde, a do algodão.

\* \* \*

Tais foram os interesses opostos creados pelas condições económicas das regiões do Sul dos Es-

---

(\*) José Maria dos Santos — *A Política Geral do Brasil.*

tados Unidos da America, em contraste com os interesses industriais dos estados do Norte que, desencadeada a guerra de secessão, afirmavam os "sulistas" que elles tinham *mais interesse na escravidão do que na União.*

Assim, enquanto a única fonte de actividade económica das treze colónias residia nas plantações de cana de açúcar e de algodão, os estados do Sul sendo os mais prosperos, de terras adequadas para o trabalho agrícola, dado a escassêz da sua população, tiveram que lançar mão do trabalho escravo para exploral-as e poderem produzir "economicamente" na economia universal.

Si nos estados do Norte a diversidade do clima mais propicio ás culturas européas, á affluencia dos colonos livres foi assentando a economia geral sobre interesses humanos mais elevados, as culturas tropicais e toda a riqueza acumulada nas plantações servidas pelo trabalho negro, tornaram-se o mais ferrenho e o mais forte centro de irreductivel esclavagismo.

Esses fatos teriam retardado nos Estados Unidos, — como ocorreu no Brasil, a abolição da escravatura, si não fôra o aparecimento de grandes jazidas de ferro e de carvão de pedra no território da União, justamente quando no mundo se revelava a grande metalúrgia moderna determinando a formação de poderosos concursos de interesses industriais que por sua propria natureza tinham de entrar em luta com o velho regimem das plantações.

Ninguem que se tenha, mesmo ligeiramente, ocupado com assuntos de história e sociologia,

ignora a profunda e poderosa influencia que os accidentes geológicos, — de grandes consequências industriais, — sempre tiveram na evolução das sociedades humanas.

Descoberta a utilização em grande escala de um determinado minério, está mudado o cenário do mundo em favor dos povos que o possuem. As minas de cobre na Espanha, unidas ás minas de estanho das Ilhas Britanicas e dos montes da Boêmia, fizeram da Europa, — dez séculos antes da nossa primeira era histórica, um vasto império de bronze, sob essas tribus, figuras, cujos perfis já nem nos recordam a arqueologia, mas cuja lingua ainda hoje falamos, na nomenclatura dos rios, das florestas e das montanhas, entre as costas portuguezas do Atlantico e o vale do Danubio.

O caldeamento do ferro deu aos céltas, com a primitiva posse das minas da Stíria, da Carniola e da Coríntia, o domínio completo de toda metade ocidental do mundo antigo.

Regiões pobres até então, e de importancia secundária, populações conservadas obscuras, tomaram subitamente a preponderancia pelo simples fato de possuírem o ferro.

Reconhecida essa constante influencia da composição geológica do solo sobre os aspectos sociais dos povos, não nos admiremos de que simples condições mineralógicas tenham podido, nos Estados Unidos da América, decidir mais cedo da sorte do cativo.

No momento em que a combinação da hulha com o minério de ferro nos altos fornos, logo seguida da máquina a vapor, vinha tão poderosamente transformar a economia do mundo, os norte

americanos não podiam fugir á necessidade de adaptar o seu regimen geral do trabalho ás maravilhosas condições técnico-industriais que as suas minas lhe ofereciam.

A mão de obra escrava limitada á sua ação puramente vegetativa pela abolição do tráfico transoceanico, podia bastar aos plantadores do sul, mas não poderia ser jamais sufficiente aos industriais do norte. Estes anteviam a imensa prosperidade que brotaria daquele solo maravilhosamente dotado, si trabalhado por uma intensa corrente de trabalhadores europeus. Não ha, porém, como assegurar uma numerosa imigração livre para um país em cujos limites ainda existe a escravidão, ou *mesmo coisa que com ela se pareça*.

Os hábitos e as atitudes do senhor de escravos tornam o proprio ambiente nacional ultrajante para o trabalhador livre.

Foi necessário, portanto, limpar a grande nação anglo-americana do cativeiro, já que ao findar o século passado a sua mentalidade considerava a escravidão cousa natural, — formando-se assim o irresistivel concurso de interesses industriais, no qual a politica abolicionista do presidente Abrahão Lincoln poude encontrar apoio moral e recursos militares, para vencer o egoismo rotineiro e deshumano dos "Cotton States".

Foram essas condições naturais e económicas a reagirem poderosamente sobre o meio social norte americano que determinaram a guerra de secessão e a abolição precipitada e total dos escravos nos Estados Unidos da América.

No Brasil, entretanto, nada disso se verificou e, os motivos económicos determinaram uma solução menos rápida, — si bem que mais lógica e

racional, do problema da abolição do nosso elemento servil. De um extremo ao outro de nosso território, com exceção apenas das regiões pastoris que não careciam de mão de obra, predominou o regimem económico da Virginia ou da Georgia, inteiramente baseado na exploração do braço escravo.

Nenhum interesse material consideravel poudeser oposto ás conveniencias dos barões fazendeiros e senhores de engenhos, que eram os reguladores de fato de nossa economia geral.

Assim, eram os proprios interesses politicos e sociais do país que aqui exigiam uma solução do problema escravo, sob bases diversas das que se operaram em outros países, solucionando-o sob bases humanas, económicas e sociais, que não ferissem em cheio a vida do país afim de não romper o equilibrio do organismo nacional, como ocorrera nos Estados Unidos da América.

Dai o sermos o último povo, — dentre os principais, — a abolir o elemento servil no continente americano si bem que o fizessemos com feição altamente democratica e numa esplendida vitória de opinião, ao contrário do que se operou na “Patria de Lincoln”, cuja abolição não deixou de apoiar-se em interesses tangiveis e imediatos e de vir imposta pela força das armas”. (\*)

★

★ ★

Diversamente dos povoadores das colónias anglo-americanas, “o portuguez transplantado só pensava na Patria de além mar”.

---

(\*) José Maria dos Santos — *A Política Geral do Brasil*.



Frei Vicente do Salvador, nos primeiros anos seiscentistas, queixava-se de que os povoadores, — *“não só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram, usavam da terra não como senhores, mas como usufrutários e a deixavam destruída...”*

Ainda bem que essa mentalidade se vai aperfeiçoando, pois não ha muito, os brasileiros não descendentes de negro ou de indio eram puros europeus transplantados, com muito mais sedimentação européa n'alma do que americana.

E' que, infelizmente, nós brasilianos sofriamos a atração da Europa, a nostalgia da Europa, a saudade da Europa, ainda os que lá jamais estiveram.

Mais acentuada era na geração anterior ao advento republicano a atração européa para a maioria dos brasileiros, tanto assim que Joaquim Nabuco escrevera:

“Nós brasileiros, — o mesmo se pode dizer dos outros povos americanos, — pertencemos á América pelo sedimento novo, flutuante do nosso espirito e á Europa por suas camadas extratificadas. Desde que temos menor cultura, começa o predomínio destas sobre aquelas. Estamos, assim, condenados á mais terrível das instabilidades, e é isso o que explica o fato de tantos Sul Americanos preferirem viver na Europa.

Não são os prazeres do “rastaquerismo” como se crismou, em Paris, a vida elegante dos milionários da Sul America; a explicação é mais delicada e mais profunda, — é a atração de afinidades esquecidas, mas não apagadas que estão em todos nós da nossa comum origem européa”.

Entretanto, hoje, entre nós brasileiros e os povos da Europa não se estabelece um laço profundo que nos liga aqui a todos os fatos e a todos os homens do nosso meio.

Já podemos afirmar que o Brasil aumentou o seu poder de assimilação, sendo agora a Europa para nós, a viagem, o estudo, a recreação, o prazer dos dias animados longe das obrigações quotidianas, o atrativo intelectual, mas não vive dentro de nós.

Seja porque temos implantado uma civilização já vicejante nos tropicos ou porque nós divergimos muito dos nossos antepassados, — ou mesmo das gerações de ha 50 anos, a geração actual está quasi despreendida da Europa e os fatos que lá se passam já a interessam mais como peripecias e os homens como figuras do drama humano. Seja como fôr o certo é que as gerações surgidas com a República estão em grande parte livres do pesadelo que afligiu o grande estadista do Império e o brasileiro de hoje começa a ter conciencia de sua terra e a saber quanto é digno dela a sua gente e porque nem mais compreendemos o paralelismo de Nabuco afirmando que: — “O sentimento em nós é brasileiro e a imaginação européa.”...

★

★ ★

O que preocupava aos nossos avoengos, tão justamente censurados por Frei Salvador, não vive mais dentro de nós. Já pensamos no Brasil e já sentimos como brasilianos.

Com a mentalidade dos antigos colónos e dos proprios filhos da terra, para quem o Brasil era um degredo ou um purgatorio, o nosso povoamento fazia-se de advenas de passagem, que se consideravam vitimas da sorte ou do exilio, irritados ou superecitados, levando uma vida vasia e monotoná.

Com esses elementos é evidente que só civilisariamos o nosso país. muito lentamente e, assim, progrediriamos material e moralmente.

E' por isso que o confronto entre o desenvolvimento material, social, politico, industrial, financeiro ou agricola dos Estados Unidos da América e do Brasil, de um século para cá, não nos é de todo favoravel.

Quanto ao fator humano e social, não obstante os imigrantes de todas as partes do mundo que recebeu a América Inglesa, por longo tempo, seguidamente, em média de oitocentos a um milhão de individuos, todos esses estrangeiros foram absorvidos na dominadora comunhão de ideais e de interesses americanos, de tal fórmula que o sábio Reclus pôde assinalar a individualidade do tipo norte americano cujas fórmulas, relevos fisicos e morais também modernamente foram reconhecidos por Firmín, Roz, Huret, Adams e outros.

Tudo nos impediu sêr um país industrial máquinofatureiro, — no passado, e, até mesmo a politica imigratória que o Brasil vem seguindo: — isto é, procurando vêr no agricultôr o imigrante predileto. Ao contrário, para os Estados Unidos cedo se dirigiram intensas correntes de imigrantes, operarios especializados, tanto assim que as suas cidades regorgitam sempre de habeis artifices vin-

dos de países industriais, que hoje se dedicam aos afazeres das manufaturas, trazendo grande cooperação técnica á industria fabril norte americana.

E' isto o que nos revelam as estatisticas de 1924, sobre as populações estrangeiras nas grandes metropoles norte americanas, e as quais demonstram que tres quartos dos recém vindos para a América do Norte *não foram para os campos.*

Em algumas dessas cidades a proporção de estrangeiros natos residentes, para os nacionais, ultrapassava em 1924, de 75%.

Os Estados Unidos seguindo uma politica mais sábia, está hoje no auge do industrialismo e da agricultura tecnica enquanto nós Brasileiros permanecemos com a nossa agricultura rotineira e uma industria de manufaturas em embrião.

Ainda, infelizmente, apesar das infimas correntes imigratórias que temos recebido, — limitadas como o foram pelo alongamento da abolição do elemento servil no país — sendo o crescimento demográfico nacional motivado pela elevada natalidade de nossas populações nativas, — sobretudo da massa pobre e ignorante, — não conseguimos nem mesmo absorver os poucos elementos alienigenas que para aqui vieram e muito longe estamos de formar um tipo no qual possámos encontrar qualidades que o definam, — ao todo, como representativamente brasileiro.

A precariedade económica em que sempre viveu o país, principalmente devido ao regimen de exploração da terra que adotámos, da incultura técnica e da descentralisação ou escassês de população no nosso "Hinterland", não permitiu um pro-

gredir mais intenso do Brasil, — á mingua do desenvolvimento de seu aparelhamento técnico, industrial e manufatureiro.

Como indices do nosso desenvolvimento **geral**, dos “Yankees” ou de qualquér outro povo, podemos tomar a indústria do ferro, que no seu inicio se alimentava exclusivamente com o carvão de madeira, — combustivel que outróra abundantemente possuíámos superposto ao minério. Então, ao contrário da industria siderurgica de hoje, — que é alimentada a “coque”, não nos faltava combustivel para o prosperar da siderurgia brasileira, — para produzirmos ferro.

Entretanto, enquanto a produção mundial aumenta vertiginosamente e a produção norte americana foi de 20.000, 115.000 e 286.913 toneladas de ferro nos anos de 1820, 1830 e 1840, repectivamente, — o Brasil não figurava entre os países produtores desse metal, — base da civilisação de um povo.

E’ que o Brasil, imenso e despovoado, tinha condições **íng**ratas para o surto das industrias manufatureiras que se tinham desenvolvido no velho mundo, através de séculos de cultura, num meio intensamente povoado.

No Brasil, diversamente do que ocorrera com outras nações, a sua pouca gente entre a vida urbana comercial e administrativa e a vida agrária, — de poucos senhores e muitos escravos, não possuía elementos que lhe permitisse lutar contra a velha industria européa.

Alie-se essas condições naturais **íng**ratas, aos fatos técnicos **desconhecidos então**, — como a qua-

lidade do minério do Ipanema, — a fábrica que aqui primeiro se funda para produzir ferro, — sendo as suas jazidas de minério titanífero, quando o titânio só posteriormente era descoberto, — e temos assim, em parte, a explicação de todo o fracasso da siderurgia que se tentou outróra no Brasil.

Sendo outra a situação geológica, demográfica, social, cultural e técnica dos individuos e das jazidas norte americanas, enquanto fracassavam as iniciativas no Brasil para aqui se desenvolver a siderurgia nacional, — os Estados Unidos tornavam-se grandes produtores de ferro, chegando mesmo a exportal-o, — quando ainda eram colónia da Inglaterra, — para a Metrópole.

O estudo do desenvolvimento industrial dos Estados Unidos desmorona a superstição daqueles que, apressadamente, pensam que a grande nação americana só se tornou industrial pouco antes, durante, ou depois da conflagração europeá de 1914. Certamente no periodo colónial brasileiro, os que se batiam contra a implantação da industria de manufaturas em largas proporções no Brasil, argumentavam como o fazem alguns, ainda hoje, que não precisamos fabricar ferro porque ou não o sabemos produzir ou não poderemos produzi-lo tão barato quanto os nossos fornecedores, em virtude do tamanho de suas usinas, de seus enormes capitais e amplas reservas de técnica acumulada.

Entretanto, enquanto perdíamos tempo com essas e outras discussões estereis, os colónos ingleses da Virginia ou de Massachussets, estando centralizados, não tendo elementos técnicos a dificultar a sua iniciativa e, sendo descendentes de um povo industrial e empreendedor, logo que desembar-

caram na América fundaram industrias manufatureiras que não tardaram a prosperar.

\*  
\*   \*   \*

Das condições naturais do sólo, do sub-sólo, do clima, da situação mundial e da diversidade de actividade a que nos v.mos dedicando resultou a nossa situação de hoje, — em muitos aspectos inferior, — sobretudo si confrontarmos a nossa situação económica e no conceito internacional, com a dos Estados Unidos da América.

Ha um século que não acompanhamos o progredir vertiginoso da América do Norte, si bem que houve epochas em que o nosso progresso si não superava o das treze colónias inglesas na América, pelo menos o emparelhava.

Em 1822, quando emancipavamos de Portugal, já os Estados Unidos produziam tanto ferro e aço como nós produzimos hoje, e isto, sem nenhum outro fáto, bastaria para justificar porque temos andado a passos lentos em nosso progredir, confrontando-o com o da grande república norte americana. Si bem que tenhamos uma noção exata da distancia que estamos presentemente dos Estados Unidos, em progresso material, nem por isso julgamos ser descendentes de um povo incapaz ou de não termos explorado a nossa terra como deviamos.

E' que os imperialismos de hoje como óntem, — os governos indirectos, a concorrência mercantil e os mil e um subterfugios da diplomacia interna-

cional teem impedido, — como ainda impedem, — o progredir em plena expansão do nosso país.

Como o Brasil, os atuais Estados Unidos da América também são obra do século XIX, e no dizer de um historiador norte americano. —

*“at the begining of the ninteeth century... the United States was still in the main an agricultural Nation”.*

Bastam os algarismos relativos á indústria siderurgica e á carbonifera para se descrever o progresso industrial dos Estados Unidos no século XIX, especialmente a partir de 1854.

Foram estes os algarismos representativos da produção siderurgica norte americana:

Anos	Toneladas	Anos	Toneladas
1820	20.000	1860	919.770
1830	165.000	1869	1.916.641
1840	286.913	1880	4.295.414
1854	736.218	1900	14.100.000

Mas, para melhor nos convenceremos que a industria manufactureira e de maquinismos em geral e, especialmente a industria do ferro, constitue a base do desenvolvimento económico de um país, — que ella é o pedestal de sua civilização, prosperidade e poderio, — temos o quadro abaixo que mostra a produção de ferro nos principais países do mundo, em 1913, antes da grande guerra e, — em 1928, — nove anos depois.

A relação entre a força económica, poderio militar e riqueza desses países e sua produção de ferro, claramente resalta dos algarismos.



## PRODUÇÃO DE FERRO DOS PRINCIPAIS PAÍSES EM 1913 E EM 1928

	1913		1928	
Países	Toneladas	Perc.	Toneladas	Perc.
E. Unidos	31.301.000	42%	51.400.000	48%
Alemanha	18.652.000	25%	14.000.000	13%
Inglaterra	7.664.000	10%	8.170.000	8%
França	4.614.000	6%	9.170.000	8,5%
Rússia	4.181.000	5,5%	4.150.000	4%
Austria	2.585.000	3,5%	630.000	0,5%
Bélgica e				
Luxemburgo	2.428.000	3%	6.395.000	6%
Canadá	1.043.000	2,5%	1.230.000	1%
Itália	919.000	1,5%	1.950.000	2%
Japão	_ 300.000	....	1.680.000	1,5%
Outros países	1.020.000	2%	8.310.000	7,5%
Total	74.687.000	100%	107.210.000	100%

• No quadro acima, qual a posição do Brasil, o detentor de 25% das reservas de minério com que o mundo conta? **DESPREZIVEL...**

Nas melhores épocas não produzimos anualmente 100.000 toneladas de ferro!

Estas cifras explicam a atuação universal dos países de grande industria siderurgica e o maravilhoso surto da América do Norte que fez em sessenta anos, em materia de enriquecimento, prosperidade geral, poderio, civilização, cultura e elevação do nivel de vida, — o que as velhas nações europeas, — como nós, — não conseguiram em séculos.

Explicam ainda, porque de 1870 a 1929 os Estados Unidos elevavam a sua produção de aço de 61.750 toneladas para 56.443.473, — produzindo nesses cinquenta e nove anos um total de..... 1.014.000.000 de toneladas, — o que corresponde plenamente pela razão de seu progresso vertiginoso.

“Produzir ferro e construir máquinas, — foi o segredo da expansão da Inglaterra, que aplicando o ferro á navegação assenhoreou grande parte do mundo.

Foi o segredo do expand’r agigantado da Alemanha Imperial, da França, da Bélgica, do Japão e da Italia e é o segredo do desenvolvimento estonteante dos Estados Unidos da América.

Será o segredo do Brasil, — tambem, — já que a natureza o dotou de imensas jazidas de metal para dar máquinas”.

Da nossa falta de orientação no sentido de “industrialisar” o Brasil, dos fatores que impediram ser o Brasil um país intensamente industrial, — originou não termos podido repetir na América do Sul o fenomeno anglo americano, — porem, — nada impede de o repetirmos ainda si orientarmos de maneira sagás e objetiva a politica industrial brasileira.

Os dados relativos ao desenvolvimento da produção de ferro dos Estados Unidos da América além de traduzirem o seu vertiginoso progresso geral, — consequencia de seu progresso técnico e industrial, mostram-nos que, — na siderurgia, ainda em 1913, a produção brasileira iguala a produção norte americana em 1820, isto é, aproximámos de 20.000 toneladas anuais, que é a nossa produção atual de ferro!...

Entre 1870 e 1900 a produção anual norte americana tornou-se sete vezes maior e revelou uma crescente concentração de progresso *na metade do seculo passado, sobretudo no seu ultimo quartel.*

Industrialmente, os Estados Unidos da América eram muito pouca cousa, antes de 1800; toda a sua formidável criação industrial pertence ao seculo passado e a base desse estonteante desenvolvimento foi o rapido progresso de sua indústria fabril, cujo reflexo na sua indústria carbonifera pôde ser medido pelos seguintes algarismos:

Anos	Toneladas de hulha extraída
1830 .....	500.000
1850 .....	7.000.000
1870 .....	29.000.000
1880 .....	63.822.830
1890 .....	142.000.000
1900 .....	243.000.000

“Seriam paralelas as curvas representativas do desenvolvimento das duas indústrias irmãs nos Estados Unidos: — a do carvão de pedra e a do ferro”.

Vivendo sempre de explorar barbaramente a sua Terra, sem ambiente industrial propicio, o Brasil, pobre de hulha, não podia ter na sua indústria siderurgica, — elemento básico de todas as outras indústrias que tem o ferro como elemento primordial, — o progresso que houve na América do Norte.

Estudando-se o progredir dos Estados Unidos da América, da Alemanha, da Inglaterra, da França, da Itália ou do Japão, verificamos que o progresso industrial dessas nações foi sempre função do desenvolvimento de suas fontes naturais de

energia, principalmente uma consequencia de sua produção de ferro, aço e carvão.

Em face dos algarismos enormes, dezenas de milhões em relação ao ferro, centenas de milhões, relativamente á hulha, — que traduzem as atividades industriais norte americanas, alemãs e inglesas, — as cifras que medem as dimensões de toda a atividade brasileira, — excetuando-se as que se referem ao café, — são relativamente pequenas ou desprezíveis, principalmente em matéria de produção do ferro e de carvão.

Para darmos uma idéa da importancia das indústrias do ferro e a do carvão, na economia universal transcrevemos os algarismos relativos ao ano de 1910, referentes á produção dos principais países, conforme dados que extraímos do “O Combustível na Economia Universal”. J. Pires do Rio. —

Países	Ferro, Tldas.	Hulha, Tldas.
E. Unidos da América	27.636.687	445.810.000
Alemanha . . . . .	14.793.325	221.980.000
Inglaterra . . . . .	10.380.312	264.500.000
França . . . . .	4.032.459	38.500.000
Austria . . . . .	2.010.000	38.000.000
Rússia . . . . .	2.740.000	24.570.000
Bélgica . . . . .	1.803.500	23.130.000
Canadá . . . . .	752.053	13.010.000
Suécia . . . . .	604.300	.....
Itália . . . . .	215.000	.....
Japão . . . . .	.....	14.790.000
China . . . . .	.....	14.590.000
Austrália . . . . .	.....	10.000.000
Outros países reunidos	525.000	34.430.000
<b>Produção mundial ...</b>	<b>65.680.250</b>	<b>1.143.380.000</b>

## OS TRES GRANDES

PRODUTORES ... 52.810.324      932.290.000

Traçam estes algarismos as linhas gerais da geografia industrial do ferro e do carvão.

Na Inglaterra, nos Estados Unidos da América e na Alemanha, a natureza reuniu as condições de um absoluto predomínio industrial do ferro e, conseqüentemente, das outras indústrias suas correlatas.

Este predomínio supremo na época em que o combustível mineral reinava e a energia motriz única utilisavel *economicamente* provinha do carvão fossil é relativo agora, quando a electricidade desempenha um papel formidavel no desenvolvimento industrial do mundo.

Esses tres países privilegiados pela sua riqueza geológica e pela evolução mundial em suas diretrizes económicas, politicas e sociais, dominavam em 1910, nas indústrias do ferro e da hulha, de tal maneira que, reunidos, produziam mais de 52 milhões de toneladas de ferro, aproximadamente 80% dos 65 milhões da produção do mundo.

Esses povos que dominam dessa maneira na siderurgia universal, produziram 932 milhões de toneladas de hulha, — nada menos de 81% dos 1.143 milhões de produção mundial.

★  
★   ★

Si mesmo com o auxilio da electricidade, não tiver o Brasil combustível para empreender em linhas modernas, uma grande indústria siderúrgi-

ca, o que temos e devemos fazer é importal-o, — seguindo o exemplo dos países ricos de minérios e pobres de combustivel mineral.

Importemos o combustivel que precisamos e ergámos no país a siderurgia, ou a grande metalurgia, — mesmo subvencionando-as, protegendo-as, intensificando-as, técnica, económica e eficientemente.

Ha mais de um século que o governo do Brasil tem a preocupação de estudar o problema do carvão nacional e ainda não o resolveu em beneficio da nacionalidade.

Todo o nosso atrazo geral, — consequencia do nosso atrazo industrial, — explica-se, em parte, pela ausencia de Hulha, — *económicamente exploravel*, em nosso território, pelas razões de nossa propria evolução politica, social e cultural.

Houvesse ambiente propicio, fator principal que sempre nos faltou, houvesse bom carvão de pédra, próximo ou economicamente transportavel para as regiões de minérios, como existe na Alemanha, na Grã-Bretanha, na Bélgica, nos Estados Unidos da América e já teriamos no Brasil, — si os fatores politicos tambem não nos tivessem prejudicado, — uma industria metalurgica prospera e possante.

★  
★ · ★

Que não são apenas os elementos minério e carvão os motivos da industrialisação de um país o sabemos e, apesar de existir carvão e minério de ferro no norte da China, — e em outras nações

coloniais, — esses elementos de cuja fuzão íntima resultou todo o progresso moderno, lá não são utilizados, — e, mesmo nas regiões aonde o inverno é rigoroso, os chins não utilizam o carvão mineral para aquecimento... e para esse fim servem-se da lenha, como servem-se da madeira para todos os seus instrumentos de trabalho, — só empregando o ferro em proporções mínimas, devido o seu relativo alto preço.

Assim, além dos fatores minério e combustível, si um povo não possuir iniciativa, capacidade de organização, capitais, técnica e vontade de reagir em todo o terreno e por todos os meios e modos para se tornar uma Potencia Industrial de primeira grandeza e não tiver um conceito exáto do papel que representa a indústria fabril na civilização moderna, não utilizará os elementos básicos da grande indústria metalúrgica em seu proveito.

Exemplificando como mesmo possuindo minérios e combustíveis, si um país viver tutelado por outro pode não lhe ser permitido incrementar o seu desenvolvimento industrial, além do exemplo clássico da Irlanda, temos o que se passa no México.

Possuidor de todos os elementos básicos para se tornar uma grande nação industrial e de intensa projeção no Universo, entretanto, graças ao ouro e á politica compressora e imperialista dos Estados Unidos, os mexicanos vivem do regimen agrário, explorando uma terra por processos rotineiros e barbaros, — cuja área cultivavel constitue apenas um terço do total do país, — e a arrancar os combustíveis e minérios do seu sólo para os vender aos povos industriais.



Várias causas teem nos impedido emparelhar-mos em civilização material e em progresso com os Estados Unidos da América.

Atribuem-nas ao fato de os primeiros colónos norte americanos provirem de uma estirpe melhor e mais culta, — sinão superior á dos que desbravaram o Brasil; — atribuem ao clima; — á proximidade geográfica, á religião; á educação popular amplamente difusa; á lingua; aos hábitos dos primeiros colonisadores; — isto é, vão buscar no fator homem no fator terra, no fator geológico, ou no fator politico, geográfico ou social a justificativa da tese que pretendem defender.

Assim, enquanto uns foram descobrir essas causas na psicologia das raças, outros atribuem-nas só ao fator politico, ao clima ou á fertilidade do sólo e ás riquezas do sub-sólo. Entretanto, é no conjunto e não só no fatôr terra, homem, clima ou num só fatôr e causa isoladamente, mas em todos esses fatores ponderaveis, mas não insuperaveis, que devemos ir procurar os motivos que nos teem impedido progredir tão rapidamente como os norte americanos.

E' em nosso proprio evoluir historico, dadas as condições economicas, geograficas, geologicas, demograficas, sociais e politicas do Universo, que nos obrigam a permanecer longos anos como feitoria de exploração troncal, e que nos fazem permanecer ainda dominados pelos reis das finanças internacionais, aliados á falta de um ambiente menos rude e safaro para a nossa evolução eco-



nomica e industrial que devemos ir buscar os motivos da grande distancia em que nos colocou o confronto do progredir nacional com o dos Estados Unidos.

Seja qual fôr a causa, uma comparação entre o progresso a passo de gigante norte americano e o nosso andar a passo de cágado não nos é muito honroso.

Mal intencionados seríamos si deixassemos de reconhecer a tarefa árdua que os nossos antepassados suportaram para legar-nos essa vasta area que é o Brasil unido sob um só governo, falando uma só lingua, cultuando as mesmas tradições, uma só bandeira, louvando os mesmos symbolos patrios.

Cometeríamos um grande erro si deixassemos de admirar a epopéa das bandeiras no desbravamento de nossa Terra; seríamos impatriotas sinão venerassemos os nossos maiores pelo seu tino administrativo, objetivista, perspicaz e nacionalista que nos deu a nossa Patria grande em area, para ser ainda maior no futuro.

Rendamos homenagens aos nossos avoengos por terem feito de um punhado de homens componentes de 3 raças, — duas das menos civilizadas, úa Nação como o somos hoje de amplissima base fisica e de brilhante futuro em perspectiva.

Mas não deixemos de censurar ás gerações que nos precederam por terem descuidado dos problemas maximos do Brasil: — do problema de sua industrialisação, ou melhor, do nosso problema economico, do enriquecimento nacional.

Nação jovem, o Brasil progressista só tem a idade de um moço, ou seja a idade de seu sistema

de governo Republicano ou, si o quizeram, cento e poucos anos de independencia politica.

Tornamo-nos independentes 48 anos depois dos Estados Unidos se terem descartado da Inglaterra. Em mat6ria de crescimento de popula76o si n6o acompanhamos os Estados Unidos superamos todos os outros pa6ses colonizados pouco antes ou depois do nosso: — Africa do Sul, Australia, Canad6 e Nova Zeelandia.

Em 40 anos, de 1820 a 1860, si a popula76o dos Estados Unidos subira de 9.600.000 a 31.400.000 almas, em 48 anos, de 1872 a 1920, o Brasil passou de 10.112.061 a 30.635.605 almas.

Si o cafe, hoje, constitue, aproximadamente, 65% das nossas exporta76es, o algod6o tambem em 1860 perfazia 70% das exporta76es estadunidenses.

Somos o segundo pa6s do mundo na produ76o de tabaco e de cacau e nada impede de virmos ocupar a primazia.

Produzimos tanto arroz como a grande na76o da Am6rica do Norte e, na industria pecuaria, com a s6 exce76o do gado lan6gero, temos o quarto e o quinto lugar entre todos os pa6ses do mundo.

O valor dos nossos produtos agricolas, em 1925, subiu a cinco milh6es e o gado a dez milh6es de contos.

S6 na manufatura mecanica e de m6quinas em geral, na siderurgica, na fabrica76o de maquinismos electricos, no desenvolvimento dos estaleiros e da industria belica e nas fabricas de produtos quimicos 6 que estamos em uma distante retaguarda dos Estados Unidos; mas, mesmo assim, na manufatura j6 nos vamos completando e j6 produ-

zimos 100% das nossas necessidades em fósforos, calçados, conservas, chapéus, produtos lateos e mobílias; 95% em fumo, produtos textis, — que veem em seguida ao café em valor; 90% em vinhos; 85% em ferragens; 80% em sal, perfumes e varios artigos.

Si para muitos países e, para o mundo em geral, a guerra européa foi de funestas consequencias, ela serviu-nos, entretanto, para provar-nos que temos capacidade para nos emancipar da importação de grande numero de artigos manufacturados e é pena que os nossos dirigentes não se tenham esforçado para tornar a nossa incipiente indústria de manufacturas mais prospera e capaz de auto defesa.

Si o confronto do progredir do nosso país com o dos Estados Unidos da América não nos é favoravel, quanto ao nosso progredir material, de que o seu progresso industrial é face saliente, — consolemo-nos prevendo o que seremos no futuro, ou poderemos ser si orientarmos a nossa politica no sentido de tornarmo-nos um país industrial, lembrando que em 1850 os Estados Unidos produziam apenas 55% dos artigos manufacturados que consumiam.

Devido á posição geográfica do Brasil e á falta de tradição industrial dos elementos que o colonisaram inicialmente, é que os Estados Unidos da América, colocados em frente á Europa, perto della e recebendo desde o inicio da formação da nacionalidade colonos artifices, poude distanciar-se tanto de nós em progresso material.

Enquanto o Brasil está defronte d'África e longe da Europa, os Estados Unidos estão perto e em frente á Europa.

Enquanto o europeu chegando aos Estados Unidos encontra a planície franca e um clima igual ao de sua terra, o que vem ao Brasil, dá de testa com as cordilheiras e encontra um ambiente inteiramente diverso ao seu, necessitando adaptar-se ao mesmo, aclimatar culturas, estudar a terra, o sólo, e combater as enfermidades oriundas das próprias condições do clima e da relativamente constante e húmida temperatura ambiente.

Vencer essas cordilheiras, povoal-as, cortal-as de vias de comunicações é obra de tenacidade e de progresso e isto junto ao fato de não sermos um povo de passado industrial intenso explica porque temos trinta e dois mil quilómetros de estradas de ferro que nada são para um país tão amplo.

Compare-se o progresso material do Brasil, — mesmo com vários países da Europa, da Ásia e da América e, — si não tomarmos os de maior projeção, — que nos dariam um plano de comparação muito elevado, — e não seremos pessimistas e veremos que a nossa situação si não é o que poderia ser, — não é das piores.

Nenhuma nação nas condições físicas, geográficas e climáticas em que se encontra o Brasil, realizou obra que se compare á que os brasileiros já fizeram. E' pois, com justa razão que diz Gilberto Amado: "Corra-se o planisfério e procure-se á altura de Pernambuco, isto é, — no Congo, nas Índias Neolandesas ou em Nova Guiné alguma coisa igual pela cultura e pelo progresso, a Pernambuco; — á altura de São Paulo, isto é, no Sudoeste Africano, em Madagascar ou na Nova Caledónia, uma réplica siquer parecida de São Paulo.

Devemos sorrir á simplicidade dos comentadores europeus que proclamam a superioridade das raças a que pertencem sem se dar ao trabalho de as deslocarem do meio fisico riquissimo ou da comoda graduação dos paralelos onde se organisaram ao estímulo dos climas tónicos do norte europeu.

E' muito facil conjecturar, — de longe, — sobre o que poderá fazer na Amazónia a energia Anglo-Saxonia...

E' muito facil sonhar cidades florescentes e campos cultivados, surgidos de um dia para outro, — milagrosamente, — nos tórridos paludes em que o ser humano empapado no lodo voraginoso, teme a toda hora dissolver-se com a terra no infinito. A verdade é que, em condições naturais identicas ás que nos sujeitam; — com igualdade de recursos, de capital e de braços, principalmente, nenhum povo poderia fazer mais do que fizemos na Brasilia Terra e, principalmente, na Amazonia, — férvido lameirão abérto á civilisação pelos nossos audazes heroicos, incomparaveis e obscuros irmãos do nordeste.

Sí considero a gente brasileira capacissima, não sei comprazer-me no louvor declamatório, olvidando as suas falhas.

Não se me afigura verdadeiro amor á nossa gente e á nossa terra, exaltado contentamento, como aquêle em que vivem certas mães diante de seus filhos.

Amor verdadeiro existe para muitos que, por eles se inquietando, os perseguem com exigencias dos cuidados e, por mais belos e sádios e bem tra-

tados que pareçam, infatigáveis se obstinam ao querel-os mais belos e mais fortes.

Não obstante os fatores que teem impedido ao Brasil ser hoje mais prospero, de maior cultura e mais poderoso, nêles os sinais de progresso são patentes.

E' mesmo forçoso reconhecemos que, em certos aspetos, — ontem como hoje, a cultura brasileira superou á de outras nações, e que o nosso progresso não se pode o atribuir ao elemento estrangeiro, pois esse ainda hoje, — quasi que só vivendo nas capitais e nos centros de grande população como parasitas ou intermediários da produção, — representa apenas 5% do total da população do país.

Si bem que tenhamos, como outrora tiveram os anglo-americanos, a mania de atribuirmos o progresso do Brasil ao estrangeiro, — este é e será uma consequencia do proprio esforço brasileiro, — as mais das vezes tolhido por esse elemento que dizem ser o fator do progresso nacional, — como foi do esforço Ianqui que resultou o progresso vertiginoso dos Estados Unidos da América.

Do contraste inicial da politica anglo-americana e brasileira, temos o contraste atual entre as suas respectivas civilizações.

Toda a diferença de progresso entre o Brasil e os Estados Unidos da América, podemos definir como tendo ponto inicial na atividade a que se veem dedicando cada um desses países.

Enquanto os norte americanos seguindo o caminho industrial se tornavam o primeiro pòvo do mundo, nós explorando latifundiariamente a nossa

terra, com o braço escravo, evoluimos relativamente pouco.

E' por isso que, enquanto a economia mundial só precisava dos países da América como produtores de matérias primas, — Portugal fizera logo do Brasil sua colónia de povoamento, — e não uma colónia de exploração, — como fizera inicialmente a Inglaterra de suas colónias americanas, — pudemos prosperar mais do que elas, pois os nossos produtos: açúcar e madeiras, eram mais necessários do que outros na economia mundial da época.

Confrontando-se o nosso passado com o dos Estados Unidos, chegaremos a conclusões bem agradáveis, que enuviarão o pensamento de alguns que não levando em conta a pobreza natural do sólo pátrio, até ha pouco, incapaz de suprir ou substituir o carvão de pedra, com o qual entraram os norte americanos no novo regimen económico e da grande siderurgia, — só attribuem o progressó dos Estados Unidos á raça que o povoa.

O nosso país outróra chegou mesmo a ser mais civilisado e prospero do que os Estados Unidos da América e, si bem que a nossa formação economica, social e cultural fôra diversa, — moral e politicamente nós eramos, — pouco antes de 1889, — *sem a minima dúvida, o povo mais adeantado das tres Américas.*

Não é devaneio o dizermos que o nosso país fôra mais prospero que os Estados Unidos, — cêdo no inicio de sua evolução. Nem ao menos nos referimos ao periodo cheio de esplendôr de nossa historia: — das minas gerais e dos diamantes.

Antes da éra do carvão, do ferro e da electricidade, os Estados Unidos da América, perante a

economia universal, só valiam pelo algodão que produziam; — eram considerados, mesmo quanto a realidades positivas mais pobres que o Brasil e, cientes dessa sua pobreza é que os seus primeiros colonisadores, — os austeros e verdadeiros puritanos, — pobres mas altivos, — no século XVII escrevem a Carlos 2.º, rei da Inglaterra, nestes termos: —

“Sêr governados por administradores de nossa escôlha, e pôr nossas proprias leis, é o privilegio fundamental de nossa “carta”.

Uma comissão que dá a quatro pessoas (uma das qua:is é nosso inimigo declarado), o poder de receber e resolver qualquer queixa e recursos, á sua discreção, submête-se ao poder arbitrário de estrangeiros, e acabará pela nossa inteira subversão.

Si se propoem gratificar algumas pessôas com pensões e honorários, o fim não será alcançado *por causa da pobreza do país*. Ainda que todas as rendas do Estado fossem somadas e em seguida dobradas e triplicadas, tudo seria insufficiente *para um só desses aristocratas*.

Para isso nada poderá fornecer o povo e será difficil *achar um outro* que possa suportar *neste país* um encargo consideravel, porque *nesta terra só se pôde subsistir por um trabalho rude e uma grande frugalidade*.

Deus sabe que a nossa maior ambição é passar *uma vida tranquila neste canto do mundo*. Não viemos *buscar fortuna no deserto*, e quem vier com esta esperanza será desiludido.”

\*

\* \* \*



Falando de nosso passado, em conjunto ao da América Latina, confrontando a sua evolução com a da América Inglesa, assim se exprimiu Oliveira Lima: —

“Comparativamente pode até dizer-se que a situação de cultura das Colónias Latino Americanas era no século XVIII superior, sob certos aspectos, á das colónias Anglo-Americanas, cuja expansão hoje maravilha o mundo.

Estudando-se a evolução da indústriã fabril nas Américas vê-se que não é a raça nem outro fator sinão o nosso descaso obrigatório pela industria siderurgica e pelas indústriãs manufactureiras que nos fez passar a bagageiro do progresso, no confronto com o brilhante caminho dos anglo-saxões na América do Norte.

Começamos já a perceber como a ausencia de uma indústriã fabril prospera e nacional traduz o estado de atrazo técnico das massas, a rotina na agricultura, a pobreza nacional e consequente desorganisação em todos os aspetos da vida brasileira.”

Vejamos mais, com a opinião de Oliveira Lima, qual era o grau de cultura de nossa classe dirigente na ocasião da independencia dos Estados Unidos, — que foi pouco antes da nossa. “Não se pode por em dúvida que por ocasião de rematar-se a existencia colónial na América, — nossa cultura era, *sinão mais sólida*, mais brilhante que a dos norte americanos; — mais aparatosa, sinão mais policiada nossa vida social; — mais ampla e desassomburada, sinão mais fecunda, — nossa expansão.”

E' que enquanto devido á pressão da Inglaterra ou por nosso desleixo só cuidavamos das belas letras, de fazer versos e divertimentos com polemicas esteris, — os anglo-saxões nas colónias da América desenvolviam-nas, dotavam-nas de riqueza material, — fazendo-as progredir em todos os aspectos da vida civilisada.

Os recursos naturais de nosso país são segura garantia de que não está longe o dia em que o Brasil se tornará um dos grandes centros industriais do mundo, — para o que utilizará a força hydraulica em abundancia em seu território e transformará toda a matéria prima nacional, — até então quasi toda exportada em estado bruto, — para beneficiamento nas usinas estrangeiras.

Não virá o nosso desenvolvimento industrial tardio e, ao contrario, representará antes o resultado de um trabalho continuado, metódico e bem comprehensivel, — si se atender que o Brasil preparou de acordo com as leis da sua evolução económica, o despertar de suas indústrias fabricis para depois que estivesse feita a exploração elementar dos seus recursos naturais.

Depois de ter sido país re-importador por largo tempo, — o nosso país, com os progressos que tem efetuado em vários ramos de sua actividade, já é alguma cousa mais do que um mero deposito de matéria bruta para as nações mais adeantadas; — utiliza a liberalidade de seu sólo fertilissimo, estabelecendo com segurança, a sua independencia economica.

Pouco a pouco as iniciativas se vão desenvolvendo e, desse modo, o progresso das indústrias

se vae realisando, para atingir, no momento atual, uma nova era de expansão económica e, podemos dizer que o Brasil torna-se industrial sem passar pelo estágio da agricultura técnica, e já é um país semi manufatureiro e o mais adiantado, — sinão o único país manufatureiro da América do Sul.

Fizemos um confronto entre o progresso brasileiro e o dos norte americanos, apenas para salientar que o nosso atraso é devido o nosso ambiente não ter favorecido á nossa evolução no campo industrial e, nem por um momento páira em nossa mente a idéa de que provimos de um povo inferior.

O legado de Portugal para nós é vastissimo. A lingua, a religião, o direito, a arte, a poésia, a litteratura e todas as manifestações espirituais que nos fazem participes da moderna cultura ou “supers-tição” ocidental.

Apenas razões várias, algumas naturais, outras artificiais, umas do acaso, outras oriundas da vontade do homem, — Portugal em seu curso histórico e em sua evolução, — como povo e nação, — não se orientou para se desenvolver industrialmente e, daí, como seus legitimos descendentes, é que viemos a ressentir em progresso, poderio e prosperidade, como ele se ressen-te hoje.

Um paralelo entre o progredir lento do Brasil e o progredir acelerado dos Estados Unidos da América mostra que este é devido ao maior ou menor grau de cultura e conhecimentos praticos e técnicos dessas nações, — quando não confrontamos os respectivos ambientes físicos e naturais.

Fazendo prosperar a sua industria de maquinas a ponto de só importar atualmente produtos

extrativos tropicais e materias primas que não são ainda susceptíveis de cultura economica nos países frios; — os americanos do norte tornaram-se, em produção, comércio, poderio e prosperidade o primeiro povo do mundo.

Devido á nossa propria evolução não nos era possível sermos hoje um povo de desenvolvimento industrial intenso, — como é o povo anglo americano.

A nossa formação foi diversa e, enquanto dilatavamos a área que hoje nos pertence, — por meios mais arduos, porque mais rudimentares, — elles dilatavam as suas treze colónias iniciais construindo caminhos de ferro no deserto e povoando-o; empregando o arado, e mesmo não raro as baionetas e os canhões, para consumir a conquista.

O desbravar o nosso país o cruzamento das raças que nele se vai operando e sua luta para classificação social, a utilização do solo pátrio e a adaptação das várias culturas á nossa terra, — é um problema que se prolonga até hoje e que os Estados Unidos da América não tiveram para impedir o seu assombroso progresso económico, agrícola e industrial.

“Nós, ao contrario dos Estados Unidos, — fizemos a nossa dilatação territorial como que por jactos, bruscamente, de um modo febril, intermitente, descontínua. Bandeiras sertanistas, explorações mineradoras, fundações pastoris e agrícolas, tudo é feito por movimentos descoordenados, independentes uns dos outros, salteadamente, ao léo dos impulsos individuais, tendo apenas como única razão de propulsão o interesse ou a cobiça dos poderosos chefes de clan. “Oliveira Vianna”.

Nós, nos apropriamos da terra que hoje constitue, — ainda mais geográfica que politicamente, — os Estados Unidos do Brasil, — e que nem toda já nos pertence, — com mais teatralidade, na ansia de dilatar a fé e enriquecer; — não a inundando tanto de sangue; — apropriamo-la pela força varonil de nossos antepassados, pela ambição, pela cobiça, pela fé e pela virilidade dos fortes e tenacidade másculo “dos individuos que teceram a epopéa bandeirante e civilisadora do “ hinterland” do Brasil; — a mais original, a mais empolgante e a mais bôla forma de expansão que nenhum outro pòvo registra; — porem a única que não podia permitir a expansão das industrias fabris nacionais, — principalmente a grande industria manufactureira, — si não em futuro remoto, que antevemos e queremos apressar para ainda contemplarmos o Brasil como potencia de primeira grandeza! . . .

Os Estados Unidos da América do Norte desenvolveram-se a passos de gigante porque cedo se tornaram industriais, — promoveram a criação de fabricas de toda a sôrte, industrias de todos os feittos: — da goma de mascar, das máquinhas fotograficas; dos films cinematograficos e das navalhas de barbear, até ás maiores fabricas de automoveis, de aço, de trilhos e de material elétrico que o mundo conhece! . . .

## CAUSAS DO PROGREDIR LENTO DO BRASIL

“Ha, de certo, muita cousa, na vida do Brasil, que não é satisfatória. Mas attribuir tais condições á composição racial do país ou á mistura de raças, é completamente errado.

Um estudo critico do desenvolvimento histórico do Brasil demonstra que tais males são consequencia de um emaranhado de fatores, — consequencia da sociedade escravagista.

A causa dos males não é a raça; — foi a escravidão.”

*Rudiger Bilden.*

E' doloroso para aqueles que se interessam pela grandeza do Brasil verificar a insignificante posição do nosso país na economia internacional moderna, resultado de nossa deficiente organização agrícola, comercial, industrial e, consequentemente, financeira e económica.

Historiando o nosso progresso, não me quis classificar entre aqueles que o fazem sem ponto de referencia, comparando apenas Algarismos de uma ou de outra epoca de nossa história, mas visei colher dados suficientes para mostrar a necessida-

de de pormos em execução leis sábias, objetivos seguros, visão esclarecida e sagacidade para que possámos fazer com que nos proximos 50 anos alcancemos o tempo que perdemos para o nosso progredir geral, não obstante termos nos fortalecido sob outros aspetos.

Quer seja quanto ao desenvolvimento dos meios de comunicação material e espiritual; estudando-se o desenvolvimento da concentração demográfica e aumento da população brasileira ou o crescer de nossa rede telegráfica, de nossas comunicações postais, do aumento de nossa rede ferroviaria, da área cultivada do país; do crescer de nossas rodovias; de nossa produção de café, de açúcar, de cacau, de algodão; do movimento de navios nos portos nacionais; — em todas as fases da vida e em todas as atividades brasileiras, — em toda a nossa existência nacional, veremos que sempre aqui houve progresso: — durante o Brasil colônia, durante o Brasil Imperio, durante a Republica.

Referindo-nos a 1808, quando deixavamos de ser colônia para nos tornarmos Reino Unido, podemos evidenciar esse progresso assinalando que em 1810 todas as alfandegas do Brasil haviam rendido 1.618:000\$000, e que em 1812, somente as alfandegas do Rio da Baía e do Recife renderam . . . . . 2.317:000\$000, soma esta que nada representa em face do movimento de nossas alfandegas na atualidade.

Houve sempre progresso durante o segundo Imperio e em toda a vida nacional sempre houve aumento valioso das energias económicas do país.

Apenas sob o manto imperial de Pedro II, — como em toda a vida nacional, — esse aumento

não foi o que devia ter sido e, não está de acordo com a amplitude de nossa base física, com os recursos naturais do país e com o crescimento de nossa população que, de 10.112.061 indivíduos em 1872, atingira 30.635.000, em 1920.

O confronto de nossa evolução com a do Canadá, da Argentina, da África do Sul, de Cuba e da Australia: — e o estudo do desenvolvimento agrícola, industrial, ferroviário, social e economico desses países não nos é de modo algum favoravel.

Aliás, esse progredir lento do Brasil já o registrara Carvalho Moura, em 1885, quando nos diz em seu “Ensaio Economico” que. — em um periodo de 38 anos, — 1864-1882, — não pudemos nem ao menos aumentar a nossa exportação na razão de 85%, ao passo que a nossa população subira a 125%, — segundo os calculos mais provaveis, e as exigencias financeiras do Estado se elevaram á razão de 514, 99% no mesmo periodo.

País de maior população e de maior comércio internacional na América do Sul, durante a maior parte do fim do século passado, não conseguimos acompanhar o ritmo médio do comércio internacional. Assim é que a população do mundo *triplicou* no século XIX e o comércio internacional *vin-tuplicou*, sendo, portanto, de 1:7 o crescimento do comércio em relação á população.

No Brasil no periodo considerado a população *decuplicou* e o comércio internacional viu-se apenas multiplicado por 30; a relação para os habitantes cresceu apenas na relação de 1:3, menos da metade da média que representa o crescimento para o mundo, em conjunto.



Com o despontar da serie de potencias económicas dos últimos setenta anos, com a agudeza que vai tomando a luta comercial, e para que não se agrave essa situação, não é mais possível ao Brasil permanecer sem uma politica comercial e industrial definida e objetiva.

Mesmo no Governo Republicano o progredir do Brasil não tem sido tão intenso como o de outras Nações, e as cifras referentes á atividade nacional, confrontadas em várias épocas, com o que fizeram outros povos, não nos são muito lisongei-ras.

Por exemplo: — referindo-nos ás nossas exportações de cereais, "... ha dez anos que, em saltos alternados, a nossa produção se mantem, em média, no mesmo nivel, sendo a 1930, quasi a mesma de 1920."

Ainda, si computarmos as nossas estatísticas, veremos que produzimos em 1929 e 1930 as mesmas quantidades de cacáu, milho, tabaco, couros, e peles de 1920.

Para melhor ilustrar o estacionamento de nosso comércio internacional damos o seguinte quadro:

**“COMÉRCIO INTERNACIONAL DO BRASIL NOS  
ULTIMOS 15 ANOS”**

	Exportação	Importação	Total	Saldo Em Libras
1927	88.689.000	-79.641.000	168.330.000	9.048.000
1926	94.254.315	79.875.825	174.130.140	14.378.490
1925	102.875.387	84.443.168	187.318.555	18.432.219
1924	95.103.020	68.336.622	163.439.642	26.766.398
1923	75.183.948	50.543.046	123.726.994	22.640.902
1922	68.577.610	48.640.937	117.218.547	19.936.673
1921	58.586.898	60.468.156	119.055.054	1.881.258
1920	107.521.052	125.004.856	232.525.908	17.483.804
1919	130.085.438	78.177.235	208.262.673	51.908.203
1918	67.167.975	52.876.883	113.984.858	8.351.092
1917	63.031.161	49.509.646	107.540.807	18.523.515
1916	56.462.103	40.369.436	96.831.539	16.092.667
1915	53.950.944	30.088.391	84.039.335	23.862.553
1914	46.803.000	35.473.000	82.276.000	11.330.000
1913	55.451.136	67.166.360	132.617.496	1.715.224

Assim, enquanto praticamente permanecemos estacionários em nossas exportações, pois o pequeno aumento em valor e maior aumento em volume de nossas exportações se explica pelas novas classes de mercadorias que tem aparecido, tais como: o babassú, as carnes conservadas e resfriadas, as bananas e as laranjas, cujo comércio se apresenta auspicioso, o índice de crescimento de nosso comércio internacional, notadamente dos artigos que mais pesam em nosso intercâmbio com o exterior, na realidade, não está em proporção ao crescimento de população do país.

Enquanto permanece esse comércio estacionário, a população do país aumentou de aproximadamente 22.000.000 de habitantes que eram em 1913 para cerca de 38.000.000 em 1938, ou seja um crescimento de cerca de 180% em 15 anos. Enquanto isto as necessidades financeiras do Estado subiram a 2.088.933:223\$000 em 1928 e, nesse periodo o valor do papel mil reis decrescera de 16 pence por mil reis em 1913 a 53/4 em 1927; a circulação subira de 601.488 contos em 1913 para 3.004.864 contos de réis em 1927; a divida Federal passou de . . . . . 103.772.780 em 1913 para 154.674.577 em 1927.

Realmente o Brasil em matéria de comércio externo está abaixo de outras jovens nações do mundo.

★  
★   ★

Façamos a comparação do crescer do comércio externo do Brasil e da Argentina:

Anos	ARGENTINA	BRASIL
	Valor da exportação em dolares ouro.	Valor da exportação em dolares ouro.
1885 .....	80.000.000	95.000.000
1890 .....	100.000.000	170.000.000
1900 .....	150.000.000	150.000.000
1905 .....	300.000.000	220.000.000
1910 .....	370.000.000	300.000.000
1919-1920 .....	1.000.000.000	450.000.000
1933 .....	475.000.000	174.000.000

(Do Statemans Year Book)

Não é preciso reduzir essas cifras a índices para se notar que o progresso argentino tem sido muito mais vertiginoso do que o nosso.

Muitas outras nações, tão novas como o Brasil e, mais do que ele muito menos importantes, — quér em superficie, quér em população e riquezas naturais, caminharam mais depressa, mais sábia e previdentemente. E' o que nos demonstra o seguinte confronto entre as tres grandes republicas: Brasil, Argentina e Estados Unidos:

# QUADRO COMPARATIVO ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO DO BRASIL, ARGENTINA E ESTADOS UNIDOS

(Dados principais tirados do "The World" -

Edição de 1928).

1926	Brasil	Argentina (1)	Est. Unidos (2)
a) Produção industrial .....	4.000.000:000\$	4.700.000:000\$	546.000.000:000\$
b) Produção agrícola .....	8.100.000:000\$	5.700.000:000\$	101.500.000:000\$
c) Produção total a-b. ....	12.100.000:000\$	10.400.000:000\$	647.000.000:000\$
d) Exportação .....	3.800.000:000\$	6.650.000:000\$	39.900.000:000\$
e) Importação .....	3.200.000:000\$	6.900.000:000\$	37.500.000:000\$
f) Balanço .....	600.000:000\$	250.000:000\$	2.400.000:000\$
g) Consumo interno c-f. ....	11.500.000:000\$	10.650.000:000\$	645.100.000:000\$
h) Receita fiscal arrecadada .....	1.650.000:000\$	2.360.000:000\$	33.300.000:000\$
i) População .....	37.000.000	10.350.000	117.000.000
j) Consumo per capita f-i. ....	310\$000	1:020\$000	5:500\$000
k) Arrecadação fiscal per capita h-i. ....	45\$000	228\$000	285\$000
l) Consumo relativo per capita .....	100%	332%	1.774%
m) Arrecadação .....	100%	506%	636%
n) Arrecadação em relação ao consumo ....	100%	151,7%	34,5%
o) Produção per capita c-i. ....	327\$000	1:005\$000	5:434\$000
p) Arrecadação em relação á capacidade de consumo per capita de cada país k-j.	14,5%	22%	5%
q) Arrecadação em relação á produção per capita de cada país k-o. ....	13,7%	22,7%	5%
r) Produção em relação á capacidade de consumo de cada país o-j .....	105,5%	97,5%	100,0%

(1) Dados principais tirados do almanaque "The World", 1928 e do Boletim n.º 211 da Direc-toria Geral de Estatística da república Argentina. Valores convertidos ao cambio de 8\$400 por dolar ou peso ouro.

(2) Dados retirados do Almanaque "The World". Valores convertidos ao cambio de 8\$400 por dolar.

Esses dados, além de mostrarem a insignifi-cancia do que representa o Brasil num confronto com os principais países americanos, põem em relevo a distancia astronómica que separa um país agricola de outro industrial. Ainda, clareiam o entender-se porque aqui o homem luta pelo des-bravamento e para viver, pois em realidade temos a desventura de possuir um país pauperrimo.

Tivessemos encarado serenamente a realidade brasileira, sem um patriotismo histérico e sem a retórica fôfa, teriamos visto a situação angustiosa do país e procurado orientar noutros rumos as di-retrizes do progredir nacional.

Não nos tem faltado dados estatísticos de-monstrando a situação alarmante de inefficiencia, de incapacidade produtora, de submissão ao es-trangeiro, a que atingimos.

Nos dados do censo de 1920, por exemplo, mui-to teriamos que aprender sobre a situação do Bra-sil no mundo e, si tivéssemos, procedido a um estu-do estatístico do numero e da eficiencia energética da população brasileira; de seu valor e capacidade produtiva, veriamos quanto pesam no organismo nacional os improdutivos, os estropiados, as classes parasitárias, os inertes, os nulos, os vagabundos de toda sorte, os elementos nefastos e os enfermos de todo o feito, — moral e fisicamente.

Si compilando apenas as estatísticas dos brasileiros opilados e atacados de malária chegaram a afirmar ser o Brasil “um vasto hospital”, qual outro qualificativo nos não dariam si, ao numero desses doentes incluíssem o dos leprosos, cancerosos, prostitutas, jogadores profissionais, vadios e malandros em geral, — em numeros pavorosos existentes nessa infeliz terra!...

Diante dos numeros expressos no censo de .. 1920, pelo qual havia no país 21.444.561 individuos sem profissão definida, numa população de pouco mais de trinta milhões, — deduzindo-se o numero dos menores de 14 anos desse censo, isto é, ..... 12.631.579, tínhamos 8.812.982 individuos sem profissão ou em inatividade e, não estaremos muito distante da verdade si afirmamos que, dos nossos atuais 45.000.000 de habitantes não temos ..... 10.000.000 de individuos trabalhadores, são, equilibrados, instruidos, conscientes, produtivos, de profissão útil á sociedade e bem alimentados.

Aliás, outróra já éramos assim e diz-nos Oliveira Vianna á pagina 196 das “Populações Meridionais do Brasil”: “Nos tres séculos todos os documentos e testemunhas atestam a desocupação, a ociosidade e a vagabundagem do baixo povo rural. Pela carta régia de 22 de julho de 1766, os vadios são equiparados aos salteadores e sujeitos, — para os efeitos da repressão, — ás mesmas penas que estes: *tamanho a sua abundancia*.”

Nos principios do VI século ainda é enorme o numero deles.

Conforme Eschwege a proporção entre eles e a massa da população laboriosa é, por esse tempo, de *UM* trabalhador para *VINTE* ociosos.

Essa anormalidade perdura por todo o IV século. Em 1880 encontram-se por exemplo em Campos, região, aliás operosissima, sobre uma população livre de cerca de 56 mil habitantes, nada menos de 16 mil individuos sem occupação definida, ou sejam 32% da totalidade dos habitantes.' (Teixeira Mello - Campos dos Goitacazes, Revista Trimestral).

Os dados estatísticos referentes ao anno de 1882 são ainda mais expressivos. Em seis das maiores provincias do império, Rio de Janeiro, Minas, São Paulo, Pernambuco, Baía, Ceará, a relação entre a massa trabalhadora e os desoccupados de 13 a 45 annos é a seguinte:

Trabalhadores livres . . . .	1.434.170
Escravos de lavoura . . . . .	650.540
DESOCUPADOS . . . . .	2.822.583

ou sejam mais de 50% da massa da população.

(Dados colhidos pelo deputado Joaquim Godoy, — Revista da Administração, Rio).

Esses dados modernos, referentes apenas ao IV século, deixam entrever a espantosa desorganização da sociedade brasileira em toda a vida nacional, e deveriam servir-nos para orientação de nossa politica de trabalho, de amparo social e educação das populações nacionais, para delinear-mos uma politica de imigração, de povoamento, e de localização dos brasileiros no proprio Brasil.

Em face das cifras acima não é de se extranhar a razão porque, no volume do comércio internacional, na produção de riqueza, no progredir vertiginoso e em muitos outros aspectos da vida civili-



sada vamos ficando aquém do Canadá, da Austrália, da Argentina e mesmo da pequena republica de Cuba!...



Confrontando o nosso passado com o presente, o que éramos e o que somos, em todos os aspétos da vida e da atividade nacional, em verdade temos progredido, — só esse progresso não tem acompanhado o ritmo do de outros países.

Sem sair de nosso proprio Continente, poderíamos observar que, em 20 anos, até 1915, a república Argentina, quintuplicou a sua exportação, — ela que pouco antes do nosso 15 de novembro exportava menos que a provincia de São Paulo, tem hoje um comércio internacional que *supera ou iguala* o de todos os outros países Sul Americanos reunidos!...

Enquanto isto, não organisámos a nossa agricultura, combatemos e arruinamos a nossa incipiente industria de manufacturas, não organisámos o crédito agrícola e industrial, não aumentamos devidamente a produção, não distribuimos racionalmente a circulação monetaria no país, não atraimos capitais, não cogitamos de crear riquezas, não produzimos nada sinão café que, não é dos melhores e mesmo nessa atividade cultivamos a "superprodução" de par com um estúpido deflacionismo fiduciario...

E' por isso que não temos nada. Nem crédito, nem ouro acumulado, nem agricultura, nem industria fabril e nem mesmo moeda para as minusculas transações internacionais que fazemos e,

enquanto os argentinos fazem o seu intercambio em pesos ouro, nós fazemos o nosso em l.bras ou em dolars ou em francos, — para vergonha nossa, — porque o mil réis ouro não existe e não existe padrão brasileiro.

Porque então essa situação vexatória e esse progredir lento do Brasil?

Muitas são as razões: — Algumas vieram-nos com o sangue que recebemos da Metrópole, outras com os vícios que uma população adventícia e ambiciosa trouxe para estas plagas de todas as partes do mundo; outras devido á nossa formação como povo, á nossa escravidão económica cedo realisada em beneficio da Inglaterra, ao nosso clima, ao fator Terra, ou á riqueza ou á pobreza do País.

Mesmo a falta de coesão nacional, — desgraçadamente, — ainda tantas vezes manifesta com os surtos separatistas em algumas regiões, pesou fortemente impedindo o progredir e desenvolvimento mais rápido e desassombrado do País.

Fôra essa ausencia de coesão nacional, dando origem aos regionalismos politicos e económicos em várias regiões brasileiras, um dos máximos fatores que impediram o país de progredir e prosperar mais.

Ainda, a instabilidade politica consequente a esse ambiente é que impediu, ou mesmo atrofiou, as iniciativas industriais que pretenderam surgir no País.

As lutas regionais que em todos os tempos infelicitaram o Brasil, creando um ambiente de turbulencia, impediram a industria fabril de surgir e crear-se um organismo financeiro sadio, enquanto os Estados Unidos da América se expandiam.

Os regionalismos políticos e económicos como toda a nossa evolução regista, teem sido fatôr ponderavel impedindo uma ação unica em prol do desenvolvimento agricola, pastoril ou industrial do Brasil. Mesmo hoje, com a borracha interessando só a Amazonia, o algodão até ha pouco mais ao Nordeste, o açúcar interessando mais a Pernambuco e a um municipio do estado do Rio de Janeiro; o cacau á Baía; o café a São Paulo e ao Sul de Minas; o manganes á Minas Gerais; o mate ao Paraná; a pecuária ao Rio Grande do Sul, tem sido difficil á União amparar e coordenar todos esses interesses regionais, não lhe sobrando dinheiro ou mesmo calma precisa para cuidar e estimular as atividades industriais e manufactureiras de todo o Brasil, fazendo-o progredir mais harmónica e desassombradamente e tornal-o economicamente mais forte.

O cuidar de braços para a lavoura cafeeira de São Paulo, esquecendo o Nordéste enquanto este se debatia flagelado e a morrer de fome, — com os sertanejos agricultores a emigrar desordenadamente e sem assistencia económica e social para a Amazonia inhospita, — é um exemplo triste de como temos só encarado REGIONALMENTE os problemas brasileiros, principalmente, quando os agricultores culpam a industria fabril como causa de sua ruina.

\*  
\*   \*  
\*

E' que todos os interesses regionais divergentes entre si, das diversas regiões brasileiras teem impedido um progredir industrial mais rápido do Brasil, no seu todo, consolidando a sua união e coesão.

Não houve passado comum entre as partes do Brasil. A chamada História do Brasil é uma reunião de capítulos heterogeneos, referentes á História de cada um dos grupos sociais no territorio brasileiro.

Com a descoberta e povoamento do Brasil pelos ibéricos, esse povoamento se fez, a principio, ao longo do litoral, que era arranhado, como pôr caranguejos, na expressão de Frei Vicente do Salvador...

“Nucleos humanos se insularam na vastidão do litoral da posseção lusa. Não havia continuidade de povoamento e as comunicações entre esses grupos isolados, só se fazia com grande precaridade por mar e difficilmente por terra.”

Esses grupos humanos se iam evoluindo pelas paginas da História, com eventos completamente extranhos uns aos outros. Cada um dos grupos humanos, isolados na posseção portugueza, foi tendo a sua História, com as suas epopeias, os seus sofrimentos, as suas convulsões, os seus herois, os seus super-homens, os seus idolos, etc. Os portuguezes sabiamente haviam erigido um sistema de governança, que impediu a ligação entre essas partes. Daí o regimen das Capitánias.

\*  
\*   \*

Assim sendo, cada uma das capitánias brasileiras foi tendo a sua historia á parte. “A conquista do vale amazónico, é um fáto absolutamente extranho ao resto do país, que chega mesmo a ignorar como ella se procedeu.

Os eventos maranhenses, como a revolta de Bekman, a ação do Padre Vieira, etc., são cousas completamente desarticuladas do resto do país e chegam a ser tão exquisitas ao sulino, por exemplo, como as campanhas de libertação de Sucre ou de Bolívar, ou ainda de O' Higgins, ou de Belgrano, são aos Maranhenses.

A conquista do nordeste e seu consequente povoamento é ainda uma pagina do passado, que não enternece os elementos deste país, cujos antepassados não foram parte. Nas guerras holandesas, só por exceção e espaçadamente comungaram nelas as expedições do Sul, que iam em auxilio aos baianos e aos pernambucanos. Henrique Dias, Camarão, Vidal de Negreiros, Souza d'Eça, Barreto de Menezes, Barbalho, Cavalcanti, Francisco de Moura e outros não logram com seus feitos arrebatam o entusiasmo do fluminense ou do paulista, que são surdos a essas vozes que tanta bravura e tanto estoicismo evocam aos pernambucanos e aos baianos.

Caramurú, Tomé de Souza e muitos outros heróis baianos, também não ressoam bronzadamente na evocação do passado, levada a efeito por outros habitantes deste país. Muitissimo mais do que eles, são Salvador Corrêia, Estácio de Sá, Ararigóia, para o Carioca, ou Tibiriçá, João Ramalho, Raposo Tavares, Fernão Dias, Amador Bueno, para o paulista.

Nomes como dos padres Miguelinho, Roma, Frei Caneca, Pais de Andrade, Vieira de Melo, e outros são extranhos no Sul; — como Feijó, Brigadeiro Tobias, Bento Gonçalves, Canabarro, são exóticos no norte, etc.

Assim, o crescimento independente de cada uma das partes do Brasil fomentava um regionalismo, impedindo uma ação conjunta e um vibrar harmonicamente do todo Nacional. Só a guerra do Paraguai e as campanhas do Império é que servem de elo a um passado de glória comum. Mas, ainda, pior foi para o desenvolvimento e coesão do Brasil as atividades que se foram desenvolvendo em cada região: na Amazônia, os seus povoadores ainda são, em maioria, constituídos de povos caçadores, ou de povos que ainda estão mergulhados em todo o primitivismo da extração. Aí não ha agricultura organizada, e nem sequer um pastoreio se esboçou impedido pela conformação do terreno.

No Nordéste, ao lado de um pastoreio *sui generis*, ha uma primitiva agricultura, que só agora se aperfeiçoa produzindo o algodão. Essa agricultura se eleva e se intensifica em Pernambuco com a cana de açúcar.

Em Minas, São Paulo e Rio, já os costumes são mais civilizados. Aí já existem centros industriais e focos de centralização urbana, e a propria agricultura que constitue o ramo de atividade humana a mais importante, já busca na máquina uma intensificação mais apreciavel. E' aí o centro de maior civilização do país, e a diversidade de costumes tem de ser relativa a isso.

No Rio Grande do Sul é o pastoreio que obriga outros costumes, por sua vez diferentes, dos anteriormente mencionados. E' obvio penetrar em detalhes a esse respeito, a consciencia de todos clama essa diferença palpavel."

Vide Alfredo Ellis Jr. em "Confederação ou Separação".

A irregular e má localização demográfica da população brasileira, consequente a maior ou menor facilidade de vida em cada região, bem como as causas e consequências desse povoamento irregular do país precisam ser corrigidas, condensando a população esparramada no interior em núcleos de relativa densidade demográfica, cogitando-se de resolver o abastecimento e o tipo de atividades a que cada agrupamento se deveria dedicar, bem como não se permitir a formação de cidades á revelia de fatores económicos fortuitos e que podem ser passageiros é um problema que se impõe aos administradores do Brasil.

Tem sido demasiado lento o progredir brasileiro em confronto com o de outros povos porque, á semelhança de Portugal, que não evoluindo com a sua industria de construções navais, — á mingua de ferro e carvão no seu território, — fôra derrotado, — perdendo a supremacia nos mares em beneficio da Holanda e da Inglaterra —; nós, não acompanhando os fátos que se desenrolaram no século XIX permanecemos até ha pouco utilizando e tendo como força produtora e base economica, o escravo, — enquanto o século que passou foi o seculo do carvão, do ferro e da máquina de vapor, como a era presente é a era da electricidade, da hulha branca, do carvão liquido, do aço, do radio, do aluminio e do avião.

Distanciamos muito em civilização material e mesmo moral de outros povos, — sendo ambas correlatas, — porque as gerações que nos prece-

deram, tiveram dirigentes inaptos ao nosso meio; — ocupadíssimos com os gestos, com as modas, com a cultura de verniz que adquiriam apressada e imitativamente, e que constituía em regra a cultura dos brasileiros de outrora, — não viam e não apercebiam o que em 1840 já representava a indústria do ferro para a Inglaterra. — a base imprescindível a qualquer empreendimento industrial de um povo, — o alicerce de toda a grandeza do seculo que passa.

Sintetizou bem as causas do progredir lento do Brasil, o brilhante historiador patricio Pedro Calmon, em a “História da Civilização Brasileira”, quando disse:

“A’ América do Sul, chegaram retardados de muitos anos, os grandes melhoramentos tecnicos que o seculo XIX trouxera á vida moderna.

Esperamos trinta anos pela locomotiva, quarenta pelas fabricas de fiação, ainda mais pela navegação de vapor, pela iluminação de gaz, por um regimem bancário, pelas companhias de colonisação, pelo maquinário agricola, pela Industria que, em 1800, transformara a Inglaterra, — e em 1820 a Europa.

País de matérias primas, — o Brasil *contentava-se em exportar em bruto* o seu algodão, — o seu açúcar, as suas peles, o seu fumo, o seu café, — é importar as manufaturas inglêsas, francêsas e norte americanas.

Em 1808, propuzera debalde o negociante da Baía, — Francisco Inácio de Siqueira Nobre, instalar uma fabrica de fiação, com operarios que contrataria na Inglaterra. (Alegara o requerente ter pago direitos no valor de cem contos, durante oito



anos de “grosso trato”, e a sua experiencia do commercio inglés. Lembrava que até então era costume mandarem os negociantes da Baía debuchos, — com os desenhos ao gosto do povo, para serem estampados nas fabricas no Rato e em Torres Novas, — os dous estabelecimentos portuguezes que mais forneciam á praça).

A Inglaterra tinha de começo o virtual monopolio de nosso commercio graças ao tratado de 1810; — mas, com a exportação progressiva do algodão para as suas fabricas, a situação não foi particularmente danosa ao Brasil, — s'im a Portugal e aos concorrentes industriais dos ingleses. Isto, em . . . 1823. O equilibrio era satisfatório, então, porque ao interesse do comprador se juntava o do vendedor; accorriam ás nossas praças os negociantes ingleses, que preferiam ter aqui o seu escritório de corretagem, e os produtores achavam pronto consumo para a sua mercadoria, sem os riscos do embarque e as surpresas do cambio.

A' falta de bancos, reguladores da circulação, e donde melhor empregar o capital ganho, invertia-o o lavrador em escravos, e pelo numero destes, (300 e 400 para os engenhos, 80 e 100 para as fazendas sertanejas), — estimava a sua fortuna.

Mas essa rotina desafiava a ampla, a universal industrialisação, que por toda a parte substituia o homem pela maquina, restringindo gradualmente a capacidade aquisitiva dos povos entre si. Correu o inevitavel, com o lento trabalho de emancipação economica, que de 1844, — quando se exgotou o prazo do tratado de commercio que mantinhámos com a Inglaterra, a 1863, se assinala por uma série de incidentes diplomaticos com a Inglaterra.

Os monopolios são impopulares, e não ha, afinal, interesses mais divergentes que os da industria e da agricultura, — da manufatura de Manchester e da matéria prima brasileira.

Complicou-se o problema com a politica colonial britanica. A guerra ao tráfico negreiro tornou odiosa ás nossas populações a bandeira inglesa, o parlamento fez-se éco dos successivos attentados á propriedade particular brasileira cometidos pelos cruzeiros ingleses até dentro dos nossos portos, como no de Paranaguá, em 1850. A pressão da opinião pública exigiu uma attitude de reservas para com o poderoso império, e desse extremecimento de relações se aproveitaram as indústrias norte-americanas e francêsas.

A questão Christie, em 1862, a que se seguiu, por dous anos, a suspensão de relações diplomaticas entre o Brasil e a Inglaterra, — teve o merito de finalizar as pendencias que vinham do reinado de D. João VI, equiparando de vez aquella ás demais nações que conosco tratavam”.

Si em vez de terem os dirigentes do Imperio do Brasil procurado copiar os habitos, os discursos, os gestos, a palavra e mesmo a attitude dos parlamentares e as normas politicas da Grã-Bretanha, — tivéssemos em 1838, desviado a nossa attenção para o estado já florescente das indústrias inglesas, e estudado tudo que concorria a tornarmos a primeira entre as nações navais e mercantes, — outra seria a nossa situação como povo e como potencia mundial.

Si em vez de cogitarem de transladar á nossa Pátria as legislações e o mecanismo politico que os nossos homens do Império servilmente copiaram da Inglaterra, — como tambem o fizeram os idea-

listas de 1889, imitando a constituição norte-americana e os ideais anárquicos e revolucionários dos francêses, — tivessemos estudado o ambiente nacional, — em suas virtudes e falhas profundas e inquirido porque processo a poderosa Nação se levantara ao fastígio do poder marítimo e da prosperidade económica e industrial, — o nosso progredir teria sido, — moral e materialmente, — a passos de gigante, como o fôra o dos Estados Unidos; — a nossa evolução teria se apressado, a nossa riqueza e prosperidade se multiplicado.

Si assim o tivessemos feito, — teríamos intensificado o progresso nacional, vendo que na ciencia pratica e no engenho fabril os inglêses já estavam naquela idade preludiando os fecundos descobrimentos, que na segunda metade do século haviam de multiplicar a força produtora: — aquelas preciosas invenções que fizeram memoraveis os nomes de Hargreaves, de Harkwright, de Whitney e de Cartwright.

Ao censurarmos os estadistas do Império pelo desinteresse que manifestavam pelo progresso material do país, — base do conforto, do bem estar e tambem o ponto de partida indispensavel ao progresso moral; não nos esqueçamos que antes de existir um Brasil em perfeito estado de receber as grandes applicações do progresso moderno, foi necessário faze-lo, construi-lo como nação e arduamente prepara-lo para o futuro.

Apenas lamentamos que esse trabalho preliminar e preparatorio durasse tanto tempo e que não se lembrassem e não vissem a realidade de nosso problema politico, — ou mesmo que até hoje tenham desprezado as sábias e profundas pa-

lavras de Alberto Torres ao encerrar as realidades do Brasil:

“O Brasil, como algumas nações da América, tem de ser obra de sabedoria política; não é nação que floresça por si, como os Estados Unidos, qual ramo transplantado em novo terreno, trazendo a organização da estirpe originária.”

O grande problema do Brasil é o da organização de seus valores.

Deixando, como fizeram os estadistas do Império, que os nossos problemas se resolvessem com a ação do tempo, com a sua própria evolução, — naturalmente, o nosso desenvolvimento material naquela época, de maneira alguma poderia ter sido mais rápido do que foi.”

Diante dos fatos citados precisamos pesquisar, minuciosamente, os motivos do nosso progredir lento, para tirarmos conclusões que nos capacitem delinear uma política que seja o corretivo para um passado defeituoso, em confronto do progredir dos grandes povos modernos, e que nos capacite a fazer com que o Brasil possa emparelhar em civilização, grandeza e esplendor com as outras nações de cultura e vida mais intensa.

O problema brasileiro, o problema nacional que assume gravidade assustadora de alguns pares de anos para cá, si bem que um tanto político e social, é problema *essencialmente económico*.

Esse triplice aspeto é sem dúvida merecedor de um estudo de conjunto, mas é o aspeto económico aquele que prepondera, e para o qual devem convergir todas as atenções dos bons filhos dessa fração do Continente americano.

Fazendo um confronto entre o Brasil e o Japão, entre o Brasil e os Estados Unidos e entre o

Brasil e a Rússia Imperial, já notaram que: — “só a Rússia pode, entre os países civilisados, lembrar o “caso” brasileiro.”

O evoluir e o progredir lento da Rússia mostranos o pouco que pode obter num ambiente sem coesão, baldo de recursos, um formador de nacionalidades da fibra de Pedro, — o Grande.

O evoluir e progredir agigantado dos Estados Unidos da América presta a mostrar-nos de maneira solene a ação politica forjando uma nacionalidade num ambiente novo, tumultuário e rico.

E' esse o exemplo que deve servir de espelho ao Brasil, corriçadas que sejam as falhas proprias ao nosso ambiente rude e pobre.

O evoluir do povo japones interessa-nos de modo vivaz pelo acelerado com que pode um diretor de homens transformar num meio propicio unido as forças amorfas de uma sociedade num organismo de energias bem aparelhadas e dirigidas.

O Japão mostra o valor de um ambiente social na continuidade de uma ação politica bem dirigida. Em meio século realisou um “milagre” formidavel.

A Rússia ilustra a dificuldade com que mesmo um politico de genio, vê amorticida a sua ação social quando em contato com um ambiente rudemente sáfaro, rudemente imenso.”

Ora, no Brasil tivemos todas as dificuldades que tiveram os dirigentes da Rússia, do Japão e dos Estados Unidos, sem que tivessemos logrado possuir as vantagens que aceleraram os respetivos progressos daqueles povos.

Não tivemos, de fáto, politicos geniais como Pedro o Grande e Catarina da Rússia, — as facilidades do ambiente coeso do Japão, as energias es-

plendidas dos colonisadores ingleses, — cedo orientados, — SEM O PRAZER DO LUXO E DA RIQUEZA, no conquistar pelo trabalho as energias da terra bôa e larga.

Mesmos nos dias que correm, é flagrante a falta desses “gênios” políticos em nosso meio diante da má orientação que impera sobre as atividades e o esforço nacional; — é visível essa ausencia de estadistas na maneira pela qual se povoa o país, — sem orientação objetiva, sem nexos, sem visão política e social, procedendo-se a localização dos imigrantes e a concentração das populações nacionais em ambiente, — as mais das vezes improprios, — sinão nocivos aos interesses humanos, sociais e políticos da nacionalidade.

Esta falta de homens adestrados no manejo dos negocios do estado, tambem é ainda visível na politica empirica e absurda que ás mais das vezes segue o país em matéria de construções de vias de comunicações, — construindo rodovias paralelas ás ferrovias; descentralizando o tráfico em vez de crear polos de concentração e nucleos de vida que os alimentassem, — servindo logarejos e regiões agrestes de ferrovias e rodovias e vários outros meios de comunicações, quando outras regiões mais facilmente produtivas, jazem sem uma única siquer via de comunicação.

Essa ausencia de estadistas, — que não conseguiram nem ao menos tornar o Brasil um ótimo mercado para o Brasil, e que não conseguiram ver que a exportação não é matéria que deva ser taxada, impedindo-a de ir em demanda de mercados externos, essa falta, aliada á ausencia de técnicos, é manifesta ainda, quando vemos as estradas de ferro atravessando desertos ou terras ruins num

país onde o maximo esforço devia se fazer para poupar energia e fazer-se com que a nossa terra dê o *maximo* de *produção* com o *minimo* de *esforço*. Outrora já governados por um imperador oprimido pelo peso de uma tradição oriunda das velhas côrtes europêas, e pouco inclinado ao estudo dos fenomenos económicos, encarava com uma suspeita quasi pueril toda a forma de ação empreendedora e todos os homens preocupados com os problemas atinentes á creação da riqueza.



Mas, não attribuámos ao nosso ex-imperador, exclusivamente, a lentidão do nosso progresso material e os obstaculos que atormentaram a vida de todos os homens de empreendimentos do segundo Império.

E' que sempre fomos um povo agricola e foi sempre na terra que exercemos o nosso labutar. Ajunte-se a esse fator os caracteres ancestrais dos individuos que constituem a nossa população; os elementos naturais que dispomos: — sólo e clima, — posição geográfica, gráu relativo de riqueza geologica, os elementos que povoaram e ainda povoam a nossa terra, e veremos que era impossivel, — dadas as condições económicas do mundo, á maneira com que cedo ficamos sob a tutela economica de outros povos, um progresso mais rápido do Brasil, como impossivel era ser hoje o Brasil uma potencia industrial.

Para que, conhecendo-se o passado, possámos estudar o presente e prevêr o futuro e, para termos uma idéa precisa de como era constituído o Brasil

até o grande afluxo das correntes imigratórias que foram importadas ou se dirigiram para os Estados do Sul, a partir de 1888, vejamos o que nos dizem alguns cronistas sobre os elementos iniciais que povoavam a nossa terra em 1818, — dos quais surge este Brasil de hoje, habitado e povoado em maioria pelos seus descendentes.

Estudando-se como era constituído etnicamente o nosso pòvo, evidencia-se que o sangue nêgro e indigena corre profusamente nas veias dos brasileiros.



Na sociedade Colonial predominavam o africano e o mulato. Na actual se dividem as proporções entre o mulato e o branco de vários matizes de cor.

Analisando-se a população dos maiores centros do Brasil colónia sente-se ao vivo o predomínio do nêgro e do mulato na sociedade Colónial.

A Baía, por exemplo, possuía 80.000 almas, e só uma terça parte era de brancos e de negros: — o resto, compunha-se de negros e de mulatos.

“A cidade sob o sol radioso dos tropicos, era um horrivel monturo que devia empestar até o mar alto, como a Lisboa de Byron.

O aspeto do Rio não era melhor: — com cerca de 4.000 casas, tinha uma população de 60.000 almas e dela 40.000 eram negros.

Descrevendo o Rio de Janeiro de então, Lucock, viajante inglê, tinha a impressão de estar numa cidade da A'frica. A proporção de brancos



para gente de côr era de um para nove, avaliou Rango, — viajante alemão.

A impressão de Martius da população da Baía, — impressão que serve para se avaliar os elementos que constituíam o Brasil colonial, está descrita em seu livro: “Viagens” em o qual o sabio assim narra as festas e a procissão de Nosso Senhor do Bomfim em São Salvador:

Era uma mescla fantastica, a exhibição de todos os estados sociais e todas as raças. Confrarias das mais variadas cores, beneditinos, franciscanos, augustinhos, carmelitas descalços e calçados, frades mendicantes de Jerusalém, capuchinhos, freiras, rivalisando na magnificencia dos vestuários bandeiras e insignias: — tropas de linha portuguezas, de aspeto marcial, e pacatas milicias locais; — a gravidade e unção dos padres europeus, como que extasiados no esplendor da velha igreja romana, em meio do alcazena de negros meio pagãos e de trefegos mulatos. Espetáculo único, exclama o grande cientista, resumindo séculos e irrealisavel mesmo em Londres ou Paris, e em que se viam num desfilar de magica, representantes de todas as épocas, de todas as partes do mundo, de todos os sentimentos, a história inteira da evolução humana, nas suas mais altas ambições, nas suas lutas mais acirradas, nos pontos culminantes de suas paixões e de suas resistencias. Eabolição formidavel do cadinho, na qual se preparava a formação de um homem novo surgindo para os triunfos de seu destino, ou para uma desilusão e um desastre na realização de sua finalidade histórica e geográfica.

\*

\* \* \*

Quanto aos elementos que viviam em nossos centros mineradores era crásia a sua ignorância e, conforme disse o governador das Minas, — António Paes de Saúde, em 1693, referindo-se á impossibilidade das descobertas das minas pelos faisca-dores: . . . “Mal pode descobrir e entabolar minas quem não sabe o que elas são.”

Os sujeitos que até agora se haviam escolhido para estes descobrimentos não tinham ciência alguma delas, ou no dizer elegante de Paulo Prado, referindo-se aos bandeirantes: — “Heróis de uma heroicidade instintiva, faltava-lhes, no entanto, o pessoal e o aparelhamento técnico indispensavel aos descobrimentos das minas.”

Entretanto, o contrário se deu na Colónia do Cabo, na Austrália e na California que tambem co-nheceram a loucura das minas fabulosas. Lá, esta febre se extinguiu rapidamente, — como um incendio, para se transformar no industrialismo das minas e explorações comerciais. E por isso, durante dois séculos na existencia do Brasil Colónial, o sacrificio de vidas ou o esforço dos homens que *tinham sede de diamantes, vontade de ouro e cerebro inculto*, foi inutil e infrutifero. Apenas um ou em outro ponto, algum faisgador mais feliz enriquecia a custa do ouro da lavagem como no Jara-guá, em São Paulo.

Ainda em 1697, — 197 anos após o nosso desco-brimento, era a faina de enriquecer rapidamente que dominava a nossa população.

A fama das descobertas de 1698, das minas de Itaberaba, na bacia do Rio Dôce já se espalhara pôr todo o Brasil e para lá afluíam das cidades, vilas, reconcavos dos sertões, brancos, pardos, ne-gros e indios.

O proprio Governadôr do Rio, Artur de Sá e Menezes, abandonando posição e deveres, parte para as descobertas, associa-se aos mineiros e atira-se como um aventureiro a procura do precioso metal.

Faltou-nos sempre um ambiente propicio, sob todos os aspétos, para que a indústria fabril, a industria siderurgica, a industria dos metais ou de máquinas se desenvolvesse no Brasil e, é preciso desconhecer a importancia do ambiente em modelar o pensamento, a ação, a vida humana, para que sem forjarmos o nosso ambiente, sem amparar as nossas indústrias e o nosso trabalho nacional, queiramos que o Brasil venha a possuir indústria fabril de vulto.



Foi por falta de ambiente propicio que, apesar dos esforços dos politicos do Brasil Colónial e do Brasil Imperio, — dos “bastiões da nacionalidade” e dos forjadores da grandeza material, do robustecimento económico e do progresso material de nossa Pátria que a indústria manufatureira aqui não prosperou e se desenvolveu e, somente quando as condições economicas e politicas do Universo foram mudando nos foi possivel inicial-a quási em pleno regimen Republicano.

Com elementos ignorantes e supersticiosos, porque escolas públicas e meios de se adquirir instrução não havia no Brasil de antanho, com a classe dirigente só informada em assuntos livrescos, como poderíamos chegar aos dias de hoje si não em relativo atrazo em confronto com o progredir vertiginoso de outros povos?

Em virtude do conteúdo de sangue negro e indígena na maioria da população nacional, constitue para o Brasil, problema dos mais sérios e do qual os seus estadistas devem cuidar com carinho, a adaptação do brasileiro aos trabalhos de acôrdo com as suas tendencias inatas e raciais, em consonancia com os seus caracteristicos hereditários, sua cultura aperfeiçoada de geração em geração.

Si bem que o conceito de raça tenha sofrido modificações e interpretações diversas e muitos ha que repelem a distincção entre raças superiores e inferiores, — o que é verdade, principalmente applicando-se a expressão, a variedades dentro da mesma raça, — como latinos e germânicos, — entretanto esse conceito não pode ser negado comparativamente e em face da evolução histórica de varias raças e grupos de individuos, por exemplo de europeus e africanos. E' que a diferença de dotes acumulados, o ambiente social e moral, a falta de oportunidades, e mesmo a alimentação e hábitos de vida de uma raça prejudicou a sua evolução, comparativamente a outras.

“Ainda bem que os fenomenos fisiológicos já vão tendo a devida importancia nas mais sérias questões referentes ás raças e pouco a pouco a antropologia vai cuidando, como convem, de algo mais que medir crânios.”

No Brasil, por exemplo, a escravidão, mais que a mestiçagem, foi inquestionavelmente, moral, social e economicamente um atrazo para o pais e, quanto á mestiçagem, o maior mal que esta, seudo escrava, trouxe ao Pais, consistiu precisamente na desarmonia que gerou, — pode quasi dizer-se na incompatibilidade que creou entre os ideais grandiosos da raça branca e a pequenos dos anhelos

da grande massa mestiça que no territorio do Brasil se constituia pelo cruzamento, mais do que por fraqueza constitucional.

“Do ponto de vista intelectual, os mestiços não se mostram, em cousa alguma, inferiores aos brancos. — E’ verdade que eles não são tão profundos, embora sejam ás vezes brilhantes. Mas, ainda aí, é possível citar exemplos denunciando que é sobretudo uma questão de cultura orientada segundo qualidades que os povos latinos desprezam de modo particular.

Ainda, os ideais dos pioneiros da civilização no Brasil, não eram espontaneos, nem naturais á gente que os perfilhava e abraçava; eram tomados de emprestimo e convencionais; — e daí sua ineficácia nesse caso como meio de elevação social, moral e material dos individuos.

Em grande parte, o atrazo do Brasil provem, como já demonstramos, não da inferioridade das raças colonisadoras de que descendemos, e sim de não termos até hoje adaptado os elementos que constituem a nossa população aos trabalhos de acôrdo com as suas inclinações e aptidões, ao mesmo tempo que se lhes inculcia ensinamentos que melhor quadrassem aos interesses nacionais. E’ oportuno repetirmos aquí a opinião de um grande cientista norte americano: ...“Ha, de certo, muita coisa na vida do Brasil, que não é satisfatória, mas attribuir tais condições á *composição racial* do país ou á mistura das raças, é *completamente errado*. (Rudiger Bilden, professor da Columbia University e bom amigo do Brasil). Um estudo critico do desenvolvimento histórico do Brasil demonstra que tais males são consequencia de um emara-

nhado de fatores, — consequencia da sociedade escravagista. *A causa de seus males não é raça; — foi a escravidão.*”

Já é tempo, portanto, de acabarmos com os gritadores que nos atordoam, dizendo que os males da nação proveem da raça e da mestiçagem.” Vide Roquette Pinto. *Ensaio de Antropologia Brasileira.*

★  
★ ★

Ao nosso indigena e aos seus descendentes deveríamos procurar adaptal-os como vaqueiros, creadores, pescadores e não tentarmos fazel-os literatos, urbanistas ou doutores, como temos feito. Aos pretos e seus descendentes, tambem deviamos procurar incutir-lhes e desenvolver-lhes aptidões que lhes são inatas, alterando-as apenas em beneficios da civilisação. E, quanto aos descendentes dos portuguezes e de outras raças brancas aqui transplantadas poderíamos tel-os educado, instruido e preparado para terem implantado uma grande industria fabril em nosso país.

★  
★ ★

Confrontando-se o progredir material do Brasil com o dos Estados Unidos da América, podemos ver que o atrazo brasileiro é em grande parte devido não termos aditado a nossa raça ou os individuos de nossa população branca de origem ou cruzados, que povoam o país ao trabalho de acordo com as suas aptidões e tendencias.

O português, por exemplo, — valente trabalhador, comerciante por inclinação, desde que as cousas o permitam, — pelos antecedentes judaicos que lhe inundam o sangue, teve no ambiente brasileiro que mudar de officio e tornar-se criador ou agricultor, pois outrora, no Brasil dos latifúndios e das vastas regiões desabitadas, não havia lugar para atividade comercial outra que não fosse a “mascateação”.

A nossa história relata, por exemplo, que conforme a época e os preconceitos sociais dominantes, os característicos dos colonos advenas, eram modificados pelo meio físico, pela convivência, pela rusticidade do ambiente e pela alimentação.

Os portugueses, a raça mais civilizada da qual em maioria descendemos, — de povo comerciante e aventureiro, em o ambiente brasileiro passou a agricultor, a pastor, a minerador ou a pescador, conforme a região em que se localizou.

Mas, si o português transplantado, o indio e seus descendentes cruzados eram elementos sem cultura, sem instrução e sem tradição, e fatalmente incapazes de lançar os germens de um organismo industrial com probabilidades de progresso, — muito menos em nossos dias podiam realizar essa tarefa, as nossas populações centrais, — que não vivem como as litorâneas, — com os olhos fitos nos porões dos navios.

Os mestiços no Brasil e seus descendentes até ao jagunço, que constituem ainda dois terços da população brasileira, são tão incapazes á vida industrial como “para aprender a forma republicana ou a monárquica e constitucional, — porque estas lhe são abstrações inacessíveis.”



Povoados com uma população heterogenea e inculta, — em maioria, — como a população do nosso país antes da proclamação da Republica, não podiamos ter desenvolvido o Brasil a ponto de tornal-o uma grande nação maquinofatureira.

E' o que podemos deduzir desse forte relato de Euclides da Cunha:

“Vivendo 400 anos no litoral maritimo, em que palejam reflexos de vida civilisada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República.

Ascendemos de chôfre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem no âmago do nosso país, um terço da nossa gente.

Iludidos por uma civilização de emprestimo; respingando em faina cêga de copistas tudo o que de melhor orgânico existia nos códigos das outras nações, tornámos revolucionariamente mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patricios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa!



Desprezando o artezão, o obreiro, o comércio e outras profissões liberais e lucrativas, por classificial-as de plebéias, — como fizemos em todo o nosso passado — tendo como único elemento produtor o escravo, não viamos as razões que nos fa-



riam estacionar enquanto outros povos atingiriam grande escalada em seu progredir. Em grande parte o atrazo nacional é consequencia da falta de engenheiros, de mecanicos, de maquinistas, de ferreiros, de eletricitas, de artistas e artífices e de comerciantes brasileiros, — elementos esses a cuja atividade o nosso ambiente fora sempre hostil.

Como descendentes de portuguezes,—em maioria, — continuamos como êles a ser caluniados pelo anátoma de burros, — visto não darmos valor ás profissões realmente úteis e produtoras.

Por isso ainda não conseguimos adquirir em quantidade sufficiente nem mesmo os conhecimentos acumulados e já applicados pôr outros povos, principalmente, os que dizem respeito á engenharia, em suas várias ramificações, como base que é, hodiernamente, de todo o progresso material de um pòvo, e, de posse desses conhecimentos, fazermos o Brasil progredir a passos de gigante, como os Estados Unidos da América.

Enquanto formamos exércitos de bacharéis, de “doutores”, de funcionários, de individuos que em excesso são nocivos e parasitas sociais, não cuidamos de criar no país a classe dos profissionais verdadeiros. Daí resulta ser ainda hoje tremendo o analfabetismo de profissão dos brasilianos.

Sob certos aspetos era tão grande o atrazo do pòvo que descendemos que, sendo o comércio um dos assuntos singulares de extrema predileção do Marques de Pombal, o grande estadista que tentou livrar Portugal da tutela económica da Inglaterra: — incrementando a indústria fabril “que nunca fôra florente em Portugal”, — desenvolvendo-a fazendo votar leis sábias e ampliando a cultura técni-

ca dos portugueses, — teve necessidade de crear o famoso Instituto Comércial do Pôrto, para evitar que se continuassem a mandar buscar á Genova e á Veneza, — com pingues honorários, os guarda livros para as casas comércias, — os quais em Portugal não existiam em 1775, — sinão em escasso numero...

Como não temos aprendido dos demais povos várias das lições da história não decidimos até hoje seguir a trajetória de uma politica económica e industrial, — com a ação e o exemplo, — afim de nos libertarmos da tutela estrangeira. As razões do declínio de Portugal, já deveriam servir para norma de ação de nossa politica interna e externa, que esse declínio fôra devido ao fato de que a indústria fabril que nunca fôra amparada devidamente em Portugal, — maximé quando sofria a concorrência mercantil e marítima da Inglaterra e da Holanda, — chegára a decaír de tal feição que nos tempos das reformas Pombalinas, até dos mais humildes artefatos se proviam os portugêses nos mercados externos, — como hoje ainda fazemos, — importando mesmo artigos para a alimentação comum.

E' que em Portugal, então, como no Brasil ainda hoje, a agricultura avexada pelas absurdas e iniquas leis, pela irracional constituição da propriedade territorial, e pelo desleixo e ignorancia das classes agricolas, obrigava a Portugal a pedir aos extranhos, perenemente, que lhe enviassem em grande parte os cereais de que se nutria, — como nós hoje o fazemos, — pedindo trigo á Argentina e ao Canadá; frutas á America do Norte, ao Chile e á Nova Zeelandia; vinhos a Portugal; azeites á Italia, e França, etc...

O comércio que em tempos não remotos fizera de Portugal o grande empório, estava quasi todo concentrado nas mãos dos estrangeiros, como hoje é no Brasil.

O imenso território que portuguezes tinham avassalado em todo o Globo, — quando portuguezes e conquistador eram sinonimos, — deixaram-no governos indolentes desaproveitados para os lucros mercantis, como nós hoje deixamos inculta a imensidão do território brasileiro fora da orla litoranea.

O oiro e os diamantes do Brasil saldavam as prodigalidades realengas e a quieta ociosidade de Portugal que, recostado languidamente nos coxins onde em espirito e cõrpo dormitava, alongava os olhos cobiçosos para as terras auríferas que julgava inexharíveis e á semelhança dos seus morgados soberbos e preguiçosos, — *desdenhando o trabalho por servil, e a industria por plebéa*, esperava a náu dos quintos com ansiosa expectação, com que a plébe romana, faminta mas ativa, aguardava as navés onerárias carregadas de trigo estrangeiro.

Da lentidão com que estudamos e applicamos-nos aos assuntos económicos, técnicos e indústriais visando utilizar e valorisar nossa terra, provêm o nosso atrazo e o nosso lento progredir geral. E' doloroso que o espirito humano custe a aprender as lições da história. E' mesmo singular a levesa com que a imaginação e a intelligencia do homem repetem os mesmos erros, as mesmas eternas causas de seus males e sofrimentos, esquecendo e perdendo ensinamentos que lhes permitiram evital-os.

“Entre nós, a inadvertencia atinge a proporções descomedidas com o nosso desenvolvimento intelectual. Vivemos a cometer perpetuamente as

mesmas imprudencias e não só as repetimos como improvisamos outras iguais, absorvidos, a cada passo, por precauções alheias á realidade, exagerando pormenores, incidentes e aspéto superficiais da vida pública, ao passo que reincidem, reproduzem-se, multiplicam-se e avolumam-se, as causas de nossa decadencia”.

Tivessemos estudado para aprender as razões do declinio de Portugal no mundo, teríamos encontrado elementos para fazer do Brasil um verdadeiro Império. Já teríamos aprendido para não deixarmos de estimular o nosso desenvolvimento industrial que, — condições naturais, de Portugal: — pobreza de minérios e de combustíveis, fizeram em todos os tempos, dependerem os portuguezes, para obtenção de suas armas e dos seus instrumentos de trabalho, da siderurgia espanhola e inglesa. Essa dependencia, em vez de se reduzir, se avolumou neste século da metalúrgica e das maquinas.

Eis porque Portugal tendo precedido á Holanda e á Inglaterra nos mares, — abrindo caminho a grandeza britânica, — cedeu-lhes o seu posto para vir ocupar o último lugar no oceano, entre as nações europeas.

A Holanda e a Inglaterra, “profiteurs” do esforço portuguez, aproveitaram-se dos erros seculares dos portugueses. A Holanda enriquecendo-se com o elemento judaico, supersticiosamente expulso da Peninsula Ibérica.

A Inglaterra aproveitou a imprevisão de Portugal *que achava mais comodo gastar o ouro de suas colónias para pagar as importações, do que crear industrias que as dispensavão.*

Não exageramos ao disermos que a preguiça e imprevidencia de Portugal foi que enriquecera à Inglaterra. E' este o relato da História.

Em 1759, no incidente diplomático entre a Inglaterra e Portugal, assim se referia o Marquês de Pombal *em nota diplomática* transmitida ao ministro britânico: — “De ha 50 anos (desde o tratado de Methwen, em 1703) a Inglaterra sacou de Portugal passante de 1.500 milhões, — quantia enorme como a história não conhece exemplo de uma nação haver enriquecido outra com soma assim semelhante. O modo exercitado para adquirir estes tesouros ainda lhe tem sido de maior vantagem do que os proprios tesouros mesmos. *Pelas suas indústrias, a Inglaterra se apodéra de nossas minas: ela rouba* regularmente, todos os anos, o seu produto. Um mes após a chegada da frota do Brasil, dela não existe uma unica moeda de ouro em Portugal. A soma total foi para a Inglaterra e, contribue constantemente para enriquecer a sua riqueza, e a mór parte dos pagamentos do nosso Banco são feitos com o nosso ouro.”

Sirva-nos, pelo menos, a lição, si é que ainda queremos aprender, pois o descuido com que temos encarado o problema industrial brasileiro, é sintoma alarmante da incapacidade de nossos homens públicos de aprender na história como se fizeram grandes as grandes potencias de hoje: — pela industria fabril.

Por estupides, indolencia ou ignorancia, os Reis de Portugal deram aos ingleses a sua moeda de ouro, — todo o ouro do Brasil, — em troca do pão que os alimentava e do pano que os vestia.

Ora, estes gastaram-se ou desapareceram e a moeda de ouro ficou no cofre dos ingleses... Infe-

lizmente, como os portugueses de outróra, ainda não aprendemos que mais do que outra atividade a indústria maquinofatureira enriquece os povos, — dá-lhes prestígio, poderio, felicidade e grandeza.

Mas, diz-nos ainda Pombal: “Por uma estupidez que não tem exemplo na história da economia política universal, nós consentimos á Inglaterra o privilegio de nos vestir, e de nos proporcionar todos os objetos do nosso luxo, (até parece que estava pregando hoje para o Brasil) que não é inconsideravel.

Nós damos mantença a 500.000 artistas subditos do rei Jorge; uma parte esta da população que existe na Capital da Inglaterra á nossa custa.

São os camponios ingleses quem nos alimenta; em vez de nós os abastecermos de grãos como outróra, êles nos abastecem com os cereais hoje em dia.

Eles cultivam seus campos incultos, nós os nossos os deixemos em pousio.”

E dizer-se quasi que ainda incidimos nos mesmos erros dos portugueses da era Pombal na... Com o ouro acumulado ganho dos portugueses e espanhois, com leis protecionistas, com a técnica adquirida na indústria, e nas grandes organizações comerciais, o tempo consolidara o poderio industrial e a superioridade da Inglaterra nos mares.

Da incapacidade de comprehendermos cêdo a importancia da indústria maquinofatureira no progredir de um povo é que nos atrasamos em nosso progredir material, — quando nos confrontamos com o caminhar dos grandes povos modernos.

Por não termos uma industria siderurgica prospera é que, não obstante, em 1835 o parla-

mento nacional ter votado a construção de estradas de ferro que ligassem á Côrte São Paulo, Minas e Baía, esse sonho não começou a realizar-se sinão dezeseite anos mais tarde.

Como não tínhamos as facilidades industriais dos Estados Unidos é que em 1841, quando a America do Norte seguindo as pégadas da Inglaterra, já era um irradiante "emporion" industrial, — Cristiano Otoni, — professor da Academia de Marinha, em suas "Memorias", 1.<sup>a</sup> parte, pagina 76, confessava nunca ter visto, em func onamento, uma maquina de vapôr.

E' verdade que desde 1815 os senhores de engenho introduziram nas suas fabricas os maquinismos que tinham aumentado prodigiosamente a produção açucareira de Cuba, e em 1817, Felisberto Caldeira Brant fizera vir para a Baía uma barca de vapôr, que ainda em 1824 conduzira á Cachoeira D. Pedro I.

Mas, tanto nos atrazamos quanto as atividades industriais que o primeiro navio de vapor adquirido pelo governo Imperial do Brasil tivera de ser abandonado, — diz nas suas memorias o almirante Jaceguai, — porque morrendo-lhe o maquinista, não havia na Côrte quem pudesse succeder-lhe.

*Somente a partir* de 1847, no Rio, na Baía, em Pernambuco, surgiram as grandes industrias, — a mais poderosa das quais a da fundição da Ponta da Areia, ampliada por Irineu Evangelista de Souza, depois Visconde de Mauá.

E' que, para o início das industrias maquinofatureiras no Brasil era imprescindivel o amparo official a essas industrias. Bastou a adoção de uma pauta alfandegaria protetora, que surgiu no Minis-

terio Caravelas (1844) para surgirem as principais iniciativas.

*Sem esse favor aduaneiro a manufatura estrangeira, barata e excelente, cada vez mais abundante, eliminaria a nacional, forçosamente cara e mais grosseira.*

Durante o Imperio a formula vitoriosa que traduzia a atividade maxima do país então tinha sido a de Bernardo de Vasconcelos (1828) que satisfazia aos ingleses: — “Favor e opressão significam o mesmo em matéria de indústria”.

Mas, já em 1844, se entendia que o favor significava aparelhamento do país para a propria defesa, (com a indústria metalurgica) e a sua emancipação do produtor estrangeiro.

O problema industrial brasileiro cingia-se a essas condições economicas, que tanto lembravam os seculos XVII e XVIII; — a agricultura continuaria a ser a riqueza real e caracteristica.

Pedro Calmon, Historia da Civilização Brasileira, pagina 213.

Ningueni no Brasil então, com honrosas exceções dos que estavam acostumados a ver o que se passava na Europa sem a pompa da retórica, comprehendia que o seculo que passou, — o seculo XIX. — foi um seculo de fato novo: — o seculo do carvão, do aço e da maquina.

★

★ ★

Analizando o progresso de outros povos pela rama, não vimos nem mesmo que o caminhar vertiginoso norte americano fora motivado pela utilização do carvão, do petroleo e do aço em propor-



ções até então desconhecidas na historia. Foi dai que os Estados Unidos tornaram-se em tudo o primeiro país do mundo.

E' verdade que, dentre os nossos grandes estadistas que viram o problema brasileiro como realmente ele precisa ser encarado, tivemos um Manuel Alves Branco, ministro do Imperio, que tentou reagir, procurando tornar o Brasil uma potencia industrial.

Aplicando taxas aduaneiras elevadas aos artigos estrangeiros que encontrassem similares na nossa então rudimentar fabricação interna, o grande ministro preconisava então a extensão progressista daquelas quotas a todas as mercadorias manufaturadas, á medida que, segundo a nova orientação economica, pudessem ir sendo produzidas em nosso proprio territorio.

Para aqueles a quem for possivel modelar os destinos do Brasil, merecem profunda meditação as considerações nas quais Alves Branco apoiou a revolução economico-politica que deu inicio, e com a qual visava bem servir ao Brasil iniciando uma nova era no campo industrial.

“... Nenhuma nação, — dizia êle, deve fundar exclusivamente todas as suas esperanças na lavoura, na produção da materia bruta, nos mercados estrangeiros... ”

Um povo sem manufaturas fica sempre na dependencia dos outros povos e, por conseguinte, nem pode fazer transações vantajosas, nem avançar um só passo na carreira de sua riqueza.

A industria fabril interna de qualquér povo é o primeiro, o mais seguro e o mais abundante mercado de sua lavoura, — a lavoura interna de qualquér povo é o primeiro, mais seguro e mais abun-

dante mercado de suas industrias. E' de mister, com fé firme nos fatos que temos ante os olhos, marchamos em demanda da industria fabril em grande, por meio de uma tarifa annualmente aperfeiçoada e de mais a mais acomodada ao desenvolvimento do nosso país...

Não nos aterrem os juros dos capitais, (10 a 18% ao ano, enquanto na Inglaterra, na França e Estados Unidos são: — 2. 3 e 4% ao ano), nem os salarios tão elevados em nosso país. — defendidos por uma bem feita tarifa os capitais aparecerão; os juros e os salarios baixarão em tempo.

★

★ ★

Fazendo o estudo das causas do relativo progredir lento do Brasil, convem não nos esquecermos — afim de servir de ponto de referencia, dos antecedentes que a Historia de Portugal registra.

Sem aprofundarmos as causas da decadencia da Mãe Patria, podemos dizer que as principais foram: — “a falta de visão dos portuguezes, a politica de curto alcance, a ignorancia da aristocracia, o favoritismo aulico, a preterição das capacidades em favor dos chamados “homens praticos”, — pseudonimo de todos os incapazes de realizações que escapam aos olhos, a falta de nexo evolutivo, a falta de continuidade espiritual, o fanatismo religioso, a intolerancia dos sucessores de D. João II, — erros esses que ha muito os portuguezes vinham cometendo.

Essas faltas explicam, pelo lado intelectual, a queda de Portugal, ao passo que a escassés da população, — mesmo comparativamente á da Ingla-

terra, — para um vasto Imperio, a pobreza do sólo metropolitano e o abandono da industria manufactureira e de construções navais, — explicam pelo lado material, o fracasso de seu predomínio nos mares.

Tivessemos estudado melhor as razões do declínio de Portugal e já teríamos aprendido a importancia da industria maquinofatureira e do comércio para uma nação, — atividades essas com as quais cada povo independente e policiado podia praticar a sua primeira necessidade: — “trabalhar, produzir, comutar, resgatar-se quanto possivel da tutela económica e politica de extranhos, crear e multiplicar pelo efeito da propria atividade a maior soma de produtos naturais.

Demonstrando a lentidão do espirito humano aprender as lições da historia, já Eça de Queirós observara uma vez que, — enquanto as flanelas iam numa semana de Londres a Lisboa a importação de algumas idéas da Inglaterra não se fizera sinão depois de seculos”.

No Brasil as relações com a Patria inglesa, em muitos aspetos, foram de igual sorte exdruxulas. Importava-se, principalmente no Imperio, a attitude, o gesto, a cartola e sobrecasaca, o nome do orador e, o seu proprio discurso, — como tambem fazia Portugal, — que importava até o pão, — tornando-se um méro feudo inglês. Mas, ninguem via o que estava por detrás da legislação bancaria de Robert Peel, — com as reformas de 1883 e 1884, fazendo a grandeza financeira da nação maxima do seculo.

Não viamos a maquina de Watt melhorada e aplicada com os recursos facéis do carvão a todas

as industrias inglêsas, — fazendo a pujança da Inglaterra.

Cultivando a vaidade, a oratoria, — com honrosas excepções, de um reduzido numero de varões a quem devemos tudo o que fizeram por nossa Patria, e que se preocupavam seriamente com os elevados interesses da nacionalidade, em alvorecer, — ninguem mais via que a maquina de fiar de Hargreaves, o tear mecanico de Ark Wright, a locomotiva de Stephenson e o barco de Fulton, importado da norte america, estavam revolucionando o mundo, creando Imperios, escravizando povos...

Ninguem compreendia que a prosperidade da Inglaterra assentava num aparelhamento economico e industrial extraordinario, inedito, formidavel, colossal e, continha como base e tem até hoje, a pujante industria inglêsa.

★

★ ★

Tem razão Monteiro Lobato, quando inquirindo porque o contraste entre o progredir vertiginoso dos Estados Unidos e o andar a passos lentos do Brasil deu-nos esta resposta clara:

*“Porque nos Estados Unidos, (nação intensamente industrial) o homem adquiriu elevada eficiencia e no Brasil, (país agrario) a eficiencia do homem está pouco acima da do homem natural.”*

Em todo o nosso passado, só em 1844, o Brasil ia tentar vias inteiramente novas, no seu desenvolvimento economico e industrial.

Mas, posta em pratica essa nova orientação de nossa politica tivemos logo a pressão inglêsa contra todos os nossos esforços.

Lançada que fôra a nova tarifa, que amparava o desenvolvimento industrial do Brasil, as nossas relações com a Inglaterra, — que ontem como hoje nunca vira com bons olhos o progredir industrial brasileiro, — assumiam então um carater de franca hostilidade mutua.

Sob um ambiente de pressão externa e dadas as circumstancias de não havermos encontrado então o carvão mineral económico e industrialmente exploravel, nos limites de nosso território, não poudes se realizar para a nossa Pátr'a a transformação industrial e económica antevista por Alves Branco.

E' que sem o carvão fossil, — base essencial da grande metalurgia e fonte da poderosa força motriz que, pelo movimento lhe dera vida nas multiplas formas do maquinário moderno, — no Brasil não podia haver industria fabril apreciavel.

Assim, devido á inoportunidade das medidas sugeridas pelo Ministro Alves Branco, a única vez que se tentou proteger de fáto, a industria maquinofatureira no Brasil, antes de 1889, o plano fracassou.

Foi da incapacidade dos homens de governo do Brasil de apreciarem hoje devidamente a politica do ministro Alves Branco; da incapacidade de verem o ferro, o aço e os combustiveis como motivos do progredir e poderio nacionais no século que passou, e impulsionando o progredir do século actual, que o Brasil fôra se colocar em lugar secundario entre as grandes Nações.

Al' ás essa incapacidade para aprender o grande papel do carvão de pedra e das indústrias mecánicas decorrentes das suas applicações, na sociologia e em geral no mundo contemporaneo, não

foi aliás, um privilégio só dos homens que, em todos os tempos, governaram o Brasil. Não o viram também os portugueses e os espanhóis e, dela sofreram até bem pouco, estadistas, sociólogos e historiadores de todos os países. Foi dessa especial inadvertência que surgiu, na segunda metade do século XIX, com o fantasioso Conde de Gobineau, a doutrina da superioridade fundamental do homem europeu do norte sobre o homem do sul, que conduziu aos exageros de mensurações craneanas e vários outros índices somáticos dos antropologistas e etnólogos de gabinetes.

Da mesma origem é a perplexidade com a qual portugueses e espanhóis foram vendo o poder naval e o grande comércio marítimo abandonarem os seus portos preferindo os dos países norte europeus dando lugar ás vagas e profundas lamentações que se encontram em quasi toda a literatura ibérica, de caratér nacional e patriótico, dos fins do século passado.



O Brasil não sendo descoberto por acaso ao acaso o deixaram durante longos anos, — a Metropole ou os seus governos: aos coloniais — aos donatários, aos aventureiros de todos os matizes, aos bandeirantes: — caçadores de ouro ou preadores e escravizadores de indios; — aos “negreiros”, aos senhores de escravos ou aos jesuitas: — síntese da cubiça, do orgulho, da aventura, da fé, — dos males e virtudes da terra brasiliana!...

Não é de se extranhar, portanto, que tres séculos depois de descoberto o Brasil fosse lamentavel a sua situação.

“A Colónia ao in'ciar o século de sua independencia era um corpo amôrfo, de méra vida vegetativa, mantendo-se apenas pelos laços da lingua e do culto”.

E o que eramos, mesmo em 1889? — “Um ambiente social sem coesão, constituido de forças sem componentes definidas, um mundo social em formação: — um caos de insuficiencias acionado por um complexo veemente de componentes flácidas sem uma resultante categórica inicial”.

Ainda hoje, em maioria, somos constituidos por uma população sem nome, exausta pela verminose, pelo impaludismo e pela sífilis, tocando dois ou tres quilómetros quadrados a cada individuo, sem nenhum ou pouco apego ao sóio nutridor. Sômos um país pobre sem o auxilio humano, — explorado pelos financeiros internacionais, — arruinado pela exploração apressada, tumutuária e incompetente de suas riquezas naturais; — país sem industrias fabrís e de cultura agricola e pastoril *lim'tada e atrazada*: — constituido, em maioria, de povoadores mest'çados, ignorantes e iletrados que levam uma vida nomade ou parasitária, impropria a crear elementos que pudessem alimentar qualquer indústria de largas proporções que aqui pretendermos crear.

Diante as incertezas, os males e a escuridão do presente, avaliaremos a gravidade do momento passado, ha um século, ou mesmo ao proclamarmos a República, quando uma revolução pacifica mal encobriu a situação de crise organica creada com a emancipação do braço escravo, sem que houvesse, na generalidade do país, organização sufficiente de trabalho livre para dispensal-o.

Não nos iludamos. Encaremos face a face a verdade sombria que nos atormenta por mais que a queiramos evitar. Confessemos honestamente:

*“O Brasil é o símbolo concreto de todas as nossas riquezas em potencial para o futuro. Ele é, porém, também, o símbolo vivo de todas as nossas dificuldades, gravíssimas e temerosas do presente”.*

★  
★   ★

Ainda hoje, o Brasil é um país administrado empiricamente por “funcionários e “doutores” para benefício de “doutores” e funcionarios”.

Estes são que, por incapacidade, inação, ambição ou deshonestidade, fizeram o nosso país chegar aos dias de hoje como potencia secundária no mundo.

★  
★   ★

Do que representa a atual mentalidade brasileira, nesse século de comércio, de riquezas naturais com base de expansão imperialista, de industrialização, de poderio militar e de expansionismo, temos no conceito que ainda fazemos de um grande diplomata. Assim chamamos a todo o grande orador e, com exceção de Rio Branco, que não tinha o preconceito da retórica, e sim das forças armadas, do “encouraçado”, da parada militar, — tem sido esta a tradição seguida pelos nossos “chanceleres” com grande prejuízo para a nação.

★  
★   ★



A razão da incapacidade do Estado brasileiro, — tanto no Império como na República para tornar-se o órgão propulsor do progresso material do país, deriva em parte, da peculiar fisionomia social que sempre tem caracterizado os nossos políticos.

Nos outros países americanos a independência foi: — obra de homens locais vinculados ao sólo por interesses materiais, desprovidos de títulos de nobreza, inclinados pelas condições do ambiente social em que se moviam a encarar a formação da riqueza como objectivo principal do individuo e da coletividade.

As paixões políticas perturbaram, — sem dúvida, esse pensamento económico, cuja palpação é perceptível em todos os movimentos emancipadores das duas Américas; — mas hoje que uma certa ordem politica e social se consolidou, aquêle espirito afirmou-se traduzindo a sua atuação em resultados concretos.

No Brasil a mesma cousa teria acontecido, si a Independencia tivesse sido realisada no século XVIII, quando a opressão da Metropole portugueza, atrofiando as nossas atividades comerciais e sufocando selvagememente as indústrias nascentes, — iniciadas no periodo aureo da mineração, — procurou de Norte a Sul, — várias correntes emancipadoras, cujo último arranco foi a conspiração platónica dos Inconfidentes Mineiros.

Infelizmente, ao envés de nos libertarmos sob o impulso de defesa de nossos interesses materiais e pela ação decisiva e espontânea de nossas proprias forças vivas, — como aconteceu nos outros países americanos, — conquistamos a independência politica sob a égide de uma camarilha de áu-

licos que deram azas ao apetite previamente aguçado dos políticos expansionistas da Imperialista Inglaterra, que ansejava ter na América Portuguesa, pelo menos, mais uma colônia de exploração comercial, — e, manobravam um príncipe ambicioso e desequilibrado.

Assim, inauguramos a vida independente, formando logo uma classe de políticos profissionais, — homens cujos interesses económicos eram afeirar as vantagens que lhe pudessem advir da influencia na direção dos negócios do Estado.

Os representantes dos verdadeiros interesses do País; — ficavam mantidos na mesma situação de subordinação social e política em que se achavam no período colonial.

Ocorreu apenas, uma alteração nominal, — uma hierarquia das classes.

Os antigos funcionários da Metrópole foram substituídos pelos políticos profissionais do Império Nascente.

O predomínio dessa oligarquia de especialistas na manipulação do Estado tornou-se tão decisivo e tão absoluto — que a própria lavoura, — que pelas suas condições, não podia deixar de ser uma formidável força política, — nunca pôde defender com eficácia os seus interesses; — e a história da abolição demonstra como ela era impotente em face da supremacia da política profissional.

Foi essa política monopolizadora no Império e na República, — por uma classe formada de homens na sua maioria desligados dos interesses materiais da Nação, — que encarando os empreendimentos e a riqueza apenas como a fonte onde o fisco podia ir sugar os recursos de cuja abundancia

viviam os politicos profissionais, — que agravaram todos os nossos problemas referentes á creação da riqueza, retardando o progredir nacional.

Estudando-se a nossa história, — visualizando o futuro, com espirito pratico e positivo, — precisamos aceitar os fatos tais quais são na hora atual.

Do estudo do nosso passado devemos analisar e aprender das estatisticas como estabelecemos com objetivo seguro as nossas condições presentes e futuras. E, é certamente estudando-se toda a história de nossa evolução económica que podemos repetir a frase de Alberto Torres: — *nenhum povo tem tido hoje, vida mais descuidada do que o nosso*".

Não nos apercebemos a borrasca que se aproxima e a variedade de formas de Imperialismos que nos circundam.

Atualmente, sofremo-los de todos os fetios e, sob todos os aspetos imaginaveis.

Já imperam sobre nós o Deus Cristão, — que é o Deus do amor no coração dos apostolos do Cristianismo e o Deus espiritual do cerebro dos politicos; — o Deus milhão, o Deus ambição, o Deus da prepotencia, — tão venerado pelas nações ambiciosas e sedentas para se expandir.

Para evitarmos todos esses imperialismos, — os ainda multiformes e latentes, — porem sempre expansionistas e incubados no cerebro dos dirigentes de vários povos, que, — vendo frustados os modos de nos aniquilar "pacificamente", utilizarão de um meio muito a seu gosto: — adquirindo as nossas fontes de riqueza natural e material e creando no país uma ordem de coisas" em que as raças nativas não se podem manter, — atrofiam-

se e morrem, — nós temos forçosamente que imitar aos Estados Unidos da América, — assimilando, nacionalizando as boas qualidades dos anglo-americanos; instruindo física, moral e mentalmente as nossas massas; dando-lhe capacidade de trabalho; fomentando-lhe o hábito da economia e organizando-a.

Assim, forçosamente seremos um país grandioso e justos herdeiros das glórias de Portugal.

Assim, fatalmente, caminharemos mais depressa e em mais segurança para o futuro.

Amparando e fazendo prosperar a industrialização que se esboça no Brasil, tornar-nos-emos capazes de viver independentes, — com a prata de casa, sem estarmos, — como na hora que passa, escravizados ao estrangeiro, — principalmente aos países industriais.

Nação agrícola é, em resumo, uma colónia de exploração comercial internacional. E' país de terceira ou quarta classe, sem idioma conhecido no Universo, sem tecnologia, sem prestígio.

★

★ ★

Não obstante os fatos que se desenrolam diariamente na vida brasileira, — “nós vamos praticando como vida normal de sociedade culta, uma existencia de colónia, — moral e intelectual, — modelada pelos agentes do disfarçado imperialismo estrangeiro, com séde nos Bancos, nas fábricas, nas livrarias e casas de modas de Paris, de Londres, de Nova York, Berlim e Roma; ao passo que os norte americanos, franceses, ingleses, alemães e italianos, fazem-nos sua colónia económi-

ca, nos bancos, nos armazens de commercio internacional”.

Adquirindo tudo quanto é fonte de riqueza lucrativa material que o esforço brasileiro tenha creado: fabricas de tecidos, industrias de fumo e cigarros, empresas de electricidade, estradas de ferro, serviços telefónicos, telegráficos, cabográficos e radiotelegráficos, fazendas de café, plantações de cacáu, frigoríficos, fabricas de cimento, — e todas as riquezas do Brasil que, em proporções assustadoras passam para as mãos e alienigenas e, enquanto elles se apoderam do país, nós brasileiros assistimos, á mingua de estadtas, — indiferentemente, — á conquista tenaz e cubiçosa da terra brasileira!...

A nossa vida social tem-se traduzido por uma atividade sem produção; por uma grande agitação de esforços estereis e apenas nos entretemos nos jogos mediocres da politicalha, na ilusão DE GOVERNAR O QUE NA REALIDADE TEM OUTROS DONOS: os anglo-americanos, os anglo-saxões e judeus, — povos que hoje governam e dominam o mundo!...

Numa dolorosa mistura de decrepitude e infantilidade, hoje em nosso país, em geral, a intelligencia é debil, não tem expressão propria: compraz-se na imitação. As idéas recebidas e gastas perderam-se nesse terreno mole.

O passado prolonga-se indefinidamente. Borbulha uma geração de gramaticos, de poetas mór-bidos, de enxames de escrevinhadores germinados na vasa putrida da intelligencia estagnada.

A mocidade mofina e parasitária, apega-se ao organismo decrépito da Nação.

E' a apotéose da incompetencia e da vaidade: e, como os cearenses se escravizam pelas proprias mãos, — em busca do el-dorado, — singrando para a Amazônia, nós caminhamos em marcha vertiginosa para a escravidão e tutela economica total ao estrangeiro e, não tardará o dia em que na mais negra das dependencias, — á semelhança dos países coloniais: — Cuba, São Domingos, Haití e Egito, — nos vejamos nas mesmas contingencias ou, na situação do México de após 1910 que para acelerar o seu progredir num grande esforço procura solidificar a sua independencia, fortalecer o seu nacionalismo sadio e suas atividades económicas, pois que quasi todas as forças e fontes materiais de produção e de riqueza mexicanas: — póços de petroleo, estradas de ferro, empresas de tração, força e luz electricas, telefones, portos, fábricas de cimento, minas, fábricas de tecidos, industria manufatureira em geral, o commercio importador e distribuidor, — tudo lá como no Brasil actual está em mãos de estrangeiros que, não contentes em explorar esse povo nacionalista e patriota, procuram ainda radicar no coração do mundo um ódio surdo contra os verdadeiros estadistas mexicanos ou contra essa brava gente intrépida e fidalga!...

## FATORES ATROFIANTES DO PROGREDIR INDUSTRIAL DO BRASIL

“A lentidão do progresso geral, a relativa pobreza da existencia, a extrema modestia dos habitos da sociedade, o vagaroso adeantamento dos nossos principais centros urbanos, tudo se explica sem grande esforço pela inevitavel sujeição dos nossos recursos aos limites do velho regimem de trabalho escravo”.

*José Maria dos Santos*

No inicio de seu desbravamento as terras selvagens da América nenhum valor poderiam ter. A Europa interessava-se pelo Oriente para com ele entreter relações de commercio e não precisava de colônia de povoamento para excesso de população. Em traços incisivos sobre a evolução economica do Brasil assim já se expressou o Dr. Pires do Rio: — “Durante todo o seculo XVI, Portugal poud monopolisar o commercio do mundo graças á decisão de Roma, a seu favor, indo este monopolio se reduzir na entrada do seculo XVII, com a influencia da Reforma iniciada no Vale do Reno e propalada pela Inglaterra, — justamente quando a Holanda se emancipava do jugo espanhol e ia lutar contra o jugo inglês.

No seculo inteiro em que Portugal dominou os mares, Lisbôa era o porto em que os navios ingleses e holandeses tomavam as especiarias para o abastecimento da Europa Central, — então, o maior mercado do Occidente.

No pinaculo de sua gloria, Portugal, entretanto, não esquecerá o Brasil e, apesar da escassês da população lusitana e da diversidade de climas de sua nova colonia, iniciava no seculo de sua grandeza a colonisação de suas terras na América, sob a direção esclarecida de Martin Afonso de Souza e depois pelo esforço admiravel dos donatários que conseguiram firmar-se nas regiões propicias á cultura dos canaviaes. Vindo para a América, mudava de hemisfério e de clima a gente portuguesa: — por esse tempo, entretanto, as terras norte americanas de clima temperado jaziam esquecidas pela Inglaterra.

Mais de um seculo passou antes que alguns commerciantes de Londres custeassem os navios que transportaram alguns colonos para as terras da Virginia, onde puderam prosperar, graças ao plantio do fumo, em que trabalhava o negro escravizado; mais tarde ainda, foi que a gente humilde do pequeno Mayflower, — perdendo o caminho da Virginia, firmou a primeira colonia da Nova Inglaterra que, por não produzir tabaco, — vegetou sem prosperar, durante um seculo inteiro.

Como a prosperidade dos colónos da América do Norte baseava-se em um produto tropical, tambem no Brasil, durante os seculos XVI e XVII, a base da sua vida economica foram os engenhos de açucar, cuja influencia jamais decaiu.



Si em todos os tempos do Brasil colonia! andou a população brasileira exitada pelas noticias das minas lendarias de metal precioso, houve, já no seculo XVIII, a correria para as minas de ouro e, como em todos os tempos e em toda a parte, a esperança da fortuna, — a risco de sacrificio e da propria vida, — despertou entusiasmo, creou aventureiros e produziu heróis.

Entrámos assim na fásé das bandeiras, primeiramente que desciam indios para os engenhos, depois, que procuravam minas do Sabará, do Goiás, de Cuiabá, motivo económico da criação das capitánias de Minas Gerais, de Goiás e Mato Grosso, cujos campos naturais se encheram de manadas de gado, provindo do que foi introduzido para uso dos mineiros.

Da epoca da mineração, com principal centro em Vila Rica e centros secundários em Goiás e Cuiabá, data o inicio do numeroso rebanho bovino do Brasil, cuja moderna exploração se organiza agora.

A cultura agrária, com fundamento nos canaviaes, cuja semente provinha da ilha da Madeira, — não podendo afastar-se do litoral, estreitada pela proximidade da região das caatingas de clima semiarido, onde imperam as sêcas periodicas, destruidoras implacaveis do trabalho humano, ocupou todas as terras que ainda hoje se cultivam.

Não podemos censurar os nossos antepassados por terem, — na expressão injusta de um historiador, — ficado como caranguejos a esgravatar o litoral; — nós, com a gente que tivemos e os recursos que dispunhamos, não fizemos nem pode-

riamos fazer mais do que eles, dedicando-nos ás mesmas atividades naquela epoca.

O mundo civilizado do Ocidente nos seculos XVI e XVII procurava no commercio maritimo, desbravando as terras virgens da América ou explorando as velhas populações do Oriente, productos tropicaes e metais preciosos; — por isso, o valor secundário das regiões de clima temperado e, si por esse tempo o Brasil só valia pelo açucar, pelas materias primas e pelo ouro que exportava, valiam as treze colónias inglêsas da América, no commercio exterior, pela sua exportação de fumo e, cuja cultura depois de ter sido a base da fortuna norte americana até o fim do seculo XVIII, espalhou-se em todos os continentes.

Vê-se, que durante os seculos XVI e XVII eramos plena colonia do Ocidente Europeu!...

Pouco antes de sua independencia, justamente ao fim da guerra européa dos sete anos, os norte americanos eram menos de 2.000.000 de almas, população inferior a do Brasil, terra de açucar e de ouro, muitissimo preferidas na epoca para base da prosperidade colonial do tabaco das plantações da Virginia e das Carolinas e cuja cultura fizera da Georgia a provincia mais próspera das que lutaram pela independencia, apesar de mais nova, — com um pouco mais de um quarto de seculo de sua fundação.

★

★ ★

O mundo civilizado europeu no meio do seculo XVIII, procurava generos alimenticios tropicaes,

— não carecia de trigo e de lã, — que produzia bastante, não importava algodão, nem vários tecidos que provinham da India, nem carecia dos tecidos de sêda que a China e o Japão eram seus principais fornecedores.

No meo do seculo XVIII, alistava-se o Brasil entre as colónias mais prosperas e bem governadas da América, já que Portugal a fizera uma colónia tropical de povoamento, — conseguindo o que jamais tentara a Inglaterra na zona tórrida do Planeta e tambem o que a Holanda jamais pode realisar.

Si o ouro das minas, a produção exportavel dos cânaviais foram a base da economia do Brasil no primeiro seculo e meio da sua vida colónial, após o encarecimento do braço escravo, tornando-se dispendiosa a operação das minas, os engenhos de açúcar tomaram novamente, seu logar na economia do país, para se deixarem suplantar só no seculo XIX, pelas fazendas de café, cuja história se confunde com a da evolução económica do Brasil nestes últimos tres quartos de seculo.

Como um acontecimento económico passageiro, que durou, si tanto, meo século, tivemos a exploração da borracha das florestas equatoriais da Amazonia.

As condições de clima, aliadas ás condições económicas universais, fizeram do Brasil um país produtor de mercadorias tropicais; — foi um dos maiores produtores de açúcar e hoje é o maior produtor de café.

O povo brasileiro tirou desses produtos recursos para o pagamento de sua importação, constituída de mercadorias supostas de uso indispen-

savel á vida civilisada, ao seu trabalho e ao seu conforto.” — Pires do Rio.

Mas, não obstante todo o seu labôr, ao Brasil não foi possível acumular no trabalho dos engenhos de açúcar, nas fazendas de café, ou na exploração da goma elastica, a abundancia de capitais que o país necessita para sua maior expansão, — o que justifica a insistencia com que vimos afirmando que, — antes de tudo, deveríamos cogitar de uma politica industrial para o país, — tanto como de uma politica agraria eficiente”.

★  
★ ★

Por uma fatalidade, que classificaremos de desgraça nacional, em toda a sua existencia, o Brasil só produziu artigos de luxo, artigos de sobrezeza, riquezas instaveis: — ouro, diamantes e especiarias.

Do pau brasil ao açúcar, ao ouro, ao café ao cacau, até aos diamantes, — toda a produção nacional não tem sido a que mais convinha ao progredir acelerado do nosso país.

Ao tempo em que se emancipava o Brasil da sua Metropole, processava-se na Grã-Bretanha profunda transformação económica, effeito da applicação da maquina a vapôr no trabalho das minas, no movimento das fabricas, na propulsão dos navios, na tração dos trens de ferro.

Pouco depois, todas essas transformações, se operavam na América do Norte, transplantados e aperfeçoados pelos anglo-americanos os processos “mineiros” e industrias dos ingleses.

Sempre temos sido, — ou melhor, pretendido ser um povo de agricultores e pastores; — desde

os primórdios de nossa existência, — como nos disse Oliveira Vianna, com precisão e autoridade: “o espirito comercial dos portugueses do ciclo das navegações, dominante na sua expansão para as Índias, desde que penetra a terra brasileira se obscurece, perdendo aos poucos a sua energia até desaparecer de todo.

O tipo do natural da terra cedo contrasta com o ádvena pela sua feitura essencialmente rural, pelo seu temperamento fundamental de homem do campo.

E’ no campo que se forma a sociedade brasileira, a nossa raça e se elaboram as forças íntimas da nossa civilização. O dinamismo de nossa história, — no período colónial, vem do campo. Do campo as bases em que se assenta a estabilidade admirável da nossa sociedade, no período imperial.

Os colónos peninsulares que aqui aportam para iniciar o nosso povoamento vêm dominados por preocupações comerciais. Eles buscam, como nas Índias, o commercio com os naturais, o commercio das especiarias, dos metais e das pedras preciosas.

“Vêm com a sua imaginação ardente, cheia de anseios, de sonhos de riqueza e com uma exagerada credulidade e agudo misticismo, — assim povoando de plantas miríficas, de animais fabulosos e de gemas maravilhosas a região bravia que vinham conquistar e civilisar. Tal estado psíquico e tais aspirações, já os evidenciam e consubstanciam, os dois primeiros livros que no século XVI estudaram a evolução brasileira.” — Bazilio de Magalhães.

Trabalhados sobretudo pela obseção do ouro, ao desembarcarem pela primeira vez em nossa terra o seu primeiro cuidado é inquirirem dos naturais se nela existe ouro: quanta cousa lhe houve-

ramos perguntado do ouro que nos desejavamos saber se o havia na terra', — diz Pero Vaz de Caminha.

Não encontrou nenhum animal domestico, nem boi, nem cavalo, nem carneiro nem cabra, ou qualquer bicho afeito á domesticidade, nem outra, nem uma alimaria que costumada ao viver do homem", confessa o mesmo cronista.

Um outro cronista diz que "excetuando-se a cana fistula e o pau brasil, não existe na terra outra cousa de valôr".

Essa ausencia de riqueza organizada, essa falta de base para uma organização puramente commercial, é que leva os peninsulares para aqui transplantados a se dedicarem á exploração agricola. Não ha outro me' o possivel de vida. Dadas as condições particulares em que os descobridores portuguezes encontram em nossa terra, Portugal não tem outro caminho para realizar a nossa conquista, sinão o da fundação da agricultura e, foi apoiando nesta, que ao findar o seculo XVIII e nos anos do seculo seguinte, já tínhamos chegado a um dos pontos culminantes de nosso desenvolvimento histórico, todo êle tendo exclusivamente por base a agricultura.

Só muito recentemente é que parte de nossa atividade se dirige para as 'ndústrias fabris e manufatureiras e, com o advento do regimem republicano, o Brasil, a bem dizer, inicia a história do seu desenvolvimento tecnico industrial.

E' que até 1888, o negro cativo era a base de todo o nosso sistema economico, agricola e industrial e, logicamente, não poderíamos crear a indústria maquinofatureira no Brasil, em larga escala, com esses elementos.

Devéras, não ha povo algum que tenha surgido no campo industrial tendo como elemento de trabalho o escravo negro e num ambiente como o tivemos, — durante toda a existencia nacional antecedente á proclamação da Republica.

O Brasil não possuindo as condições naturais da Inglaterra, do Sul dos Grandes Lagos norte americanos ou do Vale do Reno, onde o minério de ferro se superpõe ou está proximo ao carvão mineral, e não possuindo uma evolução económica, nem evolução histórica, nem capacidades industriais, nem organisadores, nem uma diretriz politica objetiva e nacionalista que viesse ativar as suas fontes de riqueza e capitalisar o cerebro dos brasileiros, não pode ser um país de grande siderurgia e de industria manufactureira capaz de vencer a concorrência universal, na época em que o predomínio absoluto coube á Inglaterra, — rica e protegida contra os ataques de seus neo-concorrentes.

Não podia ser um país de grande industria siderurgica e de uma industria fabril capaz de vencer na concorrência universal, — cada vez mais intensa, — porque só depois de 1889 é que vem adotando uma politica de proteccionismo das suas atividades industriais.

Mas a época do combustivel solido e liquido está cedendo lugar á era do flu'ido electrico, o que permitirá ao nosso país afirmar-se como potencia industrial. No aquilatar-se a importancia dos povos pelos seus expoentes mais representativos: — a Industria S'derurgica e a Industria Hulheira, conclue-se que a nossa atuação na esfera internacional, — a menos que nos tornemos industriais, — será sempre secundária, como tambem será a

de todos os países, — exceto a Inglaterra e os que bordejam as margens do Rêno e os Grandes Lagos norte americanos, quanto á industria fabril e consequente destino da humanidade.

Sobre não ser lisongeira essa nossa situação, teríamos que permanecer sempre em posição secundária, como comandados que nunca attingirão a comandantes, por uma fatalidade geográfica e geológica.

Estudando-se a ação dos responsaveis pela evolução e progresso do Brasil durante o estágio colônial e durante o periodo Imperial evidencia-se como nos faltou sempre um esforço continuo, objectivista, e salutar, para impelir-nos ás at'vidades industriais, capacitando-nos para superarmos a nossa falta natural de combustiveis, oriunda da propria fatalidade geografica e geológica de nossa base fisica.

Tendo convicção de que podemos e devemos ser uma grande potencia industrial e grandes produtores de ferro e aço, — importando ou não o carvão de pedra ou o "coque" e exportando minério, utilizando o "coque" estrangeiro, o nacional, ou a energia electrica e o carvão vegetal, — conjuntamente, — em fornos especiais e *usinas desenvolvidas para o Brasil*, — queremos acrescentar que de fato houve o fracasso das tentativas do estabelecimento entre nós da industria de ferro, não pelas razões que tem correntemente sido apresentadas, mas devido a razões inherentes a nossa propria formação e evolução social.

Passa-las-emos, sucintamente, em revista, mostrando como não podíamos ter industria siderurgica, — nem mesmo quando ela se utilisava do carvão vegetal, na época anterior á descoberta da



distilação da hulha, para a utilização do “coque” nos Grandes Altos Fornos, — nem outra qualquer industria sinão a rudimentar agricultura, a mineração inciente, feita com o trabalho escravo, ou a empirica industria pastoril, a cargo de mestiços mamelucos, — as únicas que as condições do momento e a economia mundial nos permitiram explorar até hoje.

Apezar do carinho que mereceu de D. João VI e de alguns esforçados empreendedores a industria do ferro e do carvão, não pode prosperar no Brasil.

Dadas as condições ambientes anteriores a 1888: — país quasi deserto ou sem nodulos de população condensada, circulação monetária insufficiente, empirica ou anarquica, trabalho agricola rudimentar, apoiado no braço escravo; — nucleos urbanos insignificantes; ausencia de capitais acumulados ou a juro razoavel; inorganisação bancaria e comercial; — incultura técnica; ausencia de mercado já desenvolvido; — jazidas minerais distantes do mar e sem meios de transportes disponiveis ou eficiente, país tutelado por governos estrangeiros; — apezar do esforço politico e da boa vontade de alguns dos nossos dirigentes, não seria possivel, — **NESSAS CONDIÇÕES NATURAIS DO PAIS**, — mesmo por artificio de proteção official, o desenvolvimento e a prosperidade no Brasil das duas industrias irmãs: — a do ferro e a do carvão.

A fábrica do Ipanema, por exemplo, fatalmente havia de fracassar, como fracassou, porque fôra estabelecida em região sem transportes faceis e pretendeu utilizar minérios de elevado teor de titânio, elemento então desconhecido e que não

permitia naquela época exploração económica dos minérios titaníferos.

Minas Gerais, a provincia depositária das grandes jazidas de minério não titanífero, — possíveis de serem então exploradas, “insulada entre montanhas do interior, sem comunicações faceis, povoada por gente aventureira e constituída por nucleos esparços, formados principalmente pelos caçadores do ouro e de d'amantes, tinha condições ingratas ao desenvolvimento da siderurgia, ou de qualquer outra industria técnica, — mesmo que rudimentar.

\*  
\*   \*

Ainda bem que, si não é ótima, pelo menos bem auspiciosa é a nossa situação, — principalmente de 1914 para cá.

Diversamente de agora, o estudo histórico das tentativas de instalação de usinas de ferro no Brasil, mostra-nos que, de 1830 a 1893, a industria siderurgica nacional regredira em vez de progredir.

Com a república, não obstante muita ilusão que ela nos trouxe a respeito das possibilidades de progresso económico do país, modifica-se bem o ambiente para a eclosão industrial brasileira, apesar de que, as tres principais nações de maior progresso: — a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos da América, não ficaram na dependencia de sua forma de governo para progredir, — si bem que essa pode e tem tido grande influencia no estimular e dirigir as atividades e o progresso de um povo. Temos diante de nós o que foi a ação dos governos imperiais alemão e japonês e o que é recentemente o plano de industrialisação da

Russia, — nos seus efeitos, — afirmando o poder e influencia de um governo, — ou melhor, dos ideais de uma minoria esclarecida no progredir nacional.

Si mencionamos que não bastam leis de proteção económica para o progresso industrial dos povos, lembraremos que, a proteção *sendo oportuna* e vindo apoiada com outros fatores, a indústria fabril se desenvolverá, como se desenvolveu nos Estados Unidos da América ou no Japão.

Por isso, não comungamos com aqueles que iludidos, consideram a forma republicana de governo, ou todos os governos do Brasil colonia, do Brasil Imperio e até hoje, hostis ao desenvolvimento industrial do país e, que eternamente iludidos divisam apenas no governo e na sua forma a força económica de uma nação, — não levando em conta o fator fundamental da Terra na produção da riqueza; — mas, também não podemos deixar de recriminar a maneira com que temos descuidado dos grandes problemas brasileiros, maximé, da industrialização do país.

“Os fatores naturais de estudo mais difficil, por exigir o conhecimento de todas as ciencias positivas, ficam de lado, para alguns criticos, no estudo da história industrial brasileira e esquecem-se de que o triunfo da maquina a vapor no século que passou, revela que o surto de progresso industrial de qualquer nação não fica na dependência de episódios politicos ou crise de moralidade social dos seculos anteriores, — mas dependem fundamental e diretamente das condições sociais vigentes e das condições naturais do território considerado. Esquecem mais os criticos apressados do nosso desenvolvimento industrial e do nosso progredir, que

os esforços governamentais podem sofrer alterações ou serem anulados, si ao país faltar as condições naturais e artificiais que faltaram ao Brasil em todo o curso de sua história.” — Pires do Rio.

Que o fator politico não é tudo no progresso de um povo bem o sabemos, mas, não obstante, é fato que em grande parte e em numerosos exemplos, “a *grandeza das nações modernas é obra de sabedoria politica*”.

Cremos nessa verdade, como também que a maior ou menor cultura e riqueza de um povo determinará o seu progredir e que, para sermos um país industrial não basta simplesmente a bôa vontade dos governos, quando contra esta multiplos fatores se apresentam: — desde a qualidade do minério, como o das jazidas primeiro exploradas no Ipanema, — ás invenções que permitem aos povos então industriais vender ao nosso país quasi deserto, os produtos maquinofaturados a preço inferior ao que poderíamos produzir em livre concorrência.

Precisamos acompanhar o progresso industrial da Inglaterra, donde provinha a fôrte concorrência ás nossas industrias de manufaturas e metalúrgicas, para compreender as difficuldades do trabalho brasileiro e porque a *concorrença* do ferro inglês, — antes da criação das tarifas protecionistas, — extinguiu tudo o que se tentou aqui fazer em matéria de siderurgia.

Pôr força das circumstancias não puderam ser introduzidos no Brasil, quando aqui se tentou implantar a indústria siderurgica, todos os melhoramentos e progressos da industria inglêsa que se operavam desde 1735 com a descoberta do “coque” até 1878, quando Thomas descobre o processo que

tem o seu nome para tratamento dos minérios fosforosos.

Eram as invenções que surgiam, ao contrario, a causa de dificuldades no Brasil á indústria nascente, por isso que com éla, a Inglaterra podia exportar ferro guza cada vez mais barato, e concorrer vitoriosamente contra o ferro produzido nos países de pequena e rara população.

E's porque o que se fez em matéria de fabricação de ferro e aço no Brasil, — em todo o nosso passado, foi pouco e porque não podiamos ter desenvolvido mais a siderurgia nacional.

Mesmo para o seu tempo, a obra de Varnhagem era modesta, — não obstante representar um grande esforço, no Brasil, mal povoado, sem recursos e muito afastado dos centros industriais da Europa.

Ai, o maior esforço que se fez foi na região de pouco minério ou de minério ruim, — para essa época. Referimo-nos ao Ipanema.

Em Minas Gerais, então, o que se fez, como a obra de Eschwege e de Monlevade, com os pequenos baixos fornos de pequenissima produção, mesmo para seu tempo, foi trabalho de insignificante proporção.

Entretanto, era em Minas Gerais que mais se devia ter feito para apressarmos a indústria siderurgica no Brasil e, lá não fizeram outróra cousa de monta, — talvez por ser deserto e... pouco fazem no momento...

Pôr maior que fosse a obra de artificialismo com que tentassemos introduzir uma indústria fabril no país, durante todo o Império, não o conseguiriamos.

Após a breve estada de D. João VI, muda-se inteiramente o cenário da vida económica, politica e social brasileira.

“Entramos na vida independente onerados com um empréstimo português, — cuja responsabilidade assumimos e com uma tradição de finanças sempre arrebitadas.

Dez anos antes, em 1812, o escrivão do Real Erário, Manuel Jacinto Nogueira da Gama, depois Visconde de Baependi declarava *lastimavel* o estado do Tesouro, confessando que não tinha dinheiro nem para pagar aos empregados públicos, que, para não morrerem de fome, esmolavam “o pão da caridade.”

*Haviam tropas a que se deviam vinte e seis mezes de soldo!*

No Manifesto de 6 de agosto de 1822, o príncipe D. Pedro clamava, referindo-se ás Côrtes de Lisboa: “Lançou mãos roubadoras aos recursos applicados ao Banco do Brasil, sobrecarregado de uma dívida enorme nacional” — (Gustavo Barroso, Brasil-Colónia de Banqueiros).

As guerras, motins e sedições nunca permitiram a D. Pedro I um periodo de calma precisa a tratar dos verdadeiros interesses nacionais.

Estas, aliadas á devassidão do príncipe e as consequencias da separação da metropole que se operava, carregaram demais o ambiente nacional de então, para que nele pudesse medrar qualquer iniciativa industrial ou comercial vultuosa, — fora dos limites do tráfico africano.

Foi mesmo numa atmosphera de lutas, de ódios, de devassidão e de desperdícios, que fomos contrair os dois piores, mais onerosos e humilhantes empréstimos que esse país já fez!...

Entretanto, enquanto eram ingratas para nós as condições do país: -- condições económicas, demográficas e sociais, para o seu desenvolvimento industrial, muito melhor era a situação dos Estados Unidos da América.

Quando aqui, num ambiente rúde, num deserto e no cimo de espigões e serrados fracassavam as iniciativas tendentes á implantação da siderurgia nacional, nos Estados Unidos da América a indústria siderurgica prosperava a ponto de já produzir em 1830, 165.000 toneladas de ferro guza!...

Enquanto sofriamos crises intensas, como ocorrera após a volta de D. João VI, em que os funcionários públicos passaram mais de vinte e seis meses sem receber salário; — crises que perturbaram a tranquillidade de várias regiões do país motivadas pela nossa desorganisação económica e social e intensificadas pelos cataclismas que nos roubaram milhares de vidas, como as secas periodicas do nordéste, calamidade essa que culminou em 1878, durando 3 anos e flagelando mais da quarta parte do território nacional, paralisando a produção de muitas provincias, sacrificando 200.000 brasileiros que morreram de fome, — o dobro dos cinco anos de guerra com o Paraguai.

Isto bem demonstra a serie de empecilhos que se tem nos oposto para um progredir mais amplo e á emancipação económica do Brasil.

Enquanto tudo assim dificultava o Brasil, — méra expressão geográfica que éra, de se tornar — nação conceituada, — os Estados Unidos da América seguindo a trilha industrial já eram um povo em franca prosperidade.

Eis porque, dizemos que é devido á falta de ambiente, de meios e modos para desenvolvermos a indústria fabril que não a temos ainda.

Além desses agentes atrofiantes da atividade brasileira: os tumultos, a intranquilidade pública, os levantes, motins e a atmosphéa guerreira que sempre infelicitou o império nos seus primórdios, — não podiam permitir ambiente seguro e calma precisa para que o país entrasse resolutamente na atividade maquinofatureira.

De maneira mais platónica do que positiva, sempre houve boa vontade da parte dos que nos governaram para solucionar o nosso problema siderúrgico.

Entretanto, de nada vale a boa vontade quando se desconhece o meio, suas falhas ou possibilidades e se vive de sonhos e suposições como temos vivido ha mais de dois séculos, tentando problemas sem primeiro os termos estudado maduramente e com objectivismo.

Para alguns é somente devido á falta de combustivel que ainda não possuímos uma industria metalúrgica e manufatureira bem desenvolvida, porém, si a esse pensamento contrapuzermos as deducções a que se chega do estudo da sociologia brasileira, — do nosso ambiente geológico, climatérico, geográfico e do nosso evoluir histórico: como povo, como raça, como nacionalidade, e no campo económico, veremos como impossivel seria que apenas a boa vontade e a ação intermitente dos que nos governaram, como Colónia e como Império, — não podia ter sido coroada de exito e, como impossivel nos era enquanto perdurasse o nosso regimen de exploração do trabalho escravo e de vida rural sobrepujando a vida urbana, im-



plantarmos na terra brasileira qualquer industria que aqui pudesse medrar, expandir e viver desafogadamente sem a proteçãõ official.

“Desde a fundação da nossa grande lavoura, — nos dias da colônia, — sempre sentimos a necessidade de abundante e variada produção agricola a exigir naturalmente um maior numero de trabalhadores nas plantações.

Dai a escravidão, a impedir pelas suas reacções morais, a introdução de braços livres, que nos levou a insistir no tráfico africano, como único processo de recrutamento de mão de obra com ella compativel.

Por isso, como contingencia ineludivel da nossa história, da nossa formação, da vida colonial do Brasil, — a escravidão teve que ser mantida.

(Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenhos, — porque sem elles não é possível no Brasil fazer, conservar e aumentar fazenda nem ter engenho corrente, diz-nos um cronista colónial).

Si bem que as separações, que ella conservou entre os individuos foram apenas de natureza material e económica, — pois espiritualmente todos se conheceram serem humanos, — ella entrou até 1888, toda a expansão económica, demografica, social e industrial do Brasil”. Ella limitara o crescimento vegetativo da população brasileira, pois o regimen de trabalho escravo era incompativel á vinda de imigrantes para o Brasil, tanto assim que antes da “lei aurea” nos melhores anos, a entrada dos estrangeiros livres no país nunca ultrapassou á média de 25.000 individuos.

A nossa capacidade comercial era então baseada sobretudo na produção agricola que o trabalho escravo continha e limitava.

Por isso, não deixaria de assolar o país um profundo desequilibrio de consumo e produção.

“Um grande país em crescimento, cujas disposições naturais especialmente destinam ás industrias agrárias, os trabalhos da terra eram, com caracter exclusivo, reservado a uma casta única que, já profundamente prejudicada em seu crescimento vegetativo pelas proprias condições de existencia que lhe eram impostas tambem não podia aumentar por afluxo exterior.

A produção agricola, base unica da riqueza, perdia em tais circunstancias a evolutiva correspondencia que deveria manter com o desenvolvimento geral da nacionalidade.

O precário sistema de mão de obra escravo, mantendo-se ainda a sujeitar a produção geral ás estritas possibilidades do seu quadro demográfico, impedia naturalmente toda a esperança de um tão rápido desenvolvimento interno que, por outras fontes de renda, dispensasse o contingente de impostos aduaneiros.

“O nosso desenvolvimento material naquela época, de maneira alguma poderia ter sido mais rápido do que foi. A lentidão do progresso geral, a relativa pobreza de existencia, a extrema modestia dos habitos da sociedade, o vagaroso adiantamento dos nossos principais centros urbanos, principalmente nos caracteristicos de vida elegante e luxuosa, em confronto com o de outras cidades do Continente, tudo se explica sem grande esforço pela inevitavel sujeição dos nossos recursos aos limites do velho regimen de trabalho.

Em face das necessidades sempre maiores da nossa população geral em crescimento, as possibilidades de produção dentro daquele rígido quadro de mão de obra, segundo as condições morais reinantes no período da escravidão, eram tão restritas, que insensivelmente fomos sendo levados á preferencia do genero de cultura capaz de proporcionar o máximo valor comercial com o minimo emprego de mão de obra.

Foi assim que, a partir da normalisação da vida nos estados algodoeiros do sul dos Estados Unidos da América, após a guerra de secessão e do aparecimento de grandes culturas de algodão na India e no Egipto, combinando-se com o desenvolvimento da indústria açucareira da beterraba nos países europeus, tivemos de nos ir progressivamente inclinando á lavoura de café, como a que melhores condições comerciais oferecia á nossa precária e inextensivel organização do trabalho, nas relações do mercado internacional.

Esta foi a origem da monocultura cafeeira que veio deslocando a maior riqueza e o mais acentuado progresso material das provincias do Norte para as do Centro, — á medida que os traficantes de escravos iam despovoando os engenhos e as plantações do Maranhão, de Pernambuco ou da Baía, em proveito das novas fazendas de café das terras altas do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo." — José Maria dos Santos — *A Política Geral do Brasil.*"

Com o deslocar das atividades do ritmo de progresso e dos habitantes do país para o Centro-Sul também fôra se diversificando a concentração da população nacional que fôra se isolando em nucleos dispersos entre si e sem comunicações

faceis e rápidas. -- Este fato trouxe ao país grande parte das apreensões e males que o afligem, no momento, devido o progredir divergente em que foram se colocar varias de suas regiões ou mesmo cada uma de suas unidades federadas.

Resumindo os inumeros embaraços que a natureza e as condições economicas e politicas crearam procurando atrofiar o nosso desenvolvimento economico e o nosso progresso material, poderíamos, tambem, chegar á conclusão de que o Brasil por ser um país pobre de combustiveis, apesar de rico em minérios de ferro, não podia e não pode sêr uma grande potencia industrial e que, por infelicidade nossa, oriunda de motivos geológicos, — apesar de não sermos os únicos, — teríamos sempre que ocupar uma posição secundária no conceito internacional.

Entretanto, um estudo meticoloso de nossa evolução, mostra-nos razões mais justificativas porque ainda não conseguimos afirmarmo-nos como povo industrial. Encontradas essas razões é fácil vermos com clareza merediana, as causas de nossa evolução lenta e, isto é o que nos mostrara, como até então nenhum outro autôr fizera, — o Dr. Vicente Licinio Cardoso: “Sabem aqueles que procuram a base económica que repousam os acontecimentos politicos, que desorganizada a economia rural em nossas zonas em que a agricultura vivia do braço escravo, — como a então provincia do Rio de Janeiro, — houve um verdadeiro exôdo de emancipados para os centros urbanos do país, elemento esse que concorreu poderosamente para a criação das indústrias manufactureiras urbanas, no Brasil.

Eram então, em grande numero, aquêles que, não podendo, pelas condições de fortuna, participar da vida agrária como senhor tambem dela fugiam como mão de obra, pelo temor de se verem confundidos com os escravos.

O trabalho direto da terra não era estimado, chegando-se a ter “o cabo da enxada como simbolo, sinão de opróbrio, pelo menos de vilania.”

A essa população livre, alojada na capital do país, — destituida de meios de fortuna, a viver estreitamente nos officios urbanos, no funcionalismo público e nas pequenas indústrias de carater domiciliar, não podia ser indiferente a idéa de uma grande industria de manufaturas que, fóra da lavoura, lhe viesse oferecer esperanças de uma rápida prosperidade.

E foi precisamente esse elemento alojado na capital da Republica que determinou a oferta do braço operário barato e, que apoiando as pretenções do industrialismo nascente, que exigia uma proteção aduaneira que em 1889 o país novamente experimentara, que forçou então, em seguida á introdução no Brasil da fase industrial urbana,—fasse muitas vezes artificial, — por multiplas razões, todas oriundas do evoluir de uma indústria num meio hostile e rude como o nosso. “No Brasil muita gente tem apontado e criticado o *artificialismo* de muitas de nossas indústrias. Nunca vi, no entanto, ninguem que *explicasse* aquêle advento industrial em consequencia natural do affluxo do braço escravo rural emancipado para os centros urbanos.

Pode-se em verdade dizer que o artificialismo, — si de fato existe em algumas indústrias iniciadas no país, — protegidos os seus productos da

concorrência do similar estrangeiro com tarifas aduaneiras, — foi uma consequência lógica e categórica, da DESORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA RURAL DO PAÍS RESULTANTE DA ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS, feita abruptamente, sem transição adequada social e económica e, portanto, com choques e perdas sociais de energia gastas em atritos passivos violentíssimos, abalando por isso mesmo a saúde da própria sociedade.”

Sem capitais fáceis, como a França e a Inglaterra, sem artifices técnicos em abundância, como na Alemanha e em outros países, sem carvão na medida de suas necessidades e, sem a indústria de ferro organizada, — o Brasil não podia resolver sem um profundo abalo na sua vida económica, social e política, — o problema gravíssimo da transformação agrícola, — baseada na escravidão do trabalhador rural, para a fase industrial do operário urbano livre. Aqui havia e — ainda ha, relativamente, em confronto com os Estados Unidos, com a Inglaterra, a Alemanha, a França, a Bélgica e o Japão, — APENAS, em consequência da emancipação, — o braço operário barato, mas com o inconveniente da falta de instrução e sem capital e organização. Dai uma indústria apoiada em tarifas alfandegárias protecionistas e, consequentemente, uma válvula de descarga aberta, atraindo continuamente o elemento rural emancipado para os bairros fabris das grandes capitais.

No Brasil á desorganização agrícola rural consequente a emancipação dos escravos sucedeu uma embrionaria organização industrial urbana, como sempre, a principio artificial, parecendo a olhos inexperientes, como dificultando a vida nas cidades, encarecendo-a, em consequência de im-

postos elevados e de tarifas aduaneiras adequadas a evitar a importação de produtos manufaturados do estrangeiro.

Assim, o problema da emancipação dos escravos, — já que a abolição não poderia deixar de ser feita, complicou sem resolver a solução da economia do país, creando, além da complexidade do problema económico agrícola, como trabalhadores rurais doentes sem instrução e sem maquinas, a gravidade do problema industrial urbano num país de capitais pequenos, indirectamente dominado pelas finanças estrangeiras e, do outro lado de recursos frouxissimos em combustiveis, fontes energéticas, eletro mechanicas, técnicas e sem recursos faceis para o desenvolvimento de suas industrias basilares: a carbonifera e a metalurgica.

Por isso, impossivel nos era durante o Brasil colónia, — em plena fase de expansão territorial, — e mesmo durante o Brasil Império, no esboçar de sua organisação politica e início da intensificação de sua exploração colonial pelas nações industriais, — fazer surgir em nossa terra as grandes industrias manufatureiras; a siderurgia, as industrias metalúrgicas, — principalmente a do ferro e do aço.

Então, empenhados os nossos colonisadores em dilatar o Brasil, — ainda que inconcientemente, — ansiosos de enriquecerem facilmente com a prèa do indio ou á cata do ouro e das pedras preciosas; ou dominados pela ánsia e ilusão das descobertas das minas fabulosas e exploração dos latifundios com o braço escravo, não lhes era possivel pensar em desenvolvimento industrial.

Tambem, dadas as condições de vida e de riqueza da população do Brasil Colónia e Império,

— só na agricultura, — ainda que barbara e rudimentar, era possível a classificação social e, da exploração agrícola assim executada surgem os latifúndios a viverem de per si, segregados do resto do mundo, com os quais nunca chegaríamos a sêr potencia industrial.

Realmente, no dizer de Oliveira Vianna: — “Dispersos e isolados, na sua desmedida enormidade territorial os domínios fazendeiros, — a única força do Brasil colonial são obrigados a viverem de per si mesmos e de si mesmos e para si mesmos produzindo tudo o que precisam e comprando o mínimo possível.

Somente importavam ferro, que era aplicado na confecção de ferraduras; o sal; o vinho; a cerveja; cigarros; a manteiga; a louça; drogas e outros generos. Isto é, somente o que lhes é absolutamente impossível produzir.

Todas as outras utilidades eles as fabricam para si mesmos, com os seus proprios recursos, com suas maquinas e os seus artifices e são eles ainda que fornecem ás populações da vizinhança os meios de subsistencia.

Durante todo o nosso passado, até ha um século, as nossas fazendas eram, não apenas centros de produção agrícola mas também verdadeiros entrepostos de comercio, — não lhes faltando nem mesmo produtos medicinais, apresentando o aspecto de aldeias em ponto pequeno, — o que levou a Burton, — viajantes ingles que em 1869 percorreu nosso planalto central a afirmar, — contrastando o desenvolvimento de nossas provincias, — que as fazendas de São Paulo e Minas eram iguais as aldeias da Baía.”



Durante o periodo de nossa expansão territorial, ao contrario do que se dá hoje, quasi nada importavamos e as necessidades materiais do país eram bem reduzidas. Nem mesmo o querozene e os panos que o fazendeiro hoje compra, compravam os nossos antigos latifundiários.

Substituíam o querozene, — que hoje faz peso em nossa balança de importação, — com as velas de sebo e de cêra que eram motivo a florescente indústria e, quanto aos tecidos para o vestimento, ainda no tempo da independencia, mesmo os fazendeiros se vestem de panos fiados nos proprios domínios.

“Compram só o ferro, o sal, a polvora e o chumbo, conforme a conhecida máxima. São estes, realmente, os quatro únicos produtos que o grande dominio não pode produzir. De modo que, dentro do latifundio, cuja enormidade o absorve, o fazendeiro frue uma independencia económica absoluta e, si toda a sociedade se extinguisse em derredor dêle do seu proprio dominio extrairia o bastante para as suas necessidades fundamentais e continuaria a viver, como se nada houvera, a sua vida laboriosa, rotineira e fecunda, tal como ainda hoje vive a maioria da população chinesa”

Essa admiravel independencia económica dos senhorios fazendeiros da época exerce ação poderosamente simplificadora sobre toda a estrutura das nossas populações rurais e, sobre todas as atividades a que se viriam dedicar os habitantes do país.

O primeiro aparelho social que sofre a influencia dessa tendencia simplificadorã é o comércio.

Numa sociedade em que os domínios bastam a si mesmos e compram o mínimo possível de ut lidades, o mecanismo comercial não pode deixar de ter uma organização secundária.

No período colonial do Brasil a forma mais comum de comércio é a mascateação: — o mercador luso, hoje fixo nas cidades, dominando o pequeno comércio: botequins, secos e molhados, cafés, restaurantes, etc., e, mesmo em grande escala parte do alto Comércio, sobretudo em Manaus, Belém do Pará, São Salvador, Rio de Janeiro e Santos, é que leva ao interior das fazendas, — no período colónial, — como o sirio de agora, as atividades fabris que as fazendas não produzem.

“O comerciante sedentário não tem quasi importância alguma; — não é um elemento ponderável no seu meio; não forma uma classe prestigiosa.

Saint Hilaire o dá como um homem socialmente mal colocado.

Eschwege é mais expressivo ainda. Das cinco classes, em que a sociedade mineira do principio do século passado se divide, os “negociantes”, ocupam, segundo elle, o quarto lugar, sendo que o último é o da classe detritária dos vagabundos.”

Com a sua onimoda capacidade produtora, o grande domínio impede a emersão, no Brasil Colónia, — de uma poderosa burguezia comercial, capaz de contrabalançar a hegemonia natural dos grandes feudatários territoriais e capaz de vir incrementar a utilização das matérias primas e riquezas extrativas do país.

Igualmente, essa mesma capacidade poliforme de produção das fazendas não permite a for-

mação nas zonas dos grandes dominios agricolas de uma classe industrial.

Além das condições naturais do sólo, das condições da economia universal adversas ao nosso país, quando iniciamos a constituição da nacionalidade brasileira, tivemos o fator social e politico em toda a vida nacional dificultando que aqui se forjasse o ambiente no qual pudessemos implantar uma grande industria fabril capaz de estimular a utilização das matérias primas existentes, mas não exportaveis economicamente, e base de um sólido organismo económico.

Tudo quanto se tem feito, do Brasil Colónial á Republica, para resolver o nosso problema económico, consta de medidas insufficientes, não raro illusórias, algumas vezes contraproducentes e sempre inuteis.

Os nossos males veem de longe. Legara-os a Colónia ao Imperio que os transmitira á Republica.

Com efeito, encarando-se só o periodo de nossa independencia compreendido de 1822 a 1889, — em 67 anos, o que fizemos? Muito pouco, quasi que politicagem só. Quais os melhoramentos executados que possam atestar um progresso real do País?

Apezar de sua vasta extensão territorial, de suas inumeras riquezas naturais, apezar de sua excelente posição geográfica no continente Sul Americano, a situação do Brasil era esta em 1889:

“Perto de 7.500 quilómetros de fronteiras não demarcadas, litigiosas em milhares de quilometros, e na maior parte segregadas da Capital e do resto do Império; perto de 7.500 quilómetros de costas, sem faroís, e sem um único porto adequado ás con-

dições de seu comércio, sem mesmo os melhoramentos mais comensuráveis; — o interior de nosso vasto país completamente invivo, em mais de . . . . . 5.000.000 de quilômetros quadrados; nem uma só cidade ou vila do Brasil provida das condições higiênicas necessárias a um grande núcleo de população; e, finalmente, o próprio telegrafo não ligava ainda todas as nossas capitais.”

Isto é, nenhum dos sinais que agora atestam o progresso de um povo.

O progresso de um país e o seu grau de civilização têm que ser hoje forçosamente medidos pelo número de suas vias de comunicações aperfeiçoadas e pela potência de suas usinas geradoras; — e diga-se logo: os caminhos de ferro é que desenvolvem as indústrias, congregam os povos, consolidam a ordem e a direção política das nações.

E o Império nos deixou pouco mais de 8.000 quilômetros de vias férreas, sem estradas de rodagens, e estando ainda seus rios nas “condições naturais” de navegabilidade! . . .

\*  
\*   \*

Com essas apreciações temos apenas a intenção de dar a razão às cousas.

Sí não formos buscar uma causa menos desfavorável nas agitações políticas, que têm subvertido toda a América portuguesa e espanhola, e justificarmos com ela a nossa penúria económica, e daí todas as dificuldades da vida nacional, o que poderemos então dizer que temos feito.

Durante o largo período de colónia, foi o Brasil explorado no regime do mais estreito monopó-

lio em proveito da coroa dos Braganças e dos ingleses.

Não tivemos daqueles denodados puritanos, — não conformistas, que no XVII século emigraram para a América do Norte, e lá estabeleceram os sólidos al'cerces da futura nacionalidade que são hoje os Estados Unidos da América.

Aquí a exploração das terras e o commercio eram feitos pelos portuguezes por meio do infeliz e inepto africano, o qual depois do desbravamento e fixação da riqueza agricola inicial no país viria a ser o maximo fator do atraso económico, social, político e industrial do Brasil.

Só tinha o nosso país contato com a Metropole, — da qual nenhum influxo proficuo lhe passava. As riquezas, principalmente, minerais, que produzia, escoavam para fora, sem entradas correspondentes.

Quando D. João VI acochado pelas baionetas de Junot, se retirou para a nossa Patria, decretou diversas medidas de ordem administrativa e económica.

A primeira e de mais alcance foi exigida pelos ingleses, em 1808: — a abertura dos portos brasileiros “às nações amigas”; — vieram depois *a suspensão da proibição das manufacturas no país* e a criação do Banco do Brasil, si bem com o vicio de origem de não ter lastro metalico.

Jamais se tinha pensado o que seria essa convergencia de relações sociais e politicas para dentro do país, e que resultados extraordinarios produziria immediatamente o commercio com “as nações amigas”, — que eram todas menos o então Império

Francês. O surto foi extraordinario. Começou a nascer o espirito de iniciativa.

A iniciativa real foi grande e a imigração avultou.

A situação económica da colónia transformou-se, deixando esperar um rápido desenvolvimento do país. Mas, . . . outros agentes atrofiantes da *atividade* industrial já se desenvolviam em torno, e estavam destinados a exercer uma nefasta e secular influencia nos destinos do Brasil. Enfeudou-se aos ingleses, depois, abriu em guerras o século XIX. Durante os primeiros trinta anos foi constante a luta com os estados limitrofes pelo Sul. Recomeçadas vinte anos, depois, prolongaram-se por outros tantos. De lutas intestinas a relação é, infelizmente, longa: — Em 1817 surge a revolução de Pernambuco.

Seguiram-se as agitações por ocasião da retirada da familia Imperial para Lisboa. Desde então, as guerras civis, revoluções, sedições, agitações e levantes, foram quasi continuas até 1849: — agitações politicas de 1821, 1822 e 1823; — revolução de 1824 no Norte (Confederação do Equador); agitações politicas que se prolongaram e deram em terra com D. Pedro I. O Rio de Janeiro, então, com a imprensa perseguida e as prisões cheias, viveu sob o terror dos motins sucessivos e, nas provincias, as revoltas continuaram e destacavam-se em datas vinculadas em série: — no Ceará, sedições de 1831-1832, em Pernambuco, 1832-1835; — em 1833 guerra dos Cabanos em Pernambuco e sedições em M. nas G erais; — em 1834 revolução restauradora no Ceará; sedições no Pará em 1835-1836; — revolução na Baía em 1837; — em 1838, rebelião no Maranhão; — em 1840-1841, agitações politicas de que resultou

a declaração da maioria e posse do governo de D. Pedro II; — revolução em S. Paulo e Minas Gerais em 1842; — sedições em Alagôas, em 1844 e, abrangendo-as, somando-as, a longa agitação do Rio Grande do Sul, 1835-1845; — em 1849, revolta Pernambucana.

Demais, em todo esse período considerado, a insubordinação de tropas e milícias foi frequente.

Para completar a enumeração, convem lembrar a guerra com os franceses, ao Norte (1808-1809) e, para não tornar longa demais a serie de complicações, — não citamos os incidentes com o estrangeiro, — todos perturbadores da tranquillidade pública, ocorridos no meio seculo considerado.

Os resultados económicos e financeiros de que o país começou a usufruir com as medidas adoptadas por D. João VI, foram profundamente feridos com os acontecimentos consequentes ao seu regresso a Lisboa.

A perturbação das finanças foi mesmo um dos resultados mais prontos dessa retirada, pela emigração de capitais, — não sendo pequena a perturbação das condições económicas, tambem pela retirada de pessoas, que emigraram com elles.

Produziu-se mesmo crise económica e financeira. Atraso longo no pagamento do funcionalismo, desorganisação no emperrado meio circulante, ausencia de credito, que quasi não havia. O Erário Público contraiu as primeiras dividas e em pessimas condições: — aí os primeiros 20.000 contos... para começar.

Imagine-se quais as dificuldades para se cuidar do beneficiamento do país.

Nunca a atividade guerreira o consentiu.

O trabalho escravo foi sempre precário e aplicado, — quasi que exclusivamente, á rudimentar agricultura, porquanto a mineração quasi já não existia.

Não era com esse trabalho que se podiam abrir vias de comunicações, instalar fabricas e fazer o país progredir com rapidez, — como fizeram os ingleses nos Estados Unidos da América. Além das comoções internas, impedindo a calma precisa ao progredir material do Brasil, — as guerras externas que tivemos, ainda mais agravaram ás nossas cond'ções dificultando um progredir mais rapido do país.

Mesmo no II Império, as finanças publicas foram apenas uma desoladora continuação da incuravel penuria orçamentaria do primeiro reinado, e a guerra civil foi o regulador de fato, de todas as nossas relações internas.

Durante os primeiros cincoenta anos do século, — de 1817 a 1849, esteve o Brasil em continuas lutas internas e, — até 1870, os nossos vizinhos do Sul e do Sudoeste exigiam do Império uma attitude hóstil, — ou mesmo guerreira.

Com a paz e a desanexação da Banda Oriental em 1828, tinhamos suspendido as guerras com as Republicas do Prata, mas as hostilidades, a caudilhagem, o desgoverno reinante no Prata obrigavam as intervenções de nossa parte, — ainda que disfarçadas, (Vide "Facundo", Domingo F. Sarmiento, 1933, Ed. La Cultura Popular) e, os fatos demonstram que o Governo Imperial não podia jamais se despreocupar de interessar-se e intrometer-se em todas as questões do Rio da Prata.



Surgiram dai as questões e a guerra com a Republica Argentina, (1850-1855), a bem da independencia do Paraguai e do Uruguai; — questões com o Paraguai, terminadas por uma demonstração naval de 1855 a 1856, a que se seguiu o tratado da livre navegação em 1858; — do fim de 1864 a principios de 1865, a guerra com a Republica Oriental que foi o inicio da guerra do Paraguai que durou um quinquenio, — de 1865 a 1870.

Para maior infelicidade nossa, si nesses conflitos com povos fracos o Brasil saiu vencedor, (menos na guerra da independencia da Banda Oriental), soffremos de fins de 1863 a principios de 1865, a maior das humilhações.

A oppressiva questão “Christie”, em que fomos tratados um pouco á valentona pelos ingleses, trouxe-nos o supremo desgosto de vermos o porto do Rio de Janeiro bloqueado pela esquadra britanica a titulo de represália oferecendo-se-nos a guerra em proposta diplomatica, — si assim a quisessemos.

Pagando o que reclamava a Inglaterra, interrompemos com ela as nossas relações diplomaticas.

A guerra do Paraguai foi um verdade'ro desafogo de cujas consequencias ainda hoje sofre o país. Com efeito, os 500.000:000\$000 que ela absorveu, teriam bastado para construirmos 10.000 quilometros de estradas de ferro e, com os proprios 100.000 homens que lá perdemos, teriamos podido construi-las e afastar quaisquer complicações de guerra, si em tempo tivessemos construido linhas de penetração: — comerciais, estrategicas

e de colonisação, — simultaneamente, — para as fronteiras dos nossos vizinhos, então, — como nós, agastadiços, turbulentos e ambiciosos.



Concebe-se bem diante desse quadro de guerras incessantes, que durante os primeiros setenta anos do seculo XIX impeliram ao derramamento de sangue dos brasileiros, — todos produzindo abalos profundos como são as guerras externas, e creando odios implacaveis como os que produzem as guerras civis; — concebe-se bem que o Brasil não podia oferecer atractivos para os capitais estrangeiros que aqui viessem a fins licitos e apenas á procura de lucros, — nem podia atrair o imigrante *inteligente e laborioso* que quisesse estabelecer-se fora de sua pátria. A esse estado de guerra, em que se entretinham os filhos válidos do Brasil, juntava-se, para completar o mal, — o trabalho escravo, — um dos mais atrofiantes instrumentos de produção e uma politicagem absorvente.

Dir-se-ia um povo semi barbaro, distanciado ainda da fase industrial, em que entravam os povos modernos civilizados, e que é a caracterizada pela actividade pacifica.

Não é pois de admirar que os capitalistas europeus, — ingleses principalmente, — opuzessem dificuldades e exigissem dezenas de garantias ás nossas empresas construtoras de caminhos de ferro e, que só nos mandassem dinheiro com as mais solenes garantias do Governo, — como fizeram

para nós e para as Republicas nossas visinhas... E' que se o fizeram é porque tinham força para recebe-lo... Assim, nada mais natural do que o lentissimo desenvolvimento geral do Brasil, até 1870, ou, pode-se dizer, mesmo até 1900.

Não tínhamos população centralisada e de habitos a exigir as necessidades de uma grande industria manufatureira.

Faltaram-nos elementos naturais capazes de apressar o nosso desenvolvimento industrial e, faltando-nos uma orientação objetiva e definida, fóra de um ambiente guerreiro, éra-nos impossivel termos progredido mais, moral, material e economicamente do que o fizemos.

Em sintese, é este o resultado ao qual se chega sob o estado sincero de nossa situação, decorrido mais de um seculo depois de nossa independencia politica; — O BRASIL E' AINDA UMA COLONIA DE EXPLORAÇÃO COMERCIAL INTERNACIONAL E, ISTO PORQUE NÃO SOMOS UM PAÍS INDUSTRIAL.

## A' MARGEM DE NOSSA DEPENDENCIA ECONOMICA DO ESTRANGEIRO

“Ha um seculo que estamos cultivando a politica do devaneio e da illusão diante de homens de ação e de prea, que, por toda a parte, em todas as regiões do globo, vão plantando, pela paz ou pela força, os padrões da sua soberania.”

*Oliveira Viana.*

Os povos industriais já compreenderam que o Brasil já iniciara resolutamente uma politica firme visando proteger, amparar e intensificar as industrias fabris do país. Por isso, apressam-se em apoderar de fábricas, de industrias e fontes de energia elétrica aqui já florescentes, para atrofiar essas industrias e iniciativas, quer seja tornando-as dependentes da materia prima importada, dos capitais internacionais ou para tutela-las diretamente, — impedindo-as de progredir ou de satisfazer ás verdadeiras exigencias nacionais, para o que fundam “trusts” para distribuição dos produtos de suas industrias e organisam o elemento estrangeiro aqui residente que explora o nosso commercio e nos fazem uma colônia internacional.

Temos ás nossas vistas, diariamente, além do monopólio da produção e distribuição de energia elétrica, — que é o sangue para uma nação sem combustíveis, — os “trusts” da gasolina, dos pneumáticos, do trigo, dos fios de cobre, das lampadas elétricas, dos frigoríficos, do cimento, do fosforo e outros, que hoje imperam sobre o nosso comércio importador, exportador e distribuidor.

Ainda que resumidamente, passemos em revista a actualidade industrial brasileira e vejamos como no Brasil, quasi todas as industrias e fontes valiosas de riquezas já estão em mãos alienigenas.

Assim fazendo, podemos nos prevenir dos perigos que ameaçam o nosso futuro, pois, no caminho em que vão as cousas, são os estrangeiros que decidirão amanhã, como arbitros de facto e de direito sobre o nosso futuro económico, o qual significa o ganho ou perda de nossa futura independencia que só será real quando alicerçada num sólido pedestal económico.

Ninguem de bôa fé e de senso, ousará negar que são os estrangeiros que hoje detêm a nossa máquina industrial e, que são elles que a dominam, quer seja individualmente, possuindo fábricas de tecidos, frigoríficos, moinhos de trigo, serrarias, fábricas de oleos, de banha, metalurgias, empresas de navegação e mesmo fazendas de café, quer monopolizando as industrias vitais do país. Nenhum brasileiro conciente ousará negar que a nossa formidavel importação de trigo, provem do facto de que os seus maiores importadores no país são tambem os estrangeiros proprietários dos moinhos que fazem o “trust” do trigo, impedindo lucrativamente o seu cultivo no Brasil.

Os estrangeiros, possuidores e senhores como o são no momento, de todo o nosso grande comércio e, na industria de trigo, como diretores dos moinhos que, maldosamente, possuem rotulos de nacionais para nos ludibriar, mancomunam-se com o exportador estrangeiro e, auferindo lucros, pouco se lhe importa quanto ao bem estar da nossa terra e do nosso povo.

Com grande acerto já disseram que a “nossa importação de trigo em grão é uma das mais absurdas industrias parasitas que enriquece alguns, principalmente estrangeiros, á custa de todos.’

São êles que teem impedido a nossa produção de trigo general’sada, fazendo nascer moinhos por toda a parte que desbancariam esses monopolisadores ambiciosos do fornecimento da farinha e exportadores do farelo para não vendel-o barato aos criadores da terra que exploram.”

A cultura do trigo e a moagem em pequena escala, terá, que lutar com a grande industria em mãos de estrangeiros, solidamente implantada entre nós, para favorecer os exportadores alienigenas que, tudo farão para combater a vulgarisação da atualmente mais necessária produção de cereal de consumo diário e forçado no Brasil.

Pão e gasolina, alimento e locomoção temolos na dependencia do estrangeiro... Trigo e alcool combustivel podemos produzir para reconquistarmos um pouco de nossa independencia já em grande parte sacrificada.

\* \* \*

\*

Mostrando como somos hoje dominados pelos estrangeiros, temos a São Paulo Railway, — a mais importante via ferrea no Brasil, sob o ponto de vista económico e estratégico, e pela qual se escoam mais da metade da exportação nacional. Esta é exclusivamente inglesa e um instrumento que atrofia e impede o progredir vertiginoso de São Paulo e do Brasil.

Já a nossa actual posição é semelhante a de um rico fazendeiro que divide os seus latifúndios em partes que dão a pessoas completamente estranhas que nelas vivem prosperadamente, enquanto ele, subalternizado, encolhido, miseravel, conserva-se no meio das riquezas alheias que lhe deviam pertencer, no seio de industrias que devia dirigir.

No Brasil as produções são quasi todas provenientes de obreiros aqui residentes. Os fornecedores destas produções ás nossas populações são em grande numero estrangeiros. Os exportadores igualmente. Os vendedores no estrangeiro dos productos exportadores, da mesma forma.

Tambem da mesma forma estão quasi em poder dos estrangeiros as principais ferrovias do país e todos os portos nacionais. Por exemplo: "40% do capital ações da Comp. Paulista de Estradas de Ferro; 25% do capital ações da Mogiana; todo o capital ações da Sorocabana; 95% das ações da S. Paulo Rio Grande, estão em mãos de uma só companhia estrangeira"...

No Brasil, os importadores, em sua grande maioria são ainda constituídos de alienigenas. A quasi totalidade das fabricas existentes no Brasil, pertencem a adventicios. Por esses motivos, imensas

riquezas nossas saem constantemente daqui indo locupletar outras nações.

Urge cuidarmos com mais carinho da nacionalisação do Brasil, a qual só será eficiente si, antes de tudo, intensificarmos a produção e a instrução e utilizarmos as fontes de riqueza genuinamente nacionais.

Que o Brasil vai deixando de pertencer aos brasileiros os fatos e as estatísticas são eloquentes em demonstrar, si a isso não bastasse a observação corriqueira das cousas: Mas, vejamos o que nos demonstram alguns dados estatísticos: Para se ter uma idéa do que os estrangeiros possuem no Brasil em propriedades rurais, o snr. F. Contreiras Rodrigues, organisou o seguinte quadro:

“De 648.153 estabelecimentos rurais, no país, a estrangeiros pertencem 79.169, isto é, a 8a. parte ou 12% do numero de propriedades.

De 175.104.000 hectares apropriados, a estrangeiros pertencem 10.568.000 hectares, isto é, a 16a. parte ou 7% da area apropriada.

De 10.568.000 contos de reis, valor das terras apropriadas (pelo censo de 1920 o valor total da terra apropriada no Brasil é de 8.325.275:527\$000 sem as bemfeitorias), a estrangeiros pertencem 1.135.124 contos de reis, isto é, a 10a. parte ou 10% do valôr.”

Isto quer dizer que, mesmo a agricultura, atividade pouco procurada pelo estrangeiro, pois a maioria dos recém vindos para o Brasil permanecem nas cidades. 10% do Brasil já não nos pertence.

Mas, diz-nos mais o ilustre tradutor de Charles Gide: “As concessões feitas pelos governos dos Estados a estrangeiros, são avultadas em todo o



Brasil; em alguns estados como extensão, em outros como valor. No estado de Mato Grosso e do Amazonas ha imensas propriedades de estrangeiros, — com o dominio pleno sobre elas.

A proporção de estrangeiros é mais densa nos seguintes estados:

Amazonas . . . . .	15%	do valor da terra
	20%	da area apropriada.
Espirito Santo . . . . .	24%	do valor da terra
	20%	da area apropriada.
Paraná . . . . .	20%	do valor da terra
	10%	da area apropriada.
São Paulo . . . . .	17%	do valor da terra
	14%	da area apropriada.
Santa Catarina. . . . .	13%	do valor da terra
	11%	da area apropriada.
Rio Grande do Sul . . . . .	13%	do valor da terra
	10%	da area apropriada.
Acre . . . . .	24%	do valor da terra
	22%	da area apropriada.

Já se ve, pois, que 20% do valor das terras do Paraná, 17% das de São Paulo, 13% do Rio Grande do Sul, 24% do Acre, já não nos pertencem... como não nos pertencem o Sul de Mato Grosso e toda a melhor aréa aproveitada do Amazonas...

E note-se que apenas referiu-se a estrangeiros e não ao que pertence aos filhos destes no país que, apesar de brasileiros, muitos ainda precisam ser nacionalizados...

Si da propriedade da Terra passamos ao Comércio, á industria fabril e manufatureira em geral, aos bancos, ás vias de comunicações, á posse das jazidas de manganês, dos terrenos auríferos, das quedas d'agua, fica patente que tudo de alguma importancia económica hoje existente no Brasil está diréta ou indiretamente sob o domíno de estrangeiros.

Já depende do visto dos norte americanos a prosperidade ou o aniquilamento no Brasil de qualquer indústria que aqui ousemos edificar pois, aqui já monopolisam toda a produção e distribuição de energia eléctrica, — o que para um país sem combustível significa ter passado a outrem o direito de dirigir o seu destino económico e fazer do Brasil uma nação de indústria e comércio pujantes ou tornal-a uma colónia de exploração internacional.

Como proprietários talvez de mais de 95% do total da potencia das usinas eléctricas aqui existentes já monopolisam o suprimento de energia eléctrica em todas as grandes cidades e municipios brasileiros, — em todos os nossos centros importantes de vida intensa e de grande densidade demográfica: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, São Salvador, Belem do Pará, Santos, Belo Horizonte, Campinas, Manaus, Fortaleza, Pelotas, Rio Grande, Jaú, Bauru, e em mais de 400 outras cidades importantes do Brasil e em seus respectivos municipios! . . .

Ainda, para dissipar alguma illusão que exista sobre a nossa actual dependencia do estrangeiro, — devido não sermos um país industrial, basta que procuremos saber quem retem em suas mãos os serviços de comunicações na Brasilia Terra.

Os cabos submarinos estão em mãos de ingleses, de norte americanos e de italianos.

As estações radiotelegraficas são de propriedade de americanos do norte e de franceses.

Toda a “nossa” rêde telefonica interligada e visível do setor mais povoado e prospero do país que pode figurar em um mapa, — pertence á Companhia Telefonica Brasileira, — que é uma empresa norte americana com o rotulo de nacional.

Uma das “nossas” mais importantes companhias de navegação costeira é administrada por ingleses que chegaram á perfeição de nos impôr os officiaes que comandam os “nossos” navios mercantes que, encomendados por ingleses, foram construidos nos estaleiros ingleses, como inglesa é a nossa propria navegação interna na Amazonia, — como estrangeiros são todos os meios efficientes de comunicações que temos para o exterior.

Podemos attribuir como um dos maiores entaves ao progresso industrial do país, — alem do comércio importador estrangeiro que faz todas as “nossas” aquisições no exterior, os Bancos estrangeiros, as companhias, firmas e empresas ditas nacionais, — porem no fundo e ao todo estrangeiras que, só compram e vendem materiais importados, — perseguindo mesmo o similar nacional.

E’ assim que uma importante empresa de navegação “nacional”, para comprar no Brasil, da indústria brasileira, meia duzia de parafuzos, precisa pedir o visto de ingleses ou de consultar Londres; — é assim que a industria “nacional” para comprar uma máquina de um conto de réis para melhorar a sua produção e eficiencia precisa pedir autorisação aos seus diretores, em Nova York; que uma estrada de ferro prefere comprar carvão

em Londres, por preços mais elevados, em piores condições, pior artigo e adquire locomotivas na Inglaterra, para proteger a indústria britânica, em vez de comprar o combustível e as locomotivas e material rodante da Alemanha ou da Bélgica em condições mais vantajosas.

E' ainda contra os interesses financeiros do Brasil que, uma importante companhia de mineração no país, para adquirir um caminhão prefere comprar-o de pior marca e mais caro na Inglaterra e sem haver aqui onde se abastecer de sobressalentes.

Eis porque, só com a majoração da tarifa alfandegária a "Light" deixou de importar fios e cabos, quando a preços menores os havia em São Paulo e, é por isso que éla adquire no exterior uma infinidade de artigos que não precisamos mais importar.

Hoje, no Brasil, procuraremos em vão, encontrar alguma indústria, alguma oficina, alguma fonte de trabalho remuneradora que não seja de "trusts" e sindicatos estrangeiros ou fortemente vinculados a êles, quando não estejam na iminência de se tornar propriedade dêles.

Uma indústria que nos encheria de orgulho e viria atestar o esforço dos brasileiros, — a indústria dos fios e cabos e artefatos de cobre para electricidade, si bem que iniciada por brasileiros, hoje já não lhes pertence e, nesse andar, si não pusermos um paradeiro em nossa falta de organização, si não ampliarmos a nossa visão, e não sairmos do descaso em que deixamos os nossos problemas e não cuidarmos de conservar as fontes vitais do país, — não é de se extranhar irmos até á bancarrota, á suzerania de alguma potencia forte e in-

dústrial ou, — á anarquia e fracionamento em várias “republichetas” rusguentas de valôr ZERO no conceito internacional.

Atualmente toda a vida brasileira é dominada pelo imperialismo e pelo capitalismo estrangeiro. Nem é preciso citar algarismos para mostrarmos que tanto o comércio externo e interno no Brasil é quasi todo dirigido por estrangeiros, apesar de sabermos que: — *“um povo que não é senhor de seu comércio não pode pretender a independencia económica”*.

Por maiores que sejam a agricultura e a indústria de um povo, elas dependerão do comércio estrangeiro, — si não possui comércio proprio como nós, — a quem incumbirá a colocação dos seus produtos nos mercados e, por cujas mãos se hão de fazer todas as operações de que teem de resultar a maior ou menor expansão de suas trocas.

O comércio e a indústria maquinofatureira deram á Inglaterra a predominancia económica que a Alemanha estava disputando com exito feliz, quando foi abatida em 1918.

Em todos os grandes centros brasileiros são, principalmente, os inglêses, os alemães, os norte americanos, os sirios, os italianos e os portugueses que dominam a importação, a exportação e, mesmo, o comércio a retalho.

Ha cidades onde quasi todo o comércio gira em mãos de determinadas colonias, entre as quais os “turcos” de várias origens começam a tomar posição saliente.

Nas grandes cidades do Brasil, o pavilhão nacional só é visto, — único e só — em mastros de edificios publicos, pois só o hasteiam justificando o

desflaldar de bandeiras de outras nações, em frente das propriedades dos estrangeiros no Brasil.

No comércio de dinheiro, os bancos estrangeiros fazem quasi todo o movimento de cobranças e “boicotam” as firmas nacionais que não lhes agradam.

São estes elementos perniciosos que estando ao par de toda a nossa actividade económica, podem impedir e atrofiar, como em verdade impedem e atrofiam o nosso progredir.

São os bancos e a maioria das firmas estrangeiras que aqui operam, sorvedores do nosso ouro e espiões gratuitos de suas patrias que, pesquisam e analisam desde o credito individual a toda a vida privada e pública do país.

Dilatemos o nosso olhar sobre todas as indústrias e fontes de riqueza no Brasil e veremos que, quasi nenhuma nos pertence, como não nos pertencem os frigorificos, cujos nomes de “Armour”, “Continental”, “Anglo”, “Swift”, não escondem a sua origem e que fazem quasi o total de nossa exportação de carnes congeladas e do xarque.

Digamos porém que não é só no Brasil que a sua indústria de exportação de carnes frigorificadas está em mãos dos estrangeiros. Assim tambem acontece na Argentina, — o maior mercado de carnes do mundo, — Do livro: “Geografia Económica de la Republica Argentina”, diz-nos o seu autôr:

“Las empresas frigorificas establecidas en el país *pertenecen en su casi totalidad a capitalistas ingleses e norte americanos.*

El dominio casi absoluto que estos capitalistas ejercen sobre el comércio de carnes del mundo entero y las oscilaciones acentuadas en los precios

de la carne han provocado movimientos más o menos intensos desde 1922 a la fecha, de parte de los productores de ganado, que considerabam afetados sus intereses", etc.

Como resultados de esses movimientos se ditaron varias leyes tendientes a regular el comercio de carnes". etc...

Mais adiante diz-nos o ilustre engenheiro: "El administrador de los Mataderos de Liniers "Capital Federal", en un informe presentado a la Administracion Communal afirmaba que la falta de instalaciones adecuadas ocasionaba a la economia nacional Argentina uma perdida de 10 millones de pesos papel por ano.

Es, precisamente la gran organizacion indispensable en esta industria, uno de los motivos primordiales de su possible trustificacion, pues solo a muy pocas entidades les es possible llegar a constituir mecanismos tan complejos y delicados".

Mesmo na terra, que outróra só nós a possuíamos, nem esta hoje já nos pertence exclusivamente. As nossas propriedades agricolas e fazendas de café mais notadamente, passam para mãos de estrangeiros e já são em grande numero os potentes estrangeiros que possuem fazendas de café, em São Paulo e estancias no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Santa Catarina e em Mato Grosso.

Uma prova flagrante de que nem mesmo aos ingleses, — povo essencialmente comerciante, — escapa a cubiça de nossa terra temos no seguinte tópico de uma revista Londrina dedicada a assuntos económicos:

"Since 1923 the majority of the British investment in Brazil has been in coffee plantations." Sí

é rápida a perda da posse da nossa terra por parte dos brasileiros, nos estados mais adiantados, nas unidades federativas como: Mato Grosso, Pará, Amazonas e Santa Catarina podemos afirmar que não tardará o dia em que na terra brasileira esses brasileiros se tornem escravos do estrangeiro, como escravos já lá o são um grande numero de patricios nossos.

Um exemplo: — A Cia. Mate Laranjeira, empreza estrangeira com o rótulo de nacional e mais alguns sindicatos ingleses dominam economicamente todo o sul de Mato Grosso.

Na proporção em que as cousas vão, não é impossível que venhamos a perder a “posse” da Amazonia, ou tel-a indiretamente sob a tutela politica de estrangeiros, indo esse futuroso recanto do Brasil ficar como Cuba, sob o dominio disfarçado da América do Norte, que secundará, como atesta toda a sua história, — de armas na mão, todo o esforço “civilisador” que lá fizerem as grandes emprezas, trusts e sindicatos norte americanos.

E’ fantastica a nossa presente dependencia do estrangeiro. Ao utilisarmos de um telefone prestamos-lhe um tributo, quér seja pagando-lhe pelo uso ou por o termos adquirido no exterior, ou por ambas as cousas a um só tempo.

Ao acender um fósforo, como ao fumar um cigarro, presta o brasileiro um tributo ao alienigena, pois êle é quem aqui monopolisa a indústria dos fósforos e do tabaco. Si, enquanto o leitor põe no bolso dos inglêses alguns réis, ao fumar um cigarro “brasileiro” olhar para o relógio, evidencia ainda mais essa nossa dependencia do alienigena, que é quem vende os relógios existentes nesta Terra.



Mas, si para regularmos a nossa atividade, com o relógio, somos dependentes do estrangeiro, esta dependencia tambem é notoria ao pegarmos um talher ou ao irmos nos deleitar a um cinema ou a um teatro.

Assim, devido á nossa falta de organização, á nossa pouca visão administrativa e á falta de solidez de patriot'smo dos que nos dirigem, toda a atividade brasileira passa por uma malha de dependencias que nos escravizam a outros povos.

Ao abri'rmos um telegrama não nos surpreendem as palavras do idioma que atestam a sua vinda por intermédio dos agentes de comunicações estrangeiras no Brasil.

Western, All América Cables, Radio Braz, Cavi Sotto Marini, entidades que modelam ou procuram modelar a nossa maneira de pensar de acordo com os interesses politicos e comerciais dos países de seus acionistas.

Toda a vida brasileira é hoje uma dependencia clara ou disfarçada que melhor será dita como sendo a nossa escravidão ao alienigena; escravidão ou dependencia esta que, em vez de ser benéfica e desejavel entre os povos, não é sinão o resultado da nossa desorganização social, moral, politica e económica.

E'la representa o auge a que chegamos em atraso, em falta de capacidade para encararmos os nossos problemas!...

Nas menores cousas da vida brasileira notar-se-a o quanto dependemos de outros povos... ainda que isto seja uma falta que nos humilha em vez de uma qualidade que nos lisonjeia.

"E esse absurdo estado de cousas de modo nenhum se modificará enquanto o Brasil não se

tornar um grande país industrial, possuidor de abundante quantidade de energia carbonifera ou elétrica que a substitua.

Atualmente, um banho do brasileiro é pago em ouro ao país que lhe fornece carvão donde sai o gaz do aquecedor. Um bife, um ovo frito que coma nas capitais, custa ao país a emigração duma certa quantidade de ouro em troca do calor gasto pela cozinheira.

Uma simples corrida de auto determina uma sangria de ouro em troca da gasolina que o carro queima.

Dai o empobrecimento do Brasil. Os gastos mais elementares da vida, os que todos os dias se repetem, nós brasileiros os pagamos em ouro ao estrangeiro.

Na instrução vamos sendo absorvidos e o nosso pensamento vai sendo moldado de modo a virmos praticar o que não venha ferir os interesses dos que nos exploram á maneira de uma colônia quasi emancipada...

Escólas, colégios, clubs, hospitais, livros, indústrias, associações, bancos, comércio, imprensa metropolitana e regional, mostram irretorquivelmente como vamos sendo "catequisados" pelos agentes disfarçados do imperialismo alenigena que, para consumir a sua obra de dominio sobre nós, ora se acotovela á arte, á instrução, á ciencia, á indústria, á filantropia, á religião, á "sagrada defesa nacional" ou sobre todo um conjunto sem nome, cheio de vicios e de incoerencias que malévola e pomposamente denominam de "civilisação".

A' proporção que nos tornamos mais "civilizados" ou "sifilizados", tornamo-nos tambem mais de-

pendentes dos povos economicamente sãos, e industrialmente fortes e, si outróra as nossas expansões de alegria, nas serenatas e nos bailes tinham como auxiliar o violão, hoje nos bailes “civilizados”, no Brasil, ouviremos músicas que importámos, executadas por instrumentos importados ou, mesmo, por uma máquina falante que tambem nos é vendida pelos representantes do industrialismo externo. Do baile si formos para casa de bonde, de automovel, de aereoplano, prestaremos a nossa homenagem ao estrangeiro pôr dêle dependermos para o transporte, tanto como á mesa ao comermos o pão ao almoço.

Nada escapa á voragem de dependencia em que nos afundamos e, mesmo nos prostibulos, na officina, no teatro, na rua ou em casa, o estrangeiro nos explora, vendendo-nos tudo: — honra, máquinas, gazolina, pão, . . . tudo, a todo o instante e a toda hora, — porque nós tem faltado homens de visão, patriotas inteligentes, sagazes e de dignidade que encarem a verdadeira realidade brasiliana traduzida pelo descontentamento geral e profundo contra o irracionalismo administrativo, económico, politico e financeiro que creou a angustiosa situação que atravessa o país. E’ desse conhecimento da verdadeira realidade brasileira que, uma ansia de irreprimivel realismo se evidencia em todas as camadas de nossa população, que, desesperadas, quási com a terrivel dificuldade de vida, comprehendem agudamente a necessidade de uma transformação profunda de nossas diretrizes governamentáis.

Nem mesmo nas horas de descanso ou de prazer, voluntáriamente, hoje, os que habitam o Brasil, dispensam o concurso do estrangeiro.

A' noite vamos ao cinema ver artistas e cenas supostas da vida real norte americana ou aos teatros ouvir cantos e óperas em italiano, que não as entendemos, — mas, por saciarem á nossa vaidade, nem por isso custam-nos barato...

Nos cinemas, circos e teatros, onde o português ainda é falado, — ouviremos não o que é nosso, — de nossa terra, de sua gente, — mas atores e artistas espanhóis, galegos, franceses, italianos, portugueses, etc., os lusos, principalmente, copiadores das “revistas” mórbidas e eróticas dos “boulevards” de Paris e nol-as transmitindo com mais “histerismo” e salacidade no seu sotaque á “cuivrã” ou á “lisvueta”.

Nos estudos somos uma verdadeira dependencia internacional, sobretudo francesa. Não possuindo e não produzindo livros técnicos e científicos, nem ao menos traduzimos os que se publicam em outros idiomas afim de os adaptarmos ás nossas escolas e estabelecimentos de ensino elementar, médio e superior.

Tamanha é a nossa dependencia do exterior, — quanto a livros, que, sí fosse decretada a proibição de se estudar, no Brasil, em livros científicos escritos em outros idiomas as *nossas faculdades superiores fechar-se-iam*.

E temos quatro séculos de vida, desde que os portugueses aqui a primeira vez pisaram!...

Nós brasileiros, para nossa maior humilhação, estudamos em livros escritos, pensados ou traduzidos por franceses, ingleses, italianos, alemães, tudo, menos em português e, nisto, em grande parte reside o nosso atraso científico, identificado com o dos portugueses, — de óntem e de hoje.

Sem livros populares e científicos, em idioma nosso, não é possível um intenso desenvolvimento cultural em nossa Pátria.

Para nos alimentarmos, comemos em “restaurants”, pratos estrangeiros, com louças e talher estrangeiro, as mais das vezes feita e servida por estrangeiros, a quem chamamos de “garçons” e os gratificamos á estrangeira.

Ao sentirmo-nos inspirados, ao fazer alguma declaração sentimental, — irra!... os “envelopes” delicados com os quais queremos que conduzam a delicadeza do nosso expressar e sentir, não são nacionais, como não o são também os postais com vistas das nossas grandes cidades e os cartões de “Boas Festas” que a ética de civilizados todos os anos faz enviarmos áqueles que nos correspondem socialmente.

Ao desfastiarmo-nos, nos domingos, em um jogo de futebol, ouviremos ainda, sôar em nossos ouvidos uma técnica abstrusa de estrangeirismos...

Ao lermos á noite sob a luz macia e higienica, que é a luz elétrica, prestamos tributo ao estrangeiro que hoje monopolisa os “nossos” serviços de suprimento de eletricidade e estamos concorrendo para que os pequenos depósitos de ouro que nos cheguem se escoem novamente para além mar.

Tudo, enfim, no Brasil, concorre para o escravizar...

Desde o pão que comemos ao transporte para nossa locomoção.

Desde a roupa que vestimos, ao cinéma que nos deleita.

Quando viajamos, movem-nos trens construídos com materiais importados ou de propriedade de estrangeiros...

Do nacermos á juventude, dos folguedos do carnaval á sepultura, gastamos materiais importados e, não satisfeitos alguns de saberem que irão para o tumulto carregados por veiculos queimando gasolina e gastando pneus importados, ainda ha brasileiros que mesmo depois de mortos vão pedir materiais ao estrangeiro, para o mausoléu que abriga os seus ossos...

Ao lermos um jornal, quando não se nos depa-ram noticias e telegramas do exterior que as agencias estrangeiras nos enviam para modelar a nossa maneira de pensar e atuar, pelo menos o papel, em que as noticias são impressas, não é de fabrico e procedencia nacional.

Ainda que seja preciso desassombro para afirmar, a verdade é que não temos imprensa e, toda a vida nacional está sendo *modelada por interesses mesquinhos, pessoais ou regionais ou pelos agentes estrangeiros que operam em nosso meio.*

★  
★ ★

Quer seja pelas revistas publicadas a titulo exclusivo de "ensinar" e estimular a ida do nosso publico aos cinemas e para fazerem propaganda dos norte americanos, ou pelas revistas e publicações especializadas: que modelam o espirito de nosso povo para fazer seguros de vida nas filiais ou subsidiárias de companhias estrangeiras; quer seja ainda pelas revistas norte americanas, inglesas, ou de coligação geral dos importadores do Rio de Janeiro e de São Paulo, ou as revistas automobilísticas; quer seja ainda pelos jornais de colónias estrangeiras aqui estabelecidas ou pelos "a pedi-

dos” dos jornais “independentes” ou pelas colunas pagas do jornalismo amarelo que no Brasil existe em proporções assustadoras, — o certo é que toda a nossa maneira de proceder e de pensar está sendo modelada afim de não contrariarmos os interesses de outras nações ou de estrangeiros.

Adicione-se a esses fatos a espionagem que exercem os representantes dos agiotas internacionais sobre a importação e exportação; a sua fiscalização das saídas ferroviárias dos nossos principais portos e, as mil maneiras de operarem contra os nossos interesses e eis porque toda a vida nacional gira em derredor de interesses que se chocam.

Por todos os meios colaboramos com o estrangeiro para que êle nos tutele economicamente. Quer seja pelos depositos e redescontos que fazemos em seus e a seus bancos, até o que se passa na industria de seguros, nós, como os indús, nos escravizamos pelas nossas proprias mãos. . .

Não temos percebido ainda que precisamos encarar a realidade brasileira, nacionalizando tudo o que fôr possivel para a felicidade coletiva de nossa Pátria.

Uma prova do quanto temos descuidado de organizar o nosso país é que, uma indústria parasitária, — a indústria estrangeira de seguros, — aqui operando leva-nos, anualmente, quasi dois milhões de esterlinos, que são sugados á nossa economia sem vantagem absolutamente nenhuma para o país ou para a coletividade.

Pelo contrario, essas emprezas com o seu corpo de medicos, de engenheiros e agentes, possuem como barometro de toda a vida nacional todos os

dados individuais de nosso povo: — saúde, natalidade, mortalidade, vida média, grau de robustez, de intelligencia, de poupança e até de animo de criminalidade.

Quasi todos os países civilisados teem procurando nacionalisar essa indústría, considerando as companhias estrangeiras verdadeiros polvos que, deixando o corpo nos seus países de origem, lançam os seus tentaculos em outras terras, onde vão sugar a economia local, sem nada lhes dar em retribuição, nem mesmo o capital com que operam.

“Entretanto, quasi 40% dos seguros feitos no Brasil são por intermedio de companhias estrangeiras que, dada a nossa mania de confiar em tudo e de tudo dependermos de outros povos, permittimo-lhes nos explorar e nos escravisar.

Mesmo ao escrevermos uma carta, quér seja quanto ao papel, á maquina ou mesmo á datilografã, somos ainda dependentes do estrangeiro.

Ao pegarmos no dinheiro que circula com velocidade de cágado em nosso país, leremos nas cedulas: — “American Bank Note Company”, *maximo de vergonha de nossa dependencia estrangeira* e que mostra ao mundo que nem ao menos dinheiro papel sabemos fazer e, que desde a menor cousa á maior somos um povo dependente e escravisado.

Ao irmos pagar uma duplicata, saldamo-la em 50% das vezes em bancos estrangeiros. Sobre a moda, nós, como o mundo inteiro que se diz “civilisado”, somos colonos da França, da Inglaterra, da Italia ou dos Estados Unidos da América.

Esquecem os que nos governam que a moda é imposta por uma condição economica que escapa



ao público e, como haveríamos então, como país colónia que somos, não sofreremos as suas consequências?

Ao fim de cada estação a moda é ditada pelos "stocks" remanecentes. Então, os "modelos vivos" das grandes usinas da elegancia apresentam no prado de Long Champs, no Strand, na Quinta Avenida, na Broadway ou em qualquer outro mostruario consagrado, o famoso resultado de um acordo entre os magnatas e judeus de Lylle e Lyon, Liverpool, Milão, Nova York, Manchester e Viena da Austria.

O público aceita e aplaude; chama a isto os ditames da moda.

As calças masculinas excessivamente largas, são moda de procedencia britanica, em opposição ás calças estreitas dos americanos do norte, que não são exportadores de casemiras.

E' que os ingleses *precisam dar escoamento a montanhas* de tecidos armazenados ao longo das docas de Manchester.

Si a moda é pois uma operação fnanceira, nós devemos fazel-a em nosso proveito, em beneficio nacional. Para tanto, devemos dar a preferencia á matéria prima e ao trabalho nacionais, exatamente como fazem, — sem exceção, todos os outros grandes povos.

Entretanto, ass'im não temos feito e, ao contrario, eternamente temos caminhado para nos escravisar aos "industriais" e empregarios da moda, no exterior. Já no tempo do Império, tudo quanto dizia respeito á França sempre interessou fortemente a D. Pedro II, que lastimava que tanta riqueza intelectual e material, — como a que lá exis-

tia, — não fosse aproveitada de acôrdo com o melhor critério.

Assim, enquanto Pedro II cuidava do que existia em casa alheia, voltavam os franceses para as festas do Império, afim de animar o comércio de luxo parisiense.

Porque desde então imitamos sempre á França e não á Suécia que já era mais sábia e feliz?

E' que junto a nós sempre houve francezes e não suecos que souberam nos catequisar e explorar!

E' por isso que nós vamos levando a nossa vida de luxúria, de desregramento e de inatividade, que nos acabará escravizando a alguma potencia estrangeira, como se escravisara Portugal á Inglaterra.

Hoje, toda a vida brasileira é um conjunto de ações que nos fazem dependentes do estrangeiro e, já nem mesmo as cifras em mil reis servem para exprimir o nosso mesquinho comércio externo, pois mesmo nos *relatorios officiais* prestigiamos a moeda de outros povos, comparando as cifras de nosso insignificante intercambio internacional, reduzidas a dolares e a libras.

Só este fáto bastaria para obrigar aos nossos verdadeiros estadistas a seguir outra politica mais sábia e mais nacionalista, si não fôra já os interesses pessoais de muitos brasileiros que nos dirigem estarem coligados aos dos estrangeiros, que nos querem escravisar.

Tudo de alguma importancia e de valôr material que temos no país já não nos pertence e poderíamos citar ainda vários exemplos do que ora se dá em companhias de seguros, em companhias de

navegação, em bancos, em empresas elétricas, em fabricas, no comércio e, até mesmo, no cléro...

Na imprensa, já é grande o numero de jornaes e publicações estrangeiras rotulados de nacionais que nos transmitem fatos e teorias de interesse commercial ou politico de outros países, mesmo quando ferem gravemente os interesses brasileiros.

No comércio, são os comerciantes estrangeiros testa de ferro de "trusts" e companhias estrangeiras que aqui só permanecerão enquanto tiverem o ganho facil, puderem dominar o mercado nacional e impedir o desenvolvimento de qualquer surto industrial brasileiro.

★

★   ★

Mas, vivermos independentes do estrangeiro, na óra atual, seria tarefa impossivel ao Brasil.

Mesmo que tentassemos proceder em parte, como fizera o Japão em largo periodo de sua história, — fechando o seu territorio ao estrangeiro, — hoje, mais cêdo do que então, teriamos um Perry a nos bater á porta: "Abra-nos ou a abriremos ao mundo". E' que a nossa civilização nos obriga a tornarmo-nos escravos e dependentes do alienigena, desde ás cousas mais insignificantes ás maiores.

Como exemplo illustrativo dos maleficios da influencia do estrangeiro na vida nacional menc'o-naremos que, no campo dos transportes maritimos, ferroviarios, fluviaes e aeronauticos as empresas estrangeiras com os seus milhares de empregados, técnicos e engenheiros possuem dados e arquivos de tudo que interessa, — material e moralmente, — ao progresso ou estacionamento do Brasil, —

dados esses que nunca poderíamos obter, si nól-os quisessem negar.

Tornamo-nos, assim, tão dependentes do alienígena que êles poderiam desorganisar o país de um dia para o outro, em hora de suprema angustia nacional, durante uma luta fraticida ou numa guerra externa.

E mais, de posse de toda a verdadeira riqueza do país, podem e, realmente o teem feito, impedir a nossa plena expansão, quando esta se opuser aos seus interesses.

Diante da atual dependencia e tutela em que se encontra o Brasil das grandes Potencias estrangeiras, que sirvam de norte para os futuros "estadistas" brasileiros este aviso de Oliveira Vianna:

"Ha um século estamos sendo como os fumadores de opio no meio de raças ativas, audazes e progressivas. Ha um século estamos vivendo de ficções, no meio de povos praticos e objetivos.

Ha um século estamos cultivando a politica do devaneio e da ilusão diante de homens de ação e de prêa, que, por toda a parte, em todas as regiões do globo, vão plantando, pela paz ou pela força, os padrões da sua soberania".

Para que o nosso destino não seja o mesmo das panelas de barro que, giram junto ás panelas de ferro só ha um caminho; diz o illustre sociologo patricio: — o tomarmos a sério, a resolução corajosa de mudar de metodos, — metodos de educação, metodos de politica, metodos de legislação, metodos de trabalho, metodos de governo".

★

★ ★

Sem industria nacional de manufacturas nunca poderemos vir a constituir um povo livre e independente e, as indústrias aquí radicadas, si permanecerem em mãos de estrangeiros, ou forem administradas ou financiadas por êles, nelas só empregarão nos postos de comando e de melhor remuneração os estrangeiros e utilizarão, primeiramente, os materiais importados de além mar e, diante de tal situação, — ao brasileiro assim escravizado em sua propria terra, só lhe restará um recurso: — encostar-se no Estado, ingressar nas fileiras de burocracia, para ter sinão vida facil, sem a agitação do momento, pelo menos para sentir a ilusão do poder do mundo, — mesmo quando na realidade seja mandado.

Em suma:

Independencia politica sem o seu complemento, — Independencia económica é apenas um simulacro de independencia.

## ESBOÇO DA EVOLUÇÃO DA POLITICA DE PROTECIONISMO INDUSTRIAL NO BRASIL

“As industrias, durante o Imperio, não se puderam desenvolver, porque não obtiveram uma proteção sistematica e continua, porquanto as tarifas protetoras, prejudicando as rendas alfandegárias e os intêresses dos importadores, tiveram efemera duração, — sendo imeditamente revogadas pelas tarifas simplesmente fiscais.”

*Afonso de Toledo Bandeira de Melo.*

Não ha e nunca houve um país que se tornasse industrial que, a principio, não protegesse a sua industria com pesados direitos aduaneiros.

E' interessante, portanto, já que atingimos seculo e meio de independencia política e que ainda vivemos num regimem atrazado e agrário, — sabermos, — ainda que em sintese, — qual tem sido a orientação económica no Brasil no tocante ás suas atividades multiplas, no dominio da produção, — durante o periodo Colonial, no Império, nos

quarenta anos já vividos de Republica pseudo liberal e democratica e, -- principalmente, — qual tem sido a politica aduaneira e protetora do trabalho e das iniciativas brasilianas; — facilitando-nos o saber porque só de 1888 para cá a iniciativa e as atividades brasileiras adquiriram intensidade no campo industrial, — ao lado das atividades agricolas, pastoris e mineralogicas.

Tracemos, pois, em ligeiro esboço, a evolução da nossa politica protecionista e aduaneira.

A organização aduaneira do Brasil veio da carta regia de 28 de janeiro de 1808, na qual D. João VI, ao aportar á Baía, decidiu, . . . *sob a pressão dos ingleses*, — a FRANQUEAR os nossos portos ao comércio marítimo internacional com renuncia da exclusividade até então conferida aos navios portugueses.

Ficou estabelecido naquele documento que todas as mercadorias aqui trazidas ficavam sujeitas, — sem indagação de bandeira, que as cobrisse, ao pagamento de um direito de 24% do seu valor.

Fora desse regimem geral, estariam apenas OS POVOS QUE NÃO SE CONSERVASSEM EM PAZ E HARMONIA COM A COROA DE PORTUGAL, — como era então o caso do Império francês e de todos os seus aliados no chamado bloqueio continental da Europa.

Essas disposições gerais, foram, porem, alteradas logo depois, pelo decreto de 11 de junho de 1808, que criou a taxa diferencial de 16% em beneficio dos navios portugueses.

Em 1810, a Inglaterra ligada a Portugal na luta contra Napoleão, exigiu de Portugal, — que já se tinha enfeudado, — e obtivera de D. João VI, —

um tratado de comércio “eminenteemente lesivo”, pelo qual o imposto sobre as mercadorias transportadas em seus navios ficára reduzido a 15%, — pagando portanto menos 9% que as outras nações e, menos ainda que os PROPRIOS NAVIOS PORTUGUESES.

Si outros fatores não o confirmassem, este apenas bastaria para comprovar a tutela que a Inglaterra exercia sobre Portugal, — pouco antes de nossa emancipação política, — da qual foi a madre e medianeira.

Que Portugal constituia uma dependencia inglesa completa da Inglaterra, por essa época, — que fazia então do Tejo um ancoradouro inglês, — dis-nos O. Martins em a Historia de Portugal: — “...uma semana apenas, depois de chegar o principe regente, aconselhado pelo seu preceptor, abriu os portos do Brasil ao commercio de todas as nações amigas; eufemismo de bôa economia que queria dizer á Inglaterra, — pois esta só 40 anos mais tarde abria os seus portos e de suas colonias ao commercio internacional, — quando isto lhe trazia vantagens, principalmente á sua industria e marinha mercante.

Mas, como isto não lhe bastava, e ela que na Europa tanto se esforçava para conservar o morgado braganção, exigia a paga e obteve os tratados de 19 de fevereiro de 1810.

Mais uma vez a dinastia vendia o reino, como Esaú a primogenitora; — mais uma vez, — depois de tantas, — o bragança, para conservar o trono, — sacrificava o reino.”

O vexame, esse abuso ou anomalia de taxas aduaneiras preferenciais á Inglaterra; — sintese da tutela que sobre nós então exercia a diplomacia



inglês, só desapareceu em 1818, — quando a taxa de 15% se tornou comum aos pavilhões dos dois países.

Dai por diante, o imposto geral de 24%, condicionado á preferencial de 15%, em se tratando de Portugal ou da Inglaterra, — foi o regimen que prevaleceu até 1822, — quando proclamamos a nossa independencia politica.

Num ambiente hostile a qualquer iniciativa industrial, — num país imenso, despovoado e sob o manto “protetôr” e tutelar da Inglaterra, — ainda que indisfarçadamente, iríamos assim iniciar a nossa vida de povo independente.

O primeiro governo do Imperio, — pelo decreto de 30 de dezembro de 1822, assimilou Portugal aos demais países estrangeiros, para pagar nas alfandegas o imposto geral de 24%, — sendo mantida porem a Inglaterra em TODAS AS VANTAGENS do tratado de 1810, — em atenção, — á benevolente attitude por ella assumida para conosco, na crise da independencia.

Em 1825, graças aos bons officios do governo de Londres, Portugal tambem aceitava juridicamente a independencia do Brasil, voltando desse passo ao goso da taxa diferencial.

Em 1826, era a França que por sua vez obtinha identico favor no ato de nos reconhecer país independente.

No anno seguinte, o direito á taxa de 15% consolidava-se para a Inglaterra no tratado de commercio e amizade que com ella firmamos, — seguindo-se a Austria, a Prussia, as cidades Hanseaticas, os Estados Unidos da América, os Países Baixos e, — por fim, a Dinamarca, em 18 de abril de 1828, —

todos condicionados naquela concessão ao reconhecimento formal de nossa independência.

Esse regime aduaneiro de tarifa máxima e mínima, com o qual provendo às necessidades de tributação o Brasil jogava também na política internacional no interesse do Estado recém nascido, não era, entretanto, o mais conveniente a um povo que naquele momento se apresentava à economia geral das nações como um grande produtor de matérias primas.”

\*  
\*   \*

Si, com o dismantelo dos domínios coloniais, pela independência dos povos americanos, a máxima liberdade, nas transações do comércio tornava-se aconselhável aos velhos países europeus, muito mais conveniente essa liberdade seria a uma nação emergente do regime colonial, como a nossa cujo maior interesse estava precisamente em dilatar ao mundo inteiro as relações que a Metrópole avaramente, guardara até então como seu exclusivo privilégio.

Adotar uma tarifa de preferência, dando a alguns a situação de nação mais favorecida era, até certo ponto estabelecer em benefício destes, as restrições e desvantagens do período colonial.

O sistema da tarifa máxima e mínima condicionado ao reconhecimento da nossa independência política, foi portanto uma concessão transitória de interesses econômicos às necessidades da nossa diplomacia no exterior.

Passada a fase da nossa consolidação internacional como país independente, graças à esclareci-

da e segura visão de Bernardo de Vasconcellos, decorridos apenas 5 mezes do reconhecimento de nossa independencia pelo Rei da Dinamarca surgia a lei de 24 de setembro de 1828, que assim estatua: — “Os direitos de importação de quaisquer mercadorias e generos estrangeiros ficam geralmente taxados para todas as nações em 15%, — sem distincção de importadores.”

Era bem, perante o espirito moderno e a nova economia do mundo a exata orientação fiscal de um grande paiz novo a procurar na liberdade de comercio o desenvolvimento de suas riquezas pelo maior aproveitamento dos seus recursos naturais de seu imenso territorio, na mais ampla permuta com os produtos estrangeiros.”

Sob esse regimen aduaneiro, e no tumulto das agitações que infelicitaram o paiz vivemos o periodo da revolução liberal de 7 de abril de 1831, que forçou D. Pedro I á abdicacão e á partida para o estrangeiro, até a Revolução que se alastrou do Pará ao Rio Grande do Sul.

Ia o paiz entrar em periodo de paz e assumir ampla e livremente na nova economia do mundo o papel a que as suas riquezas naturais o destinavam quando o pesado tributo que nós brasileiros tinhamos que pagar ao cativo, mantendô toda a base economica do País sob o nefando regimen escravo iria exercer em nosso meio, como motivo da politica externa, uma função compressora e retardante na economia nacional.

Era cousa evidente que nenhum paiz americano poderia aspirar a um rapido progresso industrial sem o immediato crescimento, por afluxo exterior, de mão de obra existente nos seus limites territoriais.

Escrava ou livre, a imigração era imprescindível.

Dadas, porem, as condições da economia universal e a politica imperialista e expansionista da Inglaterra impondo-nos a abolição do trafico africano, mais cêdo do que o desejavamos e que permitiam as condições economicas do país, — si os motivos morais não tinham força sufficiente, — tivemos que limitar a economia nacional, o trabalho nacional, por longo tempo ao crescimento vegetativo da população escrava do país.

Perseguidos pela Inglaterra, a nossa situação no mercado internacional de mão de obra daquele tempo era muito clara. Não podendo renunciar imediatamente ao cativo, como era opinião corrente, não nos era licito esperar um apreciavel affluxo de trabalhadores livres. Portanto, o aumento de mão de obra só se podia ir dando muito lentamente, pelo crescimento vegetativo da população escrava existente, o que não deixaria de ser bem precario, devido ao alto coeficiente de mortalidade de pobres criaturas a viver no duro regimem das senzalas. Era evidente que uma tal situação tão falha e irregular não podia deixar de nos trazer os mais desagradaveis embaraços internacionais.

Tivemol-os bem serios, com a Inglaterra, tanto assim que, afim de derrotar-nos economicamente, ela resolveu adotar para conosco um sistema de represalias aduaneiras todo baseado na consideração de que os paizes possuidores de escravos, com as suas mercadorias obtidas num regimem economico imoral e deshumano, estavam a fazer uma inadmissivel concurrencia ás regiões de produção identica, — esquecendo entretanto de que nas suas

proprias colonias, então, como agora, ainda imperava o regimem escravo, si bem que com outras apparencias.

O açucar do Brasil, segundo a nova tarifa, pagaria o imposto de 63 shilings enquanto de 43 apenas era a taxa applicada ás procedentes das colonias inglesas. A resposta, por parte do gabinete do Rio de Janeiro, não tardou muito. No ano seguinte, o ministro Alves Branco apresentava tambem uma nova tarifa ao parlamento brasileiro, na qual a quota geral "ad valorem" de 15% de Bernardo de Vasconcelos, era substituida por uma laboriosa e complicada taxação por classes de mercadorias, que, baseadas na elevação geral dos impostos a medias de 30 e 40%, em certos artigos, atingia os limites prohibitivos de 80%. O ministro, sem se referir ás condições de nossa politica interna, que eram, sem a menór dúvida, a causa principal dos "defic'its" observados desde 1835, dava a sua tarifa como principal objeto a necessidade de forçar o aumento das rendas publicas, -- para o fim immediato da volta ao equilibrio orçamentario.

Mas, o movel real daquelas novas disposições aduaneiras descobre-se todo nesta passagem do relatorio com que elas chegaram ao Parlamento; — "as manufacturas de algodão da Inglaterra, — cuja importação no Brasil monta anualmente a perto de milhão e meio de libras esterlinas, — terão que pagar o que a Grã-Bretanha carrega em seus portos no nosso açucar!!!"

Sendo então o Reino Unido o maior comprador das nossas matérias primas, e nação que nunca veria com bons olhos a "industrialisação" do Brasil, — não é para se extranhar que então as nossas

relações com a Inglaterra assumissem um carater de forte tensão, — chegando mesmo o Parlamento britânico a decretar o seu pavilhão mantido no direito de visita e busca nas aguas do Brasil, para o fim especial de repressão ao trafico africano, pois, — á Inglaterra livre não convinha a industrialisação do Brasil, — principalmente si esta viesse com o braço escravo.

A guerra que a Inglaterra fez ao trafico negro no Brasil tornou ás nossas populações odiosa a bandeira inglesa e fez surgir um profundo estremecimento nas relações diplomaticas entre o Brasil e a Inglaterra, — cujas relações diplomaticas ficaram suspensas por 2 anos, — até o final da questão Christie.

Pois, foi consequencia desta reacção nacionalista, — consequencia das humilhações que a Inglaterra nos impuzera, — movida mais por interesses comerciais do que por altruismo, — que decorreu a industrialisação do Brasil e, foi possivel a partir de 1844, *iniciarmos a nossa verdadeira independencia alfandegaria.*

Com a experiencia que pela primeira vez se fez em 1844, procurando proteger-se com leis aduaneiras o trabalho industrial brasileiro que aqui se tentasse organizar, por impropriedade do momento, ou por pressão externa, — o fato é que em 1856 a tarifa de proteção industrial de 1844 havia cedido o lugar a uma simples tarifa de rendas e, já no orçamento de 1858, foram novamente previstas, não somente outras várias reduções nas taxas existentes, — como iniciado mesmo o principio da completa isenção nas taxas existentes e direitos

para certas mercadorias consideradas de primordial conveniencia.

— E' que no fundo de tudo isso, a diplomacia inglesa não dormia e manobrava os nossos estadistas...

Não voltamos completamente, então, ao regimen fiscal de Bernardo de Vasconcelos, porque "o precario sistema de mão de obra escrava, mantendo-se ainda a sujeitar a produção geral ás estritas possibilidades do seu quadro demográfico, impedia naturalmente toda esperanza de um tão rápido desenvolvimento interno que, por outras fontes de renda, dispensasse ir assentando ainda sobre as alfandegas uma grande parte da receita publica.

Consequencias não desvaliosas teriam essas novas orientações na politica economica de nosso país e, a curva do commercio exterior revela um novo Brasil a partir de 1860. A guerra de secessão na America do Norte é uma das causas desse fenomeno, pela alta de preços e escasses de certas produções que fez originar.

Sem a industria de maquinofaturas, com a atividade agraria estacionaria, — e que representava maior e mais consideravel massa que o país oferecia permanentemente a ser taxada, — e sem os periodos de oscilação, — como o são as taxas de importação, — exceto no periodo de 1868, devido á queda do cambio á taxa de 15, — consequente á guerra do Paraguai, que levou o nosso governo á cobrança de uma quota ouro de 15% sobre o total dos impostos de exportação, — a qual fora completamente repudia a em 1870, atingiriamos 1889 nesse regimen sem proteger o trabalho industrial brasileiro.

Assim, durante o Brasil colonia, tolhidos pela Metropole, e, durante o Brasil Imperio, tolhidos pelo braço escravo e pela politica comercial inglesa, — só depois de 15 de novembro é que a nossa politica aduaneira com carater protecionista entrou novamente em ação, pôr iniciativa do Ministro Rui Barbosa, — e é assim que iriamos tentar outra politica no sentido de libertarmos economicamente, — a nossa Pátria.

As indústrias fabris durante o Imperio, não se puderam desenvolver porque não obtiveram uma proteção sistemática e continua, — porquanto as tarifas ostensivamente protecionistas de 1844, 1879 e 1887 tiveram curta duração, devido aos protestos e reclamações do commercio importador, sendo logo após substituidas por tarifas moderadas, que antes tinham em vista o aumento da arrecadação fiscal.

As poucas indústrias que tentaram implantar-se no Brasil á sombra desse efemero proteccionismo, malograram sucessivamente, porquanto seria mais difficil manterem-se no espaço de dois anos em que vigoraram aquelas tarifas”.

Fica desse modo explicado o grande atrazo natural e obrigatório com que a Monarquia entregou o Brasil á Republica.

Data de Outubro de 1890 a promulgação da tarifa aduaneira de proteção industrial, pela qual, — como em 1844, — o Brasil tenta novos rumos em sua economia e foi essa tarifa que, — apesar de suas falhas e de seus erros, nos conduziu á situação atual de possuidores da maior indústria maquinofatureira da América do Sul...



Que o pensamento protecionista no Brasil tem tido evolução lenta, mostra-nos a tarifa de 1890, pois esta si bem que então considerada demasiado avançada para o país, — depois estudada por Amaro Cavalcanti, ele demonstrou o espirito cauteloso que presidiu á reforma pois dizia que, “— si bem examinarmos as bases dos valores officiais dos diferentes generos e as razões adotadas em numerosos artigos, chega-se, sem custo, á convicção de que a tarifa ficou aquém das condições e favores que o desenvolvimento industrial do Brasil reclama em nossas atuais circumstancias.”

Traçando a evolução económica do Brasil em face de sua politica aduaneira, vimos como esta proteção ás indústrias nacionais surgiu aquí ao aportar D. João VI; — como ela fôra depois revogada em beneficio da Inglaterra, recompensando-lhe com liberalidade, o ter sido a madrinha de nossa independencia politica; — como ela sofreu retoques para mais ainda beneficiar os ingleses; — como a nossa politica aduaneira, dada a evolução económica, social, demográfica e cultural do país que se operava num ambiente de trabalho escravo, com as leis do Ministro Alves Branco e como essa lei durou pouco tempo para trazer benefícios visiveis á Nação.

Ainda mesmo tendo curta duração essa primeira lei de proteção industrial teve efeitos salutarés, tanto assim que as primeiras fabricas de tecidos fundadas no Brasil encontraram nela o seu primeiro estímulo.

Outro exemplo evidente do valor do protecionismo aduaneiro no Brasil, no estimular as nossas

industrias, tivemos com os estaleiros da Ponta da Areia.

“De negociante importador sob o regimen liberal do tratado de 1827, graças ao qual fez fortuna, — Irineu Evangelista de Souza, volta a sua atividade para a grande indústriã, agora que o governo muda de politica e que a tarifa de 1834 entra em vigor. Esse estabelecimento, como diversas outras atividades fabrís do país, — prosperou até 1860, pois com a adoção de novas tarifas alfandegarias, ao estabelecimento da Ponta da Areia, que nascera e progredira sob os auspicios dela, torna-se impossivel resistir á concorrência estrangeira.

A freguezia escasseou-lhe, e, por fim, á minguã de trabalho, cerra suas portas.

\*

\*   \*   \*

Que o efeito das tarifas aduaneiras tem sido coroado de exito, não obstante os impostos estaduais, as isenções de taxas aduaneiras que sempre houve em grande escala para as principais empresas de serviço público e industriais, uma diversidade de outros impostos e regulamentos que oneravam e atrofiã o trabalho brasileiro, — dá-nos a crescente industrialisação do país.

Si maior e mais intensa não é a industrialisação do Brasil devemos ir procurar o motivo, bem como a causa de nossa estagnação geral e, principalmente industrial, e inquirirmos porque apesar da politica de proteção aduaneira que desde 1897, vimos seguindo, o Brasil ainda não se tornou pos-

suidor de melhor e mais intensa organização de indústrias de maquinofaturas.

Mesmo reconhecendo o fator geológico como o máximo impulsionador da grandeza económica, industrial, do progresso e do poderio dos Estados Unidos da América, da Alemanha e da Inglaterra, outra fosse a nossa política de utilização dos recursos naturais do nosso país; — tivéssemos reagido com o auxilio técnico e científico sobre as nossas deficiencias individuais e raciais, — sobre a “Terra” e o “Homem” e, outra seria a situação económica, política e industrial do Brasil no mundo.

A causa máxima das nossas dificuldades económicas e financeiras até 1888, por exemplo, resumia-se toda na fatal inextensibilidade da produção agrícola, adstrita ao exíguo quadro de mão de obra da escravidão.

Dai todos os malogrados esforços para a criação de uma indústria urbana de manufaturas que, ampliando a riqueza circulante, viesse atender fóra da lavoura e com seu providencial suprimento, ás nossas progressivas necessidades de grande país em formação.

Infelizmente, dadas então as precárias condições naturais, sociais, e políticas do Brasil, o suprimento de manufaturas tão procurado, apesar de tudo não se manifestara. Sem outros agentes de reacção que nos faltaram não podíamos apenas com o empirico protecionismo alfandegário aplicado ao país nas condições económicas e políticas que nos encontravamos em 1844, dar o estímulo desejado ás industrias fabris nacionais, pois dentre outros, vários fatores contrabalançavam o pro-

tecionismo que vimos praticando, fazendo com que o nosso ambiente fosse hostil aos empreendimentos industriais e, podemos repetir com Rui Barbosa que... “o nosso empirismo tributário, — que é um regimem de sangria espoliativa, a que nenhuma nação, das mais vigorosas do mundo resistiria; a escravidão fiscal, desenvolvida como uma carnificaria cada qual mais voraz pela União, pelos Estados e pelos Municipios, não fez menos pela atrofia do nosso organismo nacional do que a escravidão negra, a que succedeu com vantagem na pertinácia e na estupidez.”

O tributamento da exportação, impedindo o enriquecimento do país para que pudesse ter néle um ótimo mercado para as iniciativas industriais; a inconstitucionalidade crônica dos impostos interestaduais, de consumo de transito e de viação, — que são em verdade impostos aduaneiros dissimulados, restringendo o mercado brasileiro a pequenos nódulos dispersos e distantes; as isenções de direitos alfandegários, — pratica até ha pouco comum a todas as grandes empresas do país, — tanto nacionais como estrangeiras, formando um ambiente improprio a se tentar industria alguma de manufaturas, sempre aterrorizadas por uma duração efemera de nossas leis protecionistas, — a falta de educação técnica, — a carencia de capitais; — o impatriotismo de alguns, a incapacidade de vários governos visionários, a insegurança e a intranquilidade politica, as revoluções, motins e rivalidades interestaduais e da politica local transplantada para o cenário Federal, — todos esses fatos e muitos outros contribuem para explicar como a ação da politica protecionista no Brasil,

sem ambiente forjado apropriadamente, tem sido anulada impedindo uma industrialização mais intensa do país.

\*  
\*       \*  
\*

Para que nos tornássemos um grande povo industrial faltou-nos: Política económica; Política do trabalho; Política Nacionalista; Política científica de aclimação, educação, adaptação e melhoramento físico e moral das raças que habitam o Brasil; Política de aproveitamento dos recursos naturais da Terra Brasileira e da sua valorização pelo trabalho e pelo cérebro humano!

## PORQUE PODEMOS E PRECISAMOS SER UM PAÍS INDUSTRIAL

“Ha industrias que podem ser desenvolvidas entre nós, utilizando-se de elementos puramente nacionais; — outras que necessitam ainda da colaboração de elementos estrangeiros. — Umhas e outras podem e devem ser desenvolvidas com o amparo amplo e eficaz do poder público.”

*Olegario Maciel.*

Razões históricas, climatéricas, fatores económicos, políticos, raciaes, geográficos, geológicos, casuais e, mesmo a nossa própria evolução social em conjunto com todos esses fatores e ao lado da evolução económica política, científica, imperialista e, com o proprio evoluir do mundo e do nosso país, tem sido invocados como causas que nos impediram sermos hoje uma potencia de primeira grandeza, — maximé no campo industrial.

Depois de saberms que o nosso clima não impede, como de fato não tem impedido erguermos em nossa Pátria um gigantesco parque industrial, — si aqui dispuzermos de outros fatores e elementos essenciaes ao estabelecimento da industria ma-

quinofatureira moderna em suas várias formas, — como também a isto não se oporia a nossa raça, nem a nossa posição geográfica, nem a nossa densidade demográfica e area, vamos mostrar como os fatores economicos cooperam e impelem-nos a sermos um povo de industrias fabrís ativas, aliadas a uma pecuaria e agricultura prosperas.

Os fatores essenciaes ao desenvolvimento industrial de um país são: — a sua disponibilidade de materias primas e de combustiveis, — melhormente quando se superpõem, ou estão proximos ou á margem de fáceis vias de comunicações, e a posse de um amplo mercado para o consumo da produção manufaturada, — o que presupõe elevada população, alta capacidade aquisitiva, vias de comunicações efficientes, fretes reduzidos, organização técnica, bancária e comercial.

\*  
\*      \*

Uma das razões a impelir os Brazilianos para a grande atividade maquinofatureira é o futuro promissor de seu país.

“O Brasil é um país imenso, em territorio. No planeta não se encontra sinão a República Norte Americana, que é similar ao Brasil, — nesse particular, a China hetereogenea e anárquica, a Rússia, que é um grupo de países, e o Canadá, — tendo a maior parte de seu territorio em regiões geladas e deserticas.

Assim, sendo o Brasil o quinto país do mundo em superficie, habitado por mais de 45.000.000

de indivíduos, e tendo um crescimento anual de aproximadamente um milhão de almas, — tem um mercado proprio, — mercado esse inexistente para as industrias fabris de países como a Bélgica, a França, a Italia e, o qual não possui nem mesmo para muitas de suas industrias a Inglaterra, — temos ainda a vantagem sobre todos esses povos industriais, de possuirmos a maior reserva de minérios de ferro do Orbe, com o máximo teor de gia eletrica.

metal e, uma das maiores possibilidades de ener-

Não obstante, devido á nossa evolução histórica, social e económica e o fato de ter sido quasi todo o desenvolvimento industrial que se operou no mundo até 1900, impulsionado pelas maquinas que utilizavam os combustiveis minerais, só a partir dessa data, quando a eletricidade entrou em concorrência franca com o carvão, como fonte de energia motriz e agente redutor do ferro, é que tornou possível o nosso progredir industrial mais amplo, pois até então todo o progresso universal no campo da industria mecanofatureira era baseado na utilização do carvão de pedra como combustível e só podiam, destarte, tornarem-se economicamente industriais, os povos que possuíam o ferro e o carvão em conjunto, ou os que os misturavam e os transformavam economicamente com mais vantagem.

Isso explica o erguer industrial do povo inglês, alemão, belga e norte americano, centralizando a sua indústria siderurgica, — base de todas as outras, em areas junto ou próximas ás bacias carboníferas, — para onde o minério era transportado até ha pouco, para aí ser reduzido economicamente.





Pobres de carvão mineral, — o elemento propulsor de toda a grande indústria metalúrgica até 1822, e pobres de carvão liquido, que é o petroleo — teriamos de nos contentar em sermos industrialmente fracos, quanto ás industrias básicas: — a siderurgica e a metalurgica, — si fatores vários não viessem modificar e solver os problemas industriais do século, substituindo ou dividindo o imperio do rei carvão com a rainha hulha branca.

Os nossos recursos minerais e hidro electricos são suficientes para desenvolvermos muitas indústrias, porem, — como todas as nações novas, mesmo dispondo de elementos para se tornar industriais, — precisam, — antes de tudo, — construir, — ainda que artificialmente a principio, — a sua industria fabril, — como o foram e o são em muitas atividades, — todos os países de grandes industrias maquinofatureiras.

Antes de mostrarmos como o nosso futuro industrial é brilhante, encarando-o sob o ponto de vista técnico e económico, passemos em revista alguns fatos politicos e sociais que nos teem impedido ser um país de grande industria metalúrgica e de manufaturas.

Deveras, só razões do acaso histórico, razões de ordem politica e de ordem geológica justificam ainda a existencia de industrias, — como a industria textil, — centralisada até ha pouco, em pequenas áreas da Terra, — em dois países apenas, — ou mesmo em duas ou tres cidades.

★  
★     ★

Do total de fuzos existentes no mundo, em 1929, avaliados em 153.505.000, a Grã-Bretanha possuía 59.000.000; os Estados Unidos 34.200.000 e a Alemanha 10.000.000. Si esses países centralisavam essa industria de maneiras que, antes de 1914, o Reino Unido possuía quasi a metade dos fuzos do Universo, excetuando-se os Estados Unidos que só produziam para o mercado interno, — cidades e regiões haviam então, — como o Lancashire, aonde estavam instalados mais de nove decimos dos fuzos existentes na Inglaterra e, as fabricas inglesas, junto ás da Nova Inglaterra, — que contavam 48% dos fuzos americanos, possuíam 2/3 dos fuzos do Universo.

Para esses tres países ou para essas regiões privilegiadas, se exportava a matéria prima e de lá se importava o produto acabado.

★  
★     ★

Ia o algodão da India, do Egipto, ou do Brasil para as regiões industriais e de lá voltava beneficiado. Por muito tempo pareceu ser natural esse monopólio industrial de certos povos devido supostas aptidões raciais, climatéricas, técnicas, comerciais e financeiras. Porem, com o tempo e mais ainda o estímulo da guerra européa, operou-se um verdadeiro desequilíbrio em todas as atividades mundiais e, subitamente foi se deslocando essa industria para as proximidades da materia

prima e, não tardará o dia em que, artificial será a industria de tecidos, em Manchester ou em Massachusetts, — como tudo de positivo e científico facilita-nos prever.

De fato, nessa região só existem máquinas e homens habilitados. Ora, essas são parte insignificante da produção e, o material humano é de muito facil deslocamento, de substituição ou de ser educado convenientemente.

\*  
\*      \*

Só conseguiremos explicar o desenvolvimento da industria de tecidos em certas porções da Terra, aliando-se o fator politico ao monopolio comercial que possuiam algumas nações, dentre as quais o monopólio inglês sobrepujou todos os outros, predominando no universo.

Possuidores de uma industria ativa, centralizada, com uma organização comercial, bancaria, ferroviaria e maritima com interesses entrelaçados e protegidos por uma eficiente e ativa diplomacia, nenhuma outra industria poderia fazer concorrência á velha industria superdesenvolvida e super centralizada da Inglaterra, surgida ao acaso das descobertas, do monopólio comercial, bancário e das comunicações marítimas.

Só assim compreendemos porque durante seculos poude a industria de tecidos na Inglaterra, como puderam muitas outras industrias em várias nações, abastecer os povos de quem compravam o algodão, ou a matéria prima, para tornar a vendel-os beneficiados.

Somente com o entrelaçamento de interesses industriais, políticos e comerciais, — é possível explicar-se a super industrialisação que existe em certas zonas da Terra.

Para impedir muitas nações de se tornarem industriais os fatores políticos tiveram e tem grande importancia e, para apontarmos só um dos de máximo relevo que pesaram sobre nós, mencionaremos que no campo económico fomos uma colónia da Inglaterra até ha pouco, quando dividimos com outros povos a supremacia inglesa sobre as nossas finanças e sobre vários aspetos da vida nacional.

\*  
\*   \*   \*

Si politicamente os povos mais fortes moviam até 1889, ainda que indiretamente, a nossa máquina governamental, impelindo-nos a que nos dedicássemos só á exploração de produtos tropicais arancados do solo, dos quais precisam os povos industriais e de clima frio; — eles modelavam ainda, pelos seus agentes e pela imprensa diaria, o pensamento nacional, fazendo-nos ver só o presente, sem olharmos o futuro, trazendo-nos dentro de um circulo vicioso, sem nos deixar quebral-o, modificando as atividades da vida nacional.

Já mencionamos que ora era o clima, ora a raça, ora a densidade demografica, ora todos esses fatores e mais a ausencia de combustivel ou de matéria prima que, argumentavam, ser empecilhos para podermos concorrer economicamente com as industrias técnicas e manufatureiras de outros povos, — sobretudo dos anglo-saxões.

Todos esses empecilhos tiveram os russos e, entretanto, desde que decidiram tornarem-se uma potencia industrial; — porque só a industria multiplica o trabalho humano, suavisa-o, e não permite á agricultura viver na rotina, — já são hoje um país de industria manufatureira florescente.

Lembremo-nos para nosso estimulo e norma de ação que os russos não dispõem de maiores recursos naturais, técnicos e financeiros do que nós.

O exito do esforço moscovita, pro-industrialização de seu país é visível e está relatado em vários trabalhos, dos quais “O Plano Quinquenal” de Grinko, é um dos mais recentes, interessantes e positivos.

Possuindo população e matéria prima, tem nos faltado para o nosso desenvolvimento industrial, organização, técnica, capitais, comunicações e combustíveis, fatores esses que com o tempo os superaremos.

Quanto ao combustivel o supriremos com os vastos recursos hidro elétricos do país.

★  
★   ★

Somos parte integrante de um grande todo que é o mundo civilizado; nêle estamos e dêle dependemos por milhares de dependencias, claras e visiveis, umas, obscuras outras, mas não menos sensiveis e eficientes.

Não nos esqueçamos, porem, que a tendencia moderna é de cada país bastar-se a sí mesmo e que, cientificamente, si ha povos que á luz de história, da geografia e da ciencia teem de ser livres cambistas queiram ou não, outros protecionistas;

outros podem ser, facultativamente, o que os seus dirigentes lhes encaminhar, como sucederá futuramente com o Brasil.

Os primeiros, são os que exportam o capital, os protecionistas.

Os outros, os importadores desses capitais e do braço, os livre cambistas.

O cerebro defeituoso de alguns brasileiros pode inventar doutrinas apregoando a necessidade de permanecer o Brasil um país essencialmente agrícola; porem o fato é que cedo ou tarde essas doutrinas terão diante de si a realidade *industrial brasileira*.

De tudo isso resulta que o Brasil precisa ser um país industrial, não só pela sua posição no Continente americano, *como porque tem elementos para isso* necessários. Que siga, porém, o caminho melhor para chegar a tal resultado; — seja creando as industrias, de que é produtor das matérias primas e aquelas cuja matéria prima poderá produzir, sem grande esforço, levando sempre em conta a capacidade de consumo do nosso proprio mercado, — sem exigir deste sacrificios que não sejam compensados por vantagens ainda maiores.

Devemos, dentro de algumas décadas, atingir a uma situação semelhante á atual desfrutada pelos Estados Unidos da América, — ainda com a vantagem de produzirmos nós mesmos, a matéria prima para muitas industrias que a grande Nação do norte precisa importar de alhures.

A nossa posição de país tropical, si não permitiu que progredissemos com a rapidez dos Estados Unidos e de outros povos mais favorecidos pelo acaso histórico e de riquezas naturais mais

facilmente exploradas no momento, nada impede que caminhemos firmes para um grandioso futuro porque, dispondo o Brasil de grandes zonas temperadas, — sem regiões deserticas ou cobertas de gelo, e podendo aproveitar a quasi totalidade de seu imenso território, com menor ou maior esforço, visto como as proprias montanhas graniticas descalvadas são as pedreiras a se utilizar na construção das nossas cidades, estradas e outras obras em que a pedra é elemento essencial, ha de chegar o momento em que a sua grande reserva de riquezas, apenas em potencial, — será transformada em utilidades.

Está nas mãos dos brasileiros antecipar esse momento, para que as gerações contemporaneas tenham maior quinhão nos resultados.

Os progressos realizados nos ultimos anos, no campo técnico industrial, já nos devem encher de satisfação pelo caminho percorrido, — mas é preciso fazer mais. Seriamos, em verdade, um povo indigno do patrimonio que nos coube na partilha do mundo, si quisessemos viver *sempre como simples colonos, somente produzindo matérias primas para a exportação*.

“Ha industrias que podem ser desenvolvidas entre nós, utilizando-se de elementos puramente nacionais, — sem falar no capital que é por sua propria natureza internacional; — outras que necessitam ainda da colaboração de elementos estrangeiros.

Umás e outras podem e devem ser desenvolvidas, com o amparo amplo e eficaz do poder público.

Aquelas, porém, que forem indispensaveis á defesa nacional, necessitam emancipar-se o mais

depressa possível de auxílio estrangeiro e prover-se exclusivamente no país, ou pelo menos garantir a produção do necessário, em caso de guerra, para o consumo interno”.

Será com a industrialização do Brasil que conseguiremos livrar-nos da sujeição em que vivemos das potências industriais, ou pelo menos atenuá-la.

A garantia de nossa independência econômica reside em ajustarmos as cousas de tal modo que seja a ambição de nossos economistas, transformar o nosso país num produtor e não importador de manufaturas e maquinofaturas.

★

★ ★

O problema máximo do Brasil é pois, o de sua industrialização, o qual se focaliza principalmente na indústria mecânica, que para o Brasil traduz independência real, prestígio mundial, grandeza, poderio e prosperidade.

Indústria em maior ou menor escala significa prosperidade, independência econômica, preparação militar adequada ou inadequada para um país.

Um grande estadista norte americano, em relatório apresentado ao Congresso de Washington, defendendo a necessidade de crear fabricas de munições nos Estados Unidos assim se expressou: “A indústria tem como consequência a melhor utilização dos recursos nacionais”. Mas, os Estados Unidos apesar de todo o seu poderio bélico, terrestre e marítimo, não descuida de preparar a sua poderosa máquina industrial capacitando-se para poder transformá-la a fins bélicos em caso



de guerra e, assim é que já instituíram as mobilizações industriais em conjunto com as manobras militares **anuais**.

Tivemos ocasião de presenciar-as em 1925, quando trabalhavamos em uma das grandes fabricas de Pittsburgh.

Após o apito de mobilização, esta fábrica, como todas as demais nos Estados Unidos, paralisaram o trabalho e todos os seus diretores, engenheiros, técnicos, chefes, gerentes e operarios graduados se reuniram em seções, para conferenciar com os representantes militares sobre a orientação a tomarem e para melhor atuação em defesa do país; para mudança da produção para a fabricação de apetrechos bélicos, munições e, tudo mais oriundo da indústria e de necessidade mais premente durante uma guerra externa.

Bem razão tem o Comandante Thiers Flemings, quando em seu livro: "Carvão, Munições e Navios", brada com a voz dos fortes destemidos e patriotas que o Brasil tem necessidade urgente de desenvolver suas industrias carbonifera, siderurgica e de construção naval, bem como crear e desenvolver a fabricação de explosivos bélicos, de projetis, de peças de locomotivas e automoveis, de aviões, minas submarinas e bombas aereas, crente que sem indústria nossa e em nosso território, nunca chegaremos a ter poderio bélico eficiente que nos garanta em casos de emergencia.

Já o prèvidente Visconde de Ouro Preto, antigo ministro da Marinha, no Império, assim se expressou sobre a imperiosa necessidade de tornarmos-nos industriais: — *A Marinha que não pode subsistir pelos seus recursos que tira de seu país torna-se completamente inútil na eventualidade de*

*uma guerra externa.* Demonstrando ainda que a indústria fabril e o poderio bélico são interdependentes, temos a opinião sensata e acatada do Dr. Pires do Rio: “Antes da guerra, os Estados Unidos, a Inglaterra e a Alemanha, — *as tres máximas potencias militares e económicas mundiais,* pela pujança incomparavel de suas indústrias basilares, — a do ferro e a do carvão, constituíam de fato tres impérios industriais.

O império comercial da Inglaterra havia sido uma esplendida realidade durante todo o século XIX; — o da Alemanha esboçou-se no fim do século atual, quando lhe veio a catastrophe de 1914; — o imperialismo comercial dos Estados Unidos desenvolve-se atualmente em linhas soberbas, ao lado do velho e glorioso imperialismo britânico, formando ambos duas correntes de atividade económica, seguidas dos seus efeitos politicos na vida internacional das maiores consequencias para o destino da humanidade.”

★  
★   ★

Seja qual fôr a solução que julguem mais acertada ao problema da siderurgia, no Brasil, temos que apressal-o para nosso maior desenvolvimento, prosperidade e defesa nacional. Afim de aproveitarmos “a prata de casa” é bem possivel que a melhor solução desse problema seja exportarmos unia parte de minérios, importarmos “coque”, produzirmos tambem parte de “coque” de que necessitamos para redução de nossos minérios e produzirmos ferro e aço com o coque estrangeiro

e o nacional, mesmo mais caro, visando-se desenvolvermos a nossa industria hulheira.

Assim, ainda que a nossa industria siderurgica não possa concorrer, no seu inicio, — economicamente, — com o similar estrangeiro, teriamos a grande vantagem de podermos contar com ella em casos de extrema emergencia.

Para isso, ao par do aperfeiçoamento dos processos adotados em nossa industria hulheira, é imprescindivel ligar immediatamente as nossas principais jazidas de ferro e minas de carvão ao eixo de nossas vias ferreas e ao litoral com bons portos, dar-lhes aparelhamento moderno e não deixal-as á margem, como jazem ha séculos...

Preferivel é que desenvolvamos uma grande industria siderurgica e suas componentes e complementares, mesmo subvencionado-as, ao par com a exportação do minério, — a gastarmos, annualmente, milhares de contos no exterior para adquirir o ferro de que necessitamos, os maquinismos, os navios e munições para a nossa defesa, desenvolvendo a industria de outros povos sem podermos contar com ella em casos de apertos, — como já experimentamos, durante a guerra européa.

Já a palavra autorizada do Comandante Thiers Fleming, referindo-se á questão da aquisição de munições para o nosso país durante a conflagração européa nos advertira: — “A Marinha Brasileira não *pode e não deve continuar subsidiária* da industria estrangeira.” Poderíamos ampliar esse conceito a todas as nossas forças armadas ou mesmo ás principais atividades do país.

Durante a grande guerra, necessitando de munições, — projetis e explosivos — o Brasil adquiriu “*às pressas*”, da Inglaterra, — sua habitual forne-

necedora, um regular “stock” de munições. Embora estivessemos em guerra e sendo aliados, a encomenda só pode ser satisfeita, — com razão precedente, — de modo lento, em 1921 e 1922 e, devido a causas naturais veio de qualidade inferior á que tinha anteriormente, logo pólvora de mais curta vida. E o preço foi digno de nota: A encomenda de 1917 atingiu a 24.000 contos.

O que podemos concluir? Que não se pode duvidar mais da conveniencia e necessidade premente de ter a Marinha e o Exército brasileiros suas suas fabricas de munição, de reparo do armamento e de fabricação de peças sobressalentes, ou mesmo as suas fabricas de aviões e de equipamentos.

E’ impossivel a um país sem industria de maquinofaturas se tornar uma potencia forte em Terra, em Mar ou no Ar.

Pela advertencia severa de um ex-diretor do Armamento, vemos uma encomenda de munição feita a uma aliada nos ser entregue *só depois de 4 anos* e ainda de *inferior* qualidade e a *um preço fantastico!*...

Imaginemos, entretanto, qual seria a perda de vida de jovens brasileiros, e o desfecho da luta contra um inimigo bem municiado e nós com munição duvidosa.

De nada valeria então o nosso patriotismo e o nosso heroísmo já tantas vezes posto á prova, em luta contra as armas do século atual...

Certamente seriamos esmagados em virtude de confiarmos demais nos outros e, por termos descurado de crearmos a verdadeira arma de paz ou de guerra, — que é a industrialisação do país.

Imaginemos mais, qual seria o preço da munição, tendo-se em vista o que já aconteceu durante

a guerra européa, — si a pudessemos adquirir e estivessemos sós, em horas de sumo aperto.

Portanto, com ou sem subvenção, com maior ou menor protecionismo aduaneiro, é preferivel fabricarmos a continuarmos a comprar grandes “stocks” de munições e apetrechos que o país necessita na paz e na guerra.

Só assim, em conjunturas especiais, quando o custo da produção não está em plano principal, podemos ser independentes e não dispendermos grandes somas para mantermos um numeroso exército permanente e grande “stock” de material que são a unica e incerta defesa dos países sem industrias metalurgicas e maquinofatureiras.

\*  
\*   \*   \*

A guerra que mantivemos com o Paraguai foi para nós e para os que nos governam, como a guerra de 1762 foi para Portugal de outrora, e como as guerras externas em que os Estados Unidos se empenharam cedo em seu alvorecer, — “um aviso e uma frutuosa prevenção de que os Estados, para tomarem o seu lugar no equilibrio instavel das nações, hão de confiar a sua defesa mais ao proprio esforço do que a generosidade falivel dos aliados”.

E’ entristecedor que nós brasileiros, não tenhamos guardado bem e tirado todo o proveito das dificuldades diplomaticas e das vergonhosas submissões a que fôra obrigado resignar-se o Imperio Brasileiro. Basta que nos lembremos das afrontas que o Brasil sofreu da Inglaterra em 1851, quando foram apreendidos o brigue brasileiro “Piratinin”,

pelo vapôr "Sharpshooter", e a escuna "Novo Mello", pelo vapôr "Locust", para que seja posto em realce que uma nação inbele é uma nação secundária, sem garantia e sem direito. Foi esse um instante diplomático em que, estando nós brasileiros já livres de Portugal, verificamos que tínhamos caído no cativoiro da Inglaterra. A nota que enviou ao governo britânico o nosso Ministro Paulino Soares de Souza, corta o coração e não é sem justa revolta que lemos esse trecho:

"O abaixo assignado não pode crêr que nesta quadra em que a repressão do trafico tem tomado tanto vigor o governo de S. Majestade Britânica tenha a fria crueldade de praticar atos cuja repetição pode chamar um sem numero de calamidades sobre um país inofensivo, que sempre acolheu hospitaleiramente os subditos britânicos, entretendo com eles relações de commercio. E quando esses fatos se repitam, o governo Imperial, considerando como atos de guerra feitos ao Imperio, e que não repelirá com guerra, porque infelzmente não é potencia maritima, apelando para a justiça de Deus e dos homens, recorrerá a todos os meios e recursos extremos..."

\*

\*   \*   \*

Mais precavidos do que nós, os norte americanos souberam aproveitar as lições da História e os vexames que sofreram no alvorecer de sua independencia.

Desde cedo tiveram grande medo de guerras externas, sobretudo com a Inglaterra e, por isso, trataram de se aparelhar com a maior presteza

para se governar independentes, e manter-se em condições de completa autonomia e defesa.

Os seus esforços foram coroados muito cedo e, *de tementes que eram passaram a ser temiveis, pelo seu arrojo e ambição.*"

Que essas guerras nos sirvam de ponto de referencia para as nossas cogitações futuras, como serviram para os Estados Unidos da América, pois, óntem como hoje, na balança internacional pesam-se os povos não imbéles, — sinão armados".

\*  
\*   \*  
\*

Fossemos uma potencia militar forte e jamais teriamos sofrido tantos vexames e humilhações como a nossa história registra e, nunca teriamos permitido termos descartado de Portugal para ir sofrer a tutela politica da Inglaterra, ficando á mercê dos seus consules e de seus "juizes conservadores" da nação inglesa, como ficamos até 1844.

Jamais teriamos acedido á teimosia e aos propositos caracteristicos de todo o longo governo dos Palmerston e Aberdecen e sofrido as brutalidades desses ministros, cuja conduta politica nas relações exteriores com outros povos baseava-se na posição preponderante do Reino Unido, tanto no mundo financeiro, quanto nas forças armadas; no prestígio de sua força politica, "e no predomínio grosseiro, — indisciplinado mesmo, — contra as ordens de Londres, mas a bem do interesse inglês, de que Sir Strafford Redcliffe, o sultão inglês, foi o tipo modelar na questão do Oriente". (\*)

---

(\*) *Calogeras.*

Si assim foi com as grandes potencias da Europa, e toda a história de 1830 a 1836 e mesmo a 1865 o prova, quanto mais com a mera expressão geográfica, sem forças nem auréola, que eramos em meados do século XIX?...

Fossemos uma nação forte militarmente e economicamente sólida e, de 1914 a 1918 não sofreríamos as imposições e pressões da politica externa dos aliados, “que nos tutelavam e restringiam as nossas relações comerciais que ficaram então na dependencia das “black lists” e das ante camaras dos consulados”...

A uma nação militarmente forte a Inglaterra não ousaria obrigar a executar, — de pronto, sem mais exame de suas necessidades e exigencias económicas ou de suas conveniencias nacionais, uma politica tal qual a que nos impôs sobre a abolição do tráfico africano.

Fossemos uma nação capaz de defender seus diretos, ou seus interesses, — com exito, — de armas na mão, e não chegaríamos a suportar que brasileiros fossem presos no Brasil e remetidos para as colónias inglesas e lá serem julgados!...

Jamais permitiríamos que fatos como se deram em 1839 fossem inscritos em nossa história, quando navios ingleses, — como o brigue de guerra “Ganges”, — a titulo de repressão do tráfico africano, — alvejassem e matassem súditos brasileiros dentro da baía do Rio de Janeiro!...

Fossemos uma nação realmente poderosa e a Grã-Bretanha não nos teria humilhado e ousado fazer o que fez — quando com ela discutiamos questões de limites entre o nosso País e a Guiana Inglesa. Foi devido á nossa fraqueza que afinal, fo-



mos então despojados pela rapinagem inglesa e laudo parcial do Rei da Italia.

E' que o Brasil, — ainda em plena guerra civil no Sul, e saindo apenas das tropelias dos “cabanos”, “balaíos” e “sabinada”, — pobre e fraco, — quasi deserto, — não podia resistir á Grã-Bretanha, prepotente e audaz, — rainha dos oceanos, senhora de bloquear seus portos, e assim extinguir a vida económica do país, — a mais forte e a mais temida potencia no cenario internacional da Europa.

Um só ponto, — somente, — lhe era nitidamente superior o Imperio do Brasil, — no direito dominical da região que ia ser INVADIDA.

Fosse a republica Argentina uma Nação militarmente forte e Rosas não sofreria as intervenções desabusadas da França e da Inglaterra, — como sofreu com o bloqueio do Prata.

No Brasil, ainda não compreenderam os seus dirigentes que incrementando-se e facilitando-se o desenvolvimento da industria fabril desenvolve-se o commercio, — favorece-se a agricultura, — vitalisa-se e amplia-se o movimento bancario, — corta-se o país com rapidas vias de communicações, — elementos estes que são a vida dos países e dão liberdade aos povos, preparando-os eficientemente, com a industria fabril, para a guerra moderna.

O Brasil precisa ser industrial si quiser ser independente, — si quiser ser respeitado no exterior, — si porventura pensa em obter justiça entre as grandes nações e aproveitar, civilisar e melhorar a vasta aréa que os nossos antepassados nos legaram.

E' pena que não tenham cuidado melhor de preparar o Brasil para que ele guie os seus destinos sem interferencia de outrem.

E' preciso que os dirigentes brasileiros olhem friamente a realidade de nosso passado, para que êle não se repita e, para que amanhã dando um balanço em torno da administração federal não venham a encontrar o que nos "Problemas de Administração" encontrára Calogeras.

Si uma nação vencida no d'uturno de sua vida económica, armando-se para a defesa de seu território, caminha para uma derrota pacifica ainda maior, nós, descuidando de nossos problemas económicos, temos descuidado da industrialização de nosso país e, portanto, de nossa verdadeira independencia e preparação para a guerra.

Quando a Inglaterra durante a invasão francesa em Portugal, acudia aos lances perigosos de seu velho e fidelissimo aliado, "a quem parece sêr um lastimoso condão que só os perigos o advertem quando iminentes ou os desastres aconselham quando já realizados", não era pelas generosas inspirações da compaixão politica, virtude essencialmente desconhecida na etica internacional."

A Grã-Bretanha tinha gravissimos interesses a defender, quando parecia empenhada em socorrer e amparar o p'ovo português contra a invasão dos franceses.

Sirvam-nos, ao menos, as lições da História...

\*

\* \* \*

Armemo-nos para a Paz ou para a Guerra, fazendo do Brasil uma potencia industrial, já que pretendemos ser uma potencia agricola.

E' grande a lista das industrias já implantadas no Brasil e maior o é ainda a das que poderemos implantar e com elas concorrer com a alienigena no exterior e produzir em larga escala, com vantagem, para o nosso consumo.

Porem, antes de tudo precisamos, queremos, temos e devemos ser industriais, porque: temos úa armada e marinha mercante a construirmos e, sem a industria do ferro e aço, de construções navais fixas no país, "a expressão Marinha de Guerra" não tem razão de sêr, quando o país não dispõe de recursos propícios e indispensaveis á sua conservação e eficiencia.

Sem a industria maquinofatureira só teremos frota de guerra e poderío bélico adquirindo todo o material preciso no exterior o que não é possível.

Precisamos de um exército para garantia da integridade Pátria, gigantesco patrimonio que nos legaram os nossos maiores.

Para termos exército de verdade, eficiente, adextrado, precisamos de industria propria ou então, mesmo mantendo grandes "Stocks" de armamentos e munições seremos eternamente uma nação de segunda grandeza.

Os nossos campos precisam ser lavrados e, sem tratores e maquinas que a industria mecânica e a industria siderurgica produzem, intensificando o esforço humano, — nunca chegaremos a explorá-los efficientemente.

A rede de vias de comunicações que possuímos é insignificante em comparação com a que devíamos possuir em proporção á extensa base fisica do Brasil.

Temos necessidade e precisamos amplial-a, unifical-a e, para isso, é indispensavel maquinis-

mos, trilhos, rodeiros, carros, locomotivas, póstes, etc., que, ou os importámos ou os manufacturamos nós mesmos.

Esta ultima solução é a que se nos impõe si queremos viver independentes, progredir e crescer sem nos escravisarmos.

Dia a dia centros de vida, novos nucleos de civilisação se erguem no interior do Brasil e, destes, como 90% das nossas povoações, necessitam de ampliar ou de iniciar os seus serviços de luz, força, gaz, bondes, telegrafos, exgotos, etc., e só com a implantação da industria no Brasil faremos florir nos trópicos a civilisação mais intensa e mais bela do que a actual, ao mesmo tempo que cresceriamos em população, conhecimentos adquiridos e independencia, podendo suprir devidamente as necessidades indispensaveis ao crescimento, grandeza e poderio da Pátria futura.

As razões porque precisamos ser um povo industrial são os mesmos "Motivos Industriais do Brasil": Para garantia da independencia nacional no campo económico; — para o entrelaçamento das relações entre as várias regiões do País; para o poderio e enriquecimento nacional; para estarmos preparados para a guerra com as armas da paz e do progresso; para progredirmos a passos de gigante; para melhor e mais eficientemente utilizarmos o nosso trabalho, as nossas fontes de riquezas naturais, produzirmos mais com menor esforço; — em suma: — para melhor civilisarmos o nosso país e nele implantarmos uma civilisação melhor precisamos ser um país de grande desenvolvimento industrial.

## OS TRES PRINCIPAIS PROBLEMAS BRASILEIROS

“E’ um crime de lesa pátria o não atacar já e já o problema da siderurgia por todos os lados, ainda que nêle tenhamos de empenhar o atilho das botas de cada brasileiro.”

*Cincinato Braga.*

O Brasil é um país colónia que vive, como todas as colónias e feitorias estrangeiras da exportação de matérias primas e dos produtos extrativos e, por falta de cultura, característico dos povos agrícolas, exgota a sua terra e seus filhos.

★

★      ★

E’ lógico que um país que vive a explorar inconscientemente o seu solo permaneça eternamente em crise, sempre na incerteza de seu progredir e é natural que a sua balança de trocás internacionais esteja sempre em oscilação, acusando ora saldos aparentes ou “deficits” assustadores.

E’ devido a exportarmos quasi só produtos extrativos que não representam e não são riquezas,

originadas pelo cerebro, que estamos sempre em face de uma situação económica muito grave. Todo o mecanismo da economia brasileira gira em torno da exportação natural de produtos arrancados do sólo e, pelas flutuações desta, temos um indice da prosperidade ou depressão das nossas atividades produtoras.

\*

\* \*

E' vergonhoso que um país colossal em área como o Brasil, viva a contar apenas com o café para *pêso* em sua balança de exportação, pois, por mais valioso que este seja como fator atual da nossa riqueza, não é preciso grande sagacidade económica para reconhecer o perigo de assentar toda a nossa prosperidade sobre o valor de um unico artigo e o qual não é de consumo essencial do comum da humanidade, como por exemplo o trigo e o bife, base da riqueza Uruguáia e Argentina.

E' lógico, portanto, que o café seja um produto cujo preço oscile e cujas oscilações teem nos causado tão amargas experiencias. "Toda a nossa aparente vitalidade económica, não é em suma, sinão um saque á nossa Terra por meio de sua exploração atrazada e apressada."

O problema da produção e do estímulo ás atividades económicas do País é de extrema importancia e tem que ser abordado em grandes linhas, como aliás o exigem as próprias condições da economia contemporanea.

\*  
\*      \*

. Ha três grandes casos na vida económica brasileira, que não podem continuar sendo descuidados, porque do seu abandono se deriva originariamente o mal estar ora refletido na vida económica do Brasil.

Precisamos resolver o problema das três indústrias fundamentais, que encerram o segredo do nosso futuro. O aproveitamento do carvão nacional ou a decisão ousada de utilisal-o, junto ao carvão estrangeiro importado ou só, aplicando a sua pesquisa e beneficiamento os recentes resultados da pesquisa científica; — o esforço sistematizado para a procura das fontes petrolíferas, cuja existencia é reconhecida em vários pontos do territorio Brasileiro, ao par de um mais intenso desenvolvimento dos recursos hidro electricos nacionais e das suas vias de comunicações; — e, finalmente, a solução do tão protelado caso da siderurgia.

São os três pontos capitais, para onde devem convergir as atenções dos que nos governam, na orientação de uma ampla e racional política económica.

\*  
\*      \*

Infelizmente, temos contra o Brasil no que se refere ao problema de combustiveis, além dos factores económicos, sociais, técnicos, financeiros, e dos transportes, a própria natureza hóstil.

Ainda bem que, entre as nações independentes, não somos o unico país que se encontra em penúria de combustiveis e, ao contrário, — quasi todas as nações vivem, — como o Brasil, — a importar carvão e outros combustiveis minerais e fazendo um esforço tremendo, — utilizando-se da técnica mais recente para o desenvolvimento das fontes de energia que possuam e passíveis de substituírem o combustivel natural.

Poucas são as nações felizes, protegidas pela natureza geológica de seu território e que tem o carvão para as suas necessidades e para exportação.

Menos de 10% dos países independentes podem exportar carvão de pedra; os outros 90% são obrigados a importar-o, como nós o fazemos.

O carvão nacional, infelizmente, é de má qualidade e, si o Brasil hoje não pode contar economicamente, apenas, com o seu carvão mineral para base de uma grande industria maquinofatureira, cumpre, entretanto, intensificar ao maximo a extração e utilização dos combustiveis e fontes de energia do país afim de revigorarmos e incrementarmos o nosso desenvolvimento industrial.

\*

\*       \*

Seguindo uma politica verdadeiramente nacionalista e protecionista da industria nacional, — sem a qual o Brasil nunca será uma grande potencia, — não nos turve o sentido um falso e mal entendido patriotismo, olvidando o fato geológico que a técnica tem verificado, que o Brasil é pobre de combustiveis minerais e que, mesmo importando



combustíveis podemos incrementar nossa industria, pois assim faremos como fizeram a Inglaterra e a Bélgica que importam minérios e matérias primas para as suas industrias basilares.

\*  
\*     \*

Si o estudo da utilização do nosso carvão fossil demonstrar que êle terá, quanto ao que se pode prever, — pôr muitos anos, — apenas, consumo local no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, encaremos face a face o problema dos combustíveis nacionais, — e, si preciso fôr, para o nosso erguimento industrial, importemos combustíveis: — carvão, petroleo ou gazolina, — da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Rússia, da Alemanha, ou de onde os pudermos importar *economicamente* para base de nossa industria siderurgica e fabril.

O que não nos convém e não devemos fazer é ficarmos a lamentar, enquanto os estrangeiros apoderam-se dos minerais, jazidas e fontes de energia do país, atrofiando o desenvolvimento industrial do Brasil.

\*  
\*     \*

Em vez de explorarmos as nossas fontes de energia elétrica permitimos que os sindicatos e "trusts" estrangeiros as explorem e, assim, atrofiem ou impeçam o nosso progresso industrial pois, em vez de nos venderem energia para movimentar motores e máquinas que acionarão uma pos-

sante e variada industria maquinafatureira, quem vender-nos apenas, energia para iluminação, para acionar ventiladores, máquinas frigorificas, lavandérias domesticas portateis e fogões elétricos, o que, além de não concorrer para o enriquecimento nacional trará o empobrecimento do país.

\*  
\*   \*  
\*

Sem cuidarmos de suprir as nossas deficiencias de combustiveis com elementos do proprio país, seremos sempre uma nação não independente.

A crise de carvão na Central do Brasil e no Lloyd, em 1925, devido á parede dos mineiros ingleses, veio ilustrar quanto é escravo um país agricola e mostrar-nos, praticamente, a necessidade de procurarmos explorar ou substituir os combustiveis minerais não existentes ou exploraveis, presentemente, no Brasil, pela eletricidade, -- bastando-nos a nós mesmos.

\*  
\*   \*  
\*

Durante a grande guerra tivemos exemplos hem dolorosos de quanto sofre um povo não industrial, na dependencia em que ficamos de insignificantes artefatos mecánicos, do "visto" dos consules e importadores com as suas famosas "black lists" e carecendo de artigos de rudimentar fabricação.

A proposito, são mesmo muito ilustrativas as referencias que o então M'nistro Calógeras, em seu livro "Problemas de Administração" faz sobre a "mania" e comodismo dos nossos funcionários e militares, em tudo querer importar, — mesmo quando isto era inteiramente impossivel, como durante o grande conflito, e quando era possível aqui fabricarmos ou substituímos os artigos precisos por outros de fabricação nacional.

\*  
\*   \*  
\*

Si hoje possuimos uma industria crescente, foi sem duvida, devido mais á voragem do fisco, ao acaso, á nossa desorganizada política económica e a posição geografica e amplíssima base fisica do país do que a uma orientação segura que nos facilitasse e impelisse para nos tornarmos um povo industrial.

Infelizmente, em vez de cuidarmos com mais carinho de aproveitar e fortalecer as fontes de riquezas nacionais, — de combustiveis e minerais, — das jazidas de carvão do país, ainda preferimos importar tudo o que facilmente aqui se produziria, mesmo para os serviços publicos e para a defesa nacional, que vivem a desperdiçar o que não produzimos, como as ferrovias officiais que chegam a cercar as suas linhas com... trilhos velhos...

Quanto á solução do já tão protelado problema da metalurgia, este é de importancia vital para o Brasil, pois a industria do ferro é, — o alicerce de todas as industrias modernas. Sem ferro e aço, sem trilhos, postes, arames e máquinas, todo o

Brasil progride lentamente. Sem possuímos a industria de ferro a industria nacional manufatureira nunca será forte, nunca atingirá á maioridade.

E' preciso portanto que por todos os meios e modos estimulemos o desenvolvimento e implantação da industria siderúrgica no Brasil em larga escala.

Hoje, que almejamos apressar a emancipação económica de nossa Pátria, sirva-nos de estímulo e de admiração a obra de Mauá, pois auxiliado por tarifas apropriadas, conseguiu produzir no País ha mais de meio século, enxadas e arados para a lavoura, canos para o abastecimento dagua, engenhos para a indústria de açúcar da época, instrumentos e maquinismos de especies e utilidades várias e, por fim, como sintese de perfeição alcançada, navios quer de paz, quer de guerra, que trouxeram ao País lucros e louros admiravelmente notáveis."

Nos estaleiros da Ponta da Areia foram, em verdade, montados e construidos não só os arcos que integraram, praticamente, o vále do Amazonas na comunhão brasileira, como vários daqueles outros que, pela sua rapidez então, nos trouxeram a vitória nas lutas rudes do Paraguai.

Porque então deixarmos de continuar essa obra notavel e permanecermos na hora presente em estagnação? E' que os que nos teem governado e administrado o nosso país são advogados, quasi sem exceção, sem a capacidade organisadora inata e bem treinada, como dos verdadeiros capitães da indústria moderna, sem a visão empreendedora, sem a tenacidade admiravel daqueles que libertam povos e fazem o mundo progredir. De posse da

direção do país, não tendo esses aventureiros e audazes cavalheiros que ha 4 séculos apoderaram-se do Brasil, programa delineado, sólido, simples, estável e de ação contínua, permanecem titubeantes sem poder atacar o problema nacional da indústria do ferro, dada a ausencia de pratica e capacidade de resolverem problemas praticos e que necessitem ação imediata e esforço continuado. Até hoje não conseguiram os bachareis que nos teem governado, por incultura, falta de visão, mingua de conhecimentos técnicos e económicos, por temeridade, por falta de tenacidade, por estreiteza de vistas ou por outra razão qualquer, resolver ou pelo menos estimular resolutamente o problema dos problemas da vida económica nacional: — o *problema da indústria do ferro*.



A' semelhança do que fazem a Itália, a Suécia, a Noruégia, o Japão e, mais recentemente, a Rússia, — países que em condições e ambiente mais agrestes do que o Brasil progridem e tornam-se intensamente industriais, — nós também precisamos dar maior impulso ás indústrias maquinofatureiras nacionais, — a começar solvendo os nossos tres principais problemas basilares: O DO FERRO, O DOS COMBUSTIVEIS E FONTES DE ENERGIA ELE'TRICA E O DOS TRANSPORTES.

Quer seja utilizando-se dos recursos hidro eléctricos do país, — como fizeram outros povos, — quer seja importando carvão vindo de retorno nos navios nacionais que vão á Europa, — o fato é que não nos faltarão elementos para resolvermos os

nossos problemas industriais e económicos no dia em que os encararmos “resolutamente”, em ação conjunta entre o Governo e as Classes produtoras e interessadas.

Analizando uma vez, (1905, “As Minas do Brasil”) a iniciativa notavel de D. João VI implantando a indústria do ferro entre nós, graças a Varnhagem, Betencourt da Camara e, especialmente, ao grande Eschwege, observou Calogeras ao dar um balanço na obra de um século através do Império e da República, sem nada encontrar nela digno de maior registro:

“Dia ha de vir em que a Historia julgará severamente os governos que, podendo ter auxiliado o surto da Siderurgia no Brasil não cumpriram o seu dever em apressar o advento de nossa independencia económica quanto a esse elemento básico de todo progresso estavel.”

Esquecendo a pujança da obra de iniciativa particular de Mauá, poderia ainda acrescentar o erudito historiador das Minas Brasileiras, — que o confronto e o descaso governamental pela Siderurgia, em face da obra admiravel do nosso maior capitão de indústria, ainda melhor preparar o material para a critica justamente severa da posteridade.

Importando ou não o “coque” ou o carvão de pedra, misturando este de procedencia estrangeira ao carvão nacional, mineral ou vegetal, — exportando minérios ou os reduzindo aqui mesmo, importando combustivel ou captando o potencial hidro eléctrico nacional, — utilizando o quanto pudermos do carvão vegetal que produzimos, o certo é que precisamos erguer no Brasil, — sem demora, a indústria do ferro. “Isolado e insufficientemente

agitado não mereceu ainda o problema siderúrgico de nenhum governo (depois de D. João VI), nem no Império nem na República, a atenção desejada. Essa a realidade rude, apesar de alguns decretos, favores, empréstimos e concessões que mal encobrem um interesse “fingido” sobre o assunto por demais severo de nossa economia.

Em todo o periodo republicano, ministros, relatores de orçamentos, oradores de toda a espécie e mesmo presidentes da República tem discorrido sobre o problema da industrialização do país; — e do amparo e proteção ás suas indústrias siderurgicas e carboníferas; — todos tem prometido o seu apoio a essas industrias essenciaes, - únicas capazes de promover a emancipação politica e económica dos povos.”

Mas, apesar de toda essa literatura, “o estrangeiro continúa hoje a nos vender 90% do carvão que consumimos e quasi a totalidade do ferro guza e da energia eléctrica que o país utiliza ou precisa.”  
Dr. Betim Paes Leme.

Cincinato Braga dizia com muita oportunidade em 1919, repetindo em 1920 e 1921 a campanha em torno do problema magno da industria siderurgica por êle apresentada ao parlamento como a columna vertebral” do proprio Brasil. — Esteja o Congresso Nacional certo de que é um crime de lesa pátria o não atacar já e já o problema da Siderurgia por todos os lados, ainda que nele tenhamos de empenhar o atilho das botas de cada brasileiro.”

Mas assim falava sem ser ouvido e comprehendido por seus pares o illustre paulista, pois os seus colegas, como a maioria dos “salvadores” do país — só concebem a “salvação” do Brasil fazendo uma lei ou redigindo um decreto...

Si outros fatos não bastassem, só o exemplo, acima é suficiente para mostrar a falta de visão daqueles que tem tido os destinos do Brasil em suas mãos.



Tenhamos sempre em mente que industria fabril de verdade não teremos nunca si não possuímos industria siderurgica e, sem esta, hoje ou amanhã, continuaremos a importar tudo quanto diz respeito a maquinismos e assim a entrar o progresso ferroviário, rodoviário e a criação da riqueza no Brasil.

Não somos apologistas do estado industrial. Resalvados casos especiais, cremos que o estado não deve ser nem mesmo um concorrente desleal com prejuizo indireto para si e direto para as iniciativas particulares no campo industrial.

Cremos porém, ainda que discordando de Joaquim Murтинho e apoiado por Alberto Torres, que as nações modernas são obras de arte politica, — maximé em país novo como o nosso, de dispersidade alarmante de forças, refletindo condições sociais, politicas inorganizadas, — que ao estado deve caber a função procriadora e despertadora de energias, perfeitamente politica aliás, — de “motor de problemas” ou de “ventilador de idéas”.

Não é sem fundamento na História que assim pensamos: —

“Si Renan disse admiravelmente que “o Estado é um maquinismo de progresso, quando não tivéssemos no país a prova do valor da ação governamental implantando no começo do século



passado, com Eschwege, Varnhagen e Camara a siderurgia nacional (que floresceu em Minas até meados do século) trazendo fartos resultados, principalmente á economia rural do país, teriamos ainda direito de depositar uma esperança justa na inovação a ser tentada entre nós, em época como a atual em que as Nações mais vigorosas como os Estados Unidos da América, a Inglaterra e a Alemanha procuram cada vez mais tornar eficientes os seus "Conselhos Técnicos" oficializados, especialísimos e inestimáveis.

Ademais, os países novos tem necessidade de crear artificialmente a indústria maquinofatureira e, foi justificando a intromissão do estado no estímulo á industria e ás atividades nacionais, quando as iniciativas privadas parecem hesitantes ou alheias aos problemas vitais do país, que assim já referira Latino Coelho, louvando semelhante ação executada energeticamente pelo Marques de Pombal:

"Si a América entregue á liberdade e á estéril iniciativa dos individuos é como um imenso e bravo latifundio, invoque-se como estímulo o privilégio comercial".

Assim façamos no desenvolver as indústrias vitais á defesa do País, as indústrias manufatureiras naturais e possíveis de aclimação em nosso território e, principalmente, com a indústria siderúrgica nacional.

A nossa politica previdente, será, nós mesmos explorarmos nossa riqueza mineral, agrícola e florestal, implantando novas indústrias para utilização racional de nossas riquezas extrativas, antes que se acendam os appetites de extranhos sobre o nosso país.

★

★ ★

“No Brasil, a verdade é que, os governos andam as mais das vezes atrasados em relação ao meio, e ao tempo em que atuam” disse V. L. Cardoso.

Na época colónial, não como hoje, em que as condições demográficas, culturais, sociais, económicas do Brasil são diversas, — si outra fosse a nossa evolução económica e científica, ou mesmo social, podíamos ter exportado minério de ferro, ou “ferro guza” produzido com o carvão de madeira, como fizeram os Estados Unidos e a Rússia,

O II Império além de não facilitar o desenvolvimento industrial do país, acabou por sufocar, a obra admirável realisada por Mauá, — tirando-lhe o necessário amparo alfandegário.

A República, por seu turno, não compreendeu ainda que com a solução do problema siderúrgico teria o Brasil o remédio efficacissimo de seus males. O Imperio copiara, ingenuamente, da Inglaterra, o gesto e as maneiras através de seus parlamentares, sem compreender, no entanto, que o segredo da vitalidade esplendida do grande povo residia na pujança com que o ferro e o carvão movimentavam os seus barcos de vapor, o seu comércio e as suas indústrias. A República com ingenuidade do mesmo quilate, copiou a obra constitucional norte americana, sem perceber a obra educacional admirável de politica económica que durante um século inteiro lá fôra desenvolvida. Possuidores das jazidas de ferro mais ricas do planeta, a nossa dessidia começa a ser criminosa, res-

ponsaveis que somos pela sua utilização em benefício nosso direto ou indireto, no intercambio ainda insignificante que mantemos com outros povos.

Eis, em resumo, a nossa vergonhosa deficiência económica.

Ainda em 1926 importamos cerca de 300 mil contos de produtos siderurgicos; 50 mil contos de materias primas; 250 mil de produtos manufacturados, correspondentes a perto de 400 mil toneladas de peso.

Tem nisso o Brasil a razão primordial da precariedade económica em que vive.

A sangria anual dessa importação já é, de facto, dolorosamente exgotante.

Carecemos de trilhos, arados e maquinismos... e fabricamos lança perfumes e serpentinas... Todavia, não importa o Brasil, em ferro, nem um vigessimo, talvez, das suas necessidades. Somos, pelo menos, vinte vezes mais pobres do que nos fazem acreditar os indices de nossa balança commercial!!!...

Uma prova dessa pobreza nacional, temos no terreno das construções prediais.

Erigimos edificios de vigamento e colunas de concreto, utilizando apenas de tenues barras de aço, porque o concreto, mesmo com o cimento importado, é mais barato do que o vigamento e colunagem de ferro e aço que os norte americanos usam em seus "arranha ceus" tanto "metalisados" quanto "concretados".

Deixamos de aperfeiçoar a nossa agricultura porque não podemos comprar maquinismos para intensificá-la. Deixamos de intensificar a construção de vias de comunicações que viriam transfor-

mar inteiramente a vida económica e social do Brasil, á mingua de ferro e aço!...

A nós brasileiros deveriam calar fundamente estas palavras do Dr. O. C. Farrington: — "...as the situation-stands today Brasil is importing large quantities of iron and sheets from other countries for industrial use along the sea coast and in the more thickly populated areas,—importing commercially pure irons, manufactured *thousands* of miles away by the most modern process, — while in her backyard is the greatest stock of high quality iron ore in the world and a single primitive furnace similar to the type used in Europe 200 years ago."

Necessitamos construir dentro de 25 anos mais de 400.000 quilómetros de trilhos para as nossas atuais e projetadas linhas ferreas que irão soldar o elo da "unidade nacional" e fazer circular a riqueza creada por 70 milhões de brasileiros que então habitarão o país.

Porque então deixarmos de implantar em nosso país a industria capaz de produzi-los, indo adquirir no exterior o ferro que precisamos, enriquecendo a extranhos e aumentando o seu poderio politico e militar?

Já somos bastante pobres para precisarmos de trabalhar, de produzir e de guardar o que ainda nos sobra. Consigam, pois, os que nos governam, com fitos e objetivos verdadeiramente patrioticos, sem compromissos e obrigações com interessados nacionais e estrangeiros, efetuar a bem da patria e felicidade geral o nosso máximo desenvolvimento industrial.

★

★ ★

Infelizmente, ainda não nos apercebemos que a actualidade é a epocha da maxima influencia da industria siderurgica sobre os povos modernos.

Vivemos na idade do ferro e ella é a da maxima evolução da humanidade, pois, durante a immensidade de séculos em que o homem não utilisou o ferro, para confecionar instrumentos, intensificar e aperfeiçoar os seus instrumentos, o progresso foi insignificante. Só a proporção que a humanidade foi aperfeiçoando os metodos de produção de ferro e de aço é que o progresso se foi acentuando, para atingir uma carreira vertiginosa com a invenção do alto forno e o emprego do carvão mineral. “A substituição do combustivel vegetal pelo mineral na metalurgia do ferro, e a transformação do instrumento manual de ferro em maquina industrial, — foram os dois fatos que caracterizam a grande revolução economica universal do seculo XIX, — revolução iniciada pela Inglaterra, e por essa nação propagada em todo o mundo. A seu lado a revolução francesa torna-se *fáto secundario*; — mas, por terem sido contemporaneas, muita vez, ao critico descuidoso, passam por efeito da revolução politica os que na realidade, são da revolução económica.” Pires do Rio.

A descoberta do emprego do carvão mineral nos altos fornos; a descoberta do tear mecanico e do barco a vapor, tem, para a humanidade, valor superior ao da revolução franceza. E' isto o que ainda não aprendemos. Foi isto o que, depois de seu malogro, aprendera Napoleão Bonaparte, quando dissera que fora da sua incapacidade de prever o futuro do barco de Fulton, — que vira navegar

no Sena, — uma das máximas causas de sua derrota.

Aliás, não fôra sem fundamento na razão e na experiencia que o grande Córso, no exilio, — examinando serenamente as várias causas de seu oca-so, dissera: que poderia tornar-se o senhor do mundo si depositasse confiança em Fulton, mas que os “sabios imbecis” ridicularisaram essa invenção, e da mesma maneira que o fizeram com a electricidade e, que, no entanto, numa e noutra ha um grande poder.

E’ a falta de combustiveis, de ferro, de electricidade aplicada, de industrias maquinofatureiras, que nos fez passar a bagageiros do progresso dentre as grandes nações.

Bem o sabemos que é enorme a complexidade dos fatores técnicos que caracterisam a mais velha e a mais util de todas as indústrias e, principalmente, no caso especial do Brasil, — país rico de minerios e pobre de combustível.

Bem o sabemos tambem, que é a indústria maquinofatureira, apoiada na indústria siderúrgica, que define pela sua importancia a riqueza comercial e a força militar de uma nação moderna.

E’ por isso que insistimos em chamar a atenção da geração atual brasileira para a necessidade de se estudar a história da evolução industrial das grandes potencias, fixando-se em suas indústrias principais: — siderurgia, carvão, electricidade, petroleo, tecidos, cimento, vidros etc., afim de se formar diretriz segura para impellir o progresso geral da terra brasileira.

“O surto industrial do Brasil será uma realidade quando estivermos habilitados a fabricar, si-

não todas, a maior parte das maquinas que lhe são indispensaveis. Dai a necessidade de não continuarmos a adiar, — imprevidentemente, -- a solução do nosso problema siderúrgico.

Não é só o nosso desenvolvimento industrial que o exige; — é também a propria segurança nacional. *que não deve ficar a mercê dos seus mais RUDIMENTARES elementos de defesa*".

E' urgente, pois, o nosso esforço para tornarmos o Brasil um país industrial, para sua grandeza, poderio, prosperidade, cultura e felicidade.

Foi assim que procederam todos os velhos povos do ocidente e assim deviamos proceder. E' este o problema que precisamos resolver. a bem dos maximos interesses nacionais; e, a tese essencial que nos propuzemos desenvolver não é outra sinão demonstrar que a história, a ciencia, as nossas finanças, a nossa situação económica não aconselham outra solução para o problema da escravidão ou independencia do Brasil.

"O problema brasileiro é o mesmo do resto da humanidade.

E' adquirir eficiencia para dominar a natureza. Para isso o caminho é o mesmo já seguido pelas atuais principais nações: *criar a maquina e produzir a energia que a faz trabalhar.*

Temos que nos convencer que é assim, que não pode deixar de ser assim, que foi esse o caminho de todos os grandes povos modernos e que nada ocorreu que mudasse os termos da equação.

Sabios e leigos, estadistas e industriais, fazendeiros e professores, toda a gente pensante do Brasil tem de meditar sobre isto, convencer-se desta grande verdade!

No dia em que tal convicção estiver generalizada, temos criado a mentalidade necessária ao estabelecimento da industria do ferro no Brasil," disse bem Monteiro Lobato.

E a industria virá possante e salvadora.

Mas, para trazermos diante dos brasilianos o que significa para o nosso país o descuido que temos dado ao desenvolvimento industrial, — são oportunas estas palavras impressionantes de Monteiro Lobato, o ilustre patricio, extasiado diante da grandesa, da prosperidade e poderio dos Estados Unidos da América do Norte:

"Sempre nos impressionou fundamente o fato de dois países de quasi igual território, — Estados Unidos e Brasil, — situados no mesmo continente, descobertos no mesmo tempo, colonizados com os mesmos elementos humanos, europeus e negros, libertados do jugo da metropole com pequena differença de anos, alcançar, um o fastigio da grandeza e a situação de primeiro entre todos os povos da terra, e o outro a triste situação de beco sem saída em matéria de encalacramento.

Instituições politicas? São as mesmas. Raças? São as mesmas, — branca e negra. Clima? Temos metade do país, — pelo menos, maravilhosamente adequado á prosperidade do homem.

Porque, então, tal disparidade de destinos?

Esse enigma, pior que o da Esfinge quando o tentamos decifrar em casa, deixa de ser enigma logo que pisamos o cais de Hoboken e um trem subterraneo, correndo por baixo do Hudson, nos projeta na ilha da Manhattan.

Ao aflorar á superficie o "eureka" de Arquimedes nos explode ao cerebro.

O ferro explica tudo.



Só o homem poderosamente multiplicado pela maquina poderia construir esta metropole de Titans, — e a maquina não passa de simples conjunto e applicação do ferro.

Si dessa claresa impressionista procurarmos passar á certeza matematica, estudando pelas estatisticas a percentagem que o ferro contribue para aquele colossal conjunto de grandezas, a convicção se nos cristalisa no espirito para sempre.

**FERRO, — SO' O FERRO CRIA A RIQUEZA E O PODER.**

Os Estados Unidos arrancam, por ano, de 60 a 70 milhões de toneladas de minério e as transmutam em ferro. Em seguida transformam essa vertiginosa massa de metal em maquinas ou materiais de construção, que incorporam á estrutura do país.

E' de extranhar que se enriqueçam de maneira estonteante?

Alguns numeros tomados do "Bureau of Census", para o ano de 1927, dão medida do que isto representa:

	<i>Fabricas</i>	<i>Valor da Produção</i>
Altos fornos, fornos de aço, laminagens	773	\$3.870.757.093
Produtos de aço ....	13.643	\$4.209.817.128
Artigos manufactura- dos de aço .....	9.689	\$9.800.872.085
Total .....	24.105	\$17.880.872.306

Si dá vertigem o simples atentar nesse "valôr da produção" de um ano, que forma nova de ton-

tura dará o considerar o “valor do trabalho” com que a imensa mole de maquina produzida cada ano passa a enriquecer perpetuamente a economia da nação?

Desesete bilhões de dolars por ano correspondem a seis vezes a riqueza nacional do Brasil!...

Quer dizer que só com a produção e manipulação do ferro os americanos do norte *produzem em 365 dias um valôr equivalente seis vezes ao que conseguimos formar em mais de quatro seculos desde que o colono luso fez a primeira casa e plantou o primeiro pé de cana até hoje*”. Monteiro Lobato, em “Ferro.”

Isso explica aquele indice de eficiencia igual a 42, — significando que os 120 milhões de habitantes dos Estados Unidos da América possuem uma capacidade de produção igual á de 5.040.000.000 de homens naturais ou homens musculos.

Eis tambem a razão de ser esse país a terra de tudo fenomenal, grande e “biggest or smallest in the world”.

Em consequencia da produção de ferro intensissima o “Standard” de vida se elevou lá a nivel jamais sonhado. Um operario dos mais humildes gosa de conforto e tem ao alcance coisas que fariam inveja aos reis antigos.

E quando uma dessas ventanias ciclicas, — crise ou panico sacode aquela estrutura pondo fora de trabalho alguns milhões de homens, a riqueza acumulada permite que tenham plena assistencia até que o reajustamento se opere.

Enquanto isso se dá na grande Republica do norte, na do sul de igual territorio, e já com 40 milhões de habitantes, a prosperidade não pega.

Se começa a viçar numa região, atrofia-se noutra — São Paulo e a Amazonía.

Os governos só conseguem viver sacando sobre o futuro e quando o credito lhes falta desabam fragorosamente.

A coisa elementar que é o instrumento de troca ou moeda, não a temos.

Chamamos moeda a um papel sebozo e anti-higienico, de curso forçado pela policia, que se arrasta pelos últimos degraus da desvalorização.

Não temos credito, não temos capital acumulado, não temos riqueza a não ser de adjetivos e jactancia.

O valor da propriedade predial ao longo de uma rua de Nova York, — a Broadway é de 8 bilhões de dolars — quasi tres vezes a riqueza nacional do Brasil. O nosso povo não tem saude, não tem cultura, nem sequer conseguiu arrancar-se a um analfabetismo dos mais altos.

E os homens tontos com a situação, debatearam uns contra os outros, accusam-se das peiores coisas, perseguem-se, destroem-se.

Toda a gente sugere alvitres para a salvação da Pátria.

Os governos refletindo a desorientação ambiente, açodam-se em fabricar leis desesperadas — e tudo vai lentamente descambando para peor.

Raça? Clima? Instituições? Nada disso. Pobreza apenas. Fraqueza económica consequente á fraca eficiencia do homem, muito perto ainda do homem musculo. *O caminho único* que nos arrastará para fora do impasse é criar a eficiencia que nos falta, armando nosso homem com a ma-

quina — e para isso, preliminarmente, uma só coisa cumpre fazer — produzir a materia prima da máquina — o ferro.

Desenvolvimento económico. Esta expressão aparece com frequencia em mensagens e artigos de imprensa. Unanime acordo a respeito. O desacordo vem quanto a caminho que leva ao desenvolvimento economico. Cada qual aponta um, que não o é, mas sim errado. O caminho tem que ser um só, e será no nosso caso o mesmo que os grandes países trilharam.

Estamos a repetir experiencia velha, não estamos a crear nada de novo.

O caminho velho é pois o bom caminho, o unico que conduz á vitoria.

Um país só se desenvolve economicamente quando mobilisa as suas reservas naturais e as transforma em utilidades, para uso proprio ou intercambio com outros povos. Mobilisar reservas é tiral-as de onde a natureza as pôs e lançal-as na torrente do comercio.

Só então a riqueza surge. Ora, mobilisar é sinonimo de transportar.

Logo, produzir é transportar.”

Muito outra seria hoje a situação Brasileira si o material ferro que possibilitou a fraca riqueza que já criamos tivesse sido de produção interna.

Veio de fóra, porem.

O país deu em troca sangue, e como não chegasse o sangue de que se dispunha, sacou sobre o futuro, tomando-o de emprestimo.”

★

★      ★

A divida externa do Brasil foi contraída, parte para adquirir ferro, parte para acudir ás consequencias de não produzir ferro.

Aqui está a diferença entre produzir e comprar ferro. O primeiro caminho leva ao enriquecimento á moda americana; o segundo ao encalçamento á moda brasileira.

Um exemplo: Os Estados Unidos possuem mais de 440.000 de quilometros de otimos caminhos de ferro, que nada custaram ao país visto como não passam de simples applicação do ferro produzido em casa. O Brasil possui apenas 37.000 que lhe custaram os olhos da cara. Si contas forem feitas, chegaremos a conclusões apavorantes. Centenas de milhares de toneladas de ferro já se desfizeram em ferrugem antes que a amortização dos emprestimos que lhes possibilitaram a compra houvesse chegado a meio caminho.

Os juros pagos e a pagar acabarão representando muito mais que o lucro que esse material terá trazido ao país.

Ferro é materia de construção do mais barato; E' chão derretido, como tijolo é barro cosido. País que compra chão dos vizinhos, arruina-se.

E outra coisa não temos feito nós -- os detentores da mais rica reserva de minerio do mundo...

O dilema vai-se tornando cruel: *ou produzimos ferro e seremos um grande país*, ou continuamos colher de pau e seremos esmagados.

A panela de barro da fabula sempre acabou rachada pela de ferro — seja a historia contada por Esopo, Lafontaine, Trilussa ou pelo balanço de um guarda livros internacional". Monteiro Lobato em "Ferro".

★

★ ★

Hoje, o ferro constitue a base da civilização, da vida, da prosperidade e da força das nações modernas. Não se çoncede mais a vida sem a maquina e a maquina é de ferro...

Foi dessa preponderancia do grande metal na vida moderna que ele estabeleceu a superioridade dos povos que o produzem sobre os que o não produzem.

Ai está aos olhos da atual geração a influencia mundial da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Italia, do Japão e de outros países grandes fabricantes de ferro. Também sob os nossos olhos ainda estão bem vivos os traços que fizeram vacilar as probabilidades da vitória na grande guerra, segundo os recursos siderúrgicos dos países empenhados na luta formidavel.

Hoje, nenhuma nação póde estar tranqüila de sua soberania quando não fabrica os seus instrumentos de trabalho e de guerra.

Lembremo-nos do caso da Etiópia...

A defesa económica dos países sem indústria siderurgica está nas mãos dos outros países que lhes suprem o grande elemento.

A defesa militar dos países agrários, não industriacs, não passa também de uma figura de retórica, si eles teem de depender de outros povos para obterem suas armas e munições.

Auxiliemos, pois, por todos os meios o advento da grande indústria que constitue a força das nações modernas na paz e na guerra!



Os homens que nos teem governado e, sobretudo os que occuparam o posto de presidentes de Minas Gerais, em grande parte, são culpados pelo atrazo do Brasil em materia de siderurgia e, consequentemente, pelo nosso atrazo economico e geral. Dirigindo os destinos do estado mais interessado no desenvolvimento da indústrria siderurgica não teem encarado esse problema sinão em mensagens e, uma prova dessa afirmação temos releudo a Mensagem de um dos seus Presidentes: "Não sei de questão que tenha padecido tamanhos e reiterados debates como o da metalúrgia do ferro, por causa desta circumstancia: — somos ricos de minerio e pobres, até agora, de combustivel mineral. Essa particularidade nos impéle a uma posição de dependencia em face do estrangeiro, forçando-nos a resolver o magno problema nacional nesta base forçada: — exportar minerio e importar carvão, mediante uma permuta razoavel dessas riquezas. No ajuste dos termos da permuta está e estará a dificuldade de se conciliarem os interesses em choque, porquanto a metalurgia estrangeira se ha de bater, — atendendo ao seu ponto de vista comercial, pelo propósito de importar o minerio brasileiro, e nós, entretanto, estimulados por sentimentos patrioticos, insistiremos para que se organise no país um centro de produção de ferro e aço, objetivando, de um lado o abastecimento do mercado nacional, e de outro, a sua exportação.

O que, no entanto, repelimos, e devemos repelir serenamente, falemos com franqueza, é con-

formarmo-nos com o inglório papel de mēros fornecedores de matéria prima às usinas alienigenas, sejam ou não nossas jazidas ferríferas as maiores e mais ricas do mundo.”

★  
★   ★

Passam-se os anos e, esse mesmo governo fez como os demais, no Brasil, que, pensam uma vez terem se referido a certos problemas, que isto basta para os ter solucionado e os esquecem logo após a alusão ao assunto.

Passam-se os anos e, continuamos ainda sem siderurgia, pois, não tivemos ainda um homem que encarasse com firmeza a solução desse problema dos problemas brasileiros, cumprindo com o seu dever como o Brasil esperaria dos que tiveram os seus destinos em suas mãos.

Todos os ex-governantes de Minas Gerais, — dirigindo como o fizeram uma das mais populosas e importantes unidades da Federação, — de grande crédito no exterior, — das mais ricas e de maiores recursos financeiros e melhores possibilidades, das mais prestigiosas politicamente, entretanto não teem alviçado meios praticos e eficazes para a implantação definitiva da industria do ferro no Brasil.

Apezar de terem solvido e estudado muitos problemas que dizem de perto com o futuro do país, teem-se esquecido que, de nenhum outro fator tanto depende a riqueza e prosperidade nacional, como da utilização dos depósitos de minérios que a Brasília Terra abriga em seu seio.





A verdade sobre esse grande problema é esta: — A única maneira que o temos encarado é quando os compradores de minério se nos aproximam e, então, sem termos feito nada de prático e útil para resolver esse magno problema, pensam os dirigentes do Brasil em solvel-o entregando-o a estrangeiros e, nada mais se fez e se faz de útil e pratico nesse sentido, não obstante a cubiça dos alienigenas sobre as “nossas” jazidas terem demonstrado a sua grandeza e a necessidade de nós mesmos exploral-as, *imediatamente*.



Precisamos e devemos não esquecer nunca que só seremos industriais com o nosso proprio esforço e, que o estrangeiro só virá aqui para atrofiar as nossas indústrias já prosperas, — ou monopolisar indústrias que lhes tolhem os passos ou poderiam tornarem-se suas concorrentes, — ou em busca de lucros absurdos.

Essa é a dura verdade, mas a que se nos afigura real e insofismavel.

Em todas as industrias que eles empregaram o seu capital foi, é, e será sempre com esse objetivo.

“Dai a verdade já enunciada: — a triste verdade do momento em que vivemos é esta: nem o inglês, nem o norte americano, nem o alemão, ou outro povo qualquer, por maiores que sejam seus

titulos de capacidade técnica, podem resolver o problema da restauração financeira do Brasil desde que tal capacidade se exprima pela técnica com que a intelligencia desse homem sabe servir ás ambições da plutocracia e do industrialismo internacional.”

Por isso, ainda, a outra verdade: O problema brasileiro, seja êle o industrial, o comercial, o ferroviario e todos os outros problemas nacionais, — sejam eles quais forem, só serão resolvidos por nós brasileiros, porque, esperar que norte americanos, ingleses, alemães, japoneses ou qualquer outro povo queiram ou possam pensar imparcialmente para resolver ou auxiliar-nos na solução dos nossos problemas que, — quasi sem exceção contrariam aos dos demais povos dominantes, — é não termos cerebro, raciocinio, visão, e não estarmos ao par da grande politica que se desenvolve no mundo para cada país bastar-se a si mesmo ou monopolisar as produções da mecanofatura, da manufatura ou da matéria prima.

Si o Brasil precisa e quer ser uma grande nação industrial que faça como o Japão. Cuide de se industrialisar, de aprender, de trabalhar e de commerciar, sem esperar pelo auxilio de povos estranhos.

Que mande jovens e seus melhores cérebros estudar, especialisar e se aperfeiçoar no estrangeiro — porem com o propósito anticipado de virem desempenhar sua actividade nesse ou naquello ramo de estudo e especialisação quando de regresso á Patria.

E' isto o que deviamos fazer tambem no exercito, na armada, na aviação, nas escolas técnicas

e em todas as atividades nacionais - selecionando o que é bom, — em vez de importarmos missões e técnicos como, erroneamente, temos feito em toda a existencia nacional.

Criemos pois um ambiente propicio ao desenvolvimento de todas as atividades industriais brasileiras e, que se inicie esse desenvolvimento pela implantação da grande industria siderúrgica.

Sem as indústrias mecánicas, sem a indústria maquinofatureira em suas mais variadas formas e, — especialmente sem a existencia da indústria basilar que é a indústria metalúrgica, não seria possível a existencia dos grandes centros de civilização moderna.

Sem ela, seria tambem impossível a centralização de um poder formidavel na pequena Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos da América, na Italia, na Bélgica, na França e no Japão, porque para dominar povos, implantar tradições, costumes e religião em terras extranhas, é necessario grande população em crescimento, reserva de capital e de indivíduos.

Sem a sua grande indústria maquinofatureira, a pequena Britania não teria hoje o predomínio dos mares e nem legislaría para um quarto da superficie do Globo!...

## INDUSTRIALISMO E ARMAMENTISMO

“Em face de nossa atual situação de precariedade económica e mesquinha capacidade de produção, os nossos cuidados e trabalhos pela organização e defesa militar do País, parecem, como aliás muitas outras empresas humanas, verdadeiros passa tempos de creanças barbadas.”

*Alberto Torres.*

O Brasil, — cometendo um grave erro nacional, em todos os tempos vem adquirindo o material bélico para as suas forças armadas, exclusivamente, no estrangeiro.

Tivessemos aplicado metade da soma empregada em armamentos que já adquirimos no exterior no desenvolvimento industrial do nosso país e, outra seria a nossa situação de prosperidade e de poderio no mundo.

Mas, o peor é que todo o armamento que vimos adquirindo representa sangrias que a nação sofreu, — pelo fato de não sermos industriais, — ou o estremecimento de nossa verdadeira independencia económica, — ficando como estamos, — economicamente tutelados pelos povos que nos venderam armas a credito.

Si essas armas nos tornassem realmente uma potencia militar conceituada, ainda bem, mas, infelizmente, isto não acontece e, — presentemente, — podemos dizer que é quasi desprezível o poderio naval e económico do Brasil, — em confronto com o das principais nações do mundo.

“Aos armamentos que entraram ou entram no Brasil correspondem, os respectivos empréstimos externos, EM OURO, com os quais os pagamos.

O primeiro empréstimo que, depois da Independencia, se fez, — o de 1821, — no valor nominal de £ 3.686.200, ao tipo 75, — foi consumido em cousas bélicas.

Referindo-se a esse empréstimo, Amaro Cavalcanti, comenta: — ...“das somas recebidas £ — 600.000, — que foram de fato remetidas ao Banco do Brasil, — o restante total FORA QUASI INTEIRAMENTE DISSIPADO EM MISSÕES DIPLOMATICAS E ESPECIAES, e na COMPRA DE EQUIPAMENTOS navais e militares, — logo depois applicados a essa guerra impolitica e desastrosa que o Snr. D. Pedro I declara ás Republicas reunidas do Prata.”

E daí por diante, os compromissos exteriores do Brasil Império, revelam origem nitidamente armamentista, — ou são devidos a operações financeiras para satisfazer e cobrir responsabilidades anteriores, — quasi todas com aquella origem.

No regimem republicano muda-se a origem de vários dos novos empréstimos externos, — mas, a maioria destes foram quasi todos inuteis, — completamente absorvidos no pagamento de juros e

outros empréstimos atrasados, — juros que passaram a render juros, — ou no pagamento de uma dívida com os recursos de outra dívida contraída para esse fim.

O Império do Brasil não tendo cogitado de meios de construir o seu aparelhamento militar de acordo com a ambição de seus dirigentes, — politica mais util e mais económica si executada com a industrialização do País, — realisavel, porém, com mais trabalho e visão, — recorreu ao meio mais fácil, porem, mais oneroso, — de se armar, — o único porem que não conduz ao poderio, — mas á tutela economica e, assim para a compra de armamentos recorre aos empréstimos externos.

Temos feito em todo o nosso passado, como os valentões do nosso sertão que, em vez de applicarem o pouco dinheiro que auferem em cousas uteis, — empregam-no na aquisição de um verdadeiro arsenal portatil.

Os empréstimos contraídos pelo Brasil na serie que vão de 1824 a 1865, foram destinados essencialmente á compra de armas e munições e, o único nesse intervalo que parece ter sido empregado em obra reproductiva, foi o de 1853, applicado no prolongamento da Estrada de Ferro D. Pedro II.

Já ao se referir a esses empréstimos, em “A Politica Exterior do Imperio”, assim comenta Calogeras:

“Pagava de juros o Estado 4.209:805\$514, sendo para a dívida externa 2.216:798\$622, e para a interna 1.993:006\$892.

Não eram de vulto tais compromissos, mas  
TRAZIAM UM COEFICIENTE DEPRECIATIVO:

— não representavam gastos produtivos, — sinão as responsabilidades de uma politica externa belicosa, e de perturbações de ordem internas”.

E' longa a lista dos empréstimos inuteis, destinados á aquisição de armamentos, de munições, para custear obras de luxo, arrazamento de morros, exposições suntuosas, como as de 1908 e 1922, — para obras de embelezamento de cidades, — construções de muradas de cais ornamentais e de passeios luxuosos, para “fundings” de outros empréstimos, consolidação ou rescisão de empréstimos e compromissos anteriores, enfim, — todos destinados a obras inuteis, estereis e que só servem para satisfazer a estulta vaidade de alguns e comprometer a independencia real da Pátria.

Coube a Pedro I a honra de inaugurar a politica dos empréstimos. — isto é, de iniciar a hipotéca do Brasil aos judeus de Londres, — pois, em 1824, — dois anos depois do Brasil haver proclamado a sua independencia politica, — teve que compral-a a peso de ouro nas mãos dos ingleses, — e o nosso 1.º Imperador então contraía a primeira divida no exterior.

Por sinal que ela se fez em pessimas condições de tipo, — a de 75%.

Tambem cabe a Pedro I, outra gloria: — o ter realisado a peor operacão de credito já levada a efeito para a nação; — foi o segundo empréstimo, realisado em 1829, a tipo de 52% !!!!!..

Esse empréstimo foi tão escandaloso que o governo inglês chegou a querer impedir a sua realisacão.

O Snr. Epitacio Pessoa teve a honra, por sua parte, de ter sido o presidente que mais agravou

o erário nacional, realizando três empréstimos externos, de, respectivamente: 50 milhões, 25 milhões de dolares e 9 milhões de libras.

Convertidos ao cambio do dia, representam um milhão e oitenta mil contos.

Um quadro que organisassemos sobre o total discriminativo das dividas do Brasil forneceria prova de termos vivido de dinheiro emprestado e de expedientes emissionistas, quando o crédito se esquivava.

Em 1931 somavam a £ 255.774.567 ou em moeda nacional ao cambio do dia, Rs. 15.346.560:000\$ a importancia dos empréstimos contraídos pela União, pelos Estados e pelas Municipalidades brasileiras no exterior.

Si a essa importancia adicionarmos as dividas das empresas particulares e bancos, maiores seriam as cifras exprimindo os nossos encargos no exterior.

Entretanto, desta soma respeitavel, — é dura a verdade, . . . mas nem por isso devemos ocultal-a, — ontem como hoje, — *não tirára a Nação o devido proveito.*

Quasi a totalidade desse dinheiro foi empregado em pagamento de juros e em obras luxuosas e improdutivas: — calçamento a asfalto de ruas e rodovias sem tráfico, — possiveis de melhor calçamento com materiais nacionais; obras de açudagem ainda improdutivas, alargamento de ruas, construções de jardins e pontes, compra de apetrechos bélicos e tantas outras cousas que não rendem nem ao menos os juros das importancias empregadas e, si foram executadas sem visar enriquecer algum individuo, tinham por fim servir de pedestal mar-



cativo da passagem de "alguem": — cangaço, oligarca ou barbaro europeizado, — por uma posição de mando, — ou então ia justificar a megalomania de governantes incapazes, visionários, incultos e imitadores que nos teem infelicidade.

Politica sábia seria a que empreendessemos, de só realisarmos obras lucrativas, comprimindo ou reduzindo despesas superflúas, e equilibrando os orçamentos publicos, e emitindo papel moeda, — já que nunca tivemos outro, — para retirar as apólices federas, estadoais e municipais e representativas da divida interna ou de juros superiores a 4% anuais da circulação, e com os atuais juros destas e diferenças destes e de tipo na sua aquisição, incinerassemos, trimestralmente, uma parte do papel moeda em excesso ás necessidades do país.

\*  
\*   \*  
\*

Infelizmente, como bem dizia o grande Rui, "os nossos financeiros, — creaturas da rotina e do atrazo", ainda não viram o grande mal que causa ao país a formidavel massa de mais de 5.000.000 de contos de apólices de todos os feitios que immobilizam a maior parte dos capitais no Brasil.

Com os juros excessivos e os "tipos" e "cotações" rastejantes nas Bolsas do País, as apólices são em realidade uma indústria, e muitos ha que vivem da "indústria das apólices, — pois somos um país que tudo dificulta á produção e á seu credito. Assim, as apólices aqui não podem deixar de representar ainda um bom empate de capital.

O minimo que se precisava fazer nesse sentido seria reduzir os onus do Estado fixando por ele

os juros destas no *máximo em 4%* e o tipo nunca inferior a 95%.

Quando o valor dessas apólices baixasse a menos dessa taxa então o que o país devia fazer é resgatal-as, — *ainda que emitindo papel moéda* podem nunca dispendendo desbragadamente, mas fazendo cortes e economias.

\*  
\*   \*  
\*

Tambem, mais sábia seria essa politica si com tais operações desenvolvessemos especialmente a nossa indústria maquinofatureira e metalúrgica, em largas proporções, bem como todas as indústrias e atividades de que somos uma dependencia de outros povos.

Certamente, tal politica não seria bem vista pelos povos industriais que nos pretendem manter economicamente seus eternos vassallos.

\*  
\*   \*

Não o veriam com bons olhos os agiotas nacionais e nem os representantes dos "trusts" e executores dos "dumpings" que imperam sobre nós e, nem por aqueles que nos tendo emprestado ontem, ainda querem que continuemos escravos para podermos nos emprestar amanhã, — arrancando-nos a pequena parcela de ouro que o nosso arduo trabalho aqui trouxe ou que nós emprestarem, — vendendo-nos aquilo que a nossa imprevidencia, incultura, imperícia e desleixo, obriga-nos a ir buscar no exterior, — isto é: — artigos maquinofatu-

rados, produtos e artefatos indústriais, produtos de ferro e aço e, mesmo, alimentos...

\* \* \*

Vimos como esbanjaram os empréstimos de 1824 a 1865 comprando armamentos, o que em nada contribuiu para a melhoria moral e material da Pátria.

Os empréstimos de 1865 a 1875, para sustentar a guerra do Paraguai, foram gastos em armamentos. E os últimos empréstimos da Monarquia, como o de 1889, significam verdadeiros "fundings" de empréstimos antecedentes.

O Império legou, pois, á República formidável herança de responsabilidades financeiras, no exterior, em ouro, oriundas, em quasi toda a sua totalidade, de dispendios, *exclusivamente armamentistas*.

A República segue a mesma politica erronea, pois, em vez de comprarmos armamentos, e petrechos de guerra e materiais de ferro e aço e artigos indispensaveis á defesa e progredir do pais, mais racional e fecundo seria que nós mesmos os fabricassemos.

Dado o fato de não sermos um povo indústrial, a República agravou sobremaneira os onus financeiros da nacionalidade no exterior com fantásticas aquisições de material de guerra sem nos dar, em recompensa, um verdadeiro poderio militar.

O primeiro emprestimo republicano, contraído em 1895, de £ 7.442.000, ao tipo de 85 foi em sua maior parte dispendido em armamentos comprados pelo governo Floriano.

Pouco mais tarde, o governo Campos Sales, consegue o primeiro "funding" que incluye em seu bojo empréstimos passados, inclusive o de 95, quasi todo de genese armamentista. No governo Rodrigues Alves a construção de uma grande esquadra para a Marinha e enormes encomendas de material para o Exército, acarretam despezas, em ouro, no exterior, de quantia muito superior a todos os empréstimos para custear a guerra do Paraguai.

Como resultado de tantos esbanjamentos foi que em 1914 nos encontramos na contingencia de fazer o segundo "funding", acremente censurado pela imprensa inglesa, pois, "The Economist", em outubro de 1914, assim nos elogiava:

"A última crise do Brasil foi precipitada pela guerra européa que, assim constitue bôa cobertura para ocultar anteriores desazos.

As verdadeiras causas são mais profundas, e a "debacle" vem, evidentemente, de mais longe. Enquanto o pòvo, e tambem a Nação, pretender *levar a vida em condições que o estado do desenvolvimento do país não justifica, a série de impondialidades terá de continuar.*

O governo toma dinheiro emprestado e gasta-o na construção de "dreadnoughts", que só servem de carga para a Nação."

Depois de tantos esbanjamentos, dispendemos só com o reparo dos encouraçados Minas e São Paulo, onze milhões de dolars e, o Snr. Epitácio Pessôa no seu triênio governamental, consegue esbanjar, em coisas bélicas, cerca de *dois milhões de contos!*

*Mais do que havíamos gasto, durante 50 anos, na construção de todas as estradas de ferro da União!...*

Agora perguntamos, o que resta, em beneficio do país, de todo esse dinheiro gasto? Nada, absolutamente nada.

Si pelo menos essa sôma tivesse sido dispendida em empréstimos destinados a fixar e ampliar a indústria de material bélico e dar verdadeiro poderio á nossa Pátria, ainda bem. Mas, nada disso aconteceu.

*Não fabricamos os armamentos de que necessitamos* e, na ilusão de adquirirmos um poderio problemático, nos escravizamos economicamente a outros povos. Mas, ainda é tempo de aprendermos.

Compenetremo-nos de que nunca deixaremos de ser ZÉRO em poderio e importancia entre as grandes Nações enquanto não formos um país industrial.

Ainda que a principio produzamos o aparelhamento necessário á defesa do país por preço mais elevado do que o adquiriremos no exterior, mesmo assim, é preferivel produzirmos nós mesmos os nossos instrumentos de trabalho e de defêsa, a permanecermos, como presentemente, na situação de colônia internacional.

O que aqui produzirmos irá contribuir para intensificar o trabalho nacional e não para nos escravisar como tem acontecido.

Com menos de metade do que o Brasil tem gasto em armamentos, munições e com o produto dos empréstimos que destinára a obras futeis, inúteis e improdutivas, já teriam os que nos governam aqui implantado uma grande indústria fabril e metalúrgica, sem a qual nunca chegaremos a ser uma verdadeira potencia, económica e militar.

Em vez de mantermos um Exército e uma Armada incapazes de plena defesa do País, á mingua de *aparelhamento material*, e que pesam nos orçamentos nacionais, atrofiando o progresso do País, melhor seria que nos armássemos de verdade; — mas com outras armas, que nos custassem muito menos e que fossem muito mais efetivas, tal a organização da nossa indústria, principalmente, da indústria de ferro.

Em vez dos Exércitos de homens sem material bélico disponível, ou que não represente o monturo de ferro velho que a Europa nos vende, organizemos um Exército que nos garanta de verdade, na paz como na guerra, e só o qual nós fará fortes e respeitados. Tais são os exércitos verdadeiramente armados, os exércitos de operários e de obreiros que movimentam a indústria maquinofatureira na paz e a indústria bélica na guerra.

Em vez de mantermos uma esquadra constituída quasi que só de marinheiros em terra ou tripulando navios em condições precárias de navegabilidade e péssimas condições bélicas, — que nos custam avultadas somas para sua conservação; — organisemos antes de tudo a nossa indústria fabril subvencionando-a e creando a indústria de material bélico que em periodo de paz é a indústria siderúrgica e a indústria do trabalhar dos metais e da manufatura de objéto e de maquinismos.

“Em face da nossa atual situação de precariedade económica e mesquinha capacidade de produção, nosso cuidado e trabalho pela organização e defesa militar importando armas e munições, parecem, como aliás muitas outras empresas humanas, — verdadeiros passa tempo de creanças barbas.”

★

★ ★

Infelizmente, temos dirigido e governado o nosso país de modo que bem merecemos ainda essa censura candente do genial pensador patricio e, como demonstra Cincinato Braga, analisando o orçamento da República para o ano de 1935, mostrando como o mesmo está eivado de despesas improdutivas, fez também ressaltar como as porcentagens das nossas despesas com as forças armadas, em comparação com outros serviços públicos representam verdadeira anomalia.

Assim, eram esses os gastos previstos nesse orçamento em apreço: —

“Distribuição da despesa Publica”

Ministério do Trabalho: 1,1%; Ministério do Exterior, 2,7%; Ministério da Justiça (menos policia), 3,7%; Ministério da Agricultura, 4,4%; Ministério da Fazenda (menos divida pública), 7,5%; Ministério da Educação e Saude Pública, 9,4%; Ministério da Viação, 30,1%; FORÇAS ARMADAS (Marinha, Guerra e Policia): 41,1%. - Total, 100%.

Gastamos 700 mil contos por ano com forças armadas. Em proporções com as forças orçamentárias, de cada nação, as que se seguem gastam na seguinte relação:

Holanda — 12,4%; Tcheco Slovaquia — 13,1%; Estados Unidos — 14,2%; Império Britânico 19,8%; Argentina — 21,3%; França — 24,6%; Itália — 27,1%; Brasil — 41,1%.

Nada diríamos das nossas despesas com as nossas forças armadas si esses gastos realmente nos tornassem uma potencia de primeira grandeza. Mas, infelizmente tem sido esta a nossa situação:

— Como país agrícola que somos, gastamos muito além de nossas possibilidades económicas para nos armarmos e, infelizmente, o nosso poderio bélico ainda é quasi nulo. . .

Para fazermos o Brasil surgir como potencia industrial digna e merecedora da posição geográfica e área que ocupa no mundo, certamente, não será mais necessario de nossa parte nem audácia, nem lances de ousadia, como os dos conquistadores do nosso invio sertão.

Basta-nos implantarmos, definitivamente, a indústria do ferro no Brasil.

Si quisermos ser em realidade o gigante Sul Americano, — em atividade, — precisamos antes de tudo, construir vias de comunicações que centralisem a autoridade Federal Brasileira e sirvam de veiculo para a circulação das riquezas latentes do nosso país; — precisamos intensificar a nossa marinha mercante, costeira e internacional e melhorar a nossa navegação fluvial, — o que só será uma realidade com o empregarmos capitais para desenvolvermos as nossas riquezas extrativas latentes ainda á beira rio.

Precisamos, antes de tudo e sobretudo, de desenvolver as fontes nacionais de energia elétrica, explorar nossas jazidas de carvão e de outros combustiveis que possam existir no territorio pátrio, para assim implantarmos definitiva e economicamente a indústria siderúrgica no Brasil.

★

★      ★

Só não seremos uma China na América si formos um país industrial.



Até hoje ainda não aprendemos a lição que tivemos durante a guerra que mantivemos com o Paraguai. Ganhamo-la porque possuíamos então possante marinha de guerra. Tivemos os louros da vitória nas barrancas do Paraguai porque então dispunhamos das mais velozes e modernas embarcações de guerra na América do Sul, — algumas das quais foram construídas, — mesmo durante a guerra, em estaleiros nacionais.

E' que era a época da transição do veleiro para o barco de vapor...

Bem diversa, entretanto, seria a nossa situação hoje, si porventura, entrássemos em luta com alguma potencia marítima.

Não temos progredido no campo industrial "pari passu" com os tempos, principalmente tendo-se em vista o fenomenal progresso da indústria mecânica, da electricidade, da engenharia de construções mecánicas, da engenharia naval, da técnica de construção de material bélico e de aviões, que modernamente, — rivalizando com os submarinos, — *na eficiencia e na barateza, — são as armas dos países pobres.*

E' pena que não aprendamos com a experiencia propria que precisamos ser um país industrial para estarmos preparados para a guerra.

Já em 1918, quando estavamos em guerra ao lado dos aliados, diz-nos o Ministro Calogeras: (Problemas de Administração) que nas conferencias nos Arsenais se verificou que o nosso Exército só dispunha de munição de artilharia **PARA MENOS DE UMA HORA DE FÔGO** e que urgia achar um sucedaneo de momento, enquanto não se adquiriam, caso possivel, as munições precisas no estrangeiro.



Assim, já é antiga a nossa imprevidencia e o nosso desleixo para dar ao Brasil verdadeiro poderio militar. Era essa a situação do Brasil ha 20 anos e, ainda hoje, para o nosso país abafar um simples movimento armado, uma luta fraticida, precisa depender quanto a aquisição de armamentos e munições, do exterior.

Mas, analisemos, com serenidade, aonde nos encontramos. Vejamos o que se passa com as construções de aviões no mundo.

A industria francesa constroe aviões tão perfectos que déra a Costes e Le Brix os louros da travessia do Atlantico. Da indústria italiana era o avião em que Ferrarini e Del Prete vieram até a nossa terra. E ainda para maior glória da Espanha o aeroplano Breguet que nos trouxe Ramon Franco era produto da indústria espanhola.

Todos os azes referidos não deixaram de se mostrar desvanecidos de terem vindo pilotando aparelhos de manufatura em suas Pátrias.

E nós, — quando é que iremos construir aviões com material todo nosso, — para voarmos, — não á Europa, — mas apenas do Rio a Manáus?...

Embora com sacrificios já deviamos ter cuidado com mais carinho da nossa indústria de máquinas aereas si quizermos possuir uma organização militar moderna e eficiente. A propósito, enquanto países que, mesmo no continente Sul Americano não possuem como nós fronteiras tão extensas e tão vasto litoral, a defender, — a Argentina, que já possui em seu território uma fabrica de aviões para as necessidades de suas forças de guerra, — nós ainda os importamos... contribuindo para alimen-

tar ora a industria franceza, ora a inglesa, italiana, americana ou alemã.

Tivessemos hoje que disputar uma guerra com um país que disponha de marinha de guerra e não do arremedo que cntitulamos de “esquadra brasileira”, e que, secundando-a possua um corpo eficiente de aviação, — bem sombria seria a nossa perspectiva de vitória.

Sem podermos reconstruir rapidamente os nossos navios já imprestaveis, — verdadeiro monte de ferro velho; — sem manufaturarmos em larga escala material bélico e sem construirmos em nosso território máquinas aereas necessárias para podermos manejal-as em caso de emergencia, de nada valeria a nossa bravura, já tantas vezes comprovada si a esta não estiver aliada a previa preparação.

Com o dinheiro dispendido nos remendos nos “ferro velhos” da nossa frota de guerra, ter-se-ia organizado de maneira completa a esquadra e lhe adicionando um corpo de aviação com aparelhos de construção nacional de maneira a constituir o mais eficiente e moderno meio de defesa que o país pode dispor.

\*  
\* \* \*

Si fossemos um país industrial não leríamos na imprensa trechos impressionantes como o desse memorial que o comandante do “Minas Gerais” dirigira ao Ministro da Marinha, quando este couraçado partia em viagens de instrução dos guarda marinhas: — ... “Cumpre-me informar-lhe que ha 3 anos (1930) que as caldeiras não inspiram confiança e, por isso, funcionam com pressão reduzida

a um quilo, o que dá como consequencia uma grande redução na marcha do navio.

E essa marcha é variavel por causa dos tubos das caldeiras cujos vasamentos obrigam a apagar uma e acender outras, de forma a manter em atividade 10 a 12, que tantas são necessarias para imprimir ao navio uma velocidade de 8 milhas horarias, velocidade que pôde ser aumentada si se fizer uma limpeza no casco do navio, que, ha  *vinte mezes*  não é tocado.

O estado das caldeiras poderá ainda ser muito agravado com os exercicios de tiro, mormente com as salvas, a cuja trepidação talvez as caldeiras não resistam.”

Aliás, em 1918, o grande Calogeras, assim tambem relatava o que se passava no ministerio da Marinha: ... “Dez anos que persiste o mesmo pensamento diretor na Marinha e de sua realização resultou a quasi desaparição da Marinha como instrumento de combate e de execução da politica externa do Brasil.

... O instrumento de combate, para o qual a nação Brasileira legou recursos, está reduzido a um valor mais que discutivel. O entusiasmo, o espirito de sacrificio e a alma de patriotismo e de tripulações, desaproveitados.

Reina a descrença, em vez da fé. A parolagem em vez de atos. A “fita em vez de trabalho.”

Estavamos com os nossos navios nos portos. As guarnições quasi não se adestravam. Estudos hidrográficos sempre possiveis, e de utilidade vital para nós eram descurados. O tempo de embarque quasi só se fazia em terra.

A vida de bordo era tão pouco a pratica corrente, que embarcados, enjoavam muitas vezes

quadros e maruja. A pratica do tiro era abandonada, enquanto, inutilizadas, pelo tempo, munições eram atiradas ao mar.

Do exposto se deduz que gastamos dinheiro inútilmente com os arremèdos de marinha que possuímos e, si não nos tornarmos um país industrial nunca teremos marinha de guerra eficiente.

Para mantermos a nossa soberania, prestigio e devido policiamento em nossos rios fronteiriços e para guarnecermos as nossas costas marítimas, temos necessidade de milhares de rebocadores, de pequenos navios, de pontões e de esquadilhas de aviões que só poderemos possuir quando os produzirmos em estaleiros ou fabricas nacionais.

Precisamos ser mais praticos e não continuarmos a politica nefasta aos nossos interesses industriais como tem acontecido até agora que os nossos governos timbram em auxiliar a industria estrangeira.

Vejamos: — Para policiamento da Baía de Guanabara o governo brasileiro encomendou em 1928, á uma firma inglêsa 33 barcos motores, cada um com a potencia de 200 cavalos, equipados com holofotes e fortemente armados.

Perguntamos. Porque não se construir semelhantes barcos no país, sabido como é que a nossa indústria de construções navais anda em crise, que ella está em condições de construir semelhantes barcos e que os estaleiros nossos são “hoicotados” pelas companhias estrangeiras que preferem fazer os reparos em seus navios nos estaleiros estrangeiros ou em Buenos Aires?

Responda o leitor por si, mas o fato é que os barcos motores foram construidos no exterior...

Entretanto, outra fôra a orientação que Salazar tomara em sua Pátria, quando cogitou de construir uma frota de guerra para o seu país.

Imaginamos ainda, si apenas a Baía de Guanabara precisava mais de 33 desses barcos, fora os já existentes, quantos precisaremos só para os rios Amazonas e Paraná? E' interessante. Enquanto o governo brasileiro adquiria esses barcos na Inglaterra, a Argentina encomendava aos estaleiros Lage, no Rio de Janeiro, um navio tanque para petroleo... visto a firma brasileira ter feito a oferta mais vantajosa!!!:..

De nada nos adianta, como não nos tem adiantado adquirirmos no exterior vasos de guerra e aviões si não dispuzermos de estaleiros, fábricas e oficinas para as suas reparações.

Adquirimos em 1910, as duas maiores unidades de nossa esquadra e, em 1924 os aviões e materiais saídos do "monturo de ferro velho" de após guerra, da França. Apesar da formidavel soma que estas máquinas imprestaveis nos custaram e tem nos custado para seus reparos, — sem nos referirmos ás vidas preciosas dos jovens aviadores que tombaram vítimas dos velhos aviões adquiridos na França, o que nos resta desse suposto poderio bélico? nada...

Apenas a nossa escravidão económica mais intensa aos judeus estrangeiros que nos emprestaram para aquisição desses armamentos.

E' preciso insistirmos que, sem nos tornarmos uma potencia industrial os nossos cuidados com a defesa armada do país só servirão para nos escravisar e fazer-nos uma nação dependente economicamente.

Na eterna aquisição de um ineficiente e transitório poderio bélico não possuindo o Brasil um grande aparelhamento industrial e, por não estarmos ainda nem mesmo aparelhados para concertar e conservar as poucas máquinas de guerra que possuímos, perderemos o ouro que deveria aqui ficar, veiculando a riqueza e estimulando o desenvolvimento industrial e económico do país; perderemos a técnica mecânica, maquinofatureira e bélica que poderíamos e tanto precisamos adquirir, — (a qual não se consegue com dinheiro e, apenas com o tempo e trabalho árduo) — técnica esta que á nossa custa vai beneficiar a outros povos pelas aquisições que lhe fazemos.

Perderemos ainda a experiencia que tanta falta nos faz em matéria industrial e mostramos ao estrangeiro o quanto somos desorganizados, fracos, imprevidentes e incapazes pelo aparelhamento bélico que dispomos e que lhes mostramos possuir e, assim perderemos o respeito e a merecida confiança e consideração que no concerto internacional só é dispensada aos povos realmente fortes e capazes de auto defesa.

Somente quando tivermos grande poderio industrial maquinofatureiro teremos grande poder militar, poder naval, poder económico, — em suma: Poderio Nacional.

★

★      ★

Exemplos frisantes de como o poderio militar é inferior ao poderio industrial temos inumeros nas paginas da História e um dos mais salientes é o que nos vem do confronto entre a expansão im-

perial da Inglaterra e o estacionamento ou derrota da França Napoleonica.

Enquanto Napoleão pretendia derrotar á Inglaterra pelo “bloqueio Continental”, — pensando em anular assim o comércio dos ingleses, estes já sendo um povo industrial e possuidor de forte marinha mercante para carregar seus produtos e possuidores de possante armada de guerra para defesa de seu comércio, não só puderam evitar o bloqueio francês, como desferir golpe mortal sobre o grande orgulho gaulez, — derrotando os exercitos de Napoleão e aprisionando a “Grande Agua”.

★

★ ★

Tendo os nossos dirigentes se desinteressado pelo nosso problema industrial, indiretamente se desinteressaram pelos problemas da segurança e defesa do país, — imperativos do prestigio moral e internacional da Pátria.

Os Estados Unidos durante a guerra européa de 1914 demonstraram como é potencialmente poderoso um país industrial. Nesta, a grande nação americana foi a força decisiva e isto devido á pujança de suas indústrias maquinofatureiras e técnicas.

Tanto no presente como no passado a história registra que a preparação industrial é, — indiretamente, — uma preparação militar.

Si a Espanha ao ser derrotada em Aljubarrota; — ou a China e a Rússia ao serem vencidas pelo Japão menos populoso, tinham mais soldados do que os seus adversarios, — é porque faltaram-lhes inteiramente as bem ordenadas e harmonicas ins-



tuições que modernamente são as indústrias metalúrgicas, as fabricas de munições, as vias de transportes e organizações “que habilitam os exércitos a se engrossarem nos críticos momentos e a transformarem-se velózmente em poderosas máquinas de guerra.

E’ que os homens são componentes essenciais da força militar, mas somente por si, sem o auxilio da indústria e da técnica, são apenas matéria prima ainda não afeiçoada pelo obreiro.”

Quanto a nós, a politica que precisamos seguir é a que nos dita as nossas necessidades e quanto á politica do ferro e carvão convem não esquecermos destas sábias palavras do comandante Thiers Fleming:

“O correr do tempo, o estudo, a meditação, o exame do passado, a visão do futuro firmaram em meu espirito a convicção absoluta de que o Brasil, em relação á sua defêsa, tem de enveredar por outro caminho: — é para êle questão de vida ou de morte.

E’ imperiosa a necessidade de ser o Brasil potencia industrial, — para poder ser potencia militar, tornando a marinha de guerra, — uma grande força propulsora do progresso nacional.

As lições da grande guerra e, em 1925 a grêve dos mineiros inglêses perturbando nossa vida industrial, — pela falta e pelo alto preço do carvão importado, mostraram o mal da interrupção na sábia politica de aproveitamento das riquezas naturais do país.

O emprego do carvão nacional é um fato ao alcance de todos.

No Rio Grande do Sul quasi todo o carvão consumido é extraído do seu sólo, mas a exportação ainda não se dá *por falta de transporte económico*.



Em Santa Catarina, onde ha grandes jazidas inclusive de carvão que pode produzir “coque” metalúrgico, a *carencia de transportes* é tal que as minas não podem exportar sinão um máximo de cerca de 70.000 toneladas por ano.

Logo a questão do carvão fossil nacional é principalmente uma questão de transportes. O Brasil, em 1925, consumiu cerca de 240.000 toneladas de carvão nacional.

O carvão usado na marinha de guerra, não tem provado bem pôr ser fornecido sem ser beneficiado, causando assim um mal na propaganda do seu emprego. Do carvão, — bem pôde dizer-se que nada se perde. Seus sub produtos são de largo consumo e empregados na fabricação de explosivos industriais e bélicos. Em Niteroi existe uma fabrica de gaz, sendo queimado o carvão nacional. A fabricação do “coque” metalúrgico já passou do dominio experimental para o industrial. Havendo recursos financeiros e o auxilio de técnicos, a indústria de explosivos poderá ter um grande desenvolvimento. — “*A guerra ao carvão nacional tem sido feita por negociantes de carvão estrangeiro, empregando processos nem sempre recomendáveis.*”

O Brasil deve seguir o sistema mixto: importar o carvão estrangeiro, e intensificar a extração do carvão nacional.

“Desde 1910, para só mencionarmos o periodo republicano, até 1929, estamos no periodo de discussões quanto ao aproveitamento dos nossos minérios de ferro, cuja reserva calculada é de mais de seis bilhões de toneladas, segun 'o Gorçeix e Gonzaga de Campos.

Si devemos ter usinas grandes ou pequenas, a controvérsia perdura ha dois séculos. Si devemos ou não exportar minério, é outro assunto em que se inflamam as opiniões de alguns patriotas desinteressados e de muitos homens de negócio, indiferentes á sorte do seu país, desde que aumentem seus proventos.

E assim vamos discutindo, fazendo leis e pareceres, escrevendo livros e monografias, mas sem fabricar ferro e aço, — pelo menos na medida de nossas necessidades.

A ausencia de solução do grande problema do desenvolvimento de nossa indústria siderúrgica, que diz respeito á verdadeira independencia do Brasil, é um triste atestado dos nossos principios administrativos.

De modo semelhante, a solução do emprego do carvão nacional, a solução verdadeira do problema siderúrgico está em um meio termo entre os pontos de vista radicais.

O Brasil não deve entregar totalmente aos estrangeiros a sua indústria de ferro e aço, mas não pôde e não deve prescindir do valioso auxilio técnico e financeiro que êles nos podem trazer.

Será um crime continuar o Brasil, — com as suas montanhas de ferro, — sem aproveitá-las em beneficio da Humanidade.

Do mesmo modo que se importa carvão deve-se exportar minério de ferro, como já se exporta

manganês, mas, — tirando lucro sem fazer concessões escandalosas para que os estrangeiros carreguem nossos minérios, deixando-nos, como dizia Raul Soares, apenas com os “buracos” no sólo.

Exportemos minério de ferro para ganhar dinheiro, do mesmo modo que a Inglaterra e os Estados Unidos exportam o carvão.

NAVIOS — Eminente publicista, — o Dr. Victor Viana, — estudára a questão da indústria nacional, mostrando a dificuldade de separa-las nitidamente.

Ha países que teem uma indústria verdadeiramente nacional, — no entanto, a matéria prima é importada.

O Brasil, mesmo sem produzir ferro e aço, suficientes á indústria de construção naval, tem esta indústria e pode desenvolvê-la.

A Inglaterra, para a sua indústria de construção naval de renome mundial, também importa chapas da Bélgica.

Claro é que o nosso ideal é aproveitar toda a matéria prima nacional, mas, enquanto isto não se realisa, não se segue que não produza mesmo com material importado, aumentando cada vez mais a eficiencia da mão de obra.

Nossos estaleiros navais teem feito trabalhos notaveis de remodelação e reparos como fez a Cia. Nacional de Navegação Costeira nos cruzadores Baía e Rio Grande do Sul, quer anteriormente, — ela e outros estaleiros nos navios alemães e ingleses por ocasião da Grande Guerra.

Na opinião de técnicos estrangeiros de reconhecido valor os estaleiros da Cia. Nacional de Navegação Costeira já estão aparelhados para a construção de torpedeiros e submersiveis.

*O Exemplo de Todas as Nações.*

Em um de seus magistrais escritos, — “Carne para Canhão”, — António Torres, tratando do sorteio militar no Exército, abordou o problema militar como função do problema industrial, — de modo digno de ser reproduzido.

“A Inglaterra poude levantar em pouco tempo um exército de cinco milhões de homens, porque tinha lá na sua ilha os recursos industriais capazes de armar esses cinco milhões de individuos. Os turcos são soldados por indole, por tradições e por educação, e ainda que sendo mais numerosos que os inglézes, isto não os impediu de serem derrotados.

Porque? — Porque não teem armas e não teem a consciencia militar moderna.

Os russos são bons soldados e numerosos como pragas de gafanhotos, o que não impediu que êles tivessem de ser derrotados por Hindenburg...

A França, a Alemanha, a Inglaterra, o Japão, a Italia e os Estados Unidos são potencias industriais económicas e financeiras.

Si a Italia não tivesse os seus estaleiros e fabricas de Spezia e de Livorno (o sonho de conquista realisado da Etiopia) e a imaginação de Gabriel d’Anunzio não seria mais eficiente que os discursos de Olavo Bilac...

*Enquanto não formos capazes de aproveitar o ferro de Minas para fundirmos couraças de navios e canhões para as nossas fortalezas e montanhas, inutil será pensar em formar exército.*

A campanha que se fez em pról da formação de contingentes de parada, seria mais util e proficua, si tivesse sido feita em pról da abertura de

fundições de ferro para as carretas, aço para os canhões e aço flexível para a lamina das espadas!!!”

E’ doloroso a um brasileiro notar como está ausente do pensamento diretor do Brasil a necessidade de tornarmo-nos uma forte potencia industrial e por isso podem ainda se repetir os fatos citados pelo ministro Calogeras que, falando sobre a incapacidade técnica do pessoal da Armada e o comodismo destes em tudo guia-los á importação, — incapazes que foram em reparar os navios ex-alemaes que nos couberam durante a grande guerra, — dizendo que, nem mesmo os desenhistas da marinha poude utilizar e que todos os reparos que foram feitos nos navios ex-alemães realizavam os estaleiros de empresas particulares e do Lloid.

Precisamos preparar o Brasil industrialmente, para deixar de ser subsidiário da industria estrangeira na aquisição de material bélico, mas creando e desenvolvendo a produção deste, como consequencia da proteção de utilidades de consumo geral em periodo de paz.

“O Brasil tem necessidade urgente de desenvolver suas industrias carboníferas, siderúrgicas e de construção naval, bem como crear e desenvolver a fabricação de explosivos industriais e bélicos, de projetis e peças de locomotivas e automoveis, de aviões, minas submarinas e bombas aereas.

Que os responsaveis pelos destinos do Brasil no presente, voltem para esses problemas a sua atenção é o que peço mais uma vez, afim de que a posteridade não nos acuse mais tarde julgando de justiça o aleive de Agassiz:

*“No Brasil tudo é grande com exceção do homem”*

Precisamos intensificar o desenvolvimento industrial do Brasil para garantia e consolidação de nossa independencia económica e porque, o meio mais util, mais eficiente e menos oneroso de estar um País preparado para a guerra, é estar habilitado a poder construir em seu territorio todos os instrumentos e máquinas necessárias ao seu desenvolvimento económico e á defesa nacional.

\*  
\*      \*

No inicio da guerra do Paraguai não tinhamos exército, nem marinha, mas improvisamol-os, porque, então, possuíamos estaleiros navais, arsenais e tinhamos crédito para a compra de armas e munições. Mas, os tempos mudaram e tambem a técnica da guerra.

E' por não sermos um País de intensa indústria fabril que não temos hoje, como não tivemos nunca munições e canhões para a defesa eficiente do País.

E' imperativo, portanto, implantar-se no país a indústria do ferro, do aço, dos maquinismos, para garantia de nossa vitória no caso de uma agressão externa, intensificar o desenvolvimento geral do país, tornar o padrão de vida dos brasileiros mais elevado, enriquecendo-os, fortalecendo-os, tornando-os mais ativos, justiceiros e respeitados.

\*  
\*      \*

Nesse sentido são claras, positivas e oportunas as palavras de Alberto Torres: — “A politica, que não poude, a principio e á qual não ocorreu, de-

pois, acudir aos interesses e reclamos da Nação cumpre reparar hoje o esquecimento e o abandono em que deixou de cuidar de seus problemas económicos, de crear a riqueza pelo desenvolvimento dos *cerebros, pela indústria e pelas invenções.*"

\*  
\*   \*   \*

Como todo país agrícola, e portanto indefeso, para fazermos uma guerra, temos que pedir licença á Inglaterra ou aos Estados Unidos da América, devido não sermos um povo industrial e não fabricarmos armas, munições e apetrechos bélicos. Como um aviso aos nossos dirigentes, é oportuno lembrarmos hoje, que á mingua de poderio bélico, á mingua de industrias metalúrgicas, a historia de Portugal já registra o degráu mais infimo a que pode chegar um governo descuidado da defesa do país.

\*  
\*   \*   \*

Eis o que nos diz Felix Pereira de Magalhães: Apontamentos para a historia Diplomatica em Portugal:

"O Imperador, no Conselho de 17 de novembro comunicou a sua resolução sobre os pareceres dos Ministros, declarando que, tendo já ha muito previsto o embaraço em que se achavam por falta de MEIOS PECUNIA'RIOS, DE MUNIÇÕES, a quasi impossibilidade de as receber e a dificuldade atentas ás pequenas forças e á alta dos transportes, de poder tomar-se a ofensiva, estava de acôrdo com



o ministério em que se deviam tentar todos os meios de pôr termo á guerra civil atroz e ruinosa; — e que, tendo refletido no parecer dos ministros, decidia que o Marquês de Palméla saísse no outro dia para Inglaterra munido de plenos poderes:

1.º — Para expôr aos governos de Inglaterra e França, juntos ou separados que o immediato reconhecimento do governo da rainha, segundo a carta constitucional e na forma dos tratados de Inglaterra, nos ajudava a triunfar;

★  
★   ★

2.º — Não podendo conseguir o reconhecimento pronto, única cousa que nos poderia salvar — chegando ao Porto em 30 dias, cedendo para o obter a Baía de Lourenço Marques ou quaesquer outras colónias asiáticas ou africanas da costa oriental, então deveria solicitar do governo inglês ou de ambos para intervirem dentro do mesmo prazo e imporem aos dois partidos a immediata suspensão de armas, para que os dois governos ou as cinco grandes potencias arranjasse os negocios de Portugal.”

★  
★   ★

Si considerarmos a actualidade brasileira em relação ao exterior, e sob as luzes de olhos imperialistas, “mais patente se tornará o quanto ella é precária, e que apesar do nosso “estupendo” e “apregoad” progresso... ella é em sintese a de um país pobre, cubiçado e indefeso. — E’ de uma pre-

za apetitosa cuja garantia unica está em que os lobos são muitos e o cordeiro um só.

Os gastos que temos feito e continuamos a fazer com a *meia* preparação militar do país tem sido em pura perda e, devido os termos feito sem programa prévio e lúcido na parte profissional, e exequível na parte financeira, êles foram infrutífera e ineficientemente dispendidos; pesam sobre a economia nacional e concorrem para o nosso descalabro económico e financeiro.

★

★ ★

“Sómente para a construção do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, já dispendeu a Nação, até 1930, mais de 240.000 contos, em parcelas sucessivas e este ainda não estava concluído. E’ possível que ao ser terminado já não se considerará mais util a existencia dos Arsenais devido a eficiencia da Aviação.

“A origem do fracasso de nossa politica naval quanto aos arsenais é duplice: Queremos dar ao caso uma solução única, quando êle só pode ser atendido dividindo o Brasil em zonas, — Sul, Centro, Nordeste e Norte.

Convenhamos, porém, antes de tudo, “que esquadra sem arsenais, sem bases de concertos, de remuniamento, sem depósitos de combustíveis, é irrisão, é jogar dinheiro ao mar sem obter a proteção que se deve esperar da Armada.”

★

★ ★

E, entretanto, tivemos na sua vida util os grandes vasos de guerra sem arsenais...

Em nome da "Defesa Nacional" encalacrrou-se o país, em mais de dez milhões de libras, para a compra de uma grande e poderosa esquadra. Não havia, naquele tempo, nem arsenal, nem dique correspondendo ás necessidades técnicas de nossos navios. No momento presente, esses navios baloçam-se nas aguas da Guanabara, serenamente, podres, obsoletos...

Por não sermos um povo industrial, a "defesa da Pátria", vive oscilando entre paradoxos. Quando havia navios não tínhamos arsenal, quando terminarem o "famoso" arsenal, o "colossal" dique, não existirá mais um único navio.

Observando-se pois, sob qualquer forma as praticas e processos militares que temos seguido, resalta como tem sido contraproducentes e desastrosos aos reais interesses do país, e só tem servido para escoar o nosso ouro para o estrangeiro e desequilibrar-nos economicamente.

Para ficar patente como a nação está gastando dinheiro de seus contribuintes escorchados em pura perda, sem que tenha exercito de verdade, basta nos referirmos ainda que a titulo de curiosidade, que as classes militares "inativas" custam anualmente ao Tesouro Nacional 27.956:155\$229, quantia essa pedida pelo governo para o Orçamento de 1931.

Não obstante a surpresa que nos dão essas cifras, maior será o calafrio que sentiremos analisando-se a politica de "defesa" do país, quando verificamos que, um verdadeiro exercito... de "inativos", ou melhor um segundo exército, de officiais, "sem trabalho", é sustentado pela nação.

★  
★   ★

E' pois, com surpresa que, verificamos que em 1931 estavam reformados, — antes das reformas em massa efetuadas pelo Governo Provisório, e percebendo um total de 24.036:115\$229 anualmente, 15 marechais, 68 generais de divisão, 312 generais de brigada, 94 coroneis, 349 majores, 294 capitães, 176 primeiros tenentes e 505 segundo tenentes.

★  
★   ★

Temos, como se vê, um exercito nacional, os “exercitos estadoais” e, mais um verdadeiro exercito de... inativos.

Talvês, por isso, que um verdadeiro militar, em discurso pronunciado em Curitiba, lembrando aos seus colegas, com pesar, que desertára das fileiras do Exercito o amor á profissão, disse: — “Impera vitoriosa a burocracia militar, o apego aos empregos civis e militares, o desejo ardente da carreira politica, o esforço de ganhar dinheiro em indústrias e em outras profissões civis.

Fugiu o espirito de sacrificio. Todos querem ficar nos grandes centros.

As fronteiras da Pátria são consideradas terras de exilio!!!...” Discurso do general Nepomuceno Costa, em Curitiba, Maio, 1929.

Merece especial atenção dos que nos governam o seguinte estudo de um militar culto e inteligente sobre os orçamentos militares do Brasil. Heitor Vargas “O nefasto militarismo no Brasil”, Ed. Universal 1930.

“A reinante anarquia e displicencia na elaboração das despesas públicas são notórias. Debalde, pois, nos orçamentos das pastas militares se procura o real interesse publico, “alevantado”, empenho pela “defêsa nacional”, sincero e honesto esforço pelo bem do país.

Sob o pretexto de “defesa nacional”, “soberania da nação”, integridade do sagrado solo da pátria, — sonoros rotulos com que se os rebuçam e os justificam, — estes orçamentos tornaram-se, na realidade um amontoado de incongruencias, acervo imenso de privilegios e favores pessoais. Prejudicam enormemente os verdadeiros interesses pátrios, pois, representam inqualificaveis e impiedosos esbanjamentos financeiros.

★  
★   ★

O estudo das cifras orçamentarias das nossas cousas bélicas evidencia esses inconfundiveis caracteristicos.

★  
★   ★

Ao examinar-se as despesas bélicas, anotadas e reveladas pelos orçamentos militares, preliminarmente, se observam a insinceridade e a preocupação manifesta de esconder-se aos olhos do público a inteira verdade sobre estas despesas.

Assim, os orçamentos militares não consignam os encargos anuais do Tesouro em virtude de pagamentos de juros e amortizações de empréstimos internos e externos, contraídos para a compra de armamentos e outros gastos militares,

\*  
\*   \*  
\*

A nossa dívida interna papel de genese militar, monta a mais de Meio Milhão de Contos, e o peso da dívida externa ouro, devido á mesma origem militarista, ultrapassa *Cincoenta Milhões de Libras*.

Os juros e amortizações anuais destas formidaveis quantias não constam, entretanto, nos orçamentos militares; veem averbados no orçamento da Fazenda, na rubrica geral dos empréstimos. Neste orçamento encontram-se ainda outras parcelas de origem militar, como pensões e montepios militares, atingindo alguns milhares de contos.

Desta sorte, os pagamentos oriundos de fontes exclusivamente militaristas que sobrecarregam, anualmente, o orçamento da fazenda, excedem de 150.000 contos, representando autentico orçamento militar invisivel nele embuçado.

\*  
\*   \*

O público, pois, não tem idéa exata do quanto realmente paga pelas organizações militaristas, quando conhece, apenas, as cifras orçamentarias dos ministerios militares. Si considerarmos, portanto, essa quantia de 150.000 contos, de origem militarista, incluída no orçamento da Fazenda, e a somarmos aos orçamentos militares visiveis, (460.000 contos) verificaremos que, em 1929, já as coisas militares custam ao erário, por ano, mais de 600.000 contos! A tremenda delapidação que representa tal cifra em gastos improdutivos e sem objetivos seguros, é evidente.

Todavia, melhor nos capacitaremos e avaliaremos esse inconcebível desperdício da fortuna nacional, si nos lembrarmos que esta soma de despesas militares é superior ao capital (588.000 contos) empregado em toda nossa industria de tecidos, a maior industria do país!

Corresponde, tambem, ao custeio total ..... (613.000 contos) dos cinco anos com a guerra do Paraguai!

Deste modo, os onus financeiros, anuais, que o sistema militarista está acarretando á economia pública, são equivalentes aos cinco longos anos de uma luta esternal!

★  
★   ★

Significam atirar-se pela janela, esbanjar-se "inutilmente", cada ano, quantia suficiente a crear e instalar no Brasil 329 fabricas de tecidos, dando trabalho remunerador a 125.000 operarios, sustentando mais de meio milhão de brasileiros, e produzindo, anualmente, valor acima de 980.000 contos, como acontece com as atividades de nossa indústria textil.

★  
★   ★

Si ainda recordarmos que as construções, durante um periodo de 50 anos, de todas as estradas de ferro da União, importaram em pouco mais de meio milhão de contos, verifica-se que se delapida anualmente, em supostas cousas guerreiras, capital bastante para, em dois anos e meio, dobrar-se a quilometragem ferroviaria do Brasil.

★

★ ★

Si, da mesma maneira, compararmos, neste país de analfabetismo e pauperismo, neste “vasto hospital” e amplo manicómio no que ele dispende na instrução publica e no saneamento do seu immenso territorio, certificar-nos-emos, que em belicissimo orçamento se consome dez vezes mais.

★

★ ★

Citando estes fatos, o que mais pèsa a um brasileiro é saber que, não obstante esse dispendio formidavel de dinheiro com as nossas forças armadas é positivamente precário o poderio militar do Brasil.

Entretanto, si outra fosse a mentalidade dos que nos teem dirigido, com a metade do que o país vem dispendendo com o seu arremedo de exército e de armada, — si tivéssemos aplicado essas somas em estimular, — ou mesmo implantar no País as indústrias metalúrgicas, no aproveitamento hydro electrico, na extração carbonifera, na produção de oleos lubrificantes e do alcool motor, outra seria a situação económica e o poderio militar do Brasil.

Com o dispendio anual do país para manter um exército de “*contingentes de parada*”, — “mais apto a fazer bater corações femininos nas avenidas do que a infundir terror ao inimigo em lutas cerradas”, — vê-se nitidamente que, com os seus atuais recursos o Brasil pôde se tornar uma potencia industrial e maquinofatureira, — pois a soma gasta com despesas militares, — so as refe-



rentes ao Governo Federal, — e que certamente duplicariam si computassemos o total pessoal, material, armamentos e munições dispendidos com os “exercitos estadoais”, — supera em poucos anos o capital das 329 fabricas de tecidos do Brasil, ou o capital mobilizado no Lloid Brasileiro, na Costeira, ou o capital necessário á construção de uma nova Capital para o Brasil.

Ainda, mais impatrióticos se mostram esses gastos, quando os orçamentos dos Estados e da União apresentam “deficits” e, que mantinhamos uma politica de subvencionar a imigração, — com a qual os estados e a União, já gastaram perto de um milhão de contos!...

Si essa vultuosa quantia tivesse sido dispendida na educação da massa ignorante do país, no ensino técnico e profissional, — mais necessário que o proprio saber lêr e escrever, — no saneamento do sólo e asilagem dos doentes de molestias incuraveis e transmissiveis, e melhor tivessemos aproveitado “produtivamente” os elementos que incluimos em excesso nas fileiras vulneraveis do exercito nacional, — o Brasil teria lucrado mais; — pois não se comprehende que um país economicamente fraco, procure trazer para seu solo imigrantes, enquanto retira os seus filhos válidos para as atividades improdutivas.

★

★      ★

Imagine-se o quanto de bem estar, de progresso, poderio, produziriam esses homens, sem diminuir o poderio militar do país e teremos diante de nós o quanto nefasta tem sido aos interesses

nacionais a politica armamentista, empirica e tola, que não cuidou e não cuida de impulsionar o desenvolvimento industrial do país, — politica esta que a nossa burocracia militar e civil e a ignorancia dos dirigentes indigenas nos tem imposto.

★  
★   ★

Para termos Exercito e Armada á altura de nossas necessidades e conveniencias de povo habitando um dos mais vastos paeses da Terra, esparsamente povoado e de amplissimo litoral, é imprescindivel sermos um povo industrial e manufatureiro porque: — Poder Nacional, Acatamento Nacional, Prosperidade Nacional e Riqueza. — só nos dará a indústria fabril, a atividade mecanica dos brasileiros, as manufaturas, a indústria pêsa-da, a Siderurgica, a Eletro Manufatura, os Estaleiros de Construções Navais e Aereonáuticos.

★  
★   ★

Não ha onde escolher: — ou nos contentaremos em permanecer um país colónia, — satélite das grandes potencias industriais, — um protetorado económico dos povos de atividades manufatureiras intensas, — um pôvo desorganizado, em tempo de paz e, presa fácil em lances de guerra; um povo economicamente escravo, em todos os tempos com o auxilio do nosso proprio ouro que exportamos para a “defesa nacional”, — ou então decidámos a tornar o Brasil um país de possante indústria metalúrgica e manufatureira para se tornar Potencia militar!...

## A SITUAÇÃO DO BRASIL EM FACE DA RESTRIÇÃO E DO CONSUMO DOS PRINCIPAIS MERCADOS

“A produção brasileira está desamparada na concorrência aos mercados da Europa”.

*Afonso de Tolêdo Bandeira de Melo.*

Teoricamente, o comércio entre as nações obedeceria á lei economica “da oferta e da procura” e, conforme o clima, as aptidões adquiridas, a volição individual, as tradições nacionais, cada povo se dedicaria a suprir outros de certos produtos e se especialisaria em determinadas atividades.

Praticamente, nas relações entre os povos, o vai-vem das mercadorias, obedece a uma série de leis explicitas, formuladas nos principios da ciencia economica, porém, muitas são as circunstancias que alteram e modificam a influencia dessas leis.

Desses agentes fortuitos, caprichosos, se resente o regimen das trocas.

Mencionaremos, apenas, alguns deles. As facilidades de crédito, o regimen de trabalho, o padrão de vida, as leis alfandegarias, as facilidades de comunicações, a densidade da população, os hábitos de luxo ou de poupança, os monopólios,

o imperialismo, a ambição de extensão colonial, o grau de cultura científica e técnica, a posição geográfica, os "trusts", as correntes imigratórias, o fator confiança, a estabilidade política, as garantias da liberdade são agentes que alteram o regime das trocas, podendo fazer de uma região produtora consumidora e vice-versa.

No mundo atual, com os monopólios e imperialismos disfarçados, com a sociedade dividida em classes e castas, com as populações compostas de raças divergentes profundamente entre si, — tanto nos seus hábitos de vida como no seu idealismo. — na sua cultura e civilização; com a diversidade de atividades a que se dedicam os povos, — tanto na indústria extrativa como nas maquinofaturas, — o fato que persiste é que todos os povos anseiam se tornar tão independentes dos outros o quanto possível.

Esta, deve sêr também a nossa méta. Produzirmos tudo o que nos fôr possível em condições iguais ou melhores que outros povos, porém procurando libertar-nos o quanto pudermos de sua tutela econômica, financeira, cultural ou comercial.

E' esta a politica que todas as nações modernas veem seguindo e. hoje, em maioria, esforçam os mercados consumidores a limitar o volume das importações.

E' o que se observa com referencia á borraça, ao cacau, ao açúcar, ás carnes, ao manganês e ao café; e com a politica comercial que os países consumidores desenvolvem para se libertarem das importações desses produtos ou para produzi-lo em suas próprias colonias e a preços mais baixos.



“Quer seja quanto a borracha, que reúne no momento, depois do petroleo, a atenção universal, quer seja quanto aos cereais, á carne, ao mangâ-nês, — ou quanto aos produtos agricolas ou manufaturados, — procuram, atualmente, — os países consumidores restringir a aquisição das mercadorias que, como país colónia, lhes fornecemos”.

Si começássemos pela borracha e, passando pelo açúcar, café, cacau, milho, algodão, etc., encontraremos que estes produtos só no-los adquirem em quantidades restritas.

As bases que as condições económico-industriais do mundo estão a indicar como as espontaneas e mais sólidas para a actividade comercial do Brasil são o café, a borracha, o algodão, o açúcar, o tabaco, o cacau e as frutas.

Somente com respeito ao primeiro desses produtos existe no país certa orientação, — ainda que cheia de empirismo e de inconvenientes vários.

As demais riquezas do Brasil teem a sua exploração abandonada ou restrita.

E' tipico o caso da borracha. Teve o Brasil, praticamente, o monopólio da produção e comércio desta goma que era a riqueza e prosperidade do extremo norte. Quando os ingleses avisados e os holandeses placidos iniciaram a cultura da “Hevea” em suas colónias, a economia nacional da época deleitou-se com a leitura dos tratados que então foram escritos para demonstrar que a seringueira não poderia crescer nas regiões Maláias e da Indo-China.

“Era a mentalidade da avestruz a esconder a cabeça para não ser vista.”

E como os holandeses e ingleses applicassem á cultura da “hevea” métodos científicos, racionais e efficientes, e nós nos contentassemos com prosseguir na exploração devastadora e assistemática, — os resultados foram os que se sabem.

Em 1910 a borracha silvestre, que é a do Brasil, representava 82% da produção mundial. Em 1923 essa porcentagem estava reduzida a 8%, sendo os outros 92% de borracha de cultura, que não é a do Brasil.

E essa inversão ocorreu á proporção que foi crescendo no mundo a “fome de borracha” e o consumo de goma elastica aumentando constantemente.

A nossa imprevidencia e inexperiencia de povo novo atirou pela janela fóra uma das maiores oportunidades económicas que já tivemos. Diante da restrição de consumo, que o mundo inteiro está impondo e tende cada vez mais impôr aos nossos produtos, a situação do Brasil em face dos mercados mundiais não é muito lisongeira.

A esse respeito, examinemos, rapidamente, qual a situação do Brasil em face da concorrência mundial respingando a palavra de um técnico de valôr, o Dr. Artur Torres Filho:

“Hoje, mais do que nunca, — todas as potencias económicas se preocupam da melhoria dos seus processos industriais e comerciais afim de se manterem satisfatóriamente no palco da competição universal.

A concorrência que sofrem os produtos no intercambio internacional, obriga os países pro-

dutores a um trabalho muito sério de aperfeiçoamento, que constitue bem poderíamos dizer, — “a politica da produção”.

Nós temos imediata necessidade de voltarmos a atenção para esses problemas.

O Brasil possui 26 produtos exportaveis, quasi todos das industrias agricolas e extrativas. Pois bem; todos esses produtos sofrem, atualmente, — uma forte concorrência e pressão aduaneira estrangeira.

\*  
\*      \*

Respondendo a um questionário do Itamarati sobre o comércio exterior do Brasil, muitas das nossas missões diplomaticas, dos adidos comerciais e consules de carreira afirmam, sem discrepancia de opinião, que todos os nossos produtos sofrem grande concorrência no estrangeiro, sobretudo por falta de “racionalisação” nos seus processos industriais.”

\*  
\*      \*

A nossa legação em Berlim afirma que todos os produtos brasileiros sofrem ativa concorrência na Alemanha, principalmente o *Café* e a *Borracha*.

Tambem por falta de industrialisação dos nossos produtos, o cacáu e a banha perdem terreno nos mercados internacionais.

\*  
\*      \*

O adido comercial á embaixada de Washington, afirma igualmente que as causas de concorrência que aos produtos brasileiros fazem os similares estrangeiros são complexas: o preço é fator decisivo; muito influe, no entanto, quando ha equivalencia de cotação a apresentação do produto, sua perfeita classificação em tipos padronizados e aceitos pelo mercado consumidor.

★  
★   ★

Tambem o nosso consul em Manchester, com o mesmo proposito, declara textualmente: — “São várias as causas da falha dos nossos produtos em adquirir a preferencia que deviam ter, considerando que são, na generalidade, intrinsicamente superiores aos similares, de outras procedencias. — E’ comum, porém, a exportação de artigos mal acondicionados, variaveis no tipo e outras condições, de um carregamento para outro, e até mesmo entre o mesmo conteúdo de um envolvero e de outro do mesmo carregamento.”

★  
★   ★

Não é preciso dizer-se mais para se evidenciar a necessidade de cuidarmos da industrialização vigorosa de nossos produtos, de procurarmos capacital-os a concorrerem com vantagem nos mercados exteriores, pois, rudimentarmente preparados ficam depreciados de 50% sobre as margens deixadas pelo lavrador, pelo criador e pelo



exportador, em beneficio dos intermediarios que os beneficiam antes de entrega-los ao consumo.

Precisamos, no que se diz á produção e commercio, resolver os nossos problemas economicos por meio de considerações economicas.

\*  
\*   \*   \*

Examinada em linhas gerais a situação de nossos produtos em face da concorrência nos mercados consumidores, — passemos a examinar, por exemplo, sucintamente, o que ocorre com os países colonisadores de que os tres principais são a Inglaterra, a França e a Holanda, — seguindo-se em menor importancia Portugal, Bélgica e Japão.

Quanto aos Estados Unidos da América, não possuem colónias, mas tem territorios exteriores com 1.853.598 km<sup>2</sup> e uma população de quasi ... 13.000.000.

A Itália e a Espanha aparecem como nações colonisadoras de segunda ordem.

Quanto ao Japão, — mergulhado na Ásia, tendo se tornado grande potencia, tem no Pacifico, Coréa, Formosa e outras ilhas com 287.930 km<sup>2</sup>, com uma população de mais de 21.000.000 de habitantes.

Esses países, — como toda a Europa, — estão em verdadeiro renascimento agricola, provocado por reformas agrárias postas em execução e é preocupação dominante das nações europeas colonisadoras, valorisar as riquezas de seus domínios, — para o que estão tomando uma série de medidas politicas, administrativas e financeiri-

ras que também são seguidas por varios outros países independentes situados nas zonas tropicais e sub tropicais.

Passemos a nos referir ao dominio inglês que tem sob o seu manto 1/5 das terras do Universo e reúne, — pode-se assim dizer, em suas colonias e possessões, todos os elementos de vida economica.

O Imperio inglês com 34.929.000 km<sup>2</sup> e uma população superior a 400 milhões de habitantes estende-se a todos os mares.

Possue colónias nas regiões temperadas, de origem anglo-saxónia, gosando de independencia quasi absoluta: e nas regiões tropicais colonias sob tutela estreita da Metropole.

A importação e exportação dos dominios da Inglaterra, em 1929, estão assim calculados:

IMPORTAÇÃO	.....	£ 1.018.935.000
EXPORTAÇÃO	.....	£ 1.229.376.000

“Só quem já visitou o “Imperial Institut”, de Londres, repositório formidavel de ensinamentos do poderio colonial inglês, poderá bem ajuizar da riqueza agricola ainda acumulada e susceptivel de exploração nos territorios debaixo da bandeira inglesa.” Ter-se-a a impressão de que a Inglaterra poderá libertar-se completamente das importações do estrangeiro, si volver mais detidamente sua atenção para o Imperio Colonial.

E disso parece terem-se convencido os ingleses.

A “Imperial Agricultural Research Conference”, de 1927, constitue evidente demonstração e uma das suas principais conclusões foi a institui-

ção de uma serie de estações experimentais em todas as colónias.

Convem ainda referir que, de uma dotação de 10 milhões de libras destinadas pela Inglaterra á Africa Oriental, quatro milhões foram reservados para a fundação de um Instituto de Pesquisas Agricolas que centralise as pesquisas regionais, scientificas e agronomicas, visando o desenvolvimento da economia tropical.

\*  
\*   \*   \*

Depois da Inglaterra, segue-se a França, como segunda potencia colonial, ocupando uma superficie de 8.940.99 km<sup>2</sup> e tendo a população de .... 32.271.155 habitantes.

O valôr das importações dessas colonias, em 1929, é de 2.280.992.499 francos e de 2.524.595.663 foi a exportação.

E' pensamento hoje dominante na Europa, que o restabelecimento financeiro do país em grande parte dependerá do concurso das colonias, libertando a Metropole da necessidade de adquirir muita matéria prima do estrangeiro.

Essas compras são consideradas como de efeito desastroso nas finanças do país, — por serem desfavoraveis á balança comercial.

E' com o concurso das colónias, — diz o Ministro Sarraut, — que alcançaremos o equilibrio da balança de pagamentos exteriores e o tão desejado equilibrio entre a importação e a exportação.

Arthur Torres Filho, "A Situação do Brasil em face da Concorrença Mundial, "O Estado de S. Paulo", 26-6-1929.

Em outras palavras, — ...“la France, organisant son avenir sur les plus puissantes bases, va demander à ses colonies et à ses protectorats des hommes pour son armée, de l'argent pour alléger ses charges budgétaires, des matières et des produits pour son industrie, son commerce, son alimentation, ses échanges.” Albert Serraut, - Ministro das Colónias.”

Grandes e notáveis tem sido os esforços da França no correr desses últimos anos, por explorar suas colónias, realizando consideráveis trabalhos na Indo-China, Africa Ocidental, Africa Equatorial e Madagascar, — nelas tendo dobrado a produção depois da guerra.

Em Marrocos, por exemplo, no porto de Casablanca, tem sido a seguinte a progressão do tráfico: — 400.000 toneladas em 1920; 1.636.000 em 1925; 2.500.000 em 1927; 2.200 navios entrados em 1920, 3.600 em 1925 e 4.047 em 1927.

Olha a França para as suas colónias, como bem disse um de seus ministros, como futura reserva de matérias primas, — pois elas podem produzir lãs, sedas, madeiras, algodão, matérias graxas e minerais de todas as espécies.

A Algéria, em materia de agricultura oferece vasto campo de observação com resultados económicos valiosos.

E' certo que os territórios das colónias francesas regorgitam de recursos, só faltando método para sua exploração.

Mas, para nós brasileiros, “em face da actual legislação alfandegária da França, — de *exclusivismo industrial* e de *proteccionismo colonial*, — podemos considerar o seu mercado fechado para

nós, porquanto os nossos artigos de exportação concorrem aos mercados de consumo da França, com os produtos Coloniais da própria Metropole que ali gosam de franquia, tais como o cacáu, o açúcar, os cereais, etc.

Realmente, para fazermos uma rápida idéa dos efeitos de semelhante politica de proteccionismo colonial, na competição comercial aos mercados franceses, basta considerar que atualmente as colónias abastecem os mercados da Metropole nas seguintes proporções:

Baunilha, 96%; farinha de mandioca e sagú, 81o|o; arroz, 77o|o; madeiras, 69o|o; cacáu, 64o|o; milho e alfafa, 53o|o; sementes oleaginosas, 33o|o; fibras, 27o|o; frutas de mesa, 13o|o; carnes frigidificadas, 7o|o; lã, 3,6o|o; café, 3o|o e algodão 2,2o|o”.

E’ portanto um país cujos produtos deviam ser taxados proibitivamente a sua entrada no Brasil, em represalia ao tratamento que dispensam aos produtos brasileiros nos mercados franceses.

★

★      ★

A Holanda é outra potencia colónial digna de apreço, contando com uma população de 48.029.573 habitantes e 2.045.651 quilómetros quadrados.

E’ fóra de dúvida que esses países da Europa possuem massa formidavel de riqueza nas suas colónias, onde o commercio e a industria metropolitanos poderão encontrar fontes de recurso consideravel, suceptiveis de rápido aumento.

Portanto, de preferencia recorrem ás suas colónias em prejuizo dos países estrangeiros. Ainda,

é fóra de dúvida que todos os restantes países em estado colónial, semi-colónial ou pseudo independentes, localizados nas zonas tropicais e sub tropicais, que concentram ao todo 90% da aréa cultivavel do glóbo, pódem fazer-nos concorrência e precisam contar com os países industrias e colonisadores da Europa para seus mercados.

Quási toda a America do Sul, toda a América Central, o México, a India, a Asia Meridional, a Africa, produzem utilidades similares ás nossas e em maiores quantidades. Aí está o caso da borraça como exemplo de como podemos ser esmagados por um concorrente mais forte e melhor organização financeiramente.

Até 1900 tínhamos quási que o monopólio da produção da "hevea". O consumo mundial crescia e o Brasil não dava vasão, produzindo 40.000 toneladas.

Em 1900 produzia-se na Peninsula Maláia a primeira tonelada de borraça.

E já em 1910 a produção, nessa região chegára a 400.000 toneladas!...

Em 1926, só os Estados Unidos da America pagaram á Asia cerca de 500 milhões de dolars, QUE NOS DEVIAM CABER, si tivéssemos uma visão inteligente do comercio internacional.

Tivéssemos sabido defender esse nosso produto nativo e o Brasil seria hoje um dos países mais ricos do Universo, vivendo em abundancia, sem crises financeiras e monetárias. E quem dirá que o mesmo não sucederá com o café, cuja exportação representando 77,6% de nosso comercio externo em 1910 já descêra a 62,4% em 1929?

Nós mesmos, aqui nas Americas, temos concorrentes poderosos nos mercados de consumo,

em produtos tropicais. “A Venezuela produz tambem café e cacáu; a Colómbia, café e bananas; o Equador, — cacáu e café; a Bolívia, a borracha; o Perú, açúcar; o Paraguai, laranjas, tabaco e mate; Uruguai e Argentina, gado e seus derivados; a América Central, café e bananas; Cuba, tabaco, açúcar e café; as Antilhas, café, fumo e bananas; o México, café, tabaco e bananas.

Como vemos, esses países, além de não nos oferecerem mercados para os nossos produtos agro pecuários, ainda são nossos concorrentes nos mercados internacionais.



Poderíamos, pois duvidar que só a politica industrial é a que convem ao Brasil?

Mas, que o Brasil nos mercados mundiais, terá que contar com a concorrência dos países europeus e a dos países e regiões tropicais e sub-tropicais, além da que lhe poderão fazer os países livres, situados nas zonas quentes e temperadas, — preocupados com a organização económica e técnica da Agricultura, — é desnecessário demonstrar.

Isso se dará quer com o desaparecimento de alguns artigos de nossa exportação, — substituidos por produtos de origem colonial, — quer pela instabilidade da nossa balança comercial.

Mesmo em matéria cafeeira, nossa produção será fortemente contrabalançada, — como infelizmente, já vai acontecendo.

Atente-se depois, para o que succedeu com o açúcar, com o algodão, com os frutos oleaginosos,

com o fumo, com o arroz, com a borracha, com as madeiras, com as frutas e carnes congeladas: — uns desaparecendo da lista dos produtos exportados, outros sujeitos a oscilações e outros em ascensão devido a variações de politica cambial.

Essa é a situação que perdurará si continuarmos desaparelhados de organização diplomática, técnica, comercial e bancária, para amparar e impulsionar nossa produção agricola, industrial e pecuaria.

A nossa organização, para enfrentarmos a concorrência que terão os nossos artigos e a limitação que se lhes imporá nos mercados consumidores, cresce de importancia e, deviam servir para pensarmos sériamente na organização comercial, agricola e industrial do país, — si se considerar o tratamento obtido nas metropoles, pelos povos nossos concorrentes em matérias primas, produtos extrativos e artigos de alimentação.

“A produção similar nos prejudica como volume e tambem como objeto de favor nas repectivas Metropoles, — onde quer que exista — em condição colonial”.

Exultamos, por via de regra, com o nosso solo, e as riquezas que possuímos, mas raramente nos lembramos da fertilidade de outras zonas, onde a produção leva, — sobre nós, — alem da TARIFA DIFERENCIAL ou LIVRE da Metropole a vantagem da mão de obra barata, — ainda quasi escrava em varias regiões, — e a exploração sistematizada.

Por acaso já meditamos nas condições de trabalho, no padrão de vida e de existencia miseravel que levam a grande maioria da população mundial, — na China, na India, na Africa, na Po-



linésia, — extraindo o seu sustento e dedicando a sua atividade exclusivamente á agricultura, — população essa que nos pode esmagar na concorrência da produção dos produtos agricolas?

Basta um só exemplo: — o das Indias Holandesas, cuja população é de cerca de 50 milhões de habitantes em território cinco vezes menor do que o nosso.

Seu comércio exterior alcança a cifra de 250 milhões de libras, aproximadamente, das quais 160 milhões só de exportação, quando no Brasil esse comércio foi, em 1928, apenas de 188 milhões.

E'las produzem mais ou menos o que exportamos: — borracha, açúcar, fumo e café.

Tal foi sua competição aos ingleses, no mercado de borracha, que constituiu o motivo real da suspensão do chamado "plano Stevenson", — da defesa da borracha.

Com efeito, quasi metade da arêa territorial do Globo se compõe e colónias ou protetorados. Dos sete maiores países, — territorialmente falando, — Brasil, China, Estados Unidos da América, Russia, India, Canadá e Austrália, os tres ultimos são dependencias britannicas; — por seu lado, nas Metropoles de menor superficie territorial, a arêa das colónias se desdobra, muitas vezes, extraordinariamente.

Segundo Donaldson, por exemplo, a arêa das potencias coloniais antes de 1914, era de cerca de 4 e 1/2 milhões de quilometros quadrados, ao passo que seus territórios e dependencias chegavam a 21 e meio milhões.

A distribuição da arêa colónial do mundo já assim se dividia: — Grã-Bretanha, mais de 60 %;

França, quasi 20%; Alemanha, 5%; Portugal e Bélgica, acima de 4%, cada um, Holanda, menos de 4%; Itália, menos de 3%; Estados Unidos da América e Japão, menos de 1%. Nessa estatística a Grã-Bretanha tem possessões cem vezes maiores que a arêa da Metropole; a Bélgica 80 vezes; a Holanda, 62; Portugal, 26; a França, quasi 20; a Itália, 5.

★

★ ★

Podemos considerar tres, entre os maiores centros atuais de consumo.

Nos Estados Unidos da América, a importação de artigos de alimentação e matérias primas chegou, em 1928, á colossal soma de dois bilhões de dolares, mais de um terço da qual de produção em territórios chamados coloniais, seus ou alheios.

A industrialisação crescente do país vai operando sua independencia dos centros supridores; e, país colonizador por excelencia, — porque fez das terras adquiridas Estados iguais na Federação, grande e prospera, tem no seu território um dos maiores campos para nossa expansão, ainda não de todo compreendido por nós.

Basta dizer que em 1928 para ali enviamos 45% de nossas exportações, 97% das quais entram livres de direitos.

A classe agraria vai caminhando, entretanto, para a proteção cada vez mais acentuada, pois ali, como em toda a parte é característica a desigualdade entre o industrial, que tem seus artigos na tarifa alta, mas deseja sem impostos as matérias primas que emprega, e o agricultor, que pede am-

para para suas colheitas, em regra baratas e sujeitas ás crises de produção mundial.

Na Grã-Bretanha, por seu turno, com o imperio colónial conhecido, não são menos interessantes os Algarismos. Bem se póde calcular atualmente este, quando se sabe que as estatísticas relativas a 1914 já lhe reconheciam 30% do commercio internacional e que desses 30% mais de um terço provinha de seus territórios e possessões. Demais, como é sabido, o abastecimento de comestiveis da Grã-Bretanha proveio numa proporção de 39,4% dos países estrangeiros, 21,6% das colónias e 39% da sua produção nacional no ano de 1930.

Quanto ás suas importações anuais, cerca de 42% são de artigos de alimentação e 35% de matérias primas, produtos aos quais o protecionismo pela condição mesma da vida industrial britânica, difficilmente chegaria.

Ainda, é flagrante o desequilibrio das nossas transacções commerciaes com a Grã-Bretanha e, este tende cada vez mais a se acentuar, pois, o café, o cacáu, as frutas e as carnes brasileiras são prejudicadas nos mercados inglêses e tambem nos mercados do Imperio Britânico pelos favores protecionistas que são dispensados aos similares do Império.

Nessas condições, seria impossivel aos nossos productos concorrer, em pé de igualdade, nos mercados de consumo inglêses. Assim, o café, o tabaco, o cacáu, foram praticamente afastados daqueles mercados. A Grã-Bretanha somente consome café de suas colónias.

★

★ ★

A borracha transplantada no extremo Oriente passou a substituir a "herva brasiliensis" em todas as fabricas de artefatos de borracha nas Ilhas Británicas.

"Hoje, concorreremos nos mercados británicos, unicamente para suprir os claros deixados pelos produtos do Império e, não obstante ter sido atingido em cheio o nosso comércio com as preferencias Colónias inglesas, aceitamos essa situação sem protesto, continuando as mercadorias británicas a entrar em nossas alfandegas com a mesma igualdade de tratamento que antes desfrutavam".

Assim a Grã-Bretanha é o país que maior soma de ouro absorve dos proventos de nossa produção e do nosso trabalho. E' ela o país que entretém conosco as mais antigas relações mercantis e que melhores e maiores vantagens tem sabido tirar desse comércio.

★  
★   ★

Em terceiro lugar, ainda que privada hoje de suas colónias, a Alemanha tem nos referidos artigos de alimentação e matérias primas, um dos mais fortes encargos com o estrangeiro, 33% a 47% respectivamente.

Quanto a Portugal, ao Japão, á França e á Holanda, a parte do comércio colónial com eles era, segundo as mesmas estatísticas, respectivamente, de 20%, 16%, e 10% do total.

Constitue nosso orgulho termos creado uma forma de civilização tropical, exclusivamente brasileira. Nas outras zonas, semelhantes á nossa, a vida se desenvolve sob a feição colónial, de braço

barato e servidão económica, — tais as chamadas plantações británicas e javanesas, — ao passo que o Brasil caminha pelo esforço proprio, — quasi livre das sujeições politicas e, — só disfarçadamente sofre ainda a exploração económica por outros povos.

Mas, por isso mesmo que assim acontece, é que mais árdua será nossa competição com os rivais, pelo alto padrão de existencia que vamos criando.

O café constitue o exemplo frizante da transição por que passamos; e seus preços determinando a produção em outras regiões de custo infimo e de mão de obra barata, são a consequencia daquele padrão.

Está o remédio em uma ação de longo raio, —  
A INDUSTRIALIZAÇÃO CRESCENTE DO PAÍS.

Aliás, é esse o pensamento do Ministro Helio Lôbo, — estudando a situação das industrias brasileiras em face da nossa tarifa aduaneira: —

“A guerra creou, tambem, entre nós, um grande numero de industrias, que se desenvolvem. E’ de se esperar que essas industrias ganhem, com o tempo, vantagens em relação ás de outras nações a ponto de poderem prescindir um dia de um nível elevado de proteção, satisfazendo assim ás necessidades de nosso consumo que já é grande e só tende a se dilatar com o crescimento da população.

Desse modo, as manufaturas nacionais virão absorver grande parte das nossas matérias primas, — transformando-as dentro do país, deixando aqui os lucros de tal transformação, — que em geral excedem a 50% do preço de produção, — dos artigos, dando trabalho á mão de obra nacional e aumentando a receita do Estado.

A produção de matérias primas para a exportação é que, infelizmente, constitue hoje, a maior fonte de riqueza do Brasil e esta deverá ser uma forma transitória de nossa evolução económica, — si quizermos desempenhar o papel que nos deve caber no mundo”.

E' preciso que se diga claro e altissonante que não podemos concorrer vantajosamente nos mercados internacionais, com produto algum, salvo o café e o algodão. Apenas com estes não poderemos solver os nossos compromissos externos e adquirir o necessario para fazer progredir, — ainda que lentamente, o nosso país.

\*  
\*   \*   \*

Afim de habilitar o produtor nacional a competir, com exito, com os seus similares estrangeiros, cumpre reduzir os fretes maritimos e terrestres ás taxas minimas e sinão abolir totalmente, ao menos diminuir os impóstos de exportação, viação e circulação, pois a luta da concorrência dia a dia se torna mais acirrada, defendendo cada país seus mercados da invasão de produtos estrangeiros.

Bastará dizer que as Metropoles chegam, ás vezes, a tomar medidas contra as suas proprias colónias.

“Convida-nos a meditação profunda, pensando no futuro do Brasil, o espetaculo da Europa.

A nossa construção económica exige trabalho imenso de melhoramento das populações do interior, que de tudo carecem, desde o levantamento do nivel moral, saneamento e instrução, até a adoção de metodos modernos de trabalho pela difusão do ensino técnico.

Outrosim, o nível de vida dos nossos operários deve ser melhorado pela redução do preço de custo das utilidades e por uma remuneração mais justa do trabalho em certas regiões do País, — de modo a tornar o trabalhador nacional um consumidor interessante da nossa propria produção e das mercadorias de outros países que conosco mantêm trocas mercantis.

E' sabido que em certos ramos da atividade agricola, o salário não tem, por assim dizer, valor aquisitivo capaz de proporcionar ao trabalhador um nível de vida mais razoavel e condigno.

E' certo que muitas vezes a produção, encarecida pelos impostos, fretes, baldeação, e outras despesas, não oferece margem sufficiente para melhor remuneração do trabalho. Esses tropeços que tolhem o nosso desenvolvimento económico, devem desaparecer pela adoção de uma politica conciente de realizações económicas e sociais.

Fornecer, no menor espaço de tempo, para as necessidades da vida nacional, a maior soma de produtos uteis, — com sobras suficientes para larga exportação, — tal deveria ser nosso escopo, e o qual tem de se amoldar nos propósitos de uma sã politica administrativa que consista principalmente em: — "TRIBUTAR JUSTO, ARRECADAR BEM E APLICAR MELHOR AS RENDAS PUBLICAS".

★

★   ★

Si diante de nossa produção cafeeira, só um louco pensaria em produzir café para nos vender; como louco seria quem pretendesse ir vender carvão em Newcastle; trigo em Winnipeg, ou carnes

congeladas na Argentina, tambem o que se dá com os produtos que estão em super produção no mundo, — seria louçura um povo tentar produzi-los quando ha super abundancia e aviltamento de preços nos mercados internacionais.

O que se dá hoje com a borracha, com o açúcar, com o café, o algodão, o trigo e com a maioria dos demais produtos agricolas dos países tropicais, — em excesso ao consumo visivel da humanidade atual, — não se compreende que alem dessa produção super existente queiramos ir dedicar a nossa atividade indo produzir esses artigos quando os países que potencialmente ainda são os nossos compradores de produtos extrativos e matérias primas impoem restrições ao seu consumo para se libertarem da dependencia internacional.

Não se compreende, pois, que estejamos procurando ir nos dedicar á agricultura, — dar-lhe eficiencia, modernisa-la e a querermos intensificar a produção agricola brasileira quando não ha mercados para os nossos produtos agrários, isto é, *mercados nos quais possámos competir vantajosamente.*

Si nos produtos da agricultura o nivel de preços no mundo é cada vez mais baixo, enquanto aumenta a quota para o seu custeio e produção, — porque então não abandonarmos a agricultura, preferindo a atividade industrial, cujas possibilidades são ilimitadas?

Quando a Europa procura tornar-se independente dos produtos agricolas tropicais, — quer procurando valorisar os produtos de suas colonias, quer provocando o renascimento de sua propria agricultura e, — quando os países situados nas regiões tropicais e temperadas estão pondo em exe-



cução uma serie de medidas politicas, administrativas e financeiras, para poderem enfrentar os baixos niveis de preços dos produtos agricolas, — porque então, perguntamos, irmos agravar mais os preços, a crise, a situação angustiosa mundial, indo produzir os artigos já em super produção ou em super abundancia no mundo?...

Ora, o estudo da situação económica, politica e social do Brasil no mundo nos aconselha mudarmos de rumo quanto á atividade principal a que nos dedicamos e, trocarmos a vida do campo, das fazendas, pelas oficinas, — tornando-nos um país maquinofatureiro, — pois, os povos que não se organisarem para vencer e não procurarem defender a sua economia estão condenados a desaparecer ou serão esmagados pelas Nações mais ativas, enérgicas e de sólida economia.

Os Estados Unidos da América são um exemplo de organização.

Sem o aparelhamento de que dispõe, sem os seus “Departamentos” de estatísticas e especializados, não seria ele como é hoje, a nação mais agricola, mais industrial e mais comercial do mundo!...

## O BRASIL E AS NECESSIDADES DE SUA EXPANSÃO COMERCIAL DIANTE DE SUA INFIMA POSIÇÃO NA ECONOMIA MUNDIAL

“Nenhuma nação deve fundar exclusivamente todas as suas esperanças na lavoura, na produção da matéria bruta, nos mercados estrangeiros...”

*Alves Branco.*

Infelizmente somos um país de pequenissima importancia na economia mundial contemporanea e poderiamos alinhar algarismos contrastando a nossa infima posição com a de relevo da maioria dos outros países civilizados, porém, preferimos apenas patentear em ligeiro esboço, a mesquinhez do Brasil na balança internacional e assinalar a grande importancia do problema de sua expansão industrial e comercial.

Apezar de não termos no momento outra riqueza com a qual possamos edificar o nosso progresso económico e industrial, sinão na que nos vem da remessa de produtos tropicais e extrativos para o estrangeiro, ou em poucos produtos mine-

rais, e numa indústria pastoril rudimentar, a nossa exportação é irrisória ainda em vista da amplíssima base física, da população e das riquezas naturais do Brasil.

Comparada com a de outras nações menores que o Brasil, de população pequena e que não dispõem da variedade de artigos que oferecemos, a exportação brasileira é insignificante. Basta um confronto entre as cifras representativas do comércio mundial de algumas nações para ficar patente a posição inferior que ocupamos no comércio internacional.

Referindo-nos, para comparação, ao ano de 1924, dizem-nos as cifras que a Argentina, com uma população de menos de dez milhões de almas exportou quasi 800 milhões de dolars americanos ou seja o dobro da exportação do Brasil que em igual periodo apenas atingiu a 422 milhões de dolars.

A pequena ilha de Cuba com uma superficie de 44.000 milhas quadradas e uma população de 3.300.000 habitantes exportou em 1924 mais de .. \$134.000.000°, ao passo que o Brasil com uma superficie oitenta vezes e uma população dez vezes maior não exportou sinão \$422.000.000°.

Java e outras antilhas holandesas, — em pleno regimem colónial, com uma população inculta, mas produtiva, nos ultrapassa, pois, em identico periodo exportou 585 milhões de dolars em borracha, café, fumo, arroz, açúcar, etc.

A Malásia que herdou a supremacia que tínhamos na produção da borracha exportou, em 1925, 720 milhões de dolars.

As comparações acima são frizantes e mostram o quanto precisamos desenvolver a nossa capacidade produtora para aumentar o nosso poder aquisitivo, do qual depende o conforto e o bem estar nacional.

Com a rudeza da linguagem afirmamos que não temos posição comercial no mundo.

Salvo o café, a nossa posição quanto aos fornecedores das principais nações comerciais: — Estados Unidos da América, Inglaterra, Alemanha, França e Japão, não chega a 2% do que esses países importam.

Para só nos referirmos aos produtos agrícolas e extrativos e ver como não somos um país agrícola, nem industrial, nem pastoril, nem minerador na extensão do termo, basta passarmos em revista, mesmo rapidamente, as tabelas de importação dos Estados Unidos que é o nosso melhor mercado, — pois lá vendemos mais de 50% do valor das exportações brasileiras, — para se ter uma idéa das oportunidades que se nos deparam e da mesquinha posição que ocupamos em seu comércio.

Só em couros os Estados Unidos dispenderam em 1926, mais de \$22.000.000, só cabendo ao Brasil pouco mais de \$64.000..

Pagaram os norte americanos por suas compras de manganês acima de \$11.000.000 (onze milhões) tocando ao Brasil \$1.500.000.

A importação de fumo atingiu perto de ..... \$70.000.000, á qual o Brasil *nada fornece*..

De oleos vegetais e frutos oleaginosos, que deviam ser uma fonte incalculavel de riqueza, entre nós, os Estados Unidos importaram \$71.000.000 e \$72.000.000 respectivamente, mas para essa importação nada ou muito pouco contribuimos. De

fibras vegetais para fins diversos, os Estados Unidos compraram mais de \$49.000.000, sendo insignificante a parte que nos coube.

Com relação ás madeiras, que constituem uma das nossas grandes riquezas vegetais, e na importação das quais os Estados Unidos dispenderam mais de \$16.000.000, — na sua maior parte madeiras tropicais, só vendemos alguns poucos milhares de dolars.

Pela importação de banha os Estados Unidos pagaram mais de um milhão de dolars, sendo muito pouco tambem o que tocou ao Brasil.

Veja-se bem que não se trata de utilidades que difficilmente poderíamos produzir, mas sim de matérias primas e produtos alimentícios cuja produção é relativamente facil entre nós pela coincidência de diversos fatores naturais.

Essas matérias primas encontram nos Estados Unidos um mercado sem igual, onde para vender nem precisamos de anunciar. Não vendemos porque não produzimos em quantidade sufficiente, e já é um axioma em economia politica que o volume do intercambio é função do volume da produção.”

Com os recursos naturais de que dispomos a nossa exportação é diminuta.

Nos mercados alemães não é melhor a nossa posição do que nos Estados Unidos da América.

Lá a quota de importação do Brasil é irreparavelmente menor que a da Argentina e atinge a proporções infimas. Não chega a corresponder a 1,5% da importação desse país.

Diante desses fatos, ainda teremos ilusões sobre as nossas possibilidades como país agricola? E nem é possivel tel-as. — Um país que segundo o orçamento da Republica para o ano de 1935, vota

uma verba de 41%, (700 mil contos) para as forças armadas, 9% com os inativos, e só dispense 4% com o Ministério da Agricultura, certamente não poderá ter a veleidade de dizer que cuida de seu desenvolvimento agrícola!...

E nem outra é a explicação do imenso atrazo em que está a agricultura nacional e porque nada valem na produção agrícola do mundo e nem poderíamos valer com tal politica.

Entretanto o problema capital do Brasil, em face da situação dos mercados mundiais, da concorrência dos países tropicais, coloniais e semi coloniais de produção igual á nossa, é o aumento e industrialização da sua produção de forma a termos grandes excedentes no balanço mercantil, sem os quais mal podemos viver sem tropeçar a cada passo com crises financeiras, desequilibrio monetário, e outros males que podem ser traçados diretamente á escassez da exportação.

Aliás, prevenindo-nos contra a politica agrária sem o apoio industrial e de outras atividades que vinhamos seguindo, já nos advertira o Ministro Alves Branco: — “Nenhuma nação deve fundar exclusivamente as suas esperanças na lavoura, na produção de matéria bruta, nos mercados estrangeiros.”

Poucos países contam com tantas possibilidades no comércio internacional como o Brasil. Só os Estados Unidos que já nos compram metade de nossa produção exportavel poderão nos comprar o dobro do que nos compram, mas a verdade é que ainda só contribuimos de fato com um unico produto para o mercado internacional: o café. Dos outros produtos apenas a borracha, o cacau, as peles, a castanha e o manganês e presentemente o al-

godão aparecem nas estatísticas e assim mesmo com cifras pequenas si as compararmos com as de outros países produtores.

Na maioria dos casos aquilo que exportamos de outros artigos é tão pouco que a nossa contribuição é incluída no volume global, sem menção nenhuma.

“Desde que o progresso técnico dos meios de transporte, a facilidade das comunicações, a internacionalização do regime bancário e as outras conquistas do século XIX estabeleceram a solidariedade internacional, — destruindo fundamentos de velhas doutrinas, — os fenomenos da economia nacional de cada país tem de ser subordinados, no seu estudo e apreciação, ao conhecimento das condições da economia mundial.

De fato, o mundo constitue hoje, um mercado único a que todas as nações concorrem como produtores e consumidores, para vender e comprar, para permutar os seus produtos. Assim, para apreciarmos devidamente a nossa capacidade produtora e influencia mundial e definir a posição do Brasil perante a economia Universal, precisamos não somente comparar a nossa produção ano por ano mas referir a economia nacional em face da economia mundial. Não basta assinalar, por exemplo, que a nossa produção aumentou, que a nossa exportação cresceu, que a nossa balança de contas se equilibrou em cifras mais elevadas.

E' preciso considerar os dois primeiros fenomenos em relação á produção e consumo do mundo e o terceiro em referencia á velocidade de circulação dos valores monetarios e da riqueza geral.

“E’ preciso marcar, por indices apropriados, que serão como as coordenadas economicas, a posição do país no mercado mundial.

Só assim se poderá aferir si ha progresso real, ou apenas avanço aparente. Muitas vezes, no Brasil, nos esquecemos de proceder a esse cotejo e, iludidos com as apparencias de prosperidade da economia nacional pagamos a seguir, bem caro, essa ilusão.

Não foi outro o caso da borracha e do proprio plano de defêsa do café, fundado sobre a valorisação de nossa produção, sem cuidar da capacidade de absorção do mercado da melhoria da produção e do estímulo que provocaria á concorrência alheia.

Daí o ficarmos engasgados com o excesso da produção, com as ruinosas consequencias que são de todos conhecidas.

Para termos uma idéa da posição deprimente do Brasil perante á economia mundial, basta olharmos o seguinte quadro, cujas cifras representam milhares de toneladas:

PRODUTOS	Produção Mundial	Consumo Mundial	Produção Brasileira	Exportação Brasileira	% da produc. Bras. sobre o cons. mundial	% da exp. Bras. sobre o cons. mundial
Algodão						
em rama	5.530,7	5.658,5	113,8	10,0	2,06	0,17
Arrôz ...	121.110	121.100	—	0,739	—	0,00
Açúcar de cana ...	17.889	16.700	690	30,0	3.86	0,17
Borracha .	664,1	697,4	24,9	18,8	3,7	2,70
Cacáu ..	528,9	485,7	—	72,4	—	14,91
Café ...	2.379,4	1.455	1.780	832	71,4	57,13
Fumo ...	2.274,8	2.260,7	68	29,7	3,0	1,31
Manganês .	3.592,8	3.590	361,8	361,8	10,1	10,0
Milho ..	110.900	110.900	4.000	1,6	3,6	0,0014



Si bem que incompleto esse quadro é altamente elucidativo para nós brasileiros. Ele revêla que, com exceção do café, do cacau e do manganês, a percentagem dos produtos com que o Brasil contribue para o consumo mundial é insignificante, e em certos casos desprezíveis.

Isto significa que si amanhã o Brasil desaparecesse da face da terra ou do mercado de tais artigos, a sua falta não seria sentida como produtor e outros países seus concorrentes supririam com vantagem e sem grandes esforços, o nosso lugar.

E convem notar que a exportação desses nove produtos, em 1928, representou 73% exatamente, da nossa exportação total!



E' uma dura verdade que precisamos dizer alto e em bom som, ao referirmo-nos á exportação e importação do Brasil que, em 1928, as nossas importações apenas representaram 1,3% das importações mundiais e,—quanto ás exportações estas constituiram 1,4% das exportações globais mundiais.

Esta percentagem de 1,4% que coube ao Brasil no comercio total do mundo é exatamente a metade da percentagem que coube á República Argentina.

Mas, si no comércio internacional valêmos metade do que a Argentina, essa percentagem de 1,4% coloca o Brasil no mesmo nivel de importancia comercial da Dinamarca; abaixo, em muito, do Canadá, da Holanda, das Indias, da China, do Japão e da Australia, para não mencionarmos as grandes nações comerciais.

Si quisessemos levar a superfície territorial em consideração, juntamente á densidade demográfica, — os índices de nossa pequena quota no commercio mundial se tornariam ainda mais significativos.

Realmente, em face de nossa infima posição em todas as estatísticas económicas e financeiras internacionais, — aonde quando o Brasil não figura pela sua ausencia, prima pela sua infima posição ou nenhuma menção.

Não admira, pois, sermos desconhecidos no exterior.

Assim, nas estatísticas mundiais do “Boletim do Instituto Internacional de Agricultura”, de Roma, é conspicua a ausencia do Brasil em seus quadros.

“Não figuramos como produtores de milho, si bem que as estatísticas mencionam até a Tunisia, a Síría, a Manchuria, a Africa Ocidental e Madagascar.

O mesmo se dá em relação ás safras de arroz. Sião, Ilha Formosa, Coréa e Madagascar ocupam lugares proprios nas mencionadas estatísticas.

Nós não o temos. Quando aí aparecemos é para confirmar os baixos índices da nossa capacidade produtora.

Eis o que se verifica no tocante á produção açucareira, espécie de exordio da formação económica do Brasil.

As estatísticas relativas ao ano agrícola de .. 1931-32, mostram que a nossa safra de açúcar **MAIS OU MENOS SE EQUIPARA A’ DE PORTO RICO**. Representa menos de  $\frac{1}{3}$  da de Cuba.

As Filipinas e a Ilha Fôrmosa **PRODUZEM cada uma de per si, — tanto açúcar quanto o Brasil!**

*As Indias britannicas produzem 4 vezes mais que o Brasil, e Java 3 vezes mais!*

Nas estatísticas sobre o algodão também não aparecemos. Entretanto, a Algéria, a Siria, a Uganda, a Somália, até a Bulgária, que ninguém supõe produzir aquela matéria prima, são mencionados nas estatísticas de que me ocupo.

O Brasil nada. O mesmo se dá quanto ao fumo e a Sericultura.

Si deixarmos de lado, para não prolongar o confronto, as estatísticas de produção, para examinar os algarismos referentes ao comércio internacional agrícola, chegaremos a conclusões idênticas.

Nos quadros sobre a importação de trigo em grão e em farinha não figuramos.

Aparecemos como exportadores de cacau, rivalisamos o, quantitativamente, com a Nigéria, ultrapassados somente pela Costa do Ouro, cuja exportação no ano de 1931 foi de 220.815 toneladas, quando o Brasil não exportou sinão 66.826 toneladas. Podia ser alongado mais esse cotejo, porém, não podemos deixar de mencionar que, a posição estatística do Brasil, em 1931, dada no Boletim do "Federal Reserve Banks", dos Estados Unidos, resumindo as reservas de ouro dos Bancos Centrais e Governamentais, — mencionava o Brasil como o único país desprovido de qualquer "stock" metálico, — expoente da capacidade administrativa de qualquer povo.

Eis o que valem no mundo!...

Só o café avulta na nossa exportação, apesar de nos dizer a estatística, que a classe dos produtos agrícolas é a dominante na exportação brasileira, para a qual ela contribue com quasi 90% do valor

e 70% do volume, elevando-se o numero dos produtos agricolas exportados a 26.

Em nossa exportação é absoluta a predominancia de um único artigo, o café, que serve de termometro da situação económico financeira do país, o que reduz em última analyse, quanto ao valor das exportações agricolas, a sermos visivelmente exportadores de um único artigo.

“Ora, tudo está a indicar que temos de defender a todo o transe a nossa produção agricola, industrial e pecuaria.”

E, si a agricultura sempre foi a nossa maior fonte de riqueza, como nos diz toda a história de nossa evolução económica; — do periodo colónial até os dias atuais, sel-o-á por longo tempo ainda si a incrementarmos e a desenvolvermos cientificamente, enquanto não puzermos em ordem e intensificarmos a maquina industrial que vimos construindo e que já pesa sensivelmente na balança da produção brasileira.

★

★ ★

Diante do gráu de civilização atingido pela humanidade com os meios rápidos de transportes e os recursos da técnica profissional, só conseguirão vencer, no jogo da livre concorrência, as nações que puderem dispor de uma produção agricola, industrial ou pecuária, lançada em alicerces sólidos.

Ressalta á evidencia que precisamos de uma politica verdadeiramente construtora que tome por base a solução do problema agricola brasileiro, da implantação e estimulo definitivo á industria bra-

sileira e ao aperfeiçoamento e intensificação dos nossos rebanhos em geral, apurando-os, seleccionando-os a cada fim, pois é certo que sem o bem estar geral garantido por uma produção abundante barata e de circulação fácil em nosso imenso território, não haverá tranquilidade para a Nação condenada a caminhar tropeadamente em procura de seus destinos.



O problema fundamental do Brasil, é sem contestação, o de sua expansão comercial interna e externa. E, no entanto, esse comércio está quasi que atrofiado no interior, por multiplos fatores e, quanto ás trocas internacionais, está só limitado ao café e surge agora o algodão.

“Só das importações, do trabalho nacional, das economias internas podemos tirar seguramente com que pagar, no estrangeiro, nossas dividas ou nossos excessos de gastos, isto é, nossas importações onerosas, improdutivas.

Sí o saldo não vier das exportações efetivas ou de suas equivalentes, tem que vir de coisa equivalente, temos que o apurar na economia nacional, com o nosso trabalho, nosso comércio, nosso poupar extremo e até nossa miséria, com excessivos impostos, com as pesadas hipotecas de nossas alfandegas.

Não podemos mais viver no regimen dos deficits de exportação ou dos excedentes inferiores a nossos compromissos externos.

Sobretudo a supor sofisticadamente que importar é “ganhar mais”.

Sí indagarmos da nossa situação presente, quanto á parte que desempenhamos no comércio mundial, encontrámos que só produzimos economicamente, em condições de enfrentar a concorrência de outros povos, — o café; — entretanto, a nossa exportação poderá ser decuplicada, em um quinquenio, si produzissemos técnica e racionalmente em larga escala, a baixo preço e nos organisassemos para entrar na concorrência internacional com o açúcar, o algodão, o milho, o arroz, o fumo, a borracha, o mate, as frutas, as madeiras, as carnes, o feijão e outros produtos agro-pecuários, — simples dádiva da natureza. As condições naturais do Brasil, aliadas ao trabalho, á técnica e á organização comercial, nos permitiriam produzir esses artigos, em condições de concorrer com o produto estrangeiro, — desalojando-o de nosso próprio mercado e virmos a ter, sinão a primazia na sua produção, pelos menos ocuparmos, ao lado dos Estados Unidos da América, uma posição de destaque entre os grandes produtores e consumidores mundiais.

★

★ ★

Sendo o nosso país capás de vender uma grande variedade de produtos ás nações super-povoadas, industriais e das zonas frias da terra, é promissor o futuro que temos diante de nós si trabalharmos arduamente e atuarmos com sagacidade, com diplomácia, com o auxilio técnico, politico e científico no sentido de intensificarmos a produção e o comércio exportador do Brasil.

Nada poderá fazer o nosso agricultor, o nosso estancieiro, o nosso industrial, sem crédito para as

suas operações, sem transportes rápidos e baratos, sem mercado remunerador e de alta capacidade de aquisição, sem educação, profissional e objetiva, sem escola e higiene para os seus filhos, tendo a todo o momento para agravar a sua situação já precária novos impostos, novas leis e regulamentos inocuos e burocráticos que se juntam aos “dumpings”, tanto de mercadorias como de individuos que aqui aportam ou são atirados por agenciadores gananciosos, e á concorrência que lhes fazem os países grandes produtores e organizados: — Cuba, com o açúcar; a Polinésia, com a borracha; a Argentina e o Uruguai no xarque, no trigo, no arroz e nas batatas; os Estados Unidos da América, o Egito e a India no algodão.

★  
★   ★

Sómente nos referimos aos produtos agrícolas e animais, pois quanto á competição industrial, a que nos fazem os estrangeiros, seria para aniquilar de vez a industria nacional si não fora o amparo, — ainda que insufficiente, que já deram a essa industria os poucos homens de visão que nos tceem governado.

★  
★   ★

As nossas condições sociais, nolíticas e económicas, estão aconselhando volvermos a nossa atenção para os problemas brasileiros: agrário, pecuário, minerador e industrial, em conjunto, — entrelaçando-os, unindo-os, harmonisando os seus inte-

resses, que, no fundo, são os interesses máximos do Brasil.

Quem conhece como é ainda rotineira a agricultura no Brasil não tem dúvida em reconhecer quanto a sua situação é instável, podendo as menores causas económicas e financeiras atuar sobre ela depreciativamente.

O mesmo e com mais pessimismo podemos dizer da nossa produção pecuária que, explorando o rebanho nativo quasi sem o aperfeiçoar, vive contentando-se apenas em suprir o mercado nacional, e sujeitando-se á tutela economica dos frigorificos alienigenas que fazem praticamente toda a exportação de carnes congeladas do Brasil.

Mais negro seria o quadro que tentassemos trazer sobre a nossa situação e a vida vegetativa que leva a nossa indústria manufatureira que, si ainda existe é porque se apoia sobre as ruínas e os ossos de centenas de milhares de abnegados que tudo sacrificam: — dos seus haveres ao proprio conforto e felicidade empenham-se em industrialisar nossa terra que só é ainda rudimentarmente industrial porque o homem que a tem habilitado é: — ora um latifundiário, ora um bacharel que vislumbra concertar o mundo decretando leis, ora um indolente ou um copiador servil e obediente á vontade dos povos fortes e industriais.

Só uma larga politica de proteção ao trabalho nacional em suas diversas modalidades, — principalmente aos que vivem da lavoura, — tão desamparada como a industria fabril, — tão cheia de desafetos doutrinários e “livres cambistas”, poderá desafogar a vida economica e financeira do país.

★

★ ★



Convençamo-nos de que na agricultura estão vinculados os mais altos interesses do Brasil, mas não nos esqueçamos nunca de que a agricultura, a indústria e o comércio são rodas conjugadas do "tear" nacional e, que só com o funcionamento harmónico dessas rodas o nosso país terá marcha silenciosa e progressista.

Transformemos, portanto, os nossos processos de cultura, procurando melhorar as variedades de plantas, generalizando o emprego da mecânica agrícola, aplicando enfim os ensinamentos da completa ciência economica.

Não esqueçamos, porem, que todo o desenvolvimento que procurarmos dar á nossa agricultura será em vão si esta não tiver para ajudal-a, para dar-lhe eficiencia, uma poderosa máquina industrial, á semelhança da que suporta a agricultura norte americana, que l'ha fornece continuamente e a preços modicos, centros compactos de alto poder de consumo, de elevada capacidade de aquisição, vias de comunicações facéis, tratores, arados e implementos agrícolas para o preparo da terra: aragem, sementeira e colheitas.

Só poderão vencer na luta da competição commercial os países organizados técnica e economicamente e, sem esse aparelhamento, não nos será possível ter agricultura eficiente, virmos a constituir um país agrícola na extensão do termo.

Até então temos sido exploradores desavisados de nossa terra, explorando-a sem nos utilizarmos dos conhecimentos da agronomia.

Sem o ensino agrícola e sem o ensino técnico generalizados não nos será possível aperfeiçoar a nossa agricultura e desenvolver as nossas indus-

trias fabris e, sem estas duas atividades fortes não nos será possível dispormos de uma sólida estrutura económica.

★

★      ★

Como o papel da agricultura é desenvolver e facilitar a capacidade de produção das plantas sob cultivo, o papél da indústria é transformar as matérias primas arrancadas do sólo em artigos semi e em todo acabados, — afim de os entregar ao consumo produzidos de maneira mais eficiente.

Não será, portanto, sem o trabalho de sábios e pesquisadores, de agronomos e técnicos que quanto antes deviamos por a pesquisar as relações intimas entre a industria e as matérias primas existentes, entre as plantas, o nosso solo e o nosso clima, entre a industria e as materias primas existentes em nossa terra, entre os meios de se aumentar a eficiencia da organização industrial e humana, que a produção brasileira poderá suprir o mercado nacional com sobras para a exportação.

“Hoje, em face da agronomia, da engenharia moderna, do comércio não se concebe mais a exploração inteligente de um país, sem o exame do solo, do clima, da aplicação dos adubos, das maquinas agricolas e do ensaio e criação de novas variedades de plantas, da locação das suas fontes de energia, do estudo de seus centros de consumo e de maior aglomeração, da potencialidade de seu mercado, do estudo do poder aquisitivo de suas populações, das facilidades de transportes, do padrão de vida de seus povos, dos meios que dispõe para se instruir, viver com saude e prosperar.”



E' assombroso o que se tem conseguido como resultado economico no dominio da experimentação agricola, da tecnica e da eficiencia industrial.

No entanto, apesar da "pecha" que nos dão de País agricola, quasi todos, sinão todos os nossos problemas agricolas estão por serem resolvidos e nem apenas iniciadas as soluções dos nossos problemas industriais...

Precisamos trabalhar; precisamos produzir e capitalizar: — eis o problema Brasileiro: Vivemos na categoria dos povos civilizados, pretendemos ter o mesmo conforto, os mesmos gosos que aqueles, mas não nos aparelhamos para esse estado definitivo.

Para o pouco, o ridiculo mesmo que produzimos tudo vamos buscar no estrangeiro: a materia prima para as nossas industrias embrionarias, o braço do trabalhador, o produto manufaturado, o produto da industria extrativa, (tão acessivel...) e até mesmo os generos de consumo e produção facilima... os alimenticios!...

Para um país imenso, dotado munificente-mente pela natureza, que tem a pretensão de ser um país civilizado, mantendo relações estreitas com os mais adeantados do globo, já é uma condição bem triste. *O Brasil ainda tem seguramente 5/7 do seu territorio para colonisar.*

O seu organismo politico, social e industrial, está inteiramente na infancia, — numa infancia secular.

Como são perigosos os vicios e defeitos do berço! Ficaram-nos todas as miserias da decadencia

portuguesa e espanhola, fomos pedir luzes e exemplos á França revolucionaria e socialista, e por isso vivemos hoje, nem mais nem menos que vegetando, e vegetando sempre...

E como é fragil e contingente o pouco que fizemos!... Que possuímos na ordem economica, social e politica?. — Eis um interessante estudo a fazer e quem o fizer prestará um assinalado serviço ao Brasil si, ao menos, puder demonstrar os seus erros capitais, e quanto está comprometido o nosso futuro pela obra do passado e pelas tendencias do presente.”

## OS DOIS POVOS DE ATIVIDADE INDUSTRIAL MAIS INTENSA DOMINAM OS POVOS AGRICOLAS E DIRIGEM O MUNDO!..

“O desenvolvimento da industria fabril nacional não é somente uma questão económica, — é mais do que tudo uma questão politica”.

. *Rui Barbosa.*

Dia a dia mais os povos se convencem de que a guerra mais conveniente, a que trás melhores resultados, a que aniquila tornando para sempre derrotado o inimigo, a que vence sem carnificinas, — é a guerra comercial.

Dai o termos compreendido, — si bem que tardiamente, após a guerra européa de 1914, uma verdade económica que se tornou evidente depois do conflito, — tal a importancia capital que a posse dos minerais tem para as nações em nossa atual civilização.

Os grandes povos de visão e ideais imperialistas estão se aparelhando ou já se aparelharam para ganhar a batalha comercial que se trava no Universo e, da qual é visada como ponto inicial a posse

das fontes de riquezas minerais e extrativas da Terra!

Contam os representantes maximos dos ideais expansionistas, com a industria fabril, a técnica, o acumulo científico, as melhores e mais modernas armas para o dominio dos povos ainda não de todo independentes, — como o Brasil.

Não erramos, por certo, afirmando que na éra atual de maquinismos e vontade de expandir, que a maioria das grandes desinteligençias entre os povos resultam mais da disputa pela posse das fontes de riqueza; — das cataratas, dos seringais, dos poços de petroleo, dos terrenos auríferos e das jazidas minerais em geral, — especialmente do carvão, potassa, ferro e manganês, do que de questões de sentimentalismo nacional.

Os desentendimentos do Mexico com os Estados Unidos, — da Alemanha com a Polónia, — do Chile com o Perú, — do Paraguai com a Bolivia, da Alemanha com a França e da Inglaterra com o mundo inteiro, — sobretudo com as suas colónias da India e do Egipto, — procedem mais da occorrençia do petroleo, do ferro, do chumbo, dos sais de potassa, — cujas jazidas estão situadas nos territorios em disputa, que tambem abrigam ás vezes as materias primas tropicais, — do que por questões de sentimentalismo romantico. . .

O que pretendem os povos imperialistas, e como representantes destes são todos os povos industriais, — é o dominio politico ou territorial, — não modernamente o dominio economico, — das jazidas, das fontes de riquezas, das fontes de combustiveis, — sobretudo o carvão, petroleo e quedas d'agua, — das jazidas minerais, das terras que pro-

duzem o algodão, a cana de açúcar e, assim, possam garantir-se da posse ou dominio dos minerais indispensaveis ao seu consumo, á sua industria maquinafatureira, á sua prosperidade, ao seu predomínio no mundo.

O dominio politico — das fontes de riqueza, dos indispensaveis á industria fabril, — como o algodão para a industria de fiação e tecelagem de Manchester; — a borracha para as fabricas de Akron e de Liverpool, — o petroleo para a industria automobilistica de Detroit; — o carvão para toda a industria inglesa e de varios outros países — quando a natureza não colocou no território de um país os minerais e matérias primas de que ele vem a necessitar, — têm sido obtido pela força, por meio de conquistas e de usurpações de territorios que os encerram, pela guerra desencadeada sob outros pretextos, — porque não fica bem ás potencias expressar os seus intuitos e objetivos reais.

Foi por esse motivo que o estado do Transvaal foi incorporado ao império Britanico. Tambem a guerra de 1870 teve como movel não declarado a posse das jazidas de ferro e potassa pertencentes á França.

O estabelecimento do Imperio alemão foi uma consequencia necessária ao usufruto, por toda uma comunidade conquistadora, daquela riqueza indivisivel sob qualquer outra forma.

Tambem, a politica francesa de occupação de territorios alemães depois de 1918: do Sarre, do Ruhr, da Rhenania, não teve outro objetivo sinão adquirir territorios aonde existem minerios e carvão e ampliar o seu poderio industrial no continente europeu.

Foi movido pela fome de minérios e de adquirir riquezas minerais que os Estados Unidos da América se expandiram para o Oeste e para o Sul, apropriando-se dos ricos territórios espanhóis, franceses, ingleses e mexicanos, e, ainda criaram o seu império de além mar, — em Cuba, Porto Rico e Philipinas, — regiões capazes de supri-los de produtos tropicais, e dilataram-se ainda mesmo até ás proximidades do polo norte, — á custa da Rússia, adquirindo *por compra* o território do Alasca, em busca de ouro e de peles. . .

Foi por motivos economicos que o Imperio Britânico plantou seus padrões na India, no Egipto e em toda a sua vastissima area colonial.

Tal é a verdade, sem fantasias, sem ilusões e sem rebuços.

Longe de se atenuar, dia a dia torna-se patente a ansia de todos os grandes povos por se expandirem, para o que agora não encobrem nem mesmo os seus appetites, justificando-os por outro motivo que não seja a pura guerra de conquista.

Novamente nos encontramos em pura fase de guerras barbaras e, os recentes territórios adquiridos pelo Japão e pela Italia provam que ainda não é demasiado tarde para as conquistas a ferro e fogo.

Os Estados Unidos, como povo sagás e sensato, — não podendo ou não lhes convindo na era actual anexar territórios e fazer a conquista militar dos elementos aonde se encontram as jazidas minerais, as materias primas e os productos indispensaveis á sua industria, — como ousadamente fazem o Japão e a Italia, — conseguem o dominio commercial das jazidas e fontes de riquezas, de energia e de produção, pertencentes a outros países, financian-



do-as ou comprando-as por intermedio de seus proprios cidadãos ou respectivas empresas, no intuito de servirem ás suas industrias e á sua finança.

E' o que se deu com a aquisição das jazidas de petroleo no Mexico, na Venezuela e na Colombia, por parte de empresas norte americanas; — é o que vimos com a aquisição que os "yankees" fizeram de nossos serviços de força e luz, de telefones, de tração; — com a compra das jazidas de manganês do Brasil; e o que fizeram com as minas de cobre da Bolivia; com as salitreiras do Chile; com as jazidas de petroleo da Rumania; — com a borracha e a Fordlandia no Amazonas; com as plantações de cana de açúcar de Cuba; de abacaxis de Hawaii e de bananas na America Central.

Essa orientação de politica economica imperialista justifica-se, em parte, porque o cobre, o manganês, a juta, o estanho, o cimento, a borracha, o algodão, os transportes maritimos internacionais e, até mesmo, a circulação metalico internacional, — são fatores dos quais dependem toda a vida e atividade de um povo.

Sem duvida esse é um meio legal que não viola as regras do comércio internacional e que as mais das vezes trás certo beneficio e concurso á Nação convertida em feitoria internacional, valorisando-lhe algumas de suas fontes de riqueza.

Tal maneira de agir, — sempre acariciada pelas nações de industrias maquinofatureiras florescentes, basea-se e obedece ao principio económico da independencia dos povos, mas que em realidade só é util aos povos industriais e, que justificam mais esse principio económico pregando que "os

povos teem que trocar entre si as sobras de seus vários produtos para o equitativo suprimento das reciprocas necessidades, e que dessa troca é que se constitue a base do comércio internacional.”

No Brasil o combate que se está travando na arena comercial e para o predomínio em nosso mercado tomam parte quasi todos os grandes povos europeus, o norte americano e o japonês e, — mesmo assim ainda vivemos em um constante estado de alheimento aos problemas que absorvem o mundo inteiro enquanto as grandes potencias disputam entre si palmo a palmo as regiões pelo mundo que ainda sobram e em cujo sólo ainda jazem o minério precioso, o carvão, o ferro, o petroleo ou onde brotam os grandes produtos essenciaes á economia, á industria e ao consumo dos povos, como o algodão, a borracha, o açúcar, a juta, a sêda, o cacáu, o trigo, a castanha e a potassa.

★  
★   ★

E' tamanha a luta entre os Imperialistas que disputam o mundo, e tal o exito a que chegaram nesse particular os povos anglo-saxões que, de um balanço dado em 1920, sobre as disponibilidades minerais no mundo, feito por um técnico especializado, de fama e citado em várias estatisticas e em tratados de economia politica: — Josias E. Spurr, — economista e geólogo norte americano, com o fim de discriminar os dominios politicos e comerciais das jazidas minerais do Globo, resultou o seguinte quadro:

Natureza das jazidas Minerais essenciais exploradas no mundo. “Dominio Politico” Os Estados Unidos e a Inglaterra exercem conjuntamente o ‘Dominio comercial’

Ferro	48%	49%
Carvão	75%	59%
Petroleo	69%	81%
Cobre	69%	82%
Zinco	38%	38%
Chumbo	58%	66%
Ouro	83%	85%
Prata	53%	85%
Niquel	85%	90%
Estanho	50%	57%
Manganês	30%	35%
Amianto	87%	88%
Enxofre	65%	66%
Tungsténio	51%	90%

Estes algarismos devem ser interpretados do seguinte modo: — Os que estão abaixo da coluna — “Dominio Politico” — representam a produção das minas dos dois países em percentagem da produção mundial; — os que estão abaixo da coluna: — “Dominio Comércial”, representam a produção das minas pertencentes ás empresas ou aos cidadãos dos dois países existentes em territórios estrangeiros, em percentagem da produção total de todos os outros países estrangeiros.

O desdobramento desta tabela mostraria que os Estados Unidos da América do Norte possuem maior domínio politico e comercial do que a Inglaterra.

Mas, esta possui um magnifico segundo lugar na lista completa de todas as Nações.

★  
★   ★

Dos 18 produtos minerais naturais considerados de mais necessidade aos Estados Unidos, dos 14 componentes da tabela anteriormente transcrita, a América do Norte possuía em seu proprio territorio onze deles e dos sete restantes exercia o dominio comercial sobre mais três.

Assim, em 1920, só faltava a esse país o dominio politico ou comercial sobre quatro dos produtos minerais essenciais: — o estanho, o manganês, a potassa e a platina. Desses quatro o mais importante para a indústria norte americana é o manganês, — porque sem ele não poderá ser mantida a poderosa indústria do ferro e do aço da América inglesa.

O valor desta indústria pode ser avaliado considerando-se que a produção total mundial de ferro e de aço, — avaliada em 155.580.000 toneladas para o ano de 1927, — os Estados Unidos da América produziram 81.500.000 toneladas ou mais de 52%, e tiveram que importar 622.000 toneladas de minério de manganês de teor elevado.

★  
★   ★

Diante desses algarismos é natural a preocupação norte americana com relação á garantia de um seguro fornecimento de minério de manganês.

Garantindo-se, como tem feito com o suprimento do manganês e com o da potassa, — nação alguma, — nem mesmo a Inglaterra, — pode hoje competir com os Estados Unidos da América quanto ás fontes supridoras de sua poderosa industria de metais e minerais comuns, assegurados pela riqueza natural do seu território e pela sua prudente politica comercial.

Enquanto disputam as nações a posse e o dominio dos materiais básicos do Imperialismo moderno, os Estados Unidos aumentam o dominio comercial extenso ás jazidas de manganês, — dominio este que cresceu sensivelmente depois da guerra de 1914, e veio se dilatando até atingir as nossas jazidas, as da Russia Soviética e da Africa do Sul, que foram, em sua grande maioria, adquiridas por empresas norte americanas.

Quanto á potassa, o proprio governo norte americano tomou a iniciativa de solucionar o problema de seu abastecimento, ordenando ao “Bureau de Minas” e á “Geological Survey” pesquisas e sondagens, — coroadas de êxito, no Texas e no Novo México.

A potassa americana é fornecida presentemente por duas poderosas companhias, — a U. S. Potash Chemical Co., de Troma, e a U. S. Industrial Co., de Baltimore, — que fazem a sua extração das aguas salgadas do lago Searles, ou de um subproduto da fabricação do alcool.

As pesquisas realizadas confirmaram a existencia de jazidas minerais de constituição estratigráfica semelhantes ás da Alsacia e que estarão em exploração em breves anos.

Assim, daqueles 18 produtos minerais essenciais faltam aos norte americanos apenas o estanho e a platina, — de que o país apenas produz quantidades desprezíveis.

Com este estudo temos em mente focalisar o fato de que os capitais ingleses e americanos já porfiam para disputar a hegemonia em nossa organização industrial e financeira.

A balança neste ponto já parece pender para a América do Norte, — o país que domina a maior reserva das jazidas minerais do Universo. — Arrojado Lisboa, — A Proposito das Tarifas Norte Americanas, o “Diario de S. Paulo”, 20 de Maio de 1929.

★

★ ★

O combate gigantesco pela posse das regiões petrolíferas do mundo, das jazidas minerais, das quedas d'agua, dos depósitos e regiões carboníferas é justificavel, porque: — Oleo, Carvão, Ferro e Combustíveis, — elementos que significam prestigio, prosperidade, Império, poderio e industria fabril ativa; — *são, foram e serão* as causas que determinaram as guerras, como fôra a trindade “Oleo, Carvão e Ferro”, o triangulo principal causador da conflagração europeia de 1914, — porque simbolizando esses tres elementos o conforto, a riqueza, o prestigio nacional, — quando explorados e utilizados eficientemente, — dão a um país meios de expansão no mundo!...

★

★ ★

Depois de enumerarmos os fatos culminantes que constituem o motivo principal da politica das grandes nações torna-se evidente que o Brasil precisa cuidar mais de defender o seu patrimonio e de sua expansão económica, porquanto, diante dos fatos que se desenrolam no mundo "o desenvolvimento da indústria fabril nacional não é somente uma questão económica, — é mais do que tudo uma questão politica, uma questão da propria defesa nacional.

## “A LUTA PELA POSSE DAS JAZIDAS MINERAIS DO MUNDO”

“A Terra pertence ás duas grandes nações  
anglo-saxónias”.

*Josias Spurr.*

O combate que se irá travar entre as nações principais do Glôbo, na arena comércial, será bello, será majestoso e só o resistirá o mais capaz, — só este sobreviverá.

Em nossa terra essa luta comércial já se travou, infelizmente, apenas, entre os representantes de várias nações comérciais e industriais que nos exploram...

A América do Sul e, principalmente o Brasil, — é, está sendo, vai ser um dos principais campos de batalha económica entre os povos imperialistas, — como já o é entre o velho imperialismo britânico e o imperialismo norte americano, em auro-ra. Aos dados referentes ao numero de automoveis no mundo, aos telefones, á quilometragem das estradas de ferro, á tonelagem e numero de unidades da marinha mercante mundial; com as cifras que registram o poderío das forças aeronauticas e bélicas de terra e mar; com os índices da



produção industrial: de ferro, de aço, de cimento e, tendo-se em observação o numero de patentes de invenções que se registam no mundo, annualmente, — com as cifras de produção e utilização da energia elétrica, com os dados da produção de petróleo e carvão no mundo, — podemos adicionar á proclamação acima do illustre economista e geólogo norte americano esta nossa afirmação:

— A terra é hoje explorada, dirigida e administrada, — diréta ou indiretamente, por anglo-saxões, — em proveito de anglo-saxões e para anglo-saxões, — em detrimento de todos os povos fracos, imbeles, agrários, coloniais, nómades, barbaros, dependentes e pseudos livres politicamente. —

A luta pelo dominio politico ou comercial do mundo é de morte e, — mesmo já se está travando entre os dois maiores impérios, — o británico, — velho e sagás e o norte americano, — novo e audás.

Quando dois ou mais imperialismos formidaveis se defrontam numa luta de vida ou de morte; — da qual depende a sua sorte e poderío, — como por exemplo o que ora põe em campo ou em guarda, os Estados Unidos da América, a Inglaterra, a Alemanha, a França, a Itália e a Rússia, é de passar, que ainda continuemos no Brasil com a nossa velha e rotineira politica interna e externa, — sem valorisar e auxiliar o homem brasileiro com a instrução técnica e o credito facil e a ajuda de maquinismos; — sem ativarmos a exploração eficiente de nossa terra; — sem valoriza-la; — sem extrairmos as nossas riquezas naturais latentes; -- sem produzirmos e sem pesquisarmos o solo Pátrio.



E' desanimador, que enquanto outros povos mais avisados vão se preparando para a grande luta que se trava no domínio económico, entre todos os grandes povos, nós não vamos preparando o país para a sua defesa económica e militar; — não cogitando de sua organização e do incremento de sua produção, do desenvolvimento de sua indústria fabril e de seu comércio; não prevendo e não apercebendo de que a borrasca se aproxima, que os horizontes internacionais se escurecem...

E', portanto, oportuno, vermos, como forças várias, representativas do pensamento dos responsáveis pela direção do Mundo, — estão tramando *contra nós.. .*

A proposito podemos afirmar que entre profissionais e técnicos da indústria mineira da América do Norte surgiu, depois de 1914, uma corrente que advoga calorosamente o desenvolvimento de uma politica imperial de expansão e de dominio comercial no tocante ás *disponibilidades mundiais de minérios e de matérias primas*.

Essa corrente de pensadores propugna fortemente pelo abandono da politica de isolamento, — até então seguida pelos Estados Unidos e clama pela interferencia oficial de proteção aos interesses norte americanos nos países estrangeiros, *principalmente na América Latina*.

Atribuem o isolamento politico oficial norte americano na América á "Doutrina de Monroe" e a consideram maléfica para os Estados Unidos.

As seguintes palavras de Josias Spurr traduzem bem esse pensamento:

“Our Monroe Doctrine as originated is a part that theory we wanted the world to leave all the american, otherwise, a selfish and one side position.

The maner in which we cling to this doctrine is stupid and ineffective; while we have conceived of it only applying to military or political encroachment, we have overlooked the modern phase of commercial conquest.

Thereby we gain the suspicion of our Latin American neighbors, who accordingly welcome more gladly European or Japanese rather than American capital; and thus we encorage the very encroachments we have thought to prevent.

We should either abandon the Monroe Doctrine entirely, or define it as in terms of political control.”

Não é só no terreno politico que surge esse novo pensamento imperialista, quanto ás diretrizes internacionais dos Estados Unidos, principalmente para com a América Latina. No campo economico e industrial, tambem a idéa de aumentar o acervo de suas riquezas minerais, bem como das fontes de abastecimento de matérias primas para a sua indústria, quer seja procurando tirar o melhor partido das materias primas e das jazidas minerais que estão contidas em seu proprio territorio, quer a elas juntando pelo dominio comercial as existentes em outros paises, desenvolveu-se consideravelmente, depois da guerra de 1914, entre os norte americanos.

Essa tendencia é mundial e nos dá a melhor explicação para o grande interesse com que varios estados encaram presentemente a posse do miste-

rioso continente antartico, diante das possibilidades entrevistas da posse das jazidas minerais.

Enquanto intensificam cada vez mais as correntes politico-economicas em luta pela posse das jazidas minerais e dominio das materias primas no mundo, quando na hora atual os norte americanos já se apoderaram de todas as fontes de riqueza lucrativas de nosso país, nós, de olhos vendados, estamos correndo para o abismo de uma suzerania economica estrangeira mais intensa, pois já a temos da Inglaterra desde 1822, ainda que disfarçadamente.

Todas as nossas jazidas de minerios e manganês, — as melhores, as mais lucrativas e de maior possibilidade de exploração são hoje de propriedade do estrangeiro, — conforme o seguinte relato que, em vez de ter, — ANTES DE TUDO, — chamado a atenção dos que nos governam, foram DESPERTAR “curiosidade” a uma revista norte americana: THE MINERAL INDUSTRY, que já em 1918, publicava o seguinte relato entitulado:

*“A posse das jazidas brasileiras de manganês.”*  
Dizia a citada revista de Chicago:

“A seguir damos a lista das companhias que, consta, são as mais importantes proprietárias de jazidas de minério, no Brasil:

1.º — Itabira Iron Ore Company, sociedade inglesa, com escritórios em Londres.

Esta empresa tem em suas mãos a E. F. Vitória a Minas. Seus depósitos, situados em Itabira de Mato Dentro, são avaliados em 99.000.000 de metros cubicos e capazes de produzir 296 milhões de toneladas.

2.º — Brazilian Iron & Steel Company, sindicato norte americano, que adquiriu tambem em Itabira de Mato Dentro duas jazidas que teem 33.000.000 de metros cubicos ou mais, com 132 milhões de toneladas e duas outras, situadas no municipio de Santa Rita Durão, que se consideram capazes de produzir 10 milhões de toneladas.

A mesma sociedade possui uma concessão para construir uma estrada de ferro entre as minas de Santa Rita e São José da Lagôa.

3.º — The Minas Gerais Iron Syndicate, companhia norte americana, que comprou os depositos de Paracatú e Bananal, situados em Catas Altas e Santa Barbara.

4.º — Societe Franco Brasilienne e Bernard Gould-chaux & Ce., (presumivelmente franceses), adquiriram os depositos de Candonga, em São Miguel dos Guanhões, avaliados em 10 milhões de toneladas.

5.º — Deutsch Luxemburgish Bergwerks Und Hutten Aktiengesellschaft, companhia alemã, que comprou a jazida do Corrego do Feijão, situada em Piedade do Paraopeba, municipio de Vila de Nova Lima.

6.º — Societe Civile des Mines de Fer de Jangade, companhia francesa, que comprou as minas de Jangada, no municipio de Vila Nova de Lima, com uma capacidade de 15 milhões de toneladas.

7.º — A. Thun, que comprou a mina de Casa da Pedra, em Congonhas do Campo, comarca de Ouro Preto, com 500.000 metros cubicos e capaz de produzir 2.000.000 de toneladas.

8.º — Bracui Falls Company, sociedade organizada nos Estados Unidos, comprou duas jazidas situadas em Congonhas, (Ouro Preto) com depósitos cal-

culados em 8.000.000 de metros cubicos, capaz de produzir 29.000.000 de toneladas.

A mesma companhia comprou uma jazida situada em Paraopeba, (Bonfim).

9.º — Carlos Wigg, do Rio de Janeiro, comprou três depositos situados na Serra da Moeda, (Ouro Preto), capazes de produzir 10 milhões de toneladas.

10.º — Trajano de Medeiros, um engenheiro brasileiro, comprou tambem três depósitos situados na Serra da Moeda, (Ouro Preto), capazes de produzir 12 milhões de toneladas.

11.º — Um sindicato alemão, comprou a jazida Corrego do Meio, situada em Sabará.

12.º — Companhia Metalurgica Brasileira, com escriptorio no Rio de Janeiro, ligada á Companhia Morro da Mina, interessada em jazidas de mangânês, comprou oito depósitos, todos no Estado de Minas, e que representam uma reserva total de 100 milhões de toneladas.

13.º — Companhia de Mineração e Metalurgia do Brasil, organizada em setembro de 1917, no Rio de Janeiro, ficou com as minas pertencentes a António da Costa Lage, que é um dos incorporadores e maior acionista.

14.º — Canadian Metallurg'c Company, que consta estar organizando projeto de uma usina elétrica para fundição de ferro na Ilha do Governador, na Baía do Rio de Janeiro, capaz de produzir 500 toneladas de aço por dia, comprou uma jazida de mangânês em São João del Rei e tambem alguns depósitos de minérios de ferro.

15.º — Companhia Siderúrgica Mineira, com escriptorio central em Belo Horizonte, Estado de Minas

Gerais, fundada em 1917, para o fim de explorar a indústria do ferro, adquiriu importantes jazidas de minério que se está trabalhando. (Hoje, Cia. Siderúrgica Belgo Mineira).

16.º — A firma Queirós Junior & Cia., possuidora da Usina Esperança, é concessionaria da Usina Wigg; possui depósitos extensos de minério de ferro, situados em Itabira de Mato Dentro, — matéria de excelente qualidade.

Não é muito diversa, hoje, a situação quanto à propriedade das jazidas de minério de ferro e de manganês no Brasil.

Ao contrário, si estas, e só elas estavam em mãos de estrangeiros e, de poucos brasileiros a elas coligados, — ainda permaneciam em mãos de nacionais as quedas d'agua, que agora já não mais nos pertencem.

Não é pois, exagero, a afirmação sintética e positiva que a “Terra pertence às duas grandes nações Anglo-Saxônicas, — América do Norte e Inglaterra.

Pelo menos o Brasil não pertence ainda aos brasileiros e, é disto o que precisamos não olvidar, para não sacrificarmos mais o nosso futuro.

Nem outra é a razão porque a nossa situação económica tem peorado numa caída vertiginosa. A moeda nacional só no curto espaço de um quadriênio, 1925-29, desvalorizou-se de sessenta por cento; — em 1930-31, resvalou-se ás beiras do abismo, querendo desaparecer como “papel sujo”, e se vem rastejando por muito tempo ainda.

A nossa Pecuária, como valor exportavel está em mãos do capitalismo estrangeiro explorador de todos os estabelecimentos frigoríficos instalados

modernamente em nosso território, e tanto assim que, *one out of every four animals slaughtered in Brasil is killed in the plants of the Brazilian subsidiaries of the Chicago Packers*", disse uma revista norte americana.

As nossas jazidas minerais são administradas e de propriedade de estrangeiros, sendo um dos maiores interessados a United States Steel Corporation.

As comunicações telegráficas no setor mais povoado e mais rico do sólo Pátrio também estão em poder dos sindicatos e do capitalismo internacional.

Ainda, é ele que se assenhoreou, entre 1926 e 29, das principais empresas de energia elétrica que ainda não estavam em seu poder fóra do estado de São Paulo e do Distrito Federal e, hoje enfeixa em suas mãos a posse de todas as fontes de energia hidroelétrica e as mais futuras empresas de eletricidade do País, que consentem em desnacionalisarem-se, certamente, porque não contaram com o apoio oficial e legislativo que se lhes era devido.

As mais prosperas empresas ferroviarias do estado de São Paulo e do País já se estão aproximando do estado de maturação conveniente para serem assimiladas pelo capitalismo estrangeiro.

Tem sido este o trabalho nacional: — De Mauá até os Guinles, — as empresas nacionais fundadas, enquanto no periodo embrionário, arrastam-se com os prejuizos. Desde que comecem a dar lucro, premidas por circunstancias várias e, com o capital nacional já exausto, só resta aos nossos patrios fazerem o que realmente tem feito: — pas-sal-as ao capitalismo estrangeiro...



O nosso café está com o seu destino dependendo do especulador estrangeiro, — que é quem commercia no litoral do Brasil!...

Nessa rápida absorção de tudo o que é nosso dentro em pouco o que nos restará? Dominando o capitalismo judeu internacional a nossa principal produção agricola; a nossa pecuária, os nossos meios de transportes; a nossa hulha branca, — substituto dos combustiveis minerais, petroleo e carvão que ainda pouco ou nenhum extraímos; — para o nosso desenvolvimento industrial; — dominando os nossos meios de comunicações, as nossas jazidas de minérios, o nosso sistema bancário, nenhuma industria lhe escapará e daí em diante nenhuma fonte nova de renda que crearmos subsistirá em mãos de brasileiros, enquanto não lhe aprouver matal-a pela concorrência ou conquistal-a pela compressão.

Nada, portanto, resistirá, ou antes, restar-nos-ão, “por enquanto os palácios e os automoveis de grande luxo, e depois... ás migalhas, ninguem sabe até quando.

Não temos tido, nunca o tivemos e não tere-mos o capital estrangeiro a tonificar o organismo nacional: — tivemos, o temos e te-lo-emos a saturar-nos, subjugando e desnacionalizando a nossa atividade.

Nem tudo, porém, está perdido si ainda orientarmos a nossa politica noutros rumos: — Politica de eficiencia, Politica de realizações positivas; — Politica de economias uteis; — Politica de utilização dos recursos naturais de nossa terra, eficientemente, — Politica objetiva, diplomática, comercial, racional e científica, — em anteposição

à politica empirica e balofa que temos seguido em todo o passado nacional brasileiro.

Foi seguindo essa politica objetiva e scientifica, — junto á de produção racionalizada, — para o que conta os Estados Unidos da América com verdadeiros apóstolos, — e uma legião de homens de espirito clarividente: — adotando a politica de produção, que vem orientando a evolução economica da República do Norte, através o trabalho de divulgação industrial de seu “Bureau of Standards” e do “Departamento de Simplificação Industrial”, — que os Estados Unidos atingiram ao apogeu de seu progresso.

Realmente, não é só na produção de maquinismos, de automoveis, de máquinas de escrever, na produção de artefatos de ferro e aço que os Estados Unidos applicam o principio da produção racionalizada. Nesta, os norte americanos vão mesmo á produção de chapéus, de gravatas, de calçados, de roupas feitas, de roupas brancas, meias, etc., cujo numero de tipos e padrões é reduzidissimo em confronto com o que se dá no mercado brasileiro ou europeu.

Assim, além de tornar mais democraticos os habitos, a produção seriada torna mais barata e mais economica a produção.

Três principios básicos orientam essa politica económica norte americana, todos ditados pela racionalisação industrial, agrária e comercial.

1.º — A fabricaçaõ seriada, simplificada, uniforme, para diminuir o custo.

2.º — A transferencia de uma fração dos lucros conseguidos com isso para o operariado.

3.º — Reaquisição, dessa concessão, sob forma de aumento de clientela.

Bem seguro da politica norte americana de produção andou André Siegried, quando afirmou que é: “por meio de considerações económicas que os Estados Unidos da América resolvem os seus problemas económicos.”

A época que atravessamos é de vencerem em todos os setores de luta os povos que sabem melhor a arte de reunir forças para movimento em conjunto e, como desta norma vivemos afastados, damos no campo económico espetáculo de um povo que vive na miséria dentro de um país de grandes possibilidades.

Não nos é licito perder tempo para a nossa organização económica, pois um povo mais facilmente e mais depressa consegue reagir a dez invasões armadas sucessivas, — e repelil-as, — do que libertar-se de UM UNICO AVASSALAMENTO POR INFILTRAÇÃO ESTRANGEIRA EM SUA ECONOMIA.

De nada vale vivermos pregando riquezas que não existem.

De nada vale estarmos eternamente esperando resolver os problemas nacionais: como a utilização dos minérios de ferro, do carvão sulino, das quédas dagua, da extração do ouro, do aproveitamento das florestas abundantes si esses problemas são realmente ou o forem de fato insolúveis no momento.

Encaremos, friamente, a verdade para não nos arrefecermos e nem nos desmerecermos.

Ainda que tivéssemos dúvidas de que a terra pertence ás duas grandes Nações Anglo-Saxónias, vimos que, pelo menos, — quanto ao Brasil, — êle está, hoje, — como estivera ontem, — sob a tutela

dos Anglo-Saxões que procuram dominar todas as fontes de riquezas e de produção do nosso país — dos minérios de ferro ás quédas dagua; das vias de comunicações aos frigoríficos, até á produção da Borracha, — e quiçá o dominio politico direto do Vale do Amazonas...

Nós, com o nosso tradicional quietismo e comodismo, — não nos preocupamos com o expansionismo económico apoiado na produção maquinofatureira que rege agora a politica internacional e que está tramando contra a nossa propria soberania, — contra os proprios interesses económicos do Brasil, — impedindo o nosso erguimento financeiro, a libertação da tutela económica aos banqueiros judeus, o incremento da produção nacional maquinofaturada, o erguimento industrial brasileiro, — em suma: a verdadeira independencia nacional.

## A POLITICA QUE HOJE CONVEM AO BRASIL

“O Brasil deve ser desde logo um ótimo mercado para o Brasil.”

*Lindolfo Color.*

Toda a politica economica, financeira e commercial, como toda a politica de produção do Brasil, — tanto no seu carater interno ou no seu aspeto internacional, — não tem sido a que mais nos convem.

Antes de ingressarmos na politica do proteccionismo aduaneiro, — sempre fomos um país do tipo de feitorias coloniais que vivia a explorar barbaramente o seu solo.

Para o desenvolvimento industrial do Brasil operado nestes ultimos anos, o proteccionismo aduaneiro teve influencia decisiva mas, tambem não menos contribuiu para esse nosso progredir a situação geral do mundo, principalmente de 1914 para cá.

A má organização do Brasil: — politica, social, commercial e industrial ou, sob todos os aspectos da vida nacional,—antes da grande conflagração mundial podia-se atenuar, mas, agora não se justifica,

quando cada nação procura enveredar pela via da melhor preservação própria, — que as altas tarifas aduaneiras, o estímulo ás exportações, as restrições á importação, a preferencia aos produtos coloniais dado pelas Metropoles, o proteccionismo industrial e agricola constituem a face saliente.

O que se observa, de fato, depois de 1914, como norma geral, é a elevação das pautas aduaneiras em quasi todos os países e um desejo ardente de cada povo para se expandir e abastar-se com os proprios recursos.

A alta de preços produzida pela depreciação da moeda, a produção e distribuição anormais durante a guerra, a intervenção cada vez mais pronunciada do Estado em todas as atividades nacionais, — maximé na produção e distribuição das mercadorias só podia acentuar a crise que o mundo atravessa. Surgira daí a industrialisação dos países novos creados após guerra, o nacionalismo económico, conseguinte ao militar e politico, as necessidades fiscais para equilibrio de orçamentos oneradissimos, os balanços mercantis ou de pagamentos e remessas desfavoraveis.

A' noção vigente outrora, da comunhão economica internacional, — veio prevalecer a do Estado que se satisfaz a si mesmo, — com o minimo de concessões no exterior.

Ao delinear-mos qual deve ser a politica commercial externa do Brasil, ao assinarmos tratados com outros países, ao apparecermos nas conferencias internacionais que, periodicamente, se realisam, temos nos esquecido de que, para o Brasil, — o problema mais importante a ser encarado é o

problema economico e, da sua solução eficiente depende a solução do problema nacional e, esta não se efetuará sem o amparo, — sob todos os aspectos e formas, — e sem o estímulo a todas as indústrias de manufaturas no Brasil, na atualidade, ou as que aqui se pretender fundar e fixar.

Seja pois, a politica objetiva nacional o amparar e estimular, racionalmente, todas as nossas indústrias, sem exceção, — por largo tempo, — protegendo-as em toda a sua plenitude, adotando-se, portanto, uma politica francamente nacionalista e protecionista.

Esta politica deve ter em mira, — principalmente, — a organização de um plano quinquenal, decenal ou vintenal de industrialização e aperfeiçoamento agrário, pastoril e comercial do Brasil e, não se esquecer de que, nenhuma politica de amparo, proteção e desenvolvimento do potencial economico e industrial do Brasil poderá ser levado a efeito sem que o Estado cogite por todos os meios e modos de tornar o preço da unidade de energia elétrica o mais barato possível, — ainda que para isso tenha de ir até ao monopólio do suprimento de energia às indústrias do País.

Além desse programa, o revigorar as finanças nacionais, o equilibrio dos orçamentos da União, dos Estados e dos Municípios, a compressão de todos os gastos improduttivos e inúteis, — é uma politica que, — ao par da limitação das importações de artigos superfluos e do estabelecimento de um regimem aduaneiro flexivel, de restrições, de quotas, de proibições, de limitações de trocas comerciais e de equilibrio dos balanços de pagamentos,

precisa ser seguida, resolutamente, pelo Brasil, si elle quizer se libertar da tutela económica em que vive de outros povos.

Si a nossa politica commercial tivesse aprendido com a politica franceza, e só comprassemos trigo argentino em importancia igual ao que elles nos comprassem de mate, café, cacau, etc., — si da Inglaterra só importassemos soma que se equilibrasse com as remessas que lá enviamos em ouro; — si dentro dos limites da possibilidade assim tivéssemos cêdo orientado a nossa politica de produção e de trocas, si em vez de gravar o produtor com impostos de exportação tivéssemos facilitado a exportação nacional, — não seriamos agora o único dos países do mundo de grande area desprovido de reservas metálicas.

Si queremos aproveitar as lições do passado precisamos não nos esquecer de que a historia das grandes nações registra QUE NENHUM PAIS PO'DE SER GRANDE, será poderoso, será prospero, será respeitado, será um verdadeiro Império, enquanto não fôr industrial e, a velha historia da Inglaterra, como a recente historia politica, commercial e internacional da Alemanha, dos Estados Unidos da América, da Itália, da França e, — hodiernamente, do Japão, — como a historia de todas as grandes nações poderosas ou industriais, é uma sintese illustrativa de que todos os esforços da diplomacia do mundo, em seus movimentos internacionais, não é sinão a luta de cada povo para esgauer e expandir suas industrias e actividades, defendendo-as contra invasões commerciaes estrangeiras, investidas que a seu turno são tambem atos de defesa, — as mais das vezes expressos pela prote-



ção aduaneira, organização do trabalho, dos transportes e utilização de maquinas eficientes.

...E, quando não foi possível qualquer entendimento entre os interessados, estes não hesitaram em apelar para as armas...

Não ha, nunca houve, um país que hoje tenha industria fabril prospera que, inicialmente não a protegesse, — mesmo quando as condições naturais para o desenvolvimento industrial lhe foram proprias.

A propria Grã-Bretanha, — campeã do livre cambismo, que lhe dera durante mais de duzentos anos, — o maximo prestígio marítimo, comercial e industrial no mundo, — depois de se super industrialisar, adotou o proteccionismo, em flagrante contraste com as suas condições politicas de mercantilismo liberal, — já abandonou essa politica e, procurou envolver-se nas malhas de seu grande Império numa politica protecionista, — sem a qual a sua industria maquinofatureira hoje não resistiria á concorrência norte americana, alemã ou japonesa.

A politica que os nossos homens de governo precisam impor ao Brasil podemos exprimir-a como Politica de incremento e proteção agro-industrial ou politica de aproveitamento dos recursos da terra brasileira e da valorisação do homem que habita e trabalha essa terra.

Essa politica expressa-se por uma colonisação científica do país; — pela colonisação dos vales dos nossos rios navegaveis, das margens das nossas rodo e ferrovias, — retirando-se a população centralisada ou em excesso das terras ruins

ou longe dos mercados, formando nucleos que sejam mercados para várias regiões no interior do país; — pelo aproveitamento intenso e atual das nossas terras mais ricas, evitando-se a dispersão que ha no momento entre as diversas regiões do país, — dividido em cinco zonas de concentração humana: — norte, nordeste, centro, litoral e sul, — o que impede o progredir e maior coesão nacional, — é um problema que precisamos não descurar, — como também é imperativo que seja estudado em conjunto e modificado o sistema ferroviario e rodoviario nacional tornando-os uteis, necessários e economicos em sua operação.

O Brasil precisa seguir, em continuidade, uma politica de aproveitamento do nordéste; — de colónisação com elementos nacionais das principais entradas da bacia Amazónica, do Paraná e do Iguassú; — bem como fixar maior numero de nossos patricios brasileiros em varios pontos estratégicos de nossas fronteiras.

Quando nos lembramos de que as regiões ainda mais densamente povoadas do País ainda se encontram divididas e isoladas entre si por falta de meios de comunicações rapidas, salta á evidencia a necessidade urgente de uma colonisação sistematizada em nossa Patria.

E' imperativo ao Brasil que êle siga sem desfalecimentos e sem intermitencias, uma politica de sua industrialisação, de produção de ferro e aço e, que delineie e execute, cientificamente, um programa determinando de antemão quais os nucleos de população e quais as regiões que devemos fazer prosperar e crescer, o quanto deve ser esse incremento em cada caso, para tornarem-se esses nu-

cleos em grandes cidades ou grandes mercados de produção e consumo nos proximos cincoenta anos.

Somente uma politica de estudo, de realizações e de proteção agro-pecuaria, industrial, mineira e comercial, de largo descortinio, poderá comungar com os interesses alevantados da Patria Brasileira.

Adotemo-la ou deixaremos que este país pobre, cobiçado e indefeso caminhe para a mais negra escravidão; — o que não creio se dará, pois todo o brasileiro está ardente de audacia, tentando explorações e empreendimentos grandiosos para melhores e mais raiosos dias de nosso porvir.

A politica que hoje convem ao Brasil é, com poucas variantes, a mesma que em 1890, o ministro Rui Barbosa preconisava para o País e, que assim a explica nos motivos que apoiou a primeira organização aduaneira do regimem republicano:

...“devemos, por uma proteção objétiva aplicada com critério em cada caso e estudada em seus efeitos, ir preparando a industria nacional para poder, em época mais ou menos proxima, produzir de modo a equilibrar a balança da permuta comercial e satisfazer, senão *in totum*, pelo menos todas as maximas necessidades do país.

Tratemos de passar de um país exclusivamente consumidor para um país produtor de manufacturas.

O nosso grande erro tem sido aplicar ao Estado em grande escala, o sistema em geral seguido pelos nossos cultivadores.

Produzir muito café, tratar exclusivamente de café, ainda que tenhamos de comprar tudo o mais,

inclusive os generos de primeira necessidade, que com facilidade poderiam produzir.

E é preciso dizer que o desenvolvimento da industria fabril não é somente para a Nação uma questão económica; — é, mais do que tudo, uma questão politica.”

Correlato com o nosso desenvolvimento material, moral e científico, — instruir e cultivar o nosso povo afim de viver e produzir, eficientemente, nos tropicos, de acordo com os seus dotes ancestrais, psiquicos e raciais, — implantando no mundo uma civilização nova, — é ponto que uma politica para estadistas brasileiros não pode deixar de pregar para o Brasil.

Ao par dessa politica sábia, a reorganização sob bases racionais, técnicas, justas, eficientes, humanas, da maquina administrativa nacional, é problema que só estadistas de verdade, não olvidarão e realizarão de maneira diversa do que se tem praticado no passado.

Estudando-se as razões porque as atividades nacionais brasilianas ainda dependem do estrangeiro ou somos batidos pela sua concorrência, chega-se á conclusão de que não temos tido politica de estadistas, politica objetiva de desenvolvimento dos recursos naturais do país; — politica nacionalista; — politica esta que nos tem escasseado em toda a vida nacional, — tanto assim que ainda vamos seguindo uma politica de empirismo, incerta, deshumana, sempre contraria aos elevados interesses da nacionalidade, para não contrariarmos interesses pessoais ou os interesses de povos estranhos.

Analizando-se com o relato da historia as causas do relativo progredir lento do Brasil, da sua presente debilidade economica e os erros em que temos incidido no passado, "convenhamos que o primeiro e mais urgente dos problemas governativos do Brasil é aqui implantar, reanimar a industria, o trabalho, produzir e fixar a riqueza nacional; é procurarmos aumentar nossas vendas no exterior, eliminando as causas e os empecilhos, os impostos e as dificuldades que cerceam a sua expansão, defendendo, todavia, o nosso mercado interno contra a invasão dos produtos estrangeiros.

A politica que nos convem é, portanto, a de bastarmos a nós mesmos, -- de fazermos do Brasil um ótimo mercado para o Brasil, — evitando e extirpando todos os obstaculos que dificultam a circulação da produção nacional dentro do país. Nesse particular imitemos os Estados Unidos da América que fizeram de seu território o seu melhor mercado, — porquanto é sabido que os melhores clientes da industria norte americana são os proprios norte americanos.

A produção agricola e industrial dos Estados Unidos é absorvida dentro das fronteiras nacionais e, apenas menos de 10% desta é exportada!

Refléte bem o descaso com o qual temos olhado para o mercado nacional o que se passa com as castanhas do Pará e o mate.

O primeiro desses produtos, as "brazilians nuts", são amplamente conhecidas e consumidas nos Estados Unidos, mas, infelizmente, no Sul do Brasil são quasi desconhecidas!

Quanto ao mate, é lamentavel que o Brasil fique na dependencia de um único país, — do mer-

cado argentino, — do qual depende a prosperidade do estado do Paraná e do Sul de Mato Grosso, — pois é a Argentina que absorve 75% de nossas exportações de mate.

Ora, sendo o mate consumido, em maioria, na Argentina pelas suas populações do interior, — pois nos grandes centros cosmopolitas consome-se café, — podemos avaliar, dando o desconto para a produção de mate argentino, que não deve exceder a 3.000.000 o numero dos consumidores de mate brasileiro no país irmão. Portanto, bastaria olharmos com mais carinho para o mercado nacional, — pois dos 45.000.000 de brasileiros talvez 8.000.000 não consumam *nem café nem mate* e, por meio de uma politica tendente a elevar a capacidade aquisitiva da grande massa nacional, — capacitando-a a adquirir uma maior quantidade de produtos, — poderíamos nos libertar da dependencia em que estamos da Argentina, quanto ao mate.

Aliás, foi essa politica de fazer do país um ótimo mercado para si proprio, — inflacionando a produção e o consumo nacional, reservando o mercado do país exclusivamente para si, — que fizera dos Estados Unidos da América o “colosso” que é hoje.

Como empreender essa politica, como conseguirla, deve ser o objetivo da sábia politica nacional.

Esta, em resumo, deverá visar: — organizar um plano de industrialisação e aperfeiçoamento do país; adotar um critério seguro para tornar o Brasil um ótimo mercado para o Brasil.

Seguindo uma politica erronea e empirica temos retardado todo o progresso nacional e somos responsaveis pelo atrazo, pela miséria e pelo desprestigio internacional de nossa Pátria.

Precisamos, devemos e teremos forçosamente que ser um país Agro-Pastoril e Industrial.

O Brasil precisa ser nação industrial de primeira grandeza, porque a politica agro-pastoril e industrial é a que nos convem, a que se nos impõe, si quisermos fazer o Brasil uma Nação prospera e poderosa.

O Brasil precisa ter uma organização industrial pujante, porque a industria fabril é a base do estado moderno ou o alicerce do progresso mundial, — porque a escravidão das nações agricolas tem sido a condição de bem estar das nações industriais e — somente com as maquinas, “os escravos de ferro”, — é possivel o bem estar de todos: — dos individuos e das nações.

O Brasil si não possuir grande siderurgia, sem fabricas de armamentos, sem arsenais, sem oficinas e estaleiros navais, nunca se livrará das revoluções e dos empreiteiros internacionais: os vendedores de armas; — nunca estará isento das “comedidas” e do “avanço” dos intermediarios nos negocios do Estado, — sobretudo dos estrangeiros e “jornalistas”, — emprezarios da paz armada, das guerras e dos ardís internacionais.

Si fossemos a única região da Terra privilegiada para as atividades agricolas e pastoris; si pudessemos manter o monopolio de certas culturas e cereais; si não houvesse outras regiões que em dado momento podem e teem substituido os produtos que produzimos na economia universal:

açúcar, borracha e café; ou que no momento podemos produzir mais barato do que qualquer outro povo; — si no mundo se chegasse a um estado em que as competições entre as Nações deixassem de existir: — o que constitue ainda um ideal utopico; — si como presentemente acontece, em que só o individuo ou a Nação, — sinão mais forte, pelo menos mais astuto ou mais previdente sobrevive, então era nosso dever suprimos outros povos que, hoje, á custa de explorações de outras nacionalidades se enriqueceram e se industrialisaram — afim de que, pelo menos continuassem como nossos fornecedores.

Mas, a nossa situação nunca foi e nem será assim.

Já no passado tivemos amargas lições de onde podiam aprender aqueles que ainda nos aconselham a permanecer o Brasil uma nação de atividades acentuadamente agrarias, — lições que nos deram os inglêses com a cultura da borracha na Asia, e nos dá diariamente o café e todos os nossos produtos agricolas com os quais tentamos entrar na arena da competição internacional.

Analizando o nosso passado, o que somos, o que são os países poderosos, — graças á sua industria maquinofatureira, — pregando a necessidade de ser o Brasil um país industrial de larga projeção, o faço por uma intuição clara de nossa realidade, volvendo ao passado e com os olhos fitos no futuro.

Encarando-se os fatos como êles realmente o são, — sem devaneios nem fantasias, seremos prudentes, ao mesmo tempo que firmes em nossos propósitos, afirmando que, no momento presente,



não seremos patriotas si não trabalharmos por todos os meios e modos para tornarmos-nos um povo industrial e maquinofatureiro.

E' este o meu intuito. Incitar os brasileiros a tornarem a "brasilíia terra" uma forte nação industrial, afim de que sejamos no futuro uma grande nação livre e não uma feitoria internacional, — como o somos hoje, — com todos os requisitos de soberania interna e externa, — porem no fundo uma Colónia de exploração internacional.

Com "A Política Que Convem ao Brasil" queremos despertar a atenção dos dirigentes do País afim de delinear-mos uma politica nacionalista, económica, protecionista do trabalho nacional e de desenvolvimento e grandeza geral do BRASIL.



## BIBLIOGRAFIA

- Alberto de Faria* — MAUA', 1926, Paulo Pongetti & Cia.
- Alberto Torres* — A ORGANISAÇÃO NACIONAL, 1933, Cia. Editora Nacional.
- André Siegfried* — LES ETATS UNIS DE AUJOUR DUHI, 1928.
- Bandeira de Melo, Afonso de Toledo* — POLITICA COMERCIAL DO BRASIL, 1933, Rio.
- Bazilio de Magalhães* — EXPANSÃO GEOGRAFICA DO BRASIL COLONIAL, 1935. Cia. Editora Nac.
- Coolidge, Calvin* — MENSAGEM PRESIDENCIAL AO CONGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS.
- Clodomiro Pereira da Silva* — POLITICA E LEGISLAÇÃO DE ESTRADAS DE FERRO, Tipografia Laemert & Cia., 1901, S. Paulo.
- Diogo de Vasconcelos* — HISTORIA ANTIGA DAS MINAS GERAIS, 1901, Ouro Preto.
- Ellis Junior* — CONFEDERAÇÃO OU SEPARAÇÃO, S. Paulo.
- Evaristo de Moraes* — A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL, 1933, Cia. Editora Nac.
- Getulio Vargas* — PLATAFORMA DE GOVERNO, 1930.
- Gustavo Barroso* — BRASIL COLONIA DE BANQUEIROS, CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1934.
- Heitor Vargas* — O NEFASTO MILITARISMO NO BRASIL, Ed. Universo, 1932, Rio.
- Helio Lobo* — CONFERENCIA REALISADA NA ASS. COMERCIAL DE S. PAULO, 1929.
- José Maria dos Santos* — A POLITICA GERAL DO BRASIL, 1920, Magalhães & Cia., S. P.

- Karathan Coman* — THE INDUSTRIAL HISTORY OF THE UNITES STATES, The Macmilan Co.
- Latino Coelho, José Maria* — O MARQUES DE POMBAL, 1905. Lisboa.
- Licínio Cardoso, Vicente* — AFIRMAÇÕES E COMENTÁRIOS, Ed. do Anuario do Brasil.
- Licínio Cardoso, Vicente* — A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL, 1933. Cia. Ed. Nac.
- Lloyd George* — COAL AND POWER REPORT, 1929, Londres.
- Monteiro Lobato* — FERRO, 1933.
- Monteiro Lobato* — AMERICA. Cia. Editora Nac.
- Nitti, Francesco* — PROBLEMAS CONTEMPORANEOS, 1929, Liv. José Olímpio, Rio.
- Oliveira Viana, F. J.* — POPULAÇÕES MEREDIONAIS DO BRASIL, Monteiro Lobato & Cia.
- Oliveira Lima* — AMERICA INGLESA E AMERICA LATINA.
- Pandiá Calogeras* — PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO, 1933, Cia. Editora Nacional.
- Pandiá Calogeras* — FORMAÇÃO HISTORICA DO BRASIL, 1935, Cia. Editora Nacional.
- Pandiá Calogeras* — DA REGENCIA A' QUEDA DE ROSAS, 1935, Cia. Editora Nacional.
- Pandiá Calogeras* — AS MINAS DO BRASIL, 1905.
- Paulo Prado* — RETRATO DO BRASIL.
- Muniz, J. C.* — O BRASIL E AS NECESSIDADES DE SUA EXPANSÃO COMERCIAL, "O Est. de S. Paulo", agosto, 1927.
- Muniz, J. C.* — O COMERCIO EXTERIOR AMERICANO E A PARTE DO BRASIL, "O Estado de S. Paulo", fevereiro, 1927.
- Pires do Rio* — O NOSSO PROBLEMA SIDERURGICO, Rio, 1926.
- Pires do Rio* — CONFERENCIA REALISADA NO INSTITUTO HISTORICO A GEOGRAFICO DE S. PAULO. 13-4-1929, Traços da Evolução Economica do Brasil.

*Rangel Moreira* — PORQUE SOMOS APENAS ISTO, 1930, São Paulo.

*Roquette Pinto* — ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA BRASILEIRA, 1933. Cia. Ed. Nac.

### REVISTAS E BOLETINS

ALMANAQUE DO THE WORLD, 1929.

ANUARIO ESTATISTICO DA SOC. DAS NAÇÕES, 1928.

COMMERCE REPORTS, varios numeros.

BOLETINS DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTATISTICAS.

BOLETINS DO CENTRO DAS INDUSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO.

RELATORIOS DOS MINISTROS DA FAZENDA NO IMPERIO E NA REPUBLICA.

RACENSEAMENTO DO BRASIL, 1920.

**SOC. IMPRESSORA BRASILEIRA  
BRUSCO & CIA.  
Praça Cambucy, 29 — S. Paulo**